

VIDA E MORTE:
O HOMEM NO LABIRINTO DA ETERNIDADE

ELIANE MOURA DA SILVA

ELIANE MOURA DA SILVA 38 r/

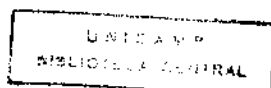
VIDA E MORTE: O HOMEM NO LABIRINTO DA ETERNIDADE

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas.



Este exemplar corresponde à
redação final da Tese defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 16/08/93.

AGOSTO / 1993



COM IMENSA E SINCERA GRATIDÃO

"Prof. Maria Stella Bresciani" χ

A minha sempre amiga orientadora de mestrado e doutorado que nunca me deixou faltar o seu apoio e confiança de forma definitiva e essencial.

"Prof. Alcir Lenharo" e "Ronaldo"

Que faz da amizade, do desprendimento e da dedicação total a sua religião, verdade e modo de vida. Por me emprestar a sua força e ajuda, nem um século de "muito obrigada fundo do coração" seria suficiente.

"Mons. Jamil Nassif Abib" (CEDIPE) Rio Claro

Pelo seu apoio e por ter franqueado o seu colossal e raro acervo particular para pesquisa.

"Sr. Abdullah Mussa e família" (Centro Islâmico de Campinas)

Conhecedor e seguidor DA PALAVRA pelos seus proveitosos esclarecimentos e farta literatura. Pela gentileza e simpatia com que fui recebida e que tanto me cativou.

"Sra. Terezinha de Oliveira" (Centro Espírita Allan Kardec) Campinas

Pela sua gentileza, seu entusiasmo e apoio pessoal assim como por ter franqueado a antiga biblioteca do antigo e respeitado C.E.Allan Kardec.

"Prof. Hernâni Guimarães Andrade" (I.B.P.P) São Paulo

Figura exponencial da parapsicologia mundial pela qualidade do seu trabalho. Pelas úteis e valiosas sugestões, farta literatura que nos foi obsequiada e pela figura humana que tanto nos encantou e somou ao nosso respeito e admiração o maior carinho.

P.S. O "museu"acervo do I.B.P.P. é algo fora do comum.

"Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento"

Por me por a disposição a sua monumental, rara, e preciosa biblioteca centenária, a mais completa do país sobre tais assuntos.

"André Caes"

Pela sua amizade, apoio, pela qualidade do seu trabalho de levantamento e pesquisa.

"Luiz Vadico"

Pelo seu apoio no trabalho de pesquisa.

"Oderli, Cristina e Graciano"

Pela sua amizade e dedicação, sempre pacientes e bem humorados, nos intermináveis trabalhos de digitação, correção, mudanças e impressão, que os obrigou a sacrificar as suas atividades seu lazer e seu descanso.

"Aos colegas e funcionários da UNICAMP que o tempo todo me encorajaram, apoiaram, auxiliaram, quebraram todos "galhos"e torceram com fôrça e entusiasmo para que tudo desse sempre certo."

"Roberto M.C.Moretti" e "Luzia"

Pelo seu grande coração desprendimento e dedicação. Pela sua amizade e preciosa ajuda.

"Antônio Bernardes de Oliveira (Toni)" (MACRO SOL)

Ao meu marido, meu médico e meu "bruxo". Presença constante. Autoridade no assunto, conhecedor dos mistérios da alma, capaz de ver o que se oculta aos olhos. Que me mostrou caminhos e os trilhou comigo. Participando, discutindo, brigando, não me permitindo jamais o "luxo" do desânimo. Tudo isto fora a "paciência oriental" e o carinho.

"Rafael, Nara e Milene"

Aos meus filhos amados, Rafael, Nara e Milene pela paciência e por terem que "se virar por sí só" quando da realização deste trabalho.

"Esther Moura"

A minha mãe Esther que faz poesias quando poucos conseguem ver poesia no mundo de hoje.

"Alberto Pereira da Silva" (im memoriam)

Meu Pai

Que fala de onde todos se calam.

Que nunca precisou de livros para saber.

Que nunca precisou de opiniões para ter planos.

Que lutou contra o tempo enquanto teve tempo, até o último minuto.

Que quis construir sonhos para depois viver neles.

Que nem pedra podia com ele.

Que nunca suportou pobreza, burrice, servilismo e casamento.

Seus "xingões me fizeram andar, aprender e crescer... E ele nunca soube...Ou será que sim?

É VOCÊ O GRANDE RESPONSÁVEL E HOMENAGEADO DESTE TRABALHO.

É natural que para a realização de um trabalho deste volume, que engloba várias áreas, tenha necessitado ler, ouvir e consultar especialistas e religiosos das áreas específicas tratadas. Por uma simples questão de justiça e real gratidão, nada mais correto que citá-los publicamente em agradecimento. Isto explica a grande quantidade de agradecimentos, maior que a usual. Todos, sem exceção, foram maravilhosos para comigo. A todos, mais uma vez, o meu mais sincero muito obrigada do fundo do coração.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	pp. 1 a 6
INTRODUÇÃO	pp. 7 a 19
PRIMEIRA PARTE	
A Morte e o Além - Formas e Aparências	pp. 20 e 21
Capítulo 1	
As Sombras da Morte	pp. 22 a 42
Capítulo 2	
Em Busca da Libertação	pp. 43 a 88
Capítulo 3	
Em Busca da Salvação	pp. 89 a 139
SEGUNDA PARTE	
Novos Paradigmas da Morte e da Sobrevivência	pp. 140 e 141
Capítulo 4	
As Razões da Igreja	pp. 142 a 158
Capítulo 5	
Um Novo Mundo dos Espíritos	pp. 159 a 209
Capítulo 6	
Por uma Ciência da Morte: Fenômenos, Fatos e Provas	pp.210 a 237
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pp. 238 a 245

APRESENTAÇÃO

Alguns anos separam este estudo, do momento em que o tema da morte, como objeto de pesquisa histórica, surgiu para mim, num hotel em Penedo. Em dezembro, durante as férias de 1986, ganhara de presente a biografia de *C.G. Jung*, Memórias, Sonhos e Reflexões (1), e havia me perdido na leitura sem compromissos do belo livro. Em um determinado momento minha atenção foi alertada por algumas afirmações polêmicas de *Jung*.

No capítulo intitulado "Sobre a vida após a morte" (2), o autor falava da morte e da angústia do homem contemporâneo por não ter mais espaços religiosos e místicos, representações míticas ou imaginárias do Além, onde exorcizasse seus medos do desconhecido diante do maior acontecimento psíquico de sua existência: a morte e a vida após a morte. Segundo *Jung*, esta frustração trouxe muita perda psíquica para o homem contemporâneo e os esforços em empreender uma explicação racional sobre a questão da imortalidade geraram confissões de impotência e muitas "doenças" psicológicas. Uma afirmação polêmica, sem dúvida, mas não desprovida de sentido.

Com esta indagação em mente, o tema da morte começou aparecer com muita força, entrelaçando aversão e curiosidade. Em seguida ao texto de *Jung*, comecei a ler outras obras do mesmo autor, a perseguir o assunto. Numa trilha diferente, mas igualmente fascinante estava o livro de *PHILIPPE ARIÈS*, O Homem diante da Morte (3). Tratava-se de um rico filão de pesquisa, ainda pouco explorado pelos historiadores, apesar de certos trabalhos pontuais que indicavam um amplo campo de estudo. Da mesma forma, os trabalhos de *Mircea Eliade* foram um marco teórico importante para minhas inquietações.

Muitas eram as possibilidades de abordar historicamente o assunto da morte e da continuidade da vida. Contudo, dentro do imenso leque de possibilidades de estudo, a questão religiosa pareceu-me extremamente pertinente, pois este fenômeno demonstra uma importância destacada nestes últimos anos do século XX. Desejava encaminhar minha pesquisa em dois sentidos: além de historiar as diferentes respostas religiosas que foram sendo formuladas ao longo do tempo para explicar a questão da morte e da existência espiritual, havia, de minha parte, a preocupação em

estabelecer um referencial para as indagações contemporâneas diante da morte e da existência (ou não) do Além, do mundo espiritual e da imortalidade da alma, em suas diferentes projeções.

Estamos agora diante de uma das principais questões que definem este trabalho e também do momento crucial e polêmico do meu estudo. Ao começá-lo tinha como pressuposto básico a idéia de que vivíamos numa sociedade dessacralizada e cada dia mais laicizada. Porém, ao começar a pesquisa, uma outra dimensão apresentava-se com muita nitidez: a de uma sociedade que trabalhava uma nova sacralização de suas esperanças, dúvidas e respostas.

Indagando a história e a ciência, o homem contemporâneo tem procurado respostas para a Morte e o Nada, para o Fim e o Além, tentando encontrar as chaves que permitam decodificar o futuro depois da vida, buscando o fio de Ariadne que o oriente dentro do labirinto de sua existência. E não somente na tradição judaico-cristã e na ciência ocidental as respostas tem sido procuradas, pois se em nossa cultura a dúvida e a necessidade de provas absolutas constituem a base da fé religiosa, nas sociedades orientais e tradicionais a morte sempre esteve colocada no domínio do pensamento religioso, sentido e praticado cotidianamente.

Ora, os séculos *XIX* e *XX* tem resgatado estruturas "extra-ocidentais", o diálogo com os "outros", com os "desconhecidos e "estrangeiros". A antropologia e a etnologia descobriram mundos espirituais irracionais, obscuros e misteriosos, diferentes da paisagem cultural ocidental, urbana, racional e laica. O pensamento avançava pelas "aberturas" do "inconsciente", pela irrazão, que a emergente psicanálise parecia revelar. Ao crescente sucesso da psicanálise, tanto de *Freud* como de *Jung*, aliava-se o interesse pelos estudos dos símbolos, das mitologias, das filosofias e das religiões exóticas, sobretudo do Oriente antigo e remoto.

Este confronto com o desconhecido cultural e mental implicava num esforço de compreender modos de pensamento e expressão diferentes e alheios à tradição racionalista ocidental e, ao mesmo tempo, aumentava as possibilidades de diálogo e de novas formas de expressão espiritual. A sociedade contemporânea caminha num duplo trabalho de resgate de memória: histórica, numa tentativa de recriar e ampliar os horizontes dos tempos e civilizações mais remotas; psicológica, para localizar os espaços da mente humana na sua trajetória de vida pessoal, no retorno às origens dos processos da consciência e da inconsciência.

Como estava decidida a encarar a questão dos confronto histórico do homem com a morte, com as diferentes concepções religiosas da existência espiritual após a morte e com a idéia de imortalidade, do ponto de vista do pensamento religioso, precisava encontrar uma forma de conhecimento adequada a minhas questões.

Os séculos *XIX* e *XX* haviam reposto a questão religiosa como um objeto de estudos do ponto de vista de um conhecimento cultural, etnológico, sociológico e histórico, de forma criativa e frutífera. A História das Religiões tentava impor-se como uma disciplina autônoma tendo como objeto de análise os elementos comuns das diversas religiões e ganhava seus teóricos e especialistas e estabelecia uma controversa e importante área de estudos, com suas correntes e tendências.

Ao longo do século *XIX* surgiram cátedras universitárias de História das Religiões. A primeira foi criada em 1873, na Universidade de Genebra. Já em 1876, são criadas quatro na Holanda, e em 1879, no *College de France*, surge a primeira cadeira desta área de conhecimento. No ano de 1885, a *Sorbonne* organiza na *École des Hautes Études*, uma seção especial para o estudo das religiões. Multiplicam-se revistas especializadas, bibliografias, dicionários, enciclopédias, congressos, simpósios e seminários. Os pesquisadores e eruditos dedicavam-se a realizar traduções dos antigos textos sagrados das mais diferentes religiões, e sobretudo, o orientalismo acabou por

tornar-se uma área de estudo séria e importante, na qual a filologia e a lingüística comparadas foram poderosas aliadas dos estudos religiosos.

Este movimento de estudiosos em torno da questão religiosa não cessou de crescer. *Emile Durkheim, Frazer, Lévy-Bruhl, Weber, Frobenius, Franz Boas, Malinowski, Lévy-Strauss, Wundt, Freud, Jung, Dumézil, Van der Leeuw, Tylor, Rudolf Otto, Mircea Eliade*, entre outros estudiosos de diferentes áreas de conhecimento, passaram a demarcar variadas perspectivas e abordagens teóricas para o estudo do pensamento religioso, porém sempre resgatando a importância do estudo das mitologias e religiões.

Atualmente, podemos perceber duas principais vertentes teóricas na História das Religiões. Embora sejam divergentes nas abordagens, são complementares para a realização de um estudo sério e útil das diferentes expressões religiosas. A primeira destas abordagens possíveis centra sua atenção sobre determinadas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, esforçando-se por compreender a essência das religiões numa perspectiva fenomenológica. A segunda abordagem interessa-se pelo contexto histórico dos fenômenos religiosos, para decifrar e apresentar sua história particular. Embora existam querelas teóricas entre as duas áreas, sobretudo do ponto de vista metodológico, o que interessa no caso deste estudo sobre as visões religiosas da morte e da existência após a morte, é o caráter complementar e valioso que as duas vertentes representaram para o seu enquadramento.

O conhecimento destas diferentes abordagens teóricas foi muito importante para o desenvolvimento desta pesquisa. Intuitivamente, percebia que não poderia enclausurar minhas observações em apenas duas ou três culturas religiosas em um determinado período de tempo. Não queria perder todo o eco de um passado que estava, mais do que nunca, estudado curiosamente desde o século *XIX* até os dias atuais.

De um lado, queria fazer um estudo sobre diferentes religiões e as respostas que forneceram ao dilema da morte e da imortalidade espiritual ao longo da história e dos seus textos sagrados mais importantes. Por outro lado, sabia ser muito importante perceber de que forma o pensamento religioso dos séculos *XIX* e *XX* havia revisitado as diferentes tradições religiosas e filosóficas, sobretudo da Antiguidade Clássica e do Oriente, incorporando concepções e refazendo certos percursos históricos que, junto com a ciência, forneceram importantes subsídios para o homem contemporâneo.

Desta maneira, o fenômeno religioso diante da morte estudado neste trabalho acentua duas dimensões não excludentes. Uma primeira questão, centrada num estudo de diferentes religiões escolhidas pela sua importância cultural, histórica e social, de suas doutrinas e crenças ou concepções básicas, incorporadas nos textos sagrados de cada uma delas através de longos períodos históricos, a partir dos quais revejo as diferentes soluções apresentadas para o drama da morte e do sentido da imortalidade, as imagens projetadas e as representações idealizadas ao longo do tempo. Uma segunda questão onde procuro indicar de que maneira estas formas religiosas são reapropriadas nos séculos *XIX* e *XX*, fornecendo elementos e novos sentidos para a ansiedade do homem contemporâneo, angustiado entre o Nada e uma imprecisa Imortalidade.

Uma dificuldade enfrentada para trabalhar este tema, novo e não convencional, residiu em determinar a metodologia e as fontes a serem utilizadas. De uma maneira geral, procurei me restringir à leitura dos chamados clássicos dos textos sagrados das diferentes religiões e a uma bibliografia de apoio dos autores mais consagrados e atuais em cada uma das áreas. Foram muito importantes os subsídios obtido nos textos oriundos da História das Mentalidades, voltados para o estudo das atitudes religiosas.

Trabalhei com religiões formadas e estruturadas no tempo e seus principais textos religiosos: os textos das pirâmides ou o Livro dos Mortos pressupõem a estrutura da religião egípcia; os Vedas são os documentos essenciais da tradição religiosa hindu; o panteão grego clássico e seus ritos e mitos mais importantes já se fazem presentes nos textos homéricos e hesiódicos; o Avesta sanciona as partes mais antigas e as concepções fundamentais do Masdeísmo. Em muitos casos, como no pensamento grego clássico, nas tradições orientais e no Cristianismo primitivo, o pensamento religioso e filosófico estão indissolivelmente ligados, e fiz questão de trabalhar com a ausência de limites entre uma coisa e outra. O surgimento de novas expressões religiosas contemporâneas também opera nestes limites, incorporando a antiguidade de certas crenças a pressupostos filosóficos e científicos, como no caso do moderno Espiritismo.

Entendo que o fenômeno religioso não é resolvido no âmbito puramente cronológico da história, nem pode ser explicado de maneira inteiramente relacionada e circunscrita a fatores políticos, econômicos, sociológicos ou psicológicos. Todo fenômeno religioso toma formas diversificadas, porém um estudo mais detalhado acaba por remeter a uma grande constância e singularidade das manifestações. De um lado, as crenças, os mitos, os ritos, as práticas, as orações, as mensagens apresentam-se modificadas em detalhes ou composições, de acordo com as variedades e particularidades dos sistemas a que pertencem, ao longo do tempo e do espaço. Por outro lado, qualquer comparação destaca uma profunda permanência, diríamos mesmo uma lógica própria e comum, característica do fenômeno religioso.

Cabe aqui uma pergunta que fatalmente será feita a esta pesquisa: O que é mais adequado para um estudo que envolva religião? Uma pesquisa especializada em torno de uma determinada crença e período, com toda as suas singularidades e casos específicos ou podemos empreender uma interpretação, uma hermenêutica, que procure um caráter mais permanente das experiências religiosas? Sem sombra de dúvida, caminhei na segunda opção, com um parênteses delimitando meu campo de pesquisa: estudei um tema determinado, com uma questão específica sobre certas atitudes e pensamentos religiosos que unem (ou separam) diante da morte e da existência espiritual. Estou interessada naquilo que extrapola o singular e particular de cada religião, no que me surpreendeu como um conjunto de atos dotados de uma coerência própria, num movimento que respeitou tanto os contextos históricos particulares como a totalidade dos fenômenos, antigos e contemporâneos.

Quanto às fontes, procurei as traduções clássicas dos textos sagrados nas diferentes línguas ocidentais, vertidas diretamente dos originais. Tive também a preocupação de selecionar aqueles que, tradicional e historicamente, são os mais fundamentados e referendados como essência doutrinária e os mais popularizados.

Procurei diversos locais para localizar fontes e realizar as pesquisas: antigos centros espíritas e suas incríveis bibliotecas, o Círculo Esotérico da Comunhão Pensamento, com um dos acervos mais completos que encontrei; as livrarias especializadas do Rio de Janeiro e São Paulo; o Centro Islâmico de Campinas; o Centro de Desenvolvimento e Pesquisa, em Rio Claro, organizado pelo Monsenhor Jamil Habib com tantas obras e documentos raros que anos de pesquisa não esgotarão; o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicológicas do Prof. Hernani G. Andrade e seu acervo monumental e único, que alia critério e qualidade.

Muitos foram os amigos e conhecidos desta andanças que deram uma contribuição decisiva, emprestando livros esgotados e raros, panfletos, jornais, revistas. Tudo isto foi formando um acervo utilizado parcialmente, pois este trabalho constitui parte de um grande projeto, sem fazer jogo de palavras, de vida.

Nestes diferentes locais onde fui pesquisar, em conversas com as mais variadas pessoas, pude também fazer um recorte impressionista das perguntas existenciais que levaram diferentes pessoas a procurar respostas religiosas, a entrar para certas religiões e movimentos espiritualistas. Em um grande número de casos foi a questão da morte o tema central. Era a incapacidade de aceitar este acontecimento, tanto para si como para os outros, a vontade de saber o que de fato acontece, a necessidade de encontrar uma esperança ou consolo, sobretudo após a perda de um ente querido ou de uma doença fatal. Mas, acima de tudo, a expressão de um grande desconforto existencial, diante de um futuro cada vez mais apreensivo e ameaçador. Arriscando uma afirmação polêmica, um futuro sublinearmente escatológico, sem nenhum Messias disponível no horizonte.

Diante de uma afirmação paradoxal escutei com frequência entre as mais variadas pessoas - "...quando soube que estava doente e ia morrer, comecei a procurar respostas ..." -. Cheguei a pensar que, talvez, a nossa sociedade fosse a única onde o ser humano, em algum momento, se supôs imortal. Reflexos do processo de banimento dos fenômenos inevitáveis de degradação do homem, como a loucura, a pobreza, a doença, a velhice e a morte?

Algo pode ser afirmado com toda segurança: o tema da morte é uma questão muito importante para um grande número de pessoas, atualmente. Buscando respostas, gerando perplexidade, pavor ou aversão, ele remete à questão espiritual e existencial da condição humana. Nem todos estão neste caminho, mas a maioria, seguramente, está dentro e fora dos meios acadêmicos. E sabemos de muitos que antes jamais deram acolhida a tal tema, e hoje, para espanto geral, tornaram-se interessados adeptos de religiões e de movimentos espirituais.

Cabe destacar uma experiência interessante, à medida que o trabalho avançava e ficava conhecido. Em conversas era quase fatal a pergunta: "Você descobriu o que acontece após a morte?", "Você tem certeza de que existe vida após a morte?". E como a idéia da pesquisa recobria as crenças e as idéias religiosas sobre o após a morte, não podia admitir o porquê do trabalho ser percebido desta forma. Até que problemas com amigos e familiares envolvidos com a morte fizeram recair sobre mim uma carga de expectativas ansiosas e aflitas. Quando dei conta, estava recebendo agradecimentos por coisas que não sabia bem o que eram, mas ligadas ao fato de ter permitido que o tema da morte e a reflexão sobre o drama espiritual pudessem estar diante das pessoas para serem discutidos, pensados e sentidos, sem preconceitos.

Pareceu-me então que, ao tentar historiar crenças, estava eu mesma, sem o perceber, buscando as mesmas respostas, as mesmas questões que falam de perto, inquietam e revestem de amedrontadora e respeitosa sacralidade o ser humano mortal. Porque não empreender um trabalho que reúna o histórico e as atitudes, as crenças e o emocional? Estes fatores alteram as relações entre pessoas, famílias e comunidades e não podem ser dissociados da História, como um todo.

Foi justamente a "morte", a desintegração, a irreabilidade que fizeram nascer em mim um forte sentido de integração e vida em todos os aspectos, despertando o sentimento de profundidade e realidade da própria vida. A vida é o que vence a morte, mas a morte nos devolve a vida, tudo isto num sentido muito amplo.

Assim sendo, convido o leitor a uma aventura labiríntica, avisando-o dos percalços e dificuldades. Sem pretensões a Ariadne, os fios condutores que posso oferecer mostram-se às vezes muito tênues. Porém, interessa justamente os riscos que possamos correr para iniciarmos os caminhos da Vida e da Morte, através dos corredores já bastante gastos, e nem por isso menos desconhecidos, do labirinto em direção à Eternidade.

NOTAS

1. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
2. Idem, ibidem, pp. 260-282.
3. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982, volumes I e II.

INTRODUÇÃO

A morte é um acontecimento gerador de diferentes sentimentos: saudade, tristeza, solidão, culpa, remorso e até mesmo contentamento. Nós, ocidentais, choramos e lamentamos, enegrecidos e enlutados; os orientais festejam e comemoram em branco e flores. Longa é a distância entre a pena de morte como castigo e o suicídio honroso do samurai.

Atualmente, a consciência racional e a crise das religiões tradicionais vem conduzindo o ser humano a um estado de profunda insegurança, muito embora não possamos afirmar com segurança se esta crise religiosa seja causa ou consequência do racionalismo, nem mesmo até que ponto a existência da razão atua no cotidiano da maioria dos indivíduos. Por enquanto, ninguém pode falar com convicção sobre o seu destino após o último suspiro. Prêmio ou castigo? Céu, Inferno ou Purgatório? Juízo Final e Ressurreição ou Reencarnações sucessivas? Repouso ou Aniquilação? O Nada ou o Esquecimento?

Desde a mais remota antiguidade, o homem sempre indagou sobre seu mais inquietante destino: a morte. Ao longo da História, o sentido da vida e da morte foi sendo elaborado em manifestações de religiosidade e nas crenças da existência de algum tipo de sobrevivência espiritual é imaterial. A vida no campo do sagrado e da espiritualidade e a marca de algumas das mais antigas e tradicionais culturas, como do Antigo Egito, Mesopotâmia, Índia, Pérsia e China; as grandes religiões como o Budismo, Bramanismo, Taoísmo, Xintoísmo, Zoroastrismo, Islamismo e o Cristianismo tem codificado e mirado para um ponto final, produzindo textos de rara beleza, misturando poesia e sabedoria, sem separar o imaginário do vivido, o tempo do sagrado do profano. Estas religiosidades colocam o homem em confronto com sua finitude e imortalidade, favorecendo uma vivência simbólica constante com seus grandes temores e inseguranças.

Ao final do século XVIII o homem ocidental ampliou os limites de dessacralização do mundo, assumindo uma dimensão profana, racional e material da existência, rompendo com antigas crenças que, de alguma maneira apaziguavam ou aumentavam seus temores. Esta ruptura vai fazer da idéia de morte um acontecimento psíquico gerador de grande angústia. A frieza científica e racional

não proporciona consolo para a maioria das pessoas, pois o temor da morte se encontra ligado ao sentimento de perda da vida, dos apegos, desejos e ambições localizadas em outras esferas da existência humana, que o intelecto não consegue satisfazer ou realizar.

A racionalidade contemporânea, afastando os mitos e as crenças tradicionais enquanto ilusões, fábulas, irrealidades e alienação sucumbe diante dos desregramentos da natureza, dos cataclismas (terremotos, enchentes, doenças, epidemias, etc.) e, de maneira radical, no sexo e na morte. Contra estes pontos fracos desenvolveram-se vários sistemas defensivos visando atenuar a violência das paixões, dos desejos e da agressividade da morte: códigos religiosos, morais, éticos, políticos, filosóficos e científicos, todos com suas formas de punições mais próximas e imediatas do que os castigos divinos e espirituais apontados pelas religiões.

As tentativas de construir um mundo disciplinado e ordenado cediam nas agonias e nos orgasmos, no desejo irrefreável e na putrefação, tornando-se flagrante a impotência humana diante da selvageria natural e da impossibilidade de colonizá-la. Alguns sinais desta aflição podem ser detectados nas histórias sobre mortos-vivos, nas lendas de vampiros, zumbis e almas penadas, na constituição de um imaginário aterrorizante que povoou os séculos *XIX e XX*. A necessidade de superar o medo e a impotência implanta-se através do papel "redentor" do conhecimento científico. Na figura de Frankenstein, a possibilidade (ou, pelo menos, a intenção) do homem interferir na criação e domar a morte (1). Nos dias atuais, a ciência genética tenta quebrar o mito da "imagem e semelhança", aprimorando a natureza, convertendo a "criatura" em "criadora", buscando a perfeição perdida em algum momento da grande Queda. Estaríamos diante de uma nova exegese dessacralizada da afirmação "Sede como vosso Pai que está no Céu", numa imitação do Deus Criador e provedor das formas e da matéria (2).

A inquietação contemporânea diante do seu destino final está presente na emergência de uma forte corrente espiritualizante, camuflada na mitologia e ritualismos transformados em espetáculo e revividos pelo cinema, pela literatura, especialmente no campo mágico-ocultista responsável pelos maiores êxitos editoriais da atualidade. Desta forma, o homem consegue uma projeção fora do seu tempo e dimensão, rompendo com um cotidiano sem encantos. A grande massa, com religião e crenças vagamente definidas, continua imersa num confuso amontoado mágico-religioso, presente em igrejas polimorfas, seitas orientalizadas e seus gurus, escolas neo-ocultistas (que de tanta publicidade deixaram de ser ocultas ou misteriosas) e espiritualistas, partidos políticos, consultórios psicanalíticos, terapias alternativas e suas derivações, em busca de consolo, respostas e, acima de tudo, em busca de apaziguamento diante do desconhecido e do sentido de uma existência que cada vez mais se afigura como monotonia, conformismo, com a mais absoluta falta de sentido. Afinal, quem nunca pensou ou indagou sobre a falta de um sentido maior ou propósito da existência, nos momentos de frustração ou depressão da vida cotidiana?

Acreditar em Deus, na alma, nas comunicações entre vivos e mortos, em fantasmas parece significar que a idéia de uma aniquilação total é desagradável. As crenças em algum tipo de sobrevivência após a morte indicam uma recusa obstinada ao aniquilamento e uma tentativa de estabelecer uma forma de continuidade, principalmente se o homem puder ver garantida a conservação de elementos considerados fundamentais: a razão, o conhecimento, os afetos, o poder de ação e comunicação. Em suma, a imortalidade e a eternidade, sejam elas memória ou sobrevivência espiritual. Em verdade, estas crenças estão ligadas a perguntas cruciais sobre a vida, o destino e a origem de tudo, a natureza primeira do Todo. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Os homens se debatem entre duas propostas que o atormentam: o Divino Celestial e o Comum Apavorante.

Aliás, é importante destacarmos que, no fundo de qualquer forma de abordagem da morte, seja ela religiosa, filosófica ou científica, a questão que une estas visões ao longo da história refere-se à imortalidade e à dificuldade do homem em aceitar como explicação a finitude pura e absoluta. Se a questão central do dilema imortalidade X finitude é um dos aspectos mais universais da condição humana, as respostas e elaborações foram muito variadas e simbólicas, traduzindo os anseios e imaginações através da história, mais intensos em determinados períodos.

Esta situação, vivenciada de forma angustiante nos nossos tempos, tem a sua história. Na verdade uma longa história que se confunde com a mais remota antiguidade, num percurso de tempo repleto de inovações e tradições, frequentemente monótonas repetições. Crenças, mitos, ritos e religiões são aspectos manifestos das atitudes humanas diante do desconhecido, do sobrenatural e do próprio sentido da existência. Cumpre ressaltar que, adoração, ódio e medo são aspectos concernentes a um mesmo ponto, faces de uma mesma moeda que as diferentes expressões religiosas vem tentando compor e trabalhar.

Mesmo numa sociedade como a nossa, pretensamente racional e laicizada, são constantes as irrupções constrangedoras de certos tipos de religiosidade, rapidamente classificadas no campo da anormalidade e da aberração, da patologia e do charlatanismo, convertendo-se em alvo de zombarias, objeto de punição legal ou material para "estudos científicos". Submetidos aos padrões de normalidade, o antigo santo aparece como louco, o visionário é tratado como epilético ou histérico, o místico e charlatão e a transcendentalidade se transformam num espaço de transgressão. O fanatismo religioso converte-se em alvo de vários tipos de exploração, tanto política como financeira. As religiões de massa vão ganhando seu espaço nas sociedades modernas, tanto nos estranhos transplantes de religiosidades absolutamente fora de suas tradições culturais, como na força com que explodem os movimentos pentecostais e evangélicos balançando as estruturas das religiões institucionais. Muitas vezes, o avanço de certas manifestações religiosas, como no caso do Islamismo, do Judaísmo e do Cristianismo ganham conotações étnicas e políticas, confundindo-se com questões claramente marcadas pelas diferenças sócio-culturais e econômicas, separando as diferentes regiões do mundo, ao invés de unir e justificando idéias preconceituosas como, por exemplo, a superioridade racial, as guerras santas, ou instituições como a Inquisição, a escravidão, ou até mesmo revoluções, sistemas políticos, religiosos e filosóficos.

Negando sua ancestralidade sacralizada, o homem tenta negar sua própria história e os comportamentos de seus antepassados, constitutivos de sua condição atual. Permanecemos, contudo, submetidos aos impulsos do mais profundo do nosso ser, no mundo dos sonhos, transcendendo o espaço e o tempo, vivendo um simbolismo marcado pela experiência com certas formas do sagrado, extravasando nossos medos, desejos, culpas e fantasias (3).

A sociedade vem restringindo os mecanismos que dão vazão ao irracional, ao inconsciente, apaziguando os confrontos com os desregramentos, com o destino, com o desconhecido. No passado, a experiência cotidiana da sacralidade mítica era representada nos rituais religiosos, durante os quais os indivíduos, inseridos numa ordem cíclica e natural, tornavam-se contemporâneos do tempo sagrado, das origens primordiais, convivendo com o sobrenatural e reaprendendo as lições do sentido divino da criação do cosmos, do mundo, da vida e da morte. Os ritos religiosos desrecalcavam comunidades inteiras com regularidade cíclica, em honra a seus deuses, à natureza e às grandes etapas da vida humana. Nascimentos, casamentos e falecimentos alternavam-se com ritos agrários e cósmicos, encontrando-se com a sucessão de dias e noites, com as estações, os ciclos de fartura e penúria, o sofrimento e a alegria, saúde e doença. Vida e morte estavam neste movimento e o sentido da existência permanecia nos limites da sacralidade. O homem

indagava seus deuses. Tudo se aceitava dentro duma visão sacralizada, sua explosão do potencial mais forte da condição humana: sua capacidade de sonhar, de imaginar, de fantasiar, sentir, viver e sofrer seus medos, paixões e sonhos mais profundos.

Mesmo quando institucionalizada, transformada ou sincretizada, a experiência religiosa adaptava-se às relações fundamentais da vida, explicando, a seu modo, o sentido da vida humana, dos deuses, do mundo e do universo. Tanto as crenças arcaicas como as religiões reveladas assumiam uma explicação total do mundo, uma justificativa da condição humana: sua imortalidade, seus sofrimentos, seus valores, através de uma "história santa" compreendida no seu sentido mitológico que descreve uma cosmogonia inicial e, no fim, uma escatologia que tanto pode ser um regresso aos ancestrais, a vinda de um messias, o Fim dos Tempos ou a integração no Absoluto. Apontavam uma possibilidade de superar a condição existencial fornecendo modelos exemplares de conduta na figura de santos, mártires, iluminados, messias, heróis, poetas e deuses, ou seja, tentavam mostrar a ruptura do homem com a essência divina, os sofrimentos decorrentes desta separação, os caminhos e possibilidades de reintegração com o sagrado. Esta era a função da experiência religiosa. Pelo menos até que a religião constituída e organizada institucionalmente pelos homens tornou-se um elemento gerador de poder, dominação e riquezas.

No mundo contemporâneo, a imagem de uma sociedade dessacralizada em crise com as religiões tradicionais, sem mitos ou vivências religiosas, assumiu uma aparência de totalidade, e passamos a acreditar que vivemos de forma racional, materialista, científica e tecnológica, de acordo com relações de mercado capitalista. Contudo, através de um olhar mais sensível podemos avançar além das aparências e identificar certas camuflagens do sagrado. Assumindo outras formas filosóficas, políticas, científicas, religiosas, a angústia existencial continua manifesta e crescente. Cabe ao historiador buscar o sentido destas camuflagens e os valores mais profundos da consciência humana, realizando um trabalho de compreensão das diferentes expressões diante das questões mais cruciais da existência. Inegavelmente, a morte é um destes momentos.

Diante da morte, seja para justificar, superar ou aceitar, os homens elaboram diferentes e complicadas explicações, principalmente sobre o depois da morte. Nesta perspectiva podemos identificar três atitudes:

O FIM DAS ILUSÕES

A primeira atitude que devemos considerar, talvez a mais recente historicamente, é a negação de qualquer espécie de continuidade: é o fim, a pura e simples extinção material. Com a morte física extingue-se toda e qualquer forma de manifestação ou possibilidade de existência, continuidade ou ação. A morte marca um final total e categórico. A interrupção dos processos vitais implica no desaparecimento das funções vitais.

É possível, inclusive, supor esta atitude como uma consequência da dessacralização de nossa sociedade ocidental, das reações de banimento de todas as situações desordenadoras do funcionamento social: a loucura, a delinquência, a doença, a velhice, e a morte (4). Pressupõe também, a mais completa e radical separação entre matéria e espírito, corpo e alma. Esta posição materialista clássica não comporta experiências pessoais com a morte.

Podemos propor um raciocínio bastante polêmico sobre as atitudes de negação. A descrença pode ser entendida como uma crença radical numa extinção absoluta de qualquer forma de existência após a morte. Negar a existência de Deus ou deuses, de espíritos das mais variadas naturezas, da alma, é, para alguns historiadores das religiões, de suprema importância pois, ao

considerar o ateísmo como uma teologia da morte de Deus, colocam-no como a única criação religiosa do mundo ocidental moderno, ilustrando a última etapa de transformação do sagrado e de sua identificação com o profano, pois crer na morte de Deus já é crer num Deus que, embora morto, um dia existiu (5). A experiência com o sagrado, da religiosidade, extrapola a própria idéia de religião; o confronto do homem consigo mesmo, com o sentido da existência encontra nas sociedades contemporâneas outros valores e símbolos. O homem tenta resgatar-se na política, na ciência, na filosofia, na ecologia, na tecnologia. Em suma, confere um sentido especial à história coletiva e individual, sacralizando, a nível simbólico, outros valores.

A GRANDE INTERROGAÇÃO

A segunda atitude é a da dúvida e do medo. Do simples cidadão ao filósofo especulativo e ao homem da ciência, a atitude de desconfiança, de insegurança e a procura por respostas definitivas são elementos comuns. Diante da morte incômoda (ou do incômodo da morte) a angústia permanece. Não há consolo pela ótica materialista ou existencialista, nem a fé fornece mais o apaziguamento necessário, pois a crise das religiões não permite mais uma crença sem discussões. Aos indecisos cabe também a modernidade, a insegurança de uma sacralidade fraturada, mesclada de traços materialistas, convivendo com um substrato de religiosidade ancestral, crenças populares e os preceitos das diferentes formas das religiões tradicionais. Este estado de dúvidas e questionamentos apresenta uma grande positividade: é o que permite a especulação em diferentes níveis, a reflexão e atitudes inovadoras.

O estabelecimento da dúvida é extremamente rico e cheio de sentidos para o historiador. Vivemos realmente dentro de um mundo cujas dimensões do sagrado perderam completamente o seu lugar? A sociedade profana, racional e laicizada é um bloco compacto sem fissuras ou possibilidades? Ou será que a pretensa sociedade racional e ordenada é apenas mais um dos mitos da modernidade?

A dúvida pode ser apenas um resultado negativo da falência das antigas crenças e tradições religiosas e, portanto, a perda de valores culturais fundamentais e também pode significar uma ruptura em antigos arcaísmos, permitindo a especulação, a reflexão e a mudança de atitudes. Sob este ponto de vista, a dúvida seria o elemento positivo das grandes transformações tanto religiosas como profanas, contendo a insatisfação e a semente da modificação fornecendo um novo sentido para antigas indagações. Se por volta do século VII a.C o advento do profetismo em diferentes culturas religiosas marcou a grande reforma do pensamento religioso, dos monoteísmos que se impuseram em largos espaços das crenças e da fé, as novas indagações e dúvidas da contemporaneidade indicam uma grande possibilidade renovadora nas abordagens tanto da vida como do destino do homem após a morte.

Diante do sentido trágico da morte e do destino final, o homem indaga, entre constrangido e ansioso: "Não sei."; "Gostaria de saber"; "Pode ser que exista alguma coisa."; "Desejo encontrar uma resposta.", afirmações que pela sua contemporaneidade devem ser levadas em consideração. Ao ouvir na televisão um rapaz dedicando sua vitória esportiva ao pai já falecido "... esteja ele onde estiver...", fui levada a pensar em algumas questões. A primeira delas refere-se à permanência, ainda que vaga e difusa, da crença em algum tipo de sobrevivência. A segunda está ligada ao medo de uma escolha errada, à insegurança decorrente da ausência de certezas objetivas. Afinal, vivemos numa sociedade onde o certo e o errado, o bem e o mal, a ordenação moral e religiosa dos mandamentos parecem nos colocar diante de escolhas sempre definitivas. Podemos

supor que o encontro destas questões orientará modernas discussões científicas, psicológicas, fisiológicas e religiosas sobre a morte e o destino final.

Ao efetuar a leitura de uma boa parte da bibliografia sobre o tema pude identificar uma vertente importante que denominei de campo da ciência especulativa, comportando deferentes enfoques e tendo como base o rigor, a meticulosidade e a seriedade científica. A produção deste conhecimento vem angariando estudiosos entre médicos, psiquiatras, psicólogos, físicos, biólogos, bioquímicos, fisiologistas e anatomistas, desde meados do século passado. Estes estudiosos assumem a tarefa de elaborar as novas bases de uma compreensão objetiva da morte e dos fenômenos ditos espirituais da sobrevivência após a morte. Temos assim não mais um espaço da fé mas o da "objetividade" científica. Cabe ressaltar que, embora estas duas abordagens sejam, aparentemente, opostas, uma observação mais sensível nos leva a uma curiosa constatação: a proximidade da abordagem científica aos dogmas religiosos, com elementos comuns entre si.

O enfoque científico foi utilizado em duas direções. De um lado, o uso dos métodos e comparações científicas veio no sentido de aumentar a certeza sobre a continuação da vida espiritual após a morte física e a comunicação entre vivos e mortos. Por outro lado, tanto a Igreja como os próprios cientistas utilizar-se-ão dos fatos, da lógica e métodos da ciência experimental para desmascarar fraudes, apontar contradições e inconsistências. Neste segundo contexto, a vivência de certos surtos extemporâneos de religiosidade e espiritualidade vão passar a ser tratados como distúrbio mental (histeria, esquizofrenia, etc.) ou delito criminal (charlatanismo, curandeirismo, etc), passíveis de receber o mesmo tratamento médico ou policial nas instituições de seqüestro social da sociedade contemporânea.

Nesta vertente da indagação científica sobre a morte podemos destacar a corrente psicológica de Jung, a vertente freudiana dos impulsos e pulsões, a tendência parapsicológica de longa história desde Richet, Zollner, Crookes no século XIX, passando por Rhine e Hernani G. Andrade nos dias atuais, até o moderno deísmo inaugurado pelos intelectuais da Gnose de Princeton, as especulações elegantes de Elizabeth Kubler-Ross, Raymond Moody, Robert Kastenbaum, relatando as chamadas experiências no limiar da morte ou ainda os estudos de Banerjee e Ian Stevenson sobre as comprovações científicas da reencarnação. Estamos diante de um campo muito farto para os historiadores de questões para o estudo sobre a condição do homem contemporâneo.

RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO:

A terceira atitude remete-nos à mais remota antiguidade: a crença em algum tipo de continuidade após a morte. O homem possui uma alma ou princípio espiritual individual e imortal que sobrevive após a morte do corpo físico. Este é, pelo menos até o século XVIII, como teremos oportunidade de esclarecer, no mundo ocidental, o campo das religiões, da religiosidade cotidiana, da vivência sacralizada diante da natureza, do universo, dos deuses, dos atos e sentimentos. Os mitos, os ritos e as experiências religiosas codificavam e davam sentido à existência humana, na vida e na morte. Cosmogonias, teogonias, gêneses, antropogonias vão acalmar, explicar e integrar as comunidades. Neste trabalho pretendo pesquisar alguns aspectos do campo polimorfo, variado e rico das diferentes concepções e elaborações das crenças da continuação após a morte imersas nas diferentes formas do sagrado. Embora reconheça a dificuldade de desenvolver uma abordagem tão ampla, envolta em discussões teóricas e temáticas, algumas hipóteses polêmicas podem ser colocadas aqui para iniciarmos a discussão sobre as idéias de Imortalidade.

Num mundo arcaico, ainda bastante regado pelas mais prementes condições naturais, a sacralidade da existência destinava-se a obter os préstimos das potências cósmicas e naturais para favorecer a existência material, fornecer proteção contra as forças hostis que podiam atuar sobre a comunidade. Esta religiosidade manifesta-se participando sem reservas na vida total da natureza, fundindo a existência da comunidade no grande ritmo da vida do universo.

Tudo que exista ou seja animado, possui uma vida própria integrada na "alma" (empregada no sentido de "sopro de vida") universal. O vento, as nuvens, as plantas, os animais, os rios, fontes e lagos, o fogo, o trovão e o raio, os animais, tudo é alma, tudo é sagrado (6). Neste processo, o homem sente-se elo de uma cadeia muito poderosa: temer e agradecer aos deuses e potências naturais constituem responsabilidades fundamentais para sua sobrevivência.

Estamos falando aqui do substrato profundo da consciência humana: a religiosidade, um sentimento não necessariamente ligado a uma religião definida, seja ela monoteísta ou politeísta. A religiosidade é, acima de qualquer doutrina ou disciplina, o substrato do pensamento, da imaginação, da integração de todo o universo, um ato de sensibilidade extrema, interiorizado, individual, uma experiência que, embora possa lastrear culturalmente uma comunidade, refere-se sempre ao domínio da intimidade, pois ninguém pensa igual, sente igual, imagina ou sonha da mesma forma. Pode-se, no máximo, rezar as mesmas orações e participar dos mesmos ritos e cultos.

A consciência de fazer parte de um grande movimento de forças naturais sobre-humanas, sustentado por uma lei única e implícita, de difícil apreensão, traz a necessidade de consultar, entender e dominar o jogo das forças arcanas do universo, sejam elas benéficas ou maléficas, e introduz a vontade de, através de determinados recursos, controlar, prever, compreender e negociar com estas forças supremas. Desta vontade surge o pensamento mágico, a magia como a arte de conseguir apreender o sentido do cosmos e de poder atuar sobre ele. O homem introduz um representante ativo entre ele e as Potências Divinas, um xamã, um adivinho, um curandeiro dotado de virtudes mágicas: o dom da palavra inspirada, a taumaturgia, o poder de alcançar as esferas divinas e sobrenaturais nos sonhos e nos êxtases e transes, quando sua alma, completamente alheada do corpo, visita o mundo das sombras e dos mortos. O controle e o domínio sobre as forças divinas indicam um momento muito específico de sacralização do poder: o sucesso da sobrevivência é determinado por uma maior eficiência no controle do jogo das forças supremas, representando uma etapa importante na relação entre o homem e as divindades, através de cultos, ritos propiciatórios e contatos.

Neste movimento de sacralização do cosmos, as Potências Divinas passam a representar a ancestralidade humana na figura dos animais (7). Num mundo regido pelas forças naturais, os atributos dos animais ganham uma dimensão mágica: andar e caçar à noite, sobreviver às intempéries, pressentir os fenômenos cósmicos, são atributos especiais que o homem não possui.

Restava agora a elaboração das explicações sobre as origens e o sentido do universo, do mundo e dos seres vivos, da sucessão de dias e noites, frio e calor, vida e morte, numa seqüência cíclica explicativa do nascimento do mundo. Vão aparecer as mitologias complexas, Cosmogonias, Teogonias, os relatos sagrados das origens do universo, do mundo, dos deuses, dos homens e dos grandes ciclos que ordenam seu movimento, introduzindo como necessidade explicativa o aparecimento de uma Entidade Suprema, forças ou poderes mediadores, os demiurgos, que organizaram o universo fazendo valer o princípio superior da ordenação sobre a esfera mundana da desordem.

Podemos perceber um rompimento, uma fratura na situação em que imergia o homem na "alma" universal, que o fazia integrante de uma mesma ordem (ou desordem universal). As cosmogonias relatam uma situação de confronto entre potências divinas, cósmicas, e justificam o surgimento das singularidades do mundo, entre as quais o homem na sua finitude, estabelecendo-se um par de opostos geradores de tudo, numa oposição entre o Caos Primordial e a ordenação construtora do Real.

Neste momento, no plano da necessidade de construir imagens e formas, antropomorfizam-se, pelo menos parcialmente, as figuras dos Poderes Divinos, talvez como conseqüência das relações entre os homens e deuses de representação animal, dando origem a seres híbridos entre homem e animal, imensas deformidades, monstruosidades ou supremas perfeições. Os deuses antropomorfizados, embora possam ainda conversar sinais de sua ancestralidade animal (como, por exemplo, as divindades egípcias), já reservam uma nova expressão religiosa que se reflete na produção de textos sagrados, deuses étnicos, religiões e cultos específicos, sacerdotes e profetas, controles de natureza moral e ética.

A ESSÊNCIA DAS RELIGIÕES

Estamos entrando agora para o domínio da religião, na construção de doutrinas, atos, rituais, códigos, e, mais significativo ainda no "domínio" do divino, do estabelecimento de uma relação de poder, via cultos, sacrifícios e devoções, sobre as divindades. Este movimento implicou no desenvolvimento de uma nova sensibilidade coletiva e forma de expressar o sentimento religioso, de manifestar a relação primordial do homem com o sagrado. Estas transformações tiveram algumas conseqüências muito importantes em vários planos, conforme podemos perceber:

1. No plano moral: as recomendações de práticas de sentimento, pensamento, palavras e ações virtuosas, "boas" e exemplares. Como complementaridade, a proibição delas, sendo a moralidade, o bem e o mal, o certo e o errado, conceitos morais amparados pela "carga divina", através de punições e recompensas.
2. No plano teológico: deparamos com a busca da justiça, da compreensão, da perfeição, com a apresentação de uma nova lógica do convencimento: "*Sede perfeitos como perfeito é o vosso pai que está nos céus*" (Mateus, 5-48); "*Ó vos que credes, sede firmes na distribuição da justiça, mesmo contra vosso pai, vossa mãe e vossos parentes, trate-se de um rico ou de um indigente. Deus vela sobre todos*" (Alcorão, 4:135).
3. No plano social: a relação de poder sobre as ações, o domínio das consciências, das leis, dos estados. O monopólio da caridade, da educação, a interferência econômica nas doações, tributos, dízimos. O poder passa a se definir na prosperidade dos tempos, no numero de fiéis e na condição social de seus adeptos. Em última análise, este contexto acaba sendo confundido com a posse da Verdade religiosa, com a existência dos fiéis e infiéis, dos justos e pecadores, dos que serão salvos ou condenados, traduzidos nas expressões "Deus está conosco", "Vamos ter a salvação e a vida eterna no Céu", "Estamos salvos".
4. No plano místico: deparamos com as tentativas de domínio e controle de todas as relações com o sobrenatural: profecias, aparições, milagres, magia, superstições e todos os fenômenos relacionados ao sobrenatural. A figura de um agente intermediário ativo e fundamental para o controle destas relações seja ele profeta, vidente, mago, feiticeiro, médium, sacerdote, pastor, monge ou curandeiro.

Neste plano místico encontramos uma estrutura constante característica de todos os sistemas religiosos, as religiões propriamente ditas. Existe uma ordem, mais ou menos fixa, dos personagens na trama sagrada, mas variando de acordo com a história e a cultura das sociedades.

Em primeiro lugar, "Deus" ou Ser Supremo, indivisível e imaterial, superior a tudo e a todos, inclusive a qualquer capacidade de percepção, compreensão, entendimento ou definição, seja ela verbal, literária ou pictórica. Desta entidade absoluta emana a Força Divina, Princípio Criador e Mantenedor do Todo, presente em tudo, inatingível e incognoscível. O sentimento despertado por esta imagem está repleto de imobilidade, gravidade e reverência.

Num segundo lugar fica introduzida a figura de um agente ativo, a divindade ou divindades. Representam o atributo de Deus", como emanção da própria energia divina, e aparecem como deuses, anjos, santos, espíritos, demônios, toda a sorte de seres míticos (e místicos). Suas formas vão ganhando dimensões históricas, adaptadas por povos, culturas e sensibilidades. Apesar de "Deus" ser imaterial e indivisível, a sua energia pode ser polarizada e materializada em determinados aspectos divinos que são:

- a) Aspecto conservador das formas, singularidades e conteúdos físicos ou espirituais.
- b) Aspecto conservador das formas, singularidades e dos diversos conteúdos da vida.
- c) Aspecto desintegrador das formas, singularidades e conteúdos da vida, da destruição e da morte.

Cada um destes processos é considerado em eterno movimento de polarização, num jogo de metamorfoses e ciclos infinitos. Estes três aspectos ganham nome de acordo com a época, o povo e o tipo de religião e culto, e no caso das tradições judaico-cristã e islâmica, possui uma nova dimensão histórica de finitude e eternidade. Qualquer representação religiosa ou mitológica do bem e do mal, da guerra, da caça, da agricultura, das artes, da justiça, da medicina, da morte e da vida, fatalmente pertence a um destes três aspectos ativos da "energia divina" invisível na sua ação visível, e constituem objeto de devoção, representação verbal, literária e pictórica.

Esta essência da religião é perdida pela prática popular e cotidiana dos ritos e cultos, sincretizadas e transformadas por contingências históricas. A origem imanente e perdida e as formas e aparências ganham uma autonomia perigosa que geram o preconceito, as perseguições e os santos mártires, vaidades, estruturas de poder, monoteísmo e politeísmo intolerantes, tudo isto em nome de Deus ou deuses criados à imagem e semelhança dos homens que os cultuam. A imagem de Deus ganha contextos específicos. A imagem mais arcaica é uma divindade terrível, punitiva, perseguidora, exigente com seus seguidores e inclementes com seus inimigos, a semelhança do deus do Antigo Testamento. Temos também uma visão posterior, de um Deus magnânimo, justo e protetor de seus fiéis, muito próximo de uma determinada visão do cristianismo e, finalmente, uma imagem do Pai Amoroso e Bom, que zela, perdoa, ouve, auxilia e cura, numa perspectiva bastante objetiva e pragmática. A visão mais contemporânea remete a um Deus que é natureza, um conjunto de leis, o universo, o infinito, causa primeira de todas as coisas, a semelhança do Ser Supremo ancestral e anímico. Cabe observar que, frequentemente, os atributos divinos estão ligados às premências imediatas da condição humana: Em tempos de guerra, Deus é paz ou o vingador; em tempo de fome, Deus é fartura ou pune os desvios; na pobreza, ele deve ser fonte de abundância; na desarmonia, é amor, na injustiça, Deus é fonte dos justos; no desgoverno e iniquidade deve-se aguardar a chegada do Reino de Deus. Estas imagens constituem verdadeiro caleidoscópio das emoções, sentimentos e sensibilidades.

Um terceiro lugar é ocupado por um "agente intermediário" entre as manifestações divinas e os homens, na figura do sacerdote, monge, médium vidente, pitonisa, mago, guru, etc. Este intermediário recebe as comunicações divinas através dos anjos, santos, espíritos, divindades, almas dos mortos, em suma, seres sobrenaturais de qualquer espécie e as transmite aos fiéis. Também realiza o caminho inverso, usando os mesmos seres ou espíritos para levar os pedidos dos adeptos de sua religião.

O quarto lugar é ocupado por um "agente passivo", o fiel, o adepto, o crente, o seguidor que espera ser protegido, salvo e atendido em seus pedidos de ordem geral: saúde, dinheiro, trabalho, amor e até mesmo a salvação eterna de sua alma, com o conseqüente perdão divino pelas suas faltas e pecados. Para tanto ele entra com a fé, o trabalho, o dízimo, as doações, e garante o sucesso material e "espiritual" das religiões. O "agente passivo" mantém a estrutura material para poder pedir ao "agente intermediário" para pedir ao "agente ativo" a divindade, que interceda junto a Deus, a seu favor. No caminho inverso, Deus deve mandar a divindade ativa realizar o "milagre" pedido pelo intermediário qualificado pela religião a que pertence, em favor do pedinte fiel. Diante disto a comunidade dos fiéis, encantada e maravilhada, aplaude, louva, divulga, cresce em número de adeptos que pagam, doam e colaboram com a obra de ...Deus!

Este tipo de mecanismo acaba por impor um controle muito eficiente sobre os temores humanos, sobretudo no medo ao desconhecimento. E o que é a morte, senão o mais insondável dos desconhecimentos, o mais irremediável destino da finitude da vida, da matéria e até mesmo das divindades e suas representações? Esta foi uma das preocupações mais constantes na história da condição humana e das indagações do homem diante de si mesmo, na solidão que os confrontos íntimos com a fatalidade proporcionam.

O ESPAÇO DAS CRENÇAS

Um campo extremamente rico para o historiador das religiões é o das crenças na vida após a morte, aonde a aparente imutabilidade das religiões convive com a vivacidade e multiplicidade das formas e práticas da religiosidade cotidiana. Percebe-se que o fenômeno religioso pertence, do ponto de vista temporal, aos longos prazos, sendo muito lentas as suas modificações, como se, através da experiência religiosa individual ou coletiva, o homem vivesse um ritmo certo de longos tempos, na idéia de Absoluto e de Eternidade, com reverência e gravidade.

É interessante e enriquecedor detectar dentro do caráter lento das transformações religiosas, a vivacidade e multiplicidade de formas das experiências vivenciadas no cotidiano e representativa das dimensões humanas que, pela sua sacralidade, desafiam o tempo, o medo, a vida e a morte. O sincretismo de crenças arcaicas e populares com as construções teológicas e dogmáticas das religiões acaba gerando um Universo simbólico e imaginário de raro valor.

Quase todas as religiões, sejam elas de salvação ou sabedoria, possuem um substrato filosófico e simbólico comum. Parece que o destino das diferentes experiências religiosas é, em todos os sentidos, o da síntese das mais diversas tradições através do sincretismo e da adaptação popular. Este destino garante a expansão e o sucesso das religiões ao longo dos tempos, sacralizando os momentos adequados e os acontecimentos corretos.

Toda concepção religiosa dispõe a vida natural no campo do sagrado, onde reina o temor e a esperança. O sagrado apresenta-se como uma categoria da sensibilidade tanto uma potência maléfica como benéfica. Porém, nesta ambiguidade reside toda a fonte de sua eficácia. São

precisamente os ritos, crenças e concepções religiosas que servem para definir e regular as relações entre os dois domínios. Nesta forma de pensar, nada é ocasional, as decisões humanas pouco têm a ver com a essência da vida, da natureza e do universo.

Diante da morte, estas atitudes ganham especial atenção e, talvez, em nenhum outro acontecimento na existência humana seja tão difícil de separar os limites entre o sagrado e o profano. Afinal, nascimentos e mortes sempre foram acontecimentos dotados de forte carga mística e mágica, ganhando a morte forte impacto sobre a mente humana.

A CURIOSIDADE RELIGIOSA

O homem ocidental, ansioso em indagar sobre o seu destino, viu na descoberta e tradução das antigas e bem elaboradas religiões e sabedorias um significado importante. A visão de mundo de tradição judaico-cristã foi claramente confrontada com suas origens, ao descobrir no material religioso da antiguidade tanto do Próximo como do Extremo Oriente, idéias como a do Juízo Final, o que permitiu o avanço de diferentes hipóteses sobre as origens do Judaísmo e do Cristianismo. Foi num contexto histórico determinado que este interesse pelas antigas formas religiosas estruturou-se enquanto conhecimento intelectual e ganhou um renascimento como fenômeno religioso no Ocidente.

O panorama intelectual da segunda metade do século *XIX* e início do *XX* redescobrirá e reinventará a Antiguidade. A arqueologia, a lingüística, a filologia, a antropologia, a etnologia, entre outras formas de conhecimento encontrarão o passado remoto e exótico, remetendo o homem a uma viagem no tempo. Monumentos inteiros são trazidos do Oriente para museus e praças públicas da Europa colonialista e compõem parte do imaginário fantástico desta época.

A cultura ocidental desenvolve um prodigioso esforço de anamnese histórica, procurando descobrir e recuperar o passado das sociedades mais exóticas e periféricas tanto do Oriente quanto do passado pré-histórico e das sociedades "primitivas", num esforço de ressuscitar o passado total da Humanidade. Esta expansão vertiginosa do horizonte histórico parece significar uma profunda busca do homem consigo mesmo, uma verdadeira procura das origens primordiais reveladas pelas pesquisas arqueológicas e etnológicas, um confronto da sociedade civilizada com comportamentos e estruturas diferentes.

Durante o século *XIX*, aspectos da cultura clássica encontrarão a redescoberta da antiga sabedoria oriental e os rumos de uma nova espiritualidade organizada a partir da falência dos modelos religiosos tradicionais. Indagar, ansiosamente, sobre o sentido da vida e o destino após a morte levava o pensamento ocidental por novos e sutis caminhos, que a expansão colonial pelo resto do mundo havia proporcionado. A descoberta de novas formas de expressões religiosas foi um fato muito importante tanto para o desenvolvimento de novas religiões, movimentos espirituais, filosofias, seitas e grupos esotéricos como também para a própria revisão da História das Religiões como área de conhecimento e seu objeto de estudo (8).

DO FATO À CRENÇA

A crença em algum tipo de sobrevivência espiritual da imortalidade da alma gera diferentes concepções que podem ser agrupadas em torno de reflexões sobre a alma e sua ligação com o corpo, o destino do corpo e alma que determinam os ritos funerários, as imagens do Além, as viagens nas almas, o medo ou respeito aos mortos, os cultos fúnebres e a memória social.

Podemos estruturar as crenças diante da morte e da sobrevivência em três conjuntos básicos.

No primeiro estão aquelas que imaginam para depois da morte uma existência eterna numa comunidade espiritual com os mortos, deuses, seres sobrenaturais. Esta sobrevivência pode ser de bem-aventurança ou esquecimento, um alívio ou uma pós-vida espiritual definhada, antítese da vida material ativa.

No segundo estão aquelas que implicam na concepção de uma situação intermediária no Céu, no Inferno, no Purgatório, no Limbo, onde aguarda-se uma solução definitiva para o destino espiritual final, característica do Cristianismo, do Judaísmo, do Islamismo, do Zoroastrismo, e proposta por várias seitas e movimentos. A alma individual e imortal do homem será recompensada ou punida em função das ações praticadas durante a sua vida terrena.

No terceiro estão aquelas cuja forma prevê retornos à existência material e às reencarnações sucessivas. Prevê para a alma imortal uma viagem ilimitada no tempo e no espaço, em inúmeras formas e contextos, até conseguir a libertação e o supremo aprimoramento espiritual. Dentre as mais importantes temos o Hinduísmo, Bramanismo, Budismo, Jainismo, as doutrinas das seitas filosófico-religiosas órficas e pitagóricas, o platonismo, certos movimentos gnósticos do período helenístico e, modernamente, o Espiritismo Kardecista introduzindo uma vertente que não fazia mais parte do pensamento religioso cristão ocidental.

Todos estes aspectos das crenças vão sofrer a reflexão filosófica e a investigação científica. Na sociedade contemporânea trabalhos de pesquisa buscam as verdades religiosas, avançando nas áreas da Parapsicologia, pesquisando as evidências na sobrevivência espiritual em seus múltiplos aspectos. Temos os estudos sobre o estado de quase morte e das pesquisa sobre a consciência, bem como o aproveitamento dos recentes avanços na biologia e na física para fortalecer a hipótese de que a consciência humana sobrevive após a morte. Abre-se assim, uma perspectiva mais ampla para a questão da morte e da sobrevivência a partir dos ensinamentos transmitidos pelas grandes tradições místicas. Examina-se também a atitude das pessoas diante da morte e na sua reflexão com a existência após a morte e como ela pode influenciar a qualidade da vida presente, ou seja, o impacto sobre a maneira como se vive aqui e agora.

NOTAS

1. Ver Eliade, Mircea. "Simbolismo religioso e Valorizaçãoda Angústia" e "Os Mitos do Mundo Moderno" In: Mitos, Sonhos e Mistérios, Lisboa, Edições 70, 1989.
2. Ver Thomas, Louis-Vincent, Civilisations et Divagations: Mort, Fantasmés et Science-fiction, Paris, Payot, 1979.
3. Eliade, M. O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões, Lisboa, Livros do Brasil, 1972, pp.215-6. Eliade, M. Mito e Realidade, SP, Perspectiva, 1986, pp.7-23.
4. Um dos autores que mais contribuiu para a reflexão sobre estas questões foi Michel Foucault, principalmente em O Nascimento da Clínica (RJ, Forense, 1977), História da Loucura (SP, Perspectiva, 1978), Vigiar e Punir (RJ, Paz e Terra, 1981). Do ponto de vista da História das Mentalidades é o trabalho de Phillipe Ariès, O Homem diante da Morte, (RJ, F.Alves, 1982, 2 vols.) o mais importante nesta linha de raciocínio, especialmente o 2º. volume desta obra.
5. Eliade, M. A Provação do Labirinto, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1987, pp. 113-120.
6. Ver Adriani, M. História das Religiões, Lisboa, Ed. 70, 1988, pp. 17-41.
7. Idem, *Ibidem*, p. 20.
8. Eliade, M. O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões, Lisboa, Livros do Brasil, 1978, pp.131-5.

PRIMEIRA PARTE

A MORTE E O ALÉM - FORMAS E APARÊNCIAS

Uma indagação percorre os tempos: " O que é a morte e o que acontece depois dela? No decorrer da História, praticamente todas as respostas foram possíveis, revelando que as relações diante da morte nunca foram pacíficas nem apaziguadas, mas coroadas por medos e dúvidas. O drama da morte e de suas conseqüências se faz presente em todos os momentos.

Historicamente, nas sociedades tribais xamânicas a crença numa "terra dos mortos", habitada pelos espíritos das pessoas que já se foram, levadas pela morte, foi onipresente. Tradicionalmente, o xamã era um indivíduo que havia explorado estes domínios no decorrer de viagens espirituais, estando portanto qualificado para esclarecer como era a morada dos mortos, a jornada das almas e o que aguardava os espíritos no Além.

Pairava o medo da morte, o medo dos mortos, numa crença que se transformou em temor de uma forma pouco atraente de vida depois da morte. A existência após a morte passou a ser vista como uma "vida" de servidão a poderes impenetráveis, uma sobrevivência espectral. Neste caso encontramos notáveis semelhanças entre as crenças dos hebreus no Antigo Testamento e a dos gregos dos tempos homéricos. Todos os hebreus mortos ficavam confinados no Sheol assim como os gregos iam para os Hades, lugares tristes e sombrios onde os mortos permaneciam aglomerados como se fossem imagens enfraquecidas de suas existências. Nestas tradições os seres humanos são organismos psicofísicos e a morte uma frágil persistência e não uma forma desejável de imortalidade.

Mas a imortalidade também podia ser percebida num contexto mais amplo, detalhado, e comportar sentidos variados. No caso do conjunto de crenças funerárias do Egito, estes aspectos

antigos e duradouros constituíram-se em matriz de muitas outras tradições religiosas através do tempo, detalhando o Além, a jornada da alma, o papel dos deuses na vida futura, as imagens de julgamento dos mortos, os princípios espirituais que sobreviviam após a morte, e propondo uma salvação pela eternidade. Neste caso, o medo da morte e as esperanças de imortalidade estavam projetadas num conjunto de práticas mágicas e místicas que envolviam a manutenção do corpo, orações, proteção divina, julgamento das ações e conhecimento mágico.

A tradição das seitas filosófico-religiosas órficas e pitagóricas assim como o Vedismo fez um percurso para a morte: havia uma essência imortal divina que era a alma e um corpo físico perecível, mero veículo para a alma em suas sucessivas encarnações e que podia libertar-se, voltando para a essência primordial e criadora. Morte e vida promoviam migrações de um lugar para outro, um ciclo de mortes e vidas sucessivas, através da dor, sofrimento e ignorância. O platonismo vai herdar esta tradição e proporá o modelo de uma alma imortal num corpo mortal, que ansiava retornar a um estado puro do Ser, imperecível e imutável. Libertar-se do medo da morte e superá-la passava pela aquisição de conhecimentos, de práticas de vida e de conduta moral e espiritual adequadas.

Assim também as intuições místicas dos *Vedas* e dos *Upanishads* produziram suas imagens e reflexões da imortalidade. Na tradição védica mais antiga, acreditava-se que a morte constituía uma transição, e que a vida futura feliz dependia de uma vida próspera e digna sobre a terra. Diante do fato de que mesmo a mais maravilhosa das vidas era desfigurada por mudanças e pela morte, desejava-se escapar de suas garras da morte. Orava-se e preparava-se para obter a imortalidade num domínio que ficava além do paraíso terrestre, além das dimensões onde encontravam-se a família e amigos: buscava-se partilhar a imortalidade dos deuses. Temos então a semente da noção posterior, formulada nos *Upanishads*, de que a essência da personalidade humana, identificada com o fundamento do Universo e que era transcendente, imortal e eterna, o *Brahman*. Esta crença ganhou diferentes versões, concepções sofisticadas que propunham solução para a condição humana efêmera, mortal e prisioneira das reencarnações. O seu mais importante resultado foi a idéia de que a liberdade espiritual podia ser alcançado em vida. Desse modo nasceu o ideal da libertação suprema ainda em vida, uma forma de morte metafórica, que rompesse com os elos que ligavam ao mundo material, mental e espiritual, que influenciou o Budismo e outras tantas tradições religiosas e filosóficas. Temia-se o castigo cármico, a prisão eterna aos ciclos de morte e renascimento e seu cortejo de males e sofrimentos.

Entre os séculos VII a.C. e VI a.C. emergiu um fenômeno religioso importante que se prolongou no tempo: o profetismo, que abalou profundamente o pensamento das tradições religiosas. O Zoroastrismo, o profetismo bíblico, o Cristianismo e o Islamismo fazem parte deste percurso, e alteraram a relação com a mortalidade. Pensamentos religiosos universalistas, monoteístas e de salvação viam a alma e corpo indissoluvelmente ligados durante a vida e provisoriamente separados com a morte, voltando a juntar-se no momento do grande julgamento divino, com a completa ressurreição dos mortos. Esta foi a vertente religiosa que mais profundamente influenciou o pensamento ocidental. O Cristianismo em suas diferentes confissões, através de cismas, heresias e organização institucional da Igreja Católica marcou o mundo ocidental através de séculos, e de forma indissolúvel, sobretudo através do dualismo corpo-alma e da negação da doutrina da transformação e das reencarnações. O medo da morte passou a ser o medo do pecado, do julgamento, da culpa e do castigo divino, implacável e certo. A imortalidade e a vida eterna, após a ressurreição, tornavam-se consequência de uma vida justa e de fé conforme os preceitos religiosos.

CAPÍTULO 1

AS SOMBRAS DA MORTE

1.1 O MUNDO DAS SOMBRAS

RELIGIÃO E MITOLOGIA

A religião grega não foi revelada pela ação de um profeta ou santo, nem codificada em livros, em igrejas, corpo sacerdotal ou apoiada em dogmas, muito embora o papel desempenhado pelos adivinhos, poetas, pitonisas e oráculos tenha caracterizado uma forma específica de contatos com as potências divinas. As formações religiosas aconteceram no mesmo ritmo das populações, das viagens, das invasões, das conquistas e das colônias (1).

A primeira vez que se escreveu sobre estes mitos e religião foi na poesia: a Iliada e a Odisséia da tradição homérica e os poemas de Hesíodo a Teogonia e Os Trabalhos e os Dias. Por trás destas obras estavam séculos de religiosidade e poesia oral, transmitidas por bardos e narradas para as comunidades. Os temas épicos, heróicos, as façanhas de homens e deuses eram cantados para a memória e a vida dos mitos. Os temas religiosos expressavam sentimentos, atitudes mentais, desejos, qualidades e temores traduzidos como formas divinas, de uma maneira só igualada por certas vertentes do pensamento oriental, sobretudo, o da tradição védica.

MORTE E MEMÓRIA

Para entendermos melhor a visão da morte e da vida após a morte, precisamos definir a relação entre Morte e esquecimento, vida e memória. Vida era a lembrança, uma força divina que

impedia o esquecimento e venciam as trevas do passado. Morte era esquecimento. Morrer significava ser relegado ao anonimato, a nunca mais ter seu nome ou atos conhecidos por todos. Vivia quem fosse lembrado, cujas ações mereciam ser conhecidas por todos. Vida significava a vitória da Memória. Tanto assim que uma das divindades mais importantes da tradição grega eram as Musas, que representavam uma forma de conhecer os acontecimentos através do tempo, do espaço e também a natureza íntima das pessoas.

" E disse-me agora, Musas, habitantes do Olimpo pois sedes, vós, deusas presentes por toda parte, e conheceis tudo; não ouvimos mais que um ruído, e nós nada sabemos; disse-me quais eram os guias, os chefes dos Dânaos. A Multidão não poderia eu numerá-la, nem denominá-la, mesmo que tivesse dez línguas, dez bocas e uma voz incansável, um coração de bronze em meu peito, a menos que as filhas de Zeus, que leva a égide, as Musas do Olimpo, não se recordem daqueles que chegaram a Ilion" (2).

A memória divinizada não podia ser confundida com a lembrança comum do cotidiano. Ela era um privilégio de alguns homens, os poetas inspirados, para os quais a Memória se constituía num conhecimento de caráter iniciático e adivinatório, um saber através do qual se evocavam os acontecimentos, os contatos com outros mundos e dimensões realizados. A poesia possuía um estatuto de potência divina, reveladora da palavra mágico-religiosa. O poeta era vidente do mundo simbólico e religioso, o imortalizador de Deuses e Heróis, o mediador entre homens e deuses e possuído pelos deuses (3).

Na boca do poeta a palavra divina atingia o máximo de seu poder e definia a vitória dos deuses e a imortalidade. O silêncio significava o esquecimento; a morte, o oposto da memória. Os homens, deuses e ações sobre os quais não se falava, não se contavam as histórias de suas vidas e feitos, eram esquecidos. Nem os deuses escapavam disto. Somente a palavra inspirada do poeta, louvando até mesmo os inimigos, permitia que se escapasse do Silêncio, do Esquecimento e da Morte.

A força da Imortalidade amparava-se em *Mnemósyne* (Memória), a mãe das Musas, enquanto a força da Morte correspondia à Noite, ao Silêncio e ao *Léthe* (Esquecimento). O poeta, o portador da Palavra, a voz do homem privilegiado, repositório vivo da memória, continha Trevas da Morte e do Esquecimento (4). Cabia ao poeta, misto de iniciado, músico, cantor, vidente, dar força e manter vivos os deuses, heróis e os escolhidos dos deuses, reagrupando-os num mundo de mitos, deuses ancestrais, seres sobrenaturais e homens ou mulheres especiais. Ao transmitir esta sabedoria específica, que ocultava um conhecimento iniciático e mágico, e ao treinar seus discípulos, o poeta garantia a chamada das lembranças. Seu dom especial e sua habilidade divinamente inspirada permitiam-lhe simultaneamente comunicar emoções, lendas, mitos, ensinamentos na forma de alegorias e fazia agir a memória.

Via-se a morte com pessimismo, associada ao destino tenebroso e comum dos mortais. Na Teogonia esta situação foi transcrita com precisão. Na Segunda Geração dos Deuses (211-239).era a negra Noite, nascida do Caos e irmã de Erebro (treva) quem concebia a Morte:

" Noite gerou o odioso Moros (Lote) e a negra Quere (Sorte) e Tânatos (Morte). Ela gerou Hypnos (Sono) e com ele toda a raça dos sonhos - sem se unir a ninguém" (5)

A morte era irmã do Sono e de todos os tipos de sonhos, de Eris, a Discórdia, geradora do Esquecimento e não remetia a nenhuma situação agradável. No mundo homérico, a morte, para a

maioria dos homens, levava a uma existência diminuída e humilhante, uma vida de sombras pálidas, desprovida de força e memória.

A precariedade da existência humana, a concepção de que o homem não é uma divindade produziam um sentimento pessimista. Sabia-se que a morte já estava decidida pelo "destino", a "Moira" ou "sorte", desde o momento do nascimento e a duração da vida era simbolizada no fio tecido pelas divindades : as três Moiras, filhas de Zeus e Themis, que fiavam, teciam e cortavam o fio da vida dos mortais.

Esta condição de sombras mortas desprovidas de significação encontra-se na Odisséia. Ao instruir Ulisses para sua descida ao Hades, Circe refere-se aos mortos e aos cuidados necessários para ter contato com eles:

"Deves ir à casa de Hades e da terrível Perséfone, a fim de receber instruções de Tirésias, o adivinho tebano cego. Seu espírito ainda está vigoroso, pois mesmo na morte, Perséfone conservou-lhe a razão.. Apenas ele tem senso: os outros são sombras esvoaçantes" (6).

No Hades Ulisses encontrou almas conhecidas e os diálogos estabelecidos com sua mãe e Aquiles expressavam, com muita clareza, as sombrias perspectivas dos mortos. São de Anticléia, a mãe de Ulisses, as pungentes declarações:

"Meu Amor, como vieste à escuridão nebulosa e estás vivo? É difícil para os vivos ver este lugar.(...).

(...). Logo que o espírito deixa os brancos ossos, os tendões já mantém juntos a carne e os ossos, o fogo flamejante consome-os todos, mas a alma foge, adejante como um sonho" (7).

Não havia honra ou privilégio na vida das almas sombrias. Nem mesmo um herói como Aquiles percebia qualquer valor nesta existência. Dirá ele a Ulisses:

"Como ousastes descer ao Hades onde moram os mortos desprovidos de sensação, fantasmas de mortais cujos tristes dias se foram? (...).

Não exaltes a morte diante de mim, Ulisses.

Eu preferia ser um lavrador trabalhando para o dono de uma pequena terra que o maior dos senhores no reino dos Mortos".

A imagem da morte era a da separação entre o corpo, *Soma*, e a alma, o *Psiquê*. A vida constituía a união das duas partes. Após a morte, a alma podia ser observada, escapando do corpo como sombra esvoaçante. Ela seguia para o Hades, para as profundezas subterrâneas ou ficava vagando pela terra (9). Ser alma desmemoriada, habitante do Hades sombrio, em estado estacionário, sem força ou consciência constituía uma condição da degradação humana, consequência da grande Queda descrita no Mito das Raças em Os trabalhos e os Dias por Hesíodo. A condição da raça de ferro, a última e decadente geração de homens, implicava em uma vida atormentada por males como a velhice, degradação e morte (10).

O LUGAR DOS MORTOS

O exílio da alma, sua existência sombria num mundo de esquecimento tinha um lugar: *Hades*. Num primeiro momento, ele se mostrava uma divindade que reinava numa região desolada e subterrânea.

Porém, na crença mais comum, *Hades* significava um mundo subterrâneo, localizado à oeste (lugar de cemitérios e túmulos), alcançado pelas almas dos mortos depois que passavam pelo Rio Estige, à bordo da barca de Caronte e atravessavam as portas de bronze guardadas pelo terrível Cérbero.

Para Hesíodo, o lugar dos mortos, a morada das sombras esquecidas, mais pareciam locais de desolação e horror:

" Ali estão, lado a lado, as origens e a extremidade de tudo, da terra sombria e do Tártaro tenebroso, do Ponto Infecundo e de Urano estrelado, lugares horrendos e cobertos de mofos, que causam horror até aos deuses. (...)

Lá se eleva, diante de quem seja, a morada sonora do deus dos Infernos, o poderoso Hades e Perséfone, a temível. Um cão terrível, Cérbero, implacável e cheio de malvada astúcia, vigia a entrada. Aos que entram ele saúda com a cauda e as duas orelhas, mas em seguida, proíbe-lhes a volta, e, sem cessar, à espreita, devora todos os que surpreende saindo das portas (11)

Era neste mundo sombrio, domínio de Hades e Perséfone, que as almas passavam uma existência sem esperança de retorno. Acreditava-se que existiam numerosas grutas comunicando-se com os infernos subterrâneos. Nestas entradas infernais viviam muitos oráculos, capazes de realizar comunicações entre o mundo dos mortos e dos vivos.

Cabe ressaltar que Hades ou os infernos não possuíam o sentido que a tradição cristã conferiu, como um lugar povoado por entidades demoníacas, onde as almas pecadoras iam padecer sofrimentos e castigos. Numa cultura religiosa que desconhecia a idéia de culpa, pecado, inexistia a imagem da punição espiritual após a morte. Morrer e virar uma sombra no Hades parecia ser uma consequência da condição humana, finita e mortal, a representação decadente do destino dos homens da Idade de Ferro do mito de Hesíodo. Superar esta condição constituía um feito admirável, reservado aos deuses, heróis, poetas, adivinhos. Os mortais comuns teriam na morte o eterno esquecimento, uma existência sem esperança de retorno, alegria, prazer.

Via-se a descida ao Hades sempre como um feito heróico, com variadas motivações. Orfeu foi ao mundo subterrâneo por razões amorosas. Ulisses procurava saber o caminho de Ítaca. Hércules precisava realizar uma tarefa imposta pelos deuses. De qualquer maneira, o retorno com vida das profundezas subterrâneas dependia da autorização e proteção divinas, e também da natureza especial dos Heróis e Semi-deuses da tradição grega.

O CULTO AOS MORTOS

Na religião grega familiar os mortos eram tidos como entes sagrados, denominados de forma respeitosa como os "antepassados bem-aventurados". Os Tritopatores são, às vezes, os gênios

dos ventos ou as almas dos ancestrais, invocados para abençoar as uniões sexuais, porque consideravam a concepção como a ligação espiritual com os antepassados (12).

De um lado, estas crenças nos antepassados, nas ligações entre corpo e a alma, nas manifestações dos mortos, as oferendas funerárias, as invocações dos mortos para proteção da família, para favorecer a fertilidade e colheitas e defesa em caso de guerra, indicam uma forte relação com antigos ritos agrários e de fecundidade. Afinal, os gregos da mais remota antiguidade enterravam no chão de seus celeiros grandes jarros contendo grãos, sementes, produtos da terra e também os mortos da família. O mundo subterrâneo constituía o espaço da morte, dos deuses subterrâneos, onde germinavam as sementes e residiam os mortos (13). Esta concepção remetia a crenças de cunho arcaico à divindade da Terra, Gaia, ligadas às estruturas agrícolas, e profundamente enraizadas durante séculos no pensamento religioso. Na Grécia, a Mãe-Terra Gaia gozou de culto muito espalhado, mesmo após ser substituída por outras divindades:

"É a terra que eu cantarei, mãe universal com profundas raízes, avó venerável que nutre em seu solo tudo que existe... És tu que dás vida aos mortais, como és tu quem lhes tiras a vida... Bem-aventurado aquele a quem tu honras com a tua benevolência!" (14).

A terra como divindade era considerada receptáculo de forças cósmicas sagradas, uma fonte inesgotável de formas, representando a inserção do homem no Cosmos, tanto na vida como na morte. Tudo que estava sobre a Terra constituía uma grande unidade na estrutura cósmica primordial, assim como suas manifestações: florestas, montanhas, água, vegetação, túmulos e almas. Cabia à Grande-mãe da vida, regeneradora dos ciclos existenciais conservar, após a morte, a pujança da vida espiritual. Vida e morte significavam apenas momentos diversos de um mesmo destino: se a vida era apenas separar-se das entranhas da terra, a morte era o regresso à mãe primordial, um retorno às origens ancestrais (15). Num período, vivia-se em cima da Terra. Em outro, embaixo dela. Mas sempre dependentes da Mãe Gaia. Esta maneira de ver e crer pode ser observada em praticamente todas as sociedades e culturas religiosas das mais diferentes épocas e locais, com profundas repercussões até os dias atuais.

Independente da idéia de preservação do corpo com vistas à situação da alma, era o corpo morto a oferenda principal aos deuses, fosse na inumação como na cremação. Seguindo uma determinada organização ritual baseada na hierarquia das oferendas, a primeira, e mais importante, era o corpo morto. Em segundo, os animais sacrificados. Em terceiro, os vegetais (frutos, grãos, flores). Em quarto lugar, comidas e bebidas. Em quinto lugar vinham os objetos como armas, jóias, estátuas, sandálias, etc. A construção tumular também parecia ser importante. A ligação mágica que despertava a "alma" das oferendas era conseguida pelo fogo, defumações, orações, cantos, hinos, lamentações. Este ritual fúnebre, bem executado, tinha o poder de remeter tudo, principalmente o morto, para uma dimensão espiritual. Isto lembrava aos deuses a importância do falecido e também assegurava a memória dos que morreram.

O sepultamento constituía uma forma de culto à Terra e aos elementos tanto na ligação com a figura da Grande-Mãe que vela, nutre e sustenta, como na imagem da divindade destruidora das formas, o grande veículo de purificação e libertação.

Este mesmo raciocínio poderia ser feito em relação ao fogo, o grande transformador e libertador das formas e da matéria. O fogo aquecia, protegia, nutria e destruía, purificando e libertando. O corpo era também, neste caso, a oferenda principal. O fogo separava o eterno do efêmero, a imagem do espírito ígneo que preenchia o universo, desfazia as formas.

Dava-se uma coexistência entre a concepção do Hades, do Tártaro, dos sombrios e infernais mundos das almas e os rituais e cultos dos mortos e antepassados. De um modo geral, acreditou-se nas aparições e na manutenção de certas dependências e exigências dos mortos em suas sepulturas através dos cultos e oferendas piedosas, numa estreita ligação entre o corpo e a alma que a morte não desfazia inteiramente. Os antepassados retribuíaam os cuidados que recebiam com proteção do lar, das colheitas, assegurando fertilidade. Defendiam a comunidade em caso de perigo. Na religião familiar, a presença dos mortos constituía um fato, independente do Hades ou de qualquer outro Além espiritual, cujo papel literário e mitológico foi sendo progressivamente transformado, relegado à tradição e à memória ancestral.

As seitas filosófico-religiosas e o pensamento filosófico sempre tentaram estabelecer com mais precisão e coerência a experiência espiritual após a morte; introduziram a reencarnação, a transmigração, a metempsicose, doutrinas sobre a alma, aperfeiçoamento espiritual, como as bases de seu pensamento.

1.2 NAS SOMBRAS DO SHEOL

NOS TEMPOS BÍBLICOS

O Antigo Testamento nos coloca diante dos olhos um intrincado contexto formado por diferentes crenças, hábitos, mentalidade e culturas das mais diferentes épocas e regiões. Mitologias características das sociedades tradicionais de caçadores, pastores e agricultores misturaram-se com formas religiosas oriundas das regiões mesopotâmicas e do Egito. Se o Gênesis da Criação e do Dilúvio nos aproxima das Cosmogonias arcaicas e revela a face mais antiga da mitologia bíblica, já a história dos Patriarcas relembra tempos mais humanos, de necessidade de um povo e de uma cronologia. Outras passagens do texto bíblico são também marcantes para o historiador das religiões, pois refletem as necessidades espirituais dos tempos dos Reis e dos Profetas, as influências da filosofia helenística e das reformas do século I d.C.

Como qualquer livro sagrado foi submetido a exegeses profundas que adaptaram seu conteúdo mais arcaico às necessidades históricas e culturais de cada período. Estas adaptações, embora tenham deixado marcas importantes, não alteraram substancialmente o que diz respeito à morte e à vida após a morte: seu caráter sagrado, a essência que lhe confere o poder de conter a revelação divina, estabelecendo os estatutos religiosos, um discurso sagrado proveniente do Mundo Divino e atuando como veículo libertador e meio de contato dos homens, comuns mortais, com a Potência Divina (16). Fundamentalmente, o Antigo Testamento nos apresenta uma religião fundada nas revelações que um Deus, *Iahweh*, transmitiu a certos homens em determinados períodos e lugares. Esta intervenção divina em momentos e situações específicos da história humana constituiu um pacto de Deus, uma aliança explícita com toda a humanidade e, especificamente, com um povo eleito, o povo de Israel.

O Antigo testamento fala da Criação, da Redenção e da Salvação, procurando responder a todas as interrogações dos homens diante da vida, do mundo, do medo e da morte. O texto sagrado projeta um *Iahweh* que exige irrestrita fidelidade - ama, ameaça, pune, oferece a salvação: temos diante de nós um texto que seguiu uma determinada tradição sagrada, milenar, ainda atuante, pois as marcas mais profundas do pensamento ocidental estão ancoradas na tradição judaico-cristã e nas diferentes influências históricas que ela sofreu através do tempo.

No Antigo Testamento deparamos com diferentes imagens, crenças e metáforas sobre a vida e a morte, o sentido da existência e o destino espiritual. Toda mitologia do além que caracterizou as religiões da Mesopotâmia e do Egito, bem como a hipertrofia funerária das diversas crenças e ritos dos povos antigos foi silenciada e suprimida. A morte foi reduzida a sua expressão mais simples. A vida humana e as ações divinas estavam no mundo, no plano da existência terrestre. Apenas em algumas passagens tardias, a partir dos livros proféticos, começaram a surgir menções, imagens e concepções da ressurreição dos mortos, do Fim dos Tempos, que foram incorporadas ao Judaísmo, por influência do Zoroastrismo.

CASTIGO E LONGEVIDADE

Nos primeiros livros que compõem o Antigo Testamento temos a construção do grande palco no qual serão apresentados todos os relatos bíblicos. Fala de um tempo que não era contado em anos, mas em gerações, em listas de ancestrais longevos, em heranças e alianças de Deus com a sua comunidade de protegidos, descreve vidas, maneiras e costumes de maneira bastante peculiar.

O primeiro livro, o Gênesis, está dividido em duas partes. A primeira delas narra a Criação, as origens do Universo, do mundo e dos homens, a Queda original que separou o ser humano da condição divina e o tornou mortal, sujeito ao trabalho, sofrimento, dor, às perversidades crescentes, à ruína do gênero humano, à degradação da raça e às penas hereditárias que recaíram sobre a humanidade. Conta também a história de Noé e do castigo diluviano. A segunda parte conta a história dos Patriarcas, das figuras dos Grandes Ancestrais como Abraão e Jacó e os seus doze Filhos, ancestrais das tribos de Israel, a viagem para o Egito e a história de José.

No Livro do Êxodo, literalmente o Livro da "Saída", temos a história de Moisés conduzindo a saída do povo de Israel em direção à Terra Prometida e a organização religiosa do Povo Eleito. Moisés projetou-se como símbolo de um novo líder religioso, um personagem mitológico que conduziu uma nação futura em direção aos desertos e a um local idealizado. Moisés tinha como missão assegurar obediência irrestrita a uma divindade poderosa que alegava ser única e universal.

Com Moisés surgiu um Deus histórico, sem raízes, que se movia no tempo e no espaço,acompanhando aqueles que protegia, não estando, à semelhança das outras divindades do mundo antigo, preso a determinados ciclos cósmicos, agrários ou lugares sagrados. Esta visão de Divindade traduziu uma nova relação do homem com o sagrado: dava a idéia de que os seres humanos podiam caminhar ao lado de seu Deus e, também, conferiu um grau de abstração muito grande da concepção de um deus teológico e moral, revelado lentamente, mas completamente novo e revolucionário, intempestivo e hierático. A aceitação e a compreensão deste Deus não aconteceu de maneira linear. Muitos dos seguidores de Moisés não compreenderão *Iahweh*, cultuaram antigos ídolos e precisaram de milagres para sentir a presença divina. Aliás, a história religiosa do Antigo

Testamento nos fala destes conflitos religiosos, da frequente adesão dos escolhidos às mais variadas crenças e religiões de diferentes regiões e épocas.

Produto de vários períodos da história, o Pentateuco, assim como todo Antigo testamento, contém histórias maravilhosas, narrativas e aspirações que, recontadas em palavras e figuras, século após século, ainda exercem fascínio e influência na sociedade contemporânea. Quem são seus mortos? Que destino lhes aguardava? O que se falava de sua existência espiritual?

O DESTINO MORTAL

O Gênesis começa com a grandiosa divisão que Deus fez da luz e das trevas e os posteriores acontecimentos de toda a sua Criação, incluindo o Éden, o homem e a mulher. Ser criado a partir do barro, Adão foi animado pelo sopro vital divino, *Nefesh*, e colocado dentro do Jardim do Paraíso, coberto de árvores, entre as quais encontravam-se a árvore da vida, o símbolo da imortalidade e a árvore do conhecimento, do Bem e do Mal. Para usufruir deste Paraíso e Imortalidade o homem tinha que se submeter a um impedimento:

"Podeis comer de todas as árvores do Jardim Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia que dela comeres, terás de morrer." (Gn, 2,17).

A condição mortal da raça humana foi o preço do discernimento entre o Bem e do Mal, da separação definitiva do seu Criador. Adão e Eva foram expulsos, passaram a uma existência mortal, condenados a nascer, trabalhar, sofrer e morrer:

Com o suor de teu rosto

Comerás o teu pão

Até que retornes ao solo,

pois dele foste tirado.

Pois tu és pó

e ao pó tornarás." (Gn. 3,17 - 19)

Desde então, os homens perderam o rumo do Paraíso e o atributo da Imortalidade. Deus colocou, diante do Jardim do Paraíso, anjos e a chama da espada flamejante para guardar o caminho que levava à árvore da Imortalidade e do Bem e do Mal. A raça humana tornou-se mortal pela sua natureza e pela falta cometida, aspirando ao retorno para uma existência paradisíaca, sem sofrimentos e imortal. Todas as gerações dos homens vieram marcadas por esta condição. O orgulho e o desejo de conhecer conduziu ao pecado original e às desventuras que atormentam a humanidade. O drama fratricida de Caim e Abel acentuou este caráter nos descendentes de Adão e Eva, num crime cuja metáfora impõe-se para o gênero humano que assumiu o peso do conhecimento, do discernimento e das responsabilidades (17).

VIVER E MORRER

Na descendência de Adão, a geração dos Patriarcas anteriores ao Dilúvio apresenta uma grande longevidade e fertilidade características dos antigos heróis mitológicos. Adão viveu 935 anos, Set viveu 912, Enós, Cainã, Malaleel, Jared, Lamec e Matusalém viveram cerca de novecentos anos

CAPÍTULO 1.

e, segundo o Gênesis, depois morreram. Viver muitos anos, deixar grande descendência sinalizava a bênção divina. Longevidade, fertilidade e fecundidade são elementos comuns a todas as religiões antigas, e traduziam as bênçãos dos deuses sobre aqueles que os veneravam. Não se falava em sabedoria ou salvação.

A morte foi reduzida a sua expressão mais simples. Tudo o que cercava este acontecimento e que foi fonte de crenças, ritos e cultos era descrito com grande simplicidade. Consolava os antigos patriarcas serem enterrados com seus parentes. A Terra era uma bênção, um solo consagrado: (18).

"Eis a duração da vida de Abraão: cento e sessenta e cinco anos. Depois Abraão expirou, morreu numa velhice feliz, idoso e foi reunido à sua parentela". (GN, 25, 7-9).

O valor atribuído à terra onde repousam os mortos de uma mesma comunidade é uma das formas mais arraigadas dos costumes funerários através de séculos. Túmulos, pirâmides, sepulturas, jazigos perpétuos, campos de sepultamento revelam a face dramática diante da morte, do apego do corpo morto à terra que o rodeia, na crença de uma tênue separação entre o corpo e alma após a morte. O Zoroastrismo e várias crenças orientais resolveram este problema de outra forma, seja na exposição às aves de rapina ou através da cremação, desfazendo a possibilidade este apegos valorizando a liberdade da alma e o desprendimento espiritual. Mas, na tradição milenar do povo Eleito de *Iahweh*, a terra sempre foi a grande metáfora do inatingível. A terra Prometida com Moisés, os exílios e diásporas da terra santificada, o Estado de Israel, são marcas muito profundas de sentimentos e experiências históricas que a religião soube expressar convictamente.

Somente em casos muito especiais *Iahweh* arrebatava e transportava seus escolhidos, como Henoc e posteriormente Elias.

"Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalem, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos. Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou" (GN, 5, 21-24).

O desencanto de *Iahweh* diante da maldade e corrupção que grassava entre os homens foi o motivo do Dilúvio e da saga de Noé, o único homem justo e piedoso que se salvou da ira divina. Segundo a tradição, foram exterminados todos os seres que tivessem o sopro de vida, o *Ruah*, uma palavra que designava o movimento do ar vital, a respiração. Esta força vital estava ligada à expressão dos pensamentos, sentimentos e paixões e instituiu poder criador de Deus sobre os seres vivos, sobre a história dos homens, e que, séculos mais tarde vai se exprimir nas vozes dos profetas. Morrer significava exalar, perder, expirar o ar vital contido, por insuflação divina, dentro de cada ser vivo.

No Antigo testamento, o homem aparecia composto por um corpo material e a alma. A alma, *Nefesh*, era apenas a força viva que animava a matéria, e sua origem estava na energia divina. O corpo não se inferiorizava em relação à alma, apenas simbolizava o confronto da efêmera existência humana com a onipotência e eternidade de Deus. A morte significava um castigo, o destino implacável e cruel. Depois dela o sono, a terra, o pó, sombras e noites sem dias.

O termo *Ruach* assim como *Nefesh* prestam-se a diversas interpretações em várias partes do Antigo Testamento. *Nefesh* pode ser interpretado como "fôlego" (Jó 41,12); "corpo animal" (Gn 9,4); "sangue" (Sl 148,8); "um corpo sem vida" (Lv 21,1 e Num 19,11); "um ser vivo" (Gn 1,20 e

12,5); "o ser de *Iahweh*" (Amós 7,8); "peixe" (Isaias 19,10) "apetite e desejo" (Gn 35,18). A palavra Ruach, um radical que pode significar "ele respirou" assim como ar, vento, fôlego e espaço, é aplicada de várias maneiras com referência ao homem. Na forma composta Ruach elohim é traduzida como espírito divino, mas aparece também como "respiração da vida animal" (Gn 7,12; Nm 16,22; Jó 12,10), "a alma racional" (Isaias 11,2), "hálito ou fôlego" (Gn 7,17) e "os ventos do céu" (Dan 7,8).

É interessante ressaltar que na tradição do Antigo Testamento não existe nenhuma palavra para indicar mente ou intelecto, assim como não existe nenhuma doutrina da imortalidade da alma, de qualquer princípio imortal ou essencial do homem.

A destruição provocada por *Iahweh* através do Dilúvio abriu o diálogo entre Deus e as pessoas, a transformação de uma catástrofe natural e fortuíta em uma narrativa organizada dos designios divinos. Ao fim da grande hecatombe diluviana, da morte coletiva que se abateu sobre a humanidade, Noé e os sobreviventes realizaram uma aliança, um pacto entre *Iahweh* e os homens, para garantir a existência sobre a terra.

Os Patriarcas prolongaram a tradição da morte feliz após viverem muitos anos. O supremo bem que um homem podia desejar não ia além de uma vida longa e feliz, ao fim da qual, cansado e realizado, desceria ao seu túmulo: tal era a recompensa divina para quem seguisse a vontade de *Iahweh*, em obediência e respeito. Um exemplo é Abraão que, submetido a *Iahweh*, acabou sendo reconhecido pela sua obediência e fé, morrendo velho e feliz aos cento e setenta e cinco anos, com numerosa descendência, e enterrado ao lado de sua família:

"Depois Abraão expirou; morreu numa velhice feliz, idoso e foi reunido a sua parentela. Isaac e Ismael, seus filhos, enterraram-no na gruta de Macpela, no campo de Efron, filho de Seor, o heteu, que está defronte de Manpré. E o campo que Abraão comprara dos filhos de Het; nele foram enterrados Abraão e sua mulher Sara" (Gn, 25, 8-10).

Obedecer aos mandamentos ditados por Deus, a fidelidade e o amor a Deus cobriam de bênçãos os fiéis. Não existia a Salvação, mas a idéia de dois caminhos, um da vida plena e fecunda, outro da morte e do castigo:

*"Hoje tomo o céu e terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência, amando a *Iahweh*, teu Deus, obedecendo a sua voz e apegando-se a ele. Porque disto depende a tua vida e o prolongamento dos teus dias" (Dt, 30, 19-20).*

DO XEOL À RESSURREIÇÃO

O destino dos mortos constituía um mistério e como toda realidade não revelada, pertencia a Deus. Segundo uma tradição que começou a aparecer no conjunto de Livros Históricos, os mortos eram agrupados num lugar, o *Xeol*, lugar comum de todos os mortos, terra dos que voltaram ao pó, túmulo, cova ou perdição, era o destino inevitável dos mortais submetidos aos designios divinos.

As imagens do *Xeol* não deixavam espaço para a imaginação. Da morte restavam as sepulturas, as regiões subterrâneas, a terra das trevas e das sombras. Um lugar de perdição e

esquecimento, onde todos os mortos eram agrupados, numa associação tenebrosa e silenciosa. A morte, inevitável e implacável, equivalia a uma situação degradante. Os mortos jaziam, repousavam no *Xeol* e não deviam ser objetos de cultos específicos. Todos os viventes, fossem reis ou homens comuns, tinham o mesmo destino. Após a morte ficavam cortados os vínculos entre os mortos e seu Deus (19).

*"Iahweh, meu Deus salvador,
de noite eu grito a ti:
que minha prece chegue a tua presença,
inclina teu ouvido ao meu clamor.*

*Pois minha alma está cheia de males
e a minha vida está à beira do Xeol;
sou isto como os que baixam à cova,
tornei um homem sem forças.*

*Despedidos entre os mortos,
como as vítimas
que jazem no sepulcro
das quais já não te lembras,
porque foram separadas de tua mão.
Puseste-me no fundo da cova,
em meio a trevas nos abismos;
tua cólera pesa sobre mim,
tu derramas tuas vagas todas.*

*Afastaste de mim meus conhecidos,
tornaste-me repugnante a eles:
estou fechado e não posso sair,
com a miséria, meu olho desgastou-se.
Iahweh, eu te invoco todo o dia,
estendendo as mãos para ti:
Realizas maravilhas pelos mortos?
As sombras se levantam para te louvar?
Falamos do teu amor nas sepulturas,*

*da tua fidelidade no lugar de perdição?
Conhecem tuas maravilhas nas trevas,
e tua justiça na terra do esquecimento?"*
(SL.88,2-11).

O Além foi reduzido a uma expressão muito simples. A existência dos mortos prolongava-se no *Xeol*, situado em baixo da terra, nos abismos mais profundos, sob as raízes das árvores ou das montanhas, no lugar onde toda noite o sol mergulhava. O morto era tragado pelo túmulo e pelo tempo, absorvido pela terra e imobilizado no mundo dos mortos (20). Assim se via o lugar dos mortos, um reino sombrio e silencioso, cujas imagens deveriam desestimular a necromancia e outras práticas ligadas à invocação dos mortos, numa contestação das crenças míticas e mitológicas de outros povos antigos, para os quais o culto aos mortos, aos ancestrais, a prática de invocação dos mortos integravam o cotidiano religioso. A religião de *Jahweh* através dos seus líderes teve muito trabalho para manter a comunidade coesa em torno desta crença, do monoteísmo e na Fé. As influências religiosas eram frequentemente mais fortes do que o temor diante de *Jahweh*. Muitos recorriam às práticas mágicas e sobrenaturais, sendo atacados, violentamente, sofrendo denúncias, perseguições e punições.

A NECROMANCIA DE ENDOR

Apesar da proibição religiosa, a invocação aos mortos estava presente nas atividades cotidianas, sobretudo na predição

do futuro. No Antigo Testamento deparamos com o caso clássico de Saul e a feiticeira de Endor (21). Saul, atemorizado ao ver os exércitos inimigos acampados diante de si e preocupado com a derrota fatal de suas tropas, tentou consultar *Jahweh* em sonhos, pela sorte e através dos profetas, sem sucesso. Desesperado, contrariou suas próprias ordens, e mandou chamar a necromante de Endor, para saber do espírito de Samuel o que deveria fazer:

*"Peço-te que me digas o futuro, chamando para mim quem eu te disser." A mulher, porém, respondeu: "Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Porque me armas uma cilada para que eu seja morta?" Então Saul jurou-lhe por *Jahweh*, dizendo: "Tão certo como *Jahweh* vive, nenhum mal te acontecerá por causa disso". Disse a mulher: "Quem chamarei para ti?" Ele respondeu: "Chama Samuel".*

Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse a Saul: "Porque me enganaste? Tu és Saul!" Disse-lhe o rei: "Não temas! Mas o que vês?" E a mulher indagou: "Qual é a sua aparência?" A mulher respondeu: "É um velho que está subindo; veste um manto." Então Saul viu que era Samuel e, inclinando-se com o rosto ao chão, prostrou-se.

Samuel disse a Saul: "Porque perturbas meu descanso chamando-me". (I Sm, 28,8-15).

Temos nesta narrativa imagens características de diferentes tempos e tradições. Em primeiro lugar, a crença nas aspirações e na comunicação entre mortos e vivos, o caráter oracular destes contatos, apesar das proibições de uma religião que impunha um futuro após a morte no

domínio da vontade de Deus. Os mortos eram invocados em beiras de poços ou entradas de cavernas, os portais de comunicação com os mundos subterrâneos. Frequentemente eram chamados para predizer o futuro: Samuel veio para aconselhar e admoestar Saul. Apesar das proibições religiosas, este era um costume enraizado na religião e superstição populares, em sincretismos e práticas de caráter mágico, tanto na Grécia arcaica como no Antigo Egito e em quase todas as crenças religiosas populares.

Em segundo, a concepção do lugar dos mortos como sendo de natureza subterrânea, pois o espectro de Samuel sobe da terra, emerge das profundezas do *Xeol*, invisível para os homens, local de trevas, morte e maldição.

Em terceiro, a idéia muito antiga de que os mortos dormem, repousam, jazem em esquecimento e fraqueza. Os mortos viveriam em dormência, em sono hipnótico. Embora no Antigo Testamento a imagem do sono e do descanso sejam recorrentes, em outras religiões os mortos demonstram uma existência desassossegada, podendo usufruir de prazeres e benesses divinas ou sofrimento e castigo pelos seus erros. Mas, para a tradição do Antigo Testamento, a invocação constituía um momento de perturbação desta ordem que correspondia à vontade insondável de Deus. Morrer e adormecer, repousar no mundo subterrâneo eram imagens constantes:

"Aproximando-se o fim de sua vida, Davi ordenou a seu filho Salomão: "Vou seguir o caminho de todos.(...)"

E Davi adormeceu com seus pais e foi sepultado na Cidade de Davi."(1 Rs 2, 1-2, 9-10).

Na fala amargurada de Jó, a morada dos mortos e o estado de inconsciência dos defuntos manivestam-se como um bálsamo para o homem atormentado e amargurado pelas desgraças e sofrimentos. A certeza da eternidade no *Xeol* levava a pensar na morte como a escapatória definitiva aos sofrimentos da vida.

No livro de Jó, o *Xeol* é descrito como a terra das trevas e das sombras, de escuridão e desordem, onde a claridade é sombria, um lugar como a noite escura e a mais espessa sombra. Apesar deste aspecto frio e deprimente, Jó ansiava por ele, pois estaria livre de todo sofrimento e teria descanso. Seria seu único abrigo, pois o céu estava reservado para Deus:

"Ora, minha esperança é ir habitar no Xeol

e preparar minha cama nas trevas.

Digo à cova: "Tu és meu pai!"

ao verme: "Te és minha mãe e minha irmã!"

Pois onde então, está minha esperança?

Minha felicidade, quem a viu?

Descerão comigo ao Xeol,

baixaremos junto ao pó?"

(Jó 17, 13-16).

A aparente injustiça da morte, a desconcertante lógica com que ela se abatia sobre os homens era objeto de reflexão, pois igualava a todos, jovens e velhos, ricos e pobres, felizes e infelizes (Jó 21, 23-26).

Diante da vontade, força e poder de *Iahweh* que se manifestava sobre todos os seres e o Universo, Jó reconhecia a sua ignorância para questionar seus desígnios. Através da dor e da provação, Jó penetrou no grande Mistério da divindade, compreendeu que *Iahweh* não prestava contas e a sua sabedoria possuía sentidos próprios para a vida, a morte e o sofrimento. Fez penitência no pó e nas cinzas e foi recompensado por *Iahweh*, que multiplicou seus bens, sua prole, restaurou sua saúde e concedeu felicidade:

"Depois desses acontecimentos, Jó viveu cento e quarenta anos, e viu seus filhos e os filhos de seus filhos até a quarta geração. E Jó morreu velho e cheio de dias." (Jó 42, 16-17).

Entendia-se a morte como a separação entre corpo e alma promovida por *Iahweh*. Portanto, voltar à vida após a morte também era possível diante do ilimitado poder de *Iahweh*, atendendo uma súplica piedosa como a de Elias, que pedira a ressurreição do filho da viúva (IRs 17, 21-2).

OS CICLOS DA VIDA E DA MORTE

O *Eclesiastes* reflete uma profunda indagação existencial diante do sentido da vida, da morte e do destino dos homens. Os mistérios mais profundos eram considerados obra de *Iahweh*. Todos os acontecimentos constituíam uma prova de fé, da capacidade de aceitação das alegrias e provações da vida, temendo e obedecendo aos mandamentos.

O caráter existencialista do *Eclesiastes* demonstra influências egípcias e mesopotâmicas, a herança de temas comuns da sabedoria oriental. O texto apresenta uma reflexão sobre a existência, preparando a compreensão para revelações superiores e fortalecendo o desapego aos bens materiais, pois na vida tudo era ilusão fugidia e fragilidade humana. A morte como marca da vida, o final de uma sucessão cíclica de vida e morte, dias e noites que caracterizavam toda a existência. Dentro do suceder dos tempos, a morte era um inevitável fim:

*"A morte - Há um momento para tudo
e um tempo para todo propósito debaixo do céu.*

*Tempo de nascer,
tempo de morrer;
tempo de plantar,
e tempo de arrancar a planta.*

*Tempo de matar,
e tempo de curar;
tempo de destruir,
e tempo de construir.*

*Tempo de chorar,
e tempo de rir,
tempo de gemer,*

e tempo de bailar.

Tempo de atirar pedras,

e tempo de recolher pedras,

tempo de abraçar,

e tempo de se separar.

Tempo de buscar,

e tempo de se perder;

tempo de guardar,

e tempo de jogar fora.

Tempo de rasgar,

e tempo de costurar;

tempo de calar,

e tempo de falar.

Tempo de amar,

e tempo de odiar;

tempo de guerra,

e tempo de paz.

(...).

*Quanto aos homens penso assim: Deus
os põe à prova para mostrar-lhe que são
animais. Pois a sorte do homem e do animal é
idêntica: como um morre,*

assim morre o outro, e ambos tem o mesmo alento;

*o homem não leva vantagem sobre o
animal, porque tudo é vaidade.*

Tudo caminha para um mesmo lugar:

tudo vem do pó e tudo volta ao pó.

*Quem sabe se o alento do homem sobe
para o alto e se alento do animal desce para
baixo, para a terra?" (Ecl 3, 1-8, 18-21).*

Nesta visão, a morte fazia parte da condição humana, da parte material e animal que formava os seres vivos, todos sujeitos à degradação e à corrupção, comparando homens e animais como portadores do mesmo alento. Era impossível escapar a este tempo do findar, do tornar a pó, o

que deveria levar o homem a refletir sobre seus orgulhos, apegos e vaidades. Na morte, o fim manifestava-se absoluto e total: não havia mais esperança ou ilusões. Salta aos olhos no Eclesiastes a absoluta afirmação da ignorância humana e a imagem dos ciclos alternados. Ao homem cabia o desenvolver, o discernimento para se ajustar a estes ritmos, o ritmo da criatura ao ritmo do próprio Criador. Isto implicava andar e estar com Deus. O descompasso era o caminho certo para a sorte de infortúnios, desventuras, desastres, más colheitas, doenças, angústias, desatinos e sofrimento diante da morte, que se constituíam, por si, na própria punição.

Após a morte, só o esquecimento e a ausência absoluta no *Xeol*, a morada eterna dos mortos:

"Este é o mal que existe em tudo que se faz debaixo do sol: o mesmo destino cabe a todos. O coração dos homens está cheio de maldade; enquanto vivem, seu coração está cheio de tolice, e seu fim é junto aos mortos.

Ainda há esperança para quem está ligado a todos os vivos, e um cão vivo vale mais que um leão morto.

Os vivos sabem ao menos que irão morrer; os mortos, porém não sabem, e nem terão recompensa, porque sua memória cairá no esquecimento. Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participaram de tudo que se faz debaixo do sol." (Ecl.9,3-6).

Ao contrário do que possa parecer a uma primeira leitura desavisada, o Eclesiastes não negou peremptoriamente, nem desfez de todo, a possibilidade de existência espiritual. Valorizava a vida pois era quando o homem poderia agir: Quem podia se arrepender? O Vivo. Quem podia se corrigir? O vivo. Quem podia orar, pedindo clemência e rendendo graças? O vivo. Quem podia cumprir a vontade de *Iahweh* e receber suas recompensas? O Vivo. Após a morte, coberto pelo esquecimento, não havia mais possibilidade. O Eclesiastes trazia o homem para a vida, responsabilizando-o por sua conduta de acordo com a vontade de *Iahweh*. Após a morte, esquecido e abandonado, o morto não podia mais interagir nem no seu meio nem com Deus. Jazia na sombra, pó e esquecimento. Qual o poder de um morto?

Num sentido mais profundo, o Eclesiastes apresentou uma visão inequívoca: a morte aniquilava corpos, mentes e corações. Ao contrário que possa parecer, este texto não negava a vida após a morte, mas constatava que, nunca mais o conjunto de coisas, fatos, situações, datas, locais e homens, os personagens envolvidos, jamais se reuniriam novamente, para reproduzir exatamente os mesmos acontecimentos. Isto sim seria de todo impossível.

Encontramos aqui também a imagem dos mortos esquecidos e abandonados, reduzidos a sombras e cinzas. "O esquecimento, em si, é uma segunda morte". Ao esquecimento deve-se temer. Preservar a memória cantada pelos *aedos* gregos, nos monumentos funerários egípcios, nos cultos aos antepassados de todas as sociedades significava sobreviver à morte. Todas as religiões falaram de memória/esquecimento. De que se alimenta a memória? Dos cultos, da saudade, das lembranças? A principal oferenda aos mortos residia no fato dos vivos lembrarem-se deles.

E não estaremos nós historiadores, "participando" mesmo sem intenção desta grande crença, ao exercitarmos também uma forma de culto aos antepassados, à memória registrada nos monumentos, nos textos, nos quadros, nos pensamentos, nas mentalidades, nos arquivos, museus e bibliotecas, dos tempos já passados? Línguas antigas já "mortas", crenças "exóticas", passados remotos, nomes perdidos, ânforas, arcas, Pompéia, Ur, salvos do esquecimento: uma vitória da

memória, ainda que episódica e não mais ligada a um culto religioso, e sim à vontade de conhecer. Modernos sacerdotes, mantendo vivos homens, idéias e realizações, trabalhando com a memória, a matéria viva, a ferramenta, o cinzel e a pedra. Mas, a memória é amoral: pode-se esquecer algo ou alguém bom e lembrar de coisas ou pessoas ruins.

EM BUSCA DA SABEDORIA

No livro da Sabedoria uma mutação fundamental ocorre na questão da morte. O texto reflete um momento histórico preciso: os judeus da diáspora em Alexandria, convivendo com diferentes escolas filosóficas, com novos conhecimentos, com a astrologia, o hermetismo e as religiões de mistério. As marcas deixadas por estas transformações, e que serão importantes para o próprio Cristianismo, já apareciam nesta etapa do pensamento religioso do Antigo Testamento.

A sabedoria apresentada transmitiu uma visão mais abrangente do que aquela relacionada às exposições dos Sábios tradicionais de Israel. No caso do livro da Sabedoria, embora não existisse uma referência explícita à ressurreição dos corpos, havia uma sugestão quanto a uma ressurreição espiritualizada. Esta questão foi retomada por Paulo, quando da expansão do Cristianismo entre os judeus helenizados, nos primeiros séculos da Era Cristã.

Nos textos da Sabedoria, esta provinha de *Iahweh*, não como resultado do conhecimento e especulação da razão humana, conforme as idéias platônicas. *Iahweh* era o Criador, muito além da possibilidade de compreensão. A sabedoria se constituía na reunião de inteligência, compreensão e sensibilidade abrangentes em relação à Criação, o seu funcionamento e a relação entre as leis que regem a Grande Obra.

O texto da Sabedoria, servindo-se da distinção feita entre corpo e alma pelas doutrinas platônicas, afirmava a incorruptibilidade da alma. Esta era a parte imortal, recompensada pela Sabedoria e que assegurava um lugar junto a Deus. O que se passava na terra, durante a vida, determinava a Outra Vida, onde os ímpios seriam castigados e os justos viveriam com Deus. A justiça implicava em viver o pleno acordo de pensamento e ações com a vontade divina.

O texto falava da morte física e da morte espiritual, ligadas uma a outra. O pecado causava a morte espiritual e eterna, o poder da morte não apenas física, mas do espírito. O sentido da morte aplicado neste texto deve ser entendido no seu aspecto punitivo mais terrível, e não o simples e normal fim da vida física.

A diferença entre os justos e os ímpios estava no fato de que os primeiros buscavam, na vida religiosa, o caminho da imortalidade, na proteção e salvação divinas. Os justos seguiam as leis de Deus, uma atitude sábia. Descumprí-las, uma atitude insensata. Justiça e Sabedoria se entrelaçavam fortemente, conduzindo à salvação:

" A vida dos justos está nas mãos de Deus,

nenhum tormento os atingirá.

Aos olhos dos insensatos pereceram morrer, sua partida

foi tida como uma desgraça, sua viagem para nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz.

Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas sua esperança estava cheia de imortalidade;

*Por um pequeno castigo receberão grandes favores.
Deus os colocou à prova e os achou dignos de si.
Examinou-os como ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto.
No tempo de sua visita resplandecerão e correrão como fagulhas no meio da palha.
Julgarão as nações, dominarão os povos,
e o senhor reinará sobre eles para sempre" (Sb 3, 1-8).*

Representava-se a morte de forma diversa. No caso dos justos, entre a morte e a justiça, havia fé e esperança, ou seja, a espera tranqüila e confiante. O texto referia-se a *Athanasia*, uma palavra grega que designava imortalidade da alma e da lembrança. Os justos seriam lembrados pela eternidade, não só pelos homens, mas pelo Senhor. Alcançariam uma imortalidade bem aventurada, na convivência eterna com Deus. A morte do corpo seria para eles uma mera aparência, porém, para os insensatos, a dura e cruel realidade.

No Eclesiástico continuou reinando um espírito helenizado, refletindo a condição da Palestina que vivia sob o domínio dos Sublocadas, desde 198 a.C. A força da cultura helenística, a adoção de costumes diferentes da tradição judaica serão o alvo das invectivas da classe sacerdotal na Palestina. No Eclesiástico, a reafirmação da Aliança veio acompanhada da esperança de uma salvação futura.

O autor do texto procurou retomar antigas tradições da Lei e da Sabedoria, do temor e da obediência a *Iahweh*, do fervor da religião do Templo e seus cultos. O sentimento trágico da morte estava repleto de afirmações sobre a retribuição divina a cada ato praticado. Era também uma exaltação dos grandes personagens do passado, dos antigos sacerdotes, a memória viva dos modelos ideais.

A morte, como lei eterna e inexorável que não avisava o dia e a hora de sua chegada, significava o fim das ações e possibilidades, simbolizando a fatuidade e a vanidade dos atos materiais:

*"Lembra-te que a morte não tarda e o pacto do Xeol não te foi revelado.
Antes de morrer faze o bem aos amigos e dá lhes segundo os teus recursos.
Não te prives da felicidade presente, não deixes escapar nada de um legítimo desejo.
Não deixarás a outro os teus recursos, e o fruto do teu trabalho à decisão da sorte?
Dá e recebe, faze divagar a tua alma, pois não há no Xeol quem procure algum prazer.
Como toda roupa, toda carne vai envelhecendo, porque a morte é lei eterna.
Como as folhas numa árvore frondosa tanto caem como brotam, assim a geração de carne e sangue:
esta morre, aquela nasce.
Toda obra corruptível perece aquele que a fez irá com ela."
(Eclo 14,12-19).*

Lamentar a morte ou desesperar-se profundamente revelavam a ausência de sabedoria e da verdadeira compreensão de que ela era uma lei eterna e imutável. Aceitar e viver na aceitação da corruptibilidade das obras materiais revelavam a sabedoria.

A morte podia ser dúbia: tanto amarga como bem-vinda. Para aqueles que amavam a vida, era uma foice cruel. Para os que sofriam, um alívio e um bálsamo. A morte como descanso ou esquecimento, um par que se sucedeu ao longo da tradição bíblica:

"ó morte, quão amarga a tua lembrança para o homem que vive em paz em meio a seus bens,

*para o homem seguro e afortunado em tudo
e ainda com forças para saborear alimentos.*

ó morte, tua sentença é bem-vinda

*Para o miserável e privado de suas forças,
para quem chegou a velhice avançada, agitado
por preocupações, descrente e sem paciência.*

*Não temas a sentença da morte,
lembra-te dos que te precederam e dos que te seguirão.*

E uma sentença do Senhor para toda a carne;

Porque recusares a vontade do Altíssimo?

Sejam dez ou cem ou mil anos,

no Xeol não se lamenta a respeito da vida."

(Eclo 41, 1-7).

No livro dos Provérbios encontramos uma teologia essencialmente prática. Deus recompensava a caridade, a pureza de coração, a piedade e a humildade. Temendo a Deus, o homem teria a verdadeira virtude religiosa e a mais profunda sabedoria. Nos conselhos propostos pelos Provérbios, a Morte e o *Xeol* associavam-se aos destinos dos ímpios e insensatos, opostos ao caminho da Vida e da Salvação:

"Os lábios da estrangeira destilam mel,

e o seu paladar é mais suave do que o azeite.

No final, porém, é amarga como o absinto, e afiada como uma espada de dois gumes.

Os seus pés levam para a Morte, e os seus passos descem para o Xol.

Não segue o caminho da vida,

e seus trilhos extraviam sem que perceba."

(Pr 5, 3-6).

Vencer o triste destino dos ímpios nos profundos subterrâneos do esquecimento significava uma nova concepção celestial, superior para o destino da alma. Embora esta concepção só seja desenvolvida de forma mais elaborada tempos depois, começava a surgir a crença na

possibilidade de felicidade celestial, um caminho de salvação eterna. Mas este tema só seria desenvolvido com o movimento profético.

NOTAS

1. Charbonneaux, J. "La grece" in: Histoire Générale des Religions, Paris, Librairie. Aristide Quillet, 1948, Tomo II, pp.28.
2. Homero, Iliada. livro II, 484 ss.
3. Detinne, M., Os Mestres da verdade na Grécia Arcaica. RJ, Jorge Zahar Ed., 1989,
4. Detienne, M., op.cit., p.20.
5. Hesíodo, Teogonia, 211-239.
6. Homero, Odisséia, Livro X, 119-20.
7. Homero, Odisséia, Livro XI, 124-5.
8. Homero, Odisséia, Livro XI, 130-1.
9. Rohde, E., Psyche - The cult of Soul and Belief in Imortality among the Greeks, London, Kegan Paul/Trench/Trubner and Cy, 1925, pp. 4-6.
10. Rohde, E., op.cit., pp. 8-9; Hesíodo. Os Trabalhos e os Dias, citado
11. Hesíodo, Teogonia, citado.
12. Vian, F., op.cit., p. 280.
13. Vernant, JP., op.cit. p.159.
14. Hinos Homéricos. A la Terre, I e segs. In: Eliade, M., Tratado de História das Religiões, Lisboa, Clássica, 1971, pp.293-4.
15. Eliade, M. Tratado, op.cit., p.309.
16. Para este trabalho foi utilizada a Bíblia de Jerusalém (SP, Paulinas, 1985), considerada a melhor e mais atual tradução do texto para a língua portuguesa, vertida diretamente das línguas originais. Muitos dos comentários e discussões que desenvolvi foram elaborados a partir das notas desta tradução e também da La Sainte Bible edição de 1973, sob a direção da École Biblique de Jerusalem.
17. Eliade, M., "Quando Israel era menino...", In: História das Idéias e das Crenças religiosas, op.cit., pp. 196-8.
18. Chouraqui, A. Os Povos da Bíblia, SP, Cia das Letras, 1991, pp. 191-2, 194-5.
19. Ver Jó 3, 1321, Ecl. 9, 4-5; Gn 37,35; Is 14,19; Pr 21,16; Ez 32, 17-32; Dt 32,22; Lm 3,55 Gn 47, 29, 49; 2 Sm 21, 12-14.
20. Eliade, M. "A Religião de Israel na Época dos Reis e dos profetas", op.cit., p.178.
21. Frazer, J.G. "Saul e la pitonia de En-Dor", In: El Folklore del Antiguo Testamento, México, Ed. Fondo de Cultura, 1981, pp. 391-412.

CAPÍTULO 2

EM BUSCA DA LIBERTAÇÃO

O drama da morte e da sobrevivência espiritual ganhou uma importante vertente num conjunto de crenças que pressupunham uma existência espiritual provisória após a morte, seguida de retornos à vida material, em reencarnações sucessivas. Viver e morrer constituíam elos de uma cadeia sem fim, uma prisão aos sofrimentos e decrepitudes inevitáveis da vida corpórea. Este conjunto de crenças ancora sua matriz na tradição hindu, compilada nos textos dos antigos *Vedas*, influenciadora de importantes movimentos espirituais antigos e contemporâneos: Hinduísmo, Budismo, Jainismo, o pensamento filosófico-religioso do orfismo e do pitagorismo, platonismo e neo-platonismo, os movimentos gnósticos do período helenístico, os grupos do Cristianismo primitivo e a tradição mística da Cabala judaica, Catarismo, além do Espiritualismo e do Espiritismo contemporâneos.

Num período da história antiga, na qual não havia grandes religiões organizadas em dogmas e o pensamento religioso associava-se à filosofia especulativa, existiam diversas escolas de pensamento que viam os ciclos de morte e vida e a possibilidade de libertação como uma realidade e um ideal a ser alcançado. A observação do princípio de continuidade na mudança permanente da Natureza, na concepção de um tempo cíclico de metamorfoses deu incremento à concepção de uma alma imortal que não se desintegrava com o corpo físico. A alma imortal estava ligada a uma força criadora, suprema, absoluta e infinita, perfeita e única. Assim se mostrava a verdadeira natureza do ser e das coisas. Sofrimentos, desigualdades, tristezas e a idéia de morte e finitudes surgiam como uma consequência da ignorância da verdadeira natureza imortal. Mas através de uma conduta correta, conhecimento e fé, a alma podia transcender suas limitações e alcançar a união com o Absoluto, com o Uno e Infinito, libertando-se das vidas e mortes.

Este raciocínio nunca desapareceu das sociedades orientais e permaneceu forte no período helenístico e nos primeiros séculos da cristandade. À margem da sociedade cristã ocidental irromperam surtos considerados heréticos como o Catarismo, para retornar com força no pensamento religioso ocidental contemporâneo.

Tradicionalmente, as formas mais importantes de pensar a questão da morte e da sobrevivência espiritual através das reencarnações e do ideal supremo de Libertação surgiram na tradição védica da Índia, continuando através do Budismo, da tradição grega pitagórica, órfica e no platonismo.

Atualmente, este conjunto de crenças virou modismo tanto religioso como profano. Espíritas, teósofos, adeptos extemporâneos de movimentos orientais traduzidos num estilo californiano, certas correntes e tendências do pensamento científico e práticas terapêuticas (as chamadas terapias das vidas passadas), psicólogos, autores de livros de auto-ajuda, fazem deste conjunto de conhecimentos a base de suas atuações.

2.1 MORTES, RENASCIMENTOS E LIBERTAÇÃO

As idéias de reencarnação e o ideal de libertação tanto na vida como na morte evoluíram historicamente. As mais antigas formas deste pensamento encontram-se nos *Vedas*, uma coleção de textos sagrados da Índia antiga.

Estes textos sagrados falam da religião que penetrou no Noroeste da Índia com os invasores arianos entre 2000 e 1500 a.C.. Deparamos com uma rede muito complexa de crenças naturalistas, rituais e sociais. Rapidamente, esta religião entrou em contato com as populações da região, sendo adaptada e alterada, acabando por transformar-se num pensamento religioso particular e riquíssimo. A religião mais antiga convencionou-se chamar de Bramanismo. O Hinduísmo é o nome dado ao conjunto de crenças, tendo cada uma rituais e divindades específicas, não possuindo um clero ordenado e hierarquizado, mesclando cultos domésticos com festas religiosas populares.

Costumou-se chamar Religião Védica às crenças, práticas e doutrinas filosófico-religiosas contidas num grande conjunto de textos sagrados na antiga língua do povo indo-ariano, escritos entre 1800 e 800 a.C., conhecidos como *Vedas*, palavra que significa, literalmente, "saber" ou "conhecimento" (1). Estes textos, embora possuam uma unidade teológica sem conflitos quanto as bases fundamentais de suas crenças e concepções, nunca foram redigidos para se constituir um único livro. Recolhidos, compilados, redigidos e comentados lentamente, os *Vedas* aumentaram de volume através de gerações.

Na realidade, esta expressão religiosa só tardiamente transformou-se em textos escritos, pois pertencia à tradição oral. Os seus conteúdos falam de tradições religiosas, patrimônio comum de famílias sacerdotais, memorizadas e repetidas nas práticas religiosas e em escolas formadoras de futuros sacerdotes. Desta maneira, apesar de falarmos em *Vedas*, devemos compreender que existem vários livros diferentes. Alguns receberam o nome das famílias responsáveis pela sua organização.

Isto explica a existência de diversos elementos dispostos de maneira variada ao longo das escrituras. Contudo, a diversidade não alterou o sentido intrínseco nem as bases religiosas onde assenta-se uma das mais antigas e importantes formas de pensamento filosófico-religioso, que há milênios vem influenciando movimentos diferentes e, no século XIX e XX, penetrou no Ocidente, marcando diferentes tendências do pensamento contemporâneo (2).

Os *Vedas* pertencem à antiga tradição de hinos, encantamentos, crenças, doutrinas e ritos das famílias pastoris arianas que penetraram na Índia durante o segundo milênio a.C., sendo o monumento religioso e literário mais antigo das formações indo-europeias. A forma atual dos hinos védicos pertence ao período entre 1500 e 1000 a.C..

Os textos filosóficos, como os diferentes *Upanishads*, e os que encerram as meticolosas análises teológicas e doutrinárias como os *Brahmanas*, embora pertençam à mesma tradição dos *Vedas* sendo, aliás, o seu prolongamento sem solução de continuidade, desabrocharam após o primeiro milênio antes da era cristã. Os *Upanishads*, organizados por volta de 800 a.C., alcançaram o apogeu no século de *Budha* (500 a.C.). O desenvolvimento deste pensamento não parou e produziu uma série de sistematizadores, filósofos e criadores de novas interpretações, em diferentes períodos históricos, como, por exemplo *Shankara* (séc. IX d.C.) e o surgimento do *Vedanta* ("Fim do *Veda*"), o desenvolvimento mais reflexivo e filosófico do pensamento hindu.

Uma característica do Hinduísmo foi a proliferação de inúmeras seitas, organizadas em torno de um mestre ou *guru* para reformar ou reinterpretar o pensamento religioso anterior. O panteão hindu possui dezenas de divindades, deuses e deusas menores, misturando filosofia religiosa, cultos e rituais específicos com variadas interpretações dos textos védicos. Temos, entre outros, o movimento *Shivaísta* do século VII e suas variadas seitas, o *Shaktismo* descrito a partir do século VII, o *Vishnuísmo* ou *Vaishnavismo* e seus devotos do século XIII, entre outros (3). A divisão tradicional dos textos sagrados compreende quatro grandes seções. Cada uma leva o nome de *Veda*, correspondendo a edições específicas, em formas características. Temos assim quatro *Vedas* principais - *RigVeda*, *YajurVeda*, *SamaVeda* e *AtharvaVeda*. Estes grandes textos podem ser divididos de várias formas, sendo as divisões mais importantes tanto as que consideram seus aspectos teológicos, filosóficos, mágicos como literários. No primeiro caso podemos dividir os *Vedas* da seguinte forma: *Mantrams* ou hinos; *Brahmanas* ou explicações dos mantras e rituais. Ainda de acordo com esta classificação, os assuntos expostos nos *Vedas* podem também achar-se divididos em: *KarmaKanda*, onde estão tratados, de maneira mais específica, os rituais; *UpasanaKanda*, referentes aos cultos e meditações; *JnanaKanda*, estudos sobre o mais alto conhecimento e sabedoria espiritual (4). Se fizermos uma divisão por gêneros literários, sem excluir a divisão de um ponto de vista religioso, todo o domínio védico pode ser organizado em: *Samhita* ou coleções poéticas; *KalpaSutra* ou tratados rituais formados por curtos aforismas para recurso mnemotécnico; *Brahmanas* ou comentários em prosa dos tratados rituais dedicados à exegese da liturgia, onde estão apresentados todos os sistemas de correspondências entre o divino e o mitológico com a atividade litúrgica, e que se dividem em: *aranyaka*, comentários das cerimônias menores sobretudo de caráter mágico, esotérico, e os *Upanishads*, textos tanto em prosa como em verso dedicados às especulações teológicas e filosóficas mais profundas. Foram os *Upanishads* que obtiveram maior êxito no ocidente. No final do século XVIII, Anquetil-Duperron publicou em latim alguns dos *Upanishads*, que causaram grande interesse desde Schopenhauer (5). Estas coleções constituíram as fontes autorizadas de todo o Hinduísmo e compõem o corpo central de autoridade religiosa (6). Nestes textos, rezava a tradição, estavam as verdades eternas da religião ouvidas pelos *rishis* e relatadas para benefício de outros. Formavam, por assim dizer, o corpo doutrinário oficial das diferentes éticas,

rituais, formas de culto, sistemas de disciplinas e escolas de filosofias que compõem o repertório de uma imensa gama de expressões de fé características da polimorfia religiosa do Hinduísmo.

Existia também uma outra grande coleção de escrituras que, embora não menos importantes para a religião cotidiana da grande massa de fiéis, eram consideradas secundárias pelas autoridades religiosas tradicionais, com a finalidade de exemplificar e expandir os princípios contidos nos *Vedas*. Consistem em: *Itihasas* ou épicos, *Puranas* ou crônicas e lendas, *Smritis* ou códigos das leis, *Agamas* ou manuais de cultos e *Darsanas* ou escolas de pensamento e filosofia. Dentre estes textos, os dois épicos *Ramayana* e *Mahabharata* ganharam um destaque especial. Através das façanhas de grandes heróis e heroínas junto com as divindades, as leis e princípios dos *Vedas*, da religião e da espiritualidade, foram transmitidos de geração a geração. Cantados, contados, encenados, reproduzidos em curtas histórias, as representações imaginárias destes épicos delinearão estruturas de pensamento e de conduta religiosa durante séculos, alcançando, através dos sentimentos e das emoções, as camadas mais profundas da mente humana, realizando, de forma subjetiva, uma assimilação progressiva dos ideais religiosos, sociais e cotidianos.

Este legado de velhas histórias tradicionais, repletas de mitologia, emoção e imaginação criadora forneceram os conteúdos mais espontâneos e fortes da experiência religiosa e, simultaneamente, criaram um imenso depósito de experiências de vida e de identificação com o transcendente. Entender e ouvir epopéias, lendas e narrativas conciliava diferentes linguagens interiores à existência humana cotidiana, em tudo que ela é, repleta de contradições, grandezas e misérias.

Um dos textos mais importantes e mais divulgados deste imenso conjunto de histórias heróicas e de sabedoria é o *Bhagavad Gita* ou "O Canto do Senhor", no qual alta filosofia coloca-se junto com a ética e a religiosidade mais profunda. No *Bhagavad Gita* encontramos um guia da vida espiritual, encarnado no personagem central *Arjuna* e no diálogo que ele trava com *Krishna*, um enviado divino para auxiliá-lo no momento mais conflituoso de sua vida, exatamente antes da grande batalha final entre os dois grupos rivais. O príncipe *Arjuna* havia se afastado do reino e, ao retornar, descobriu que o seu trono fora usurpado pelos seus familiares, que tencionavam matá-lo. Reunindo o povo e os guerreiros fiéis, tinha todos os elementos para retomar o trono, porém, sentiu-se sem forças e tomado por dúvidas ao lembrar que teria de pegar em armas contra sua própria família. Neste momento de desalento surgiu o deus *Krishna*, suprema manifestação de *Vishnu*, e na figura do cocheiro do carro de guerra lhe transmitiu a sabedoria transcendental que possibilitou vencer. Este diálogo revelava as possibilidades do delicado equilíbrio entre a contemplação mística e a ação na vida material que podiam ser alcançados pela sabedoria, pela percepção do Absoluto e Imutável. O *Gita* é um tratado de introdução à filosofia de *KarmaYoga* e *BhaktiYoga*.

Na sequência de obras voltadas para a educação espiritual popular temos os *Puranas*, conjunto de crônicas, contos, lendas e genealogias de reis (algumas vezes com caráter histórico) que tratavam da verdade ideal com o objetivo de imprimir, na mentalidade dos homens através de exemplos concretos, os ensinamentos religiosos mais profundos da tradição védica, em especial o poder e bondade divinas, além da possibilidade de libertação (7).

Com a doutrina dos *Avatares* surgiu a ilustração mais forte deste tipo de mensagem. De acordo com os relatos encontrados, os *Avatares* eram encarnações do deus *Vishnu*, a Divindade Suprema no aspecto conservador e mantenedor da ordem universal. O objetivo da vinda dos *Avatares* visava salvar o mundo e os homens em momentos de perigos e dificuldades.

Outro tipo de escritura popular foram os *Agamas*, que lidavam diretamente com o culto de uma divindade específica, com uma determinada manifestação da Divindade Suprema, assim

como instruíam os crentes na sua disciplina de vida. Nestas escrituras estavam as principais correntes do Hinduísmo: O *Vaisnavismo*, que glorifica *Vishnu*; o *Shivaísmo* que tem como objeto de culto *Shiva* e uma importante escola filosófica conhecida como *Shiva Sidhanta*; o *Saktismo* glorificado a Mãe do Universo sob nomes diferentes, principalmente o de *Devi*. Formavam um conjunto poético de grande penetração popular.

Os *Smrtis* constituíam os códigos de lei. A sua origem e seus autores perderam-se na névoa do tempo, porém alguns nomes, reais ou mitológicos, faziam parte da tradição mais constante. Entre os prováveis legisladores, o mais conhecido eram *Manu*, *Yajnavalkya* e *Parasara*. Os códigos de lei ficaram conhecidos como *Dharma Satra*, codificando a ordem ética, moral e religiosa, regulando a vida cotidiana, as obrigações sociais e religiosas e a conduta das diferentes categorias da sociedade. As leis partiam da religião, dos códigos religiosos. A conduta humana devia acompanhar os princípios espirituais. Atualmente, estes códigos conservam valor meramente histórico, embora o seu aspecto transcendente permaneça.

Finalmente, temos os *Darsanas*, escolas de filosofia baseadas na tradição védica, cada uma delas desenvolvendo e interpretando várias partes dos *Vedas* usando lógica e conhecimento, ao invés de imaginação. As escolas mais importantes são: *Nyaya*, sistema apoiado nos ensinamentos de *Vaisesika* da tradição fundada por *Kanada*; *Samkhya* por *Kapila*; *Yoga de Patanjali*; *Mimansa de Jaimini* e o *Vedanta de Badarayana* como segmentos mais importantes dos sistemas de filosofia desdobrados dos *Upanishads*. Estas formas de especulação filosófica dentro do pensamento religioso contam com um grande número de outras estruturas, porém sem romper com a tradição religiosa mais profunda dos textos védicos (8). Cabe destacar que os *Upanishads* formam um grande corpo de tratados exotéricos, destinados a uma reflexão filosófico-religiosa exclusiva, com características iniciáticas, de base oral apoiada na transmissão de ensinamento de mestres a discípulos escolhidos e aceitos.

Da tradição védica saíram grandes e importantes movimentos religiosos, sobretudo o Jainismo e o Budismo. Bebendo da mesma fonte, estas religiões adaptaram antigas verdades a novas revelações e explicações.

O estudo das concepções sobre a morte e a vida após a morte na tradição védica foi feito a partir de alguns dos textos fundamentais do ponto de vista filosófico e religioso. As obras escolhidas foram os livros *Isha*, *Kena*, *Katha*, *Prashna*, *Mundaka*, *Mandukya*, *Taittiriya*, *Aitareya*, *Chandogya*, *Brihadaranyaka*, *Swetasvara*, *kaivalia* que compõem os *Upanishads* e também o *AmuGita* e o *Bhaghavad Gita*, além do apoio dos textos teóricos sobre o assunto (9).

O CRIADOR; O UNO; O IMANENTE; O TRANSCENDENTE

"Esta é a verdade: como um fogo incandescente milhares de centelhas saltam, assim também do Criador recebem vida uma infinidade de seres e para ele retornam.

Mas o espírito da luz, que não tem forma, que nunca nasceu, que está dentro de tudo e fora de tudo, paira radioso acima da mente, e para além do Criador da criação.

Dele vem toda a vida e toda a mente e os sentidos de todas as vidas. Dele vêm o espaço e a luz, o ar e o fogo, e a água e esta terra que nos contém a todos." (Mundaka Upanishads, 2, 1).

Começemos pelo princípio: Quem ou o que antecede a tudo? Qual o poder onipresente ordenador do Universo, do Mundo, da natureza dos homens, do Tempo e do Destino? Qual a base

universal e imutável de todas as coisas, inclusive da vida e da morte? Nestes questionamentos baseia-se a estrutura da tradição védica, da procura por uma unidade básica que explicasse a multiplicidade, a essência macro-microcós mica, a fonte una, imutável, eterna e fundamental de todo o Poder e do Sagrado Absoluto. Esta Presença Divina que tudo permeava, que tudo era, que tudo continha e estava contida em tudo, o Criador e gerador era *Brahman*.

Este poder sagrado, *Brahman*, uma potencialidade invisível e inexplicável, transformava-se e permeava tudo o que existia, todas as formas e processos. O mundo visível e tangível, o espaço dos fenômenos e das formas, apenas transformações acidentais e efemêras do *Brahman*, em contraste com o Poder Absoluto que ele representava.

A nível pessoal, individual, *Brahman* era vivenciado como *Atman*, o poder sagrado que permanecia supremo no interior de todas as estruturas, de todas as manifestações de ordem fenomênica, tanto nas experiências humanas da vida e na morte como nas esferas espirituais, transcendendo e estando além de tudo, nos marcos do divino, do sutil, inerente. Estava oculto no interior de todos os seres, coberto e abafado pelos sentidos. *Brahman* estava dentro de tudo e tudo estava dentro Dele. Como uma pequena chama, animava todas as criaturas, a fonte perene e imortal, a própria Vida:

"O Deus único está oculto no interior de todos os seres. Ele é o Eu interior (antar-atman) imanente, onipresente, de todos os seres; o supervisor de todas as atividades (tanto externas como internas, voluntárias como involuntárias); o habitante (adhivasa) de todos os seres. Ele é testemunha (sempre observando, alheio a tudo que passa), o guardião (cetr), completo e só (Kevala), além das qualidades, elementos e poderes.

O único governante imortal existente é o Eu que reside no interior de todas as criaturas transitórias (Atman); ele torna sua essência única em múltiplas formas. Os que desejam a Verdade e a Sabedoria devem completá-lo no seu próprio íntimo, para que tenham Paz Eterna". (Svestavatara Upanishads, 6.11).

Brahman, o eixo cósmico e fundamento ontológico do universo, material divino, seiva e força vital, construía e constituía todas as formas de vida: indestrutível, não dependia de nada. Existia, pura e simplesmente, sendo causa de tudo e não sendo consequência de nada. Manifestava-se criando, com todos os seus atributos, um ser espiritual, um Eu pessoal, *Atman*, o centro da força anônima do Divino Imanente, mantendo unido neste mundo e nos outros, o Todo e o Imperecível, os seres e a Fonte Primal:

"O Eu (atman) é o dono da carruagem; o corpo (Sarira) é a carruagem; a consciência e o discernimento intuitivo (budhhi) é o cocheiro; a função pensante (manas) são as rédeas; as forças sensoriais (indriya) são os cavalos; e os objetos ou esferas da percepção do sentido (visaya) são o campo de pastagem (...).

Encerrado no coração de todos os seres está o Atman, o Espírito, o Eu; menor que a menor das partículas, maior que o mais vasto dos espaços.

O que está presente em tudo e não pode ser visto.

O que se olha e não se vê, está e não se encontra."

(Katha Upanishad, 3,3-4, 2).

Este Poder sagrado, Força Primordial, condensado qual centelha no Eu (atman), o fio que mantinha unidos este mundo, o outro e todas as coisas, o alimento que circulava entre todos os seres e processos vitais, dando energia e respiração, decadência e velhice, concepção e nascimento, vida e morte no mundo das aparências. Ele mesmo imortal e eterno. A observação de todas as fases deste processo rítmico e inevitável, a constatação de uma infatigável Imortalidade, através de metamorfoses em um único movimento, no jogo da universal transformação em que nada tinha fim ou começo. Este movimento constituía a Eternidade. Alimentava-se da Substância Divina e dispunha-se como o centro, a força anônima do Absoluto sem face mas escondido atrás das diferentes máscaras da vida, tanto no belo como no absurdo, na ilusão da vida e da morte. A verdadeira compreensão desta Verdade essencial serviria de consolo aos seres humanos e a possibilidade de salvação, de libertação do destino comum mortal para o divino celestial, identificando-se não com as máscaras e as formas e sim com a Substância que tudo penetrava, alimentava e continuava eterna no imemorável ciclo de interrupções e renascimentos de todos os seres, um ciclo veloz e perpétuo em eterna transformação (ver p.42).

A TRINDADE DIVINA

Na mitologia védica, o Universo, a existência eram absolutamente cíclicos. De *Brahman*, o Absoluto, surgiam diferentes planos de manifestação que colocavam movimentos cíclicos em tudo, com seus limites e características. Em qualquer forma de existência aconteceria um ato de criação, de manutenção e, inapelavelmente, haveria destruição. Esta trindade cósmica ganhou representação em três deuses: 1) Brahma, o criador de tudo, a pura ação e sua contraparte feminina era *Saravasti*, a sabedoria, ordenadora dos rumos da criação; 2) *Vishnu*, o preservador, sustentava e permitia a existência das coisas durante certo tempo. Suas encarnações periódicas para auxiliar o mundo eram os *avatares*. A parte feminina era *Lakshmi*, a prosperidade e felicidade; 3) *Shiva*, o destruidor, libertava o *atman* da matéria. Sua companheira *Parvati*, simbolizava a vontade, sem a qual não havia destruição.

Esta trindade divina mostrava o caráter transitório e eterno das coisas, cuja verdadeira compreensão deveria conduzir à consciência suprema, à pura sabedoria que levava ao Absoluto transcendente e imanente, à Suprema Libertação, para além do bem e do mal, da vida e da morte, da alegria e do sofrimento.

A trindade divina como metáfora dos aspectos de criação e destruição, nascimentos, mortes e ressurreição, está presente em quase todas as religiões. Osíris, Isis e Set, da tradição mitológica egípcia, Yin, Yang e Yen da filosofia taoísta, o Pai, Filho e Espírito Santo do Cristianismo, são formas alegóricas de exprimir uma visão cíclica das coisas e do Universo. A Trindade partida representa os fenômenos visíveis no mundo das formas, sobre os quais para sempre, o Incruido, o Absoluto e o Imortal. São especulações simbólicas e místicas sobre o poder Imortal.

A ALMA E O CORPO

"Este vasto Universo é uma roda. Sobre ela estão todas as Criaturas e vagueia a alma humana sujeita ao nascimento, morte e renascimento. Ela gira e nunca pára. Ela é a roda de Brahman. Enquanto o Eu individual pensa que é separado de Brahman, ele gira ligado aos ciclos de morte e renascimento." (Swetaswara Upanishad, 1).

No centro de cada alma individual existia a centelha divina, *oatman* (alento vital), uma noção equivalente ao que chamamos de alma. Na tradição religiosa subsistiam as imagens representando *atman* do tamanho de um polegar situado na pupila ou no coração. De acordo com certas visões, quando o *atman* encontrava-se envolvido em limitações morais, mentais e físicas, *Uphadis* ou as limitações naturais da alma encarnada tornava-se *Jiva*, um indivíduo, uma reunião de corpos, tanto físicos como sutis e espirituais.

É interessante percebermos que, de acordo com a tradição religiosa e as crenças profundamente arraigadas, a separação entre o corpo e *oatman*, não acontecia normalmente, mesmo após a morte. Acreditava-se numa transição contínua entre a matéria e os planos psíquicos e espirituais, assim como entre o corpo físico, o sutil e o espiritual. Na verdade, no caso desta tradição religiosa, seria mais adequado falarmos em níveis ou dimensões que compunham os seres humanos (10).

O primeiro corpo, material e visível, formado de diversos elementos, possuía os órgãos físicos de percepção e ação, afastando-se da alma no momento da morte. Este afastamento e a conseqüente destruição da matéria não significavam a libertação da alma. Os corpos sutis continuavam envolvendo a alma, pois continham os órgãos de percepção e ação, as emoções, os sentimentos, a mente racional e a mente emocional, o intelecto e as respirações vitais. Todos os elementos psicológicos da vida humana ficavam neste corpo, e sua situação aproximava-se do estado do sonho. Todas as imagens delineadas e vividas, sem a dimensão espaço-temporal eram projeções da mente e da consciência.

Desta maneira, ao invés de encontrar a libertação e a reabsorção na essência Criadora, a alma vagava através do labirinto de mortes e renascimentos, sempre ligada a este corpo sutil, de acordo com suas ações, reações e pensamentos, imaginando, por desconhecimento, sua separação de outras almas e da Alma Primordial:

"Um homem age de acordo com os desejos aos quais se apaga. Após a morte, ele parte para outro mundo, levando em sua mente as sutis impressões de seus atos; e, após obter lá o fruto de seus atos, retorna de novo a este mundo de ação. Assim sendo, aquele que tem desejos continua sujeito aos renascimentos". (Brihadarnyaka Upanishad, 2,4).

Falava-se também, de um terceiro "corpo" ou nível mais sutil, o chamado corpo casual, origem e ponto de reabsorção da existência individual. Era o nível de existência fenomenal mais fino e tênue, para além das sensações, das emoções e pensamentos, uma consciência de ser que não tinha forma, nome ou conceito, assemelhando-se ao estado de sono profundo. Neste estado, desapareciam as tensões de qualquer natureza, cessavam as identificações com qualquer coisa, as atrações e repulsões. Um estado de consciência pura contendo as faculdades e anseios, podendo ser reativado a qualquer momento (11).

Estamos diante de uma concepção do universo como uma grande vibração, uma profusão de energias exprimindo-se numa variedade inimaginável. A matéria, a vida, a existência psíquica eram modulações, frequências vibratórias da mesma energia primordial e essencial, manifestações mais sutis ou condensadas. Porém, qualquer forma de existência dependia da temporalidade e da especialidade, física ou mental, estando sujeitas à mudança e à desaparecimento, à vida e a morte. Esta era a Lei Primordial e sua compreensão deveria levar o homem ao fim da dor e do sofrimento.

A TEORIA DO KARMA

A palavra *Karma* deriva da raiz sânscrita *Kr`ma* e significa "agir", "ação" ou "efeitos da ação". Tratava-se de uma lei eterna e imutável, invisível e absoluta que afetava a alma e os corpos sutis e materiais, obrigando ao renascimento numa forma humana ou animal determinada pela qualidade e natureza dos atos, pensamentos e intenções de todo o passado. O *Karma* não possuía o sentido de castigo ou punição, mas uma lei universal, tendendo a colocar em equilíbrio todas as ações, pensamentos, sentimentos, palavras, desejos, paixões, praticadas durante a vida. O outro lado da moeda, da constatação que "a toda ação corresponde uma reação igual e em sentido contrário".

O *Karma*, como uma lei universal, afetava toda a existência na forma, inclusive aos deuses, pois todo o universo refletia ação e tudo o que nele estava sofria o movimento eterno e a Lei fundamental. A teoria do *Karma* explicava as causas do destino e impunha uma Lei absoluta da qual ninguém podia fugir. Tanto a matéria como os planos mentais e emocionais sofriam as conseqüências das ações, num eterno ciclo de ações e reações. Tudo que agia sobre o universo, sobre o mundo, agia sobre os homens. As coisas, os seres e as situações apareciam e desapareciam na tela da nossa consciência. Cada ação, fosse ela positiva ou negativa, grandiosa ou sórdida, espelhava uma imagem da existência.

Diante da falta de compreensão desta lei, o quadro da existência humana se afigurava necessariamente decepcionante, cercado de tensões, avidez e sofrimento permanente. Somos o que pensamos, acreditamos, fazemos e sofremos. Somos as causas e resultados de nosso próprio destino tanto na vida, na morte, como após a morte. A doutrina do *Karma* trazia a responsabilidade para os indivíduos, retirando da Divindade o papel de juiz e verdugo das ações humanas. Nada acontecia fora do campo da ação humana, das possibilidades de, rompendo os véus da ignorância, superar os limites de suas ações e suas conseqüências, a reação inevitável tanto na existência atual como nas encarnações futuras.

A RODA DA VIDA, SANSARA

O termo *Samsara* (divagação, perambulação) aplicava-se ao ciclo de mortes e renascimentos em muitas formas e condições diferentes de existência, que afligia a todos os seres vivos. Constituiu o apoio necessário à doutrina do *Karma*. A comparação mais tradicional desta doutrina da transmigração indefinida dos seres forma a imagem de uma roda que gira sem cessar.

Nesta concepção, a alma após a morte e um período determinado de existência espiritual regressava à Terra com os resíduos de *Karma* que determinavam a condição de seu renascimento. A maioria dos homens morria com um sem número de desejos insatisfeitos, de temores não apaziguados, ambições não consumadas, necessidades físicas e afetivas irrealizadas, sonhos e, como pano de fundo, a obscura lembrança das ações praticadas e ocasiões perdidas. A própria condição da morte, se violenta ou calma, na juventude ou por velhice, determinava tanto a existência após a morte como o futuro retorno.

Disto tudo resultava um conjunto de impressões residuais poderosas e indeléveis, de aspirações latentes que se desejava realizar ou apaziguar através de um novo renascimento num contexto material, familiar, social e psicológico. Isto determinava uma nova reencarnação para a realização destas ações e desejos.

Esta concepção apareceu nos *Upanishads* mais antigos, ganhou corpo e transformou-se em doutrina principalmente nestas escrituras no *Bhagavad Gita* e *AnuGita*, acompanhado da noção de *Karma* (ação, reação, efeito, consequência):

"Conforme é o desejo de um homem, assim é o seu destino. Pois conforme é o seu desejo, assim é a sua vontade; conforme é a sua vontade é a sua ação; e conforme é a sua ação, assim é a sua consequência. Com as suas ações, um homem vai até o fim de sua determinação." (Brihadaranyaka Upanishad)

Cada encarnação compunha um elo da roda dos renascimentos e mortes, sinal de um *Atman* que ainda não alcançou a sua Libertação e Imortalidade na absorção a *Brahman*, por estar preso, envolvido em condição carnal, em vestes grosseiras da matéria densa e sutil. A existência encarnada na matéria era um aspecto provisório, acidental e frágil, sujeito tanto a deterioração e corrupção como aos caminhos do conhecimento e da libertação. O corpo físico morria, porém a verdadeira Vida do Espírito transcorria eterna, indestrutível. A reencarnação acabava sendo inevitável, presa às ilusões, aos desejos.

A ILUSÃO DA MORTE

A morte desmontava o complexo que unia corpo físico e sutil, a forma envolvendo a Essência Criadora, a sua ligação com o mundo físico dos fenômenos. Mas não significava um fim absoluto: apenas a separação do corpo físico e material da sua parte sutil e imperceptível, do *atman*, sem descanso ou libertação. No momento da morte, a alma, reabsorvendo as faculdades dispersas durante a vida entre os diferentes níveis, abandonava o corpo acompanhada pelo corpo sutil, mantido como suporte das disposições *Kármicas*, escapando-se por uma das nove aberturas do corpo físico. Consequência de um processo de decadência material, a morte aparecia como um simples desagregar dos elementos formadores do corpo denso:

"Quando as ações geradoras de longa vida e fama, que um homem realiza, estão esgotadas, depois que ele toma outro corpo, ele realiza ações de um caráter oposto, sendo vencido pelo esgotar-se da vida. E sendo sua ruína eminente, seu entendimento extravia. Não conhecendo sua constituição e força nem o momento apropriado, o homem que não tem auto controle, faz em tempos erradas coisas que são prejudiciais. Quando dedica seu tempo a ações cansativas, come demasiado ou não come nada, quando ingere maus alimentos como carne, bebidas, classes de alimentos incompatíveis uns com outros ou comidas pesadas em quantidades imoderadas, sem fazer digestão antes de comer novamente: faz exercícios demasiados ou é sedentário, reprime o curso regular das excreções, ingere alimentos oleosos, dorme de dia, toma alimentos não conscientemente preparados; tal homem agrava as desordens do corpo quando chega seu tempo, contrai uma enfermidade que termina com a morte de seu corpo ou entrega-se a atos irracionais como suicidar-se. Por estas causas, o corpo vivente desta criatura perece. (...). Sendo o calor avivado no corpo e conduzido por um forte vento, ele penetra toda a estrutura e modera os movimentos do alento vital. O calor excessivamente poderoso, se é avivado dentro do corpo, rompe as partes vitais - os chamados assentos da alma. Então a alma, cheia de tormentos, afasta-se do corpo que perece. Sabe, (...) que cada criatura deixa seu corpo quando as partes vitais são forçadas, sendo seu Eu vencido pelos tormentos. Todos os seres são constantemente perturbados por morte e nascimento. (...) à medida que a associação

compacta dos quatro elementos é desfeita, o vento do corpo, distribuído nos cinco elementos, entre os alentos vitais distribuídos por cima e por baixo, sendo agravado pelo frio e impelido por um vento violento, sobe abandonando ao corpo encarnado, o que resulta em dor. Assim deixa o corpo, que parece desprovido de alento. Então, desprovido de calor, desprovido de alento, desprovido de beleza e com a consciência destruída, o homem, sendo abandonado por Brahman, se diz que está morto". (AnuGita, II, 1-15).

A morte física não era a morte da vida, pois *Brahman* e o *atman*, os aspectos imperecíveis, eternos e imutáveis, não morriam e nem podiam ser mortos.

Ao contrário da concepção ocidental cristã, na qual o conceito de alma estava ligado à noção de personalidade eterna, indestrutível e indissolúvel, uma idéia básica para a crença na ressurreição dos corpos, no comparecimento purificado perante o Todo-Poderoso, numa vida após a morte compreendida como uma continuação da essência da personalidade, o conceito de alma e de vida na tradição védica caminhou por outros rumos. A identidade *atman-Brahman* percebida como a luz interior dos seres ajudou a entender a existência humana para além da vida e da morte. O homem, cativo do *Karma*, possuía um Eu imortal:

"Quem pensa que mata e quem pensa que é morto, os dois se enganam; nem este mata nem aquele é morto.

Ele (o atman encarnado) não nasce nem morre em momento algum; vindo a ser, não cessa de ser jamais. O Não-nascido, eterno, permanente, não morre quando o corpo morre.

Quem sabe que este Incriado imutável é eterno e indestrutível? Como esse homem pode matar ou ser morto?

Assim como um homem, depois de tirar a roupa usada, toma outras novas, da mesma maneira o atman depois de sair dos corpos usados, procura outros novos. (...).

Pois a morte é certa para aquele que nasce e o nascimento é certo para o que está morto. Não se aflija com o inevitável." (Bhagavad Gita, II, 19- 22,27).

A morte libertava o corpo sutil e o *atman* mas não os libertava do ciclo de renascimentos. A morte apenas dava início a uma outra vida. O habitante do corpo perecível, a Essência Vital, uma partícula do único e Supremo Ser Divino que habitando a criatura, buscava a Essência Criadora:

"Todos os órgãos, ao se separarem do corpo físico, se unem no corpo sutil. Então, o ponto do seu coração onde os nervos se unem torna-se iluminado pela luz da alma, e ela parte por essa luz através do olho da porta do crânio, ou através de outra abertura do corpo. Quando a alma parte desse modo, a vida também parte; e quando a vida parte todas as funções vitais partem também. As ações desta vida e as impressões acompanham a alma." (Brihadaranyaka Upanishads).

Estamos diante de uma das questões mais importantes desta tradição religiosa: a doutrina dos corpos sutis ou dos "cinco envoltórios". De acordo com esta visão, cada criatura possuía diversos envoltórios compostos de matéria energética, progressivamente, mais fina e tênue. Estes veículos sutis asseguravam a continuidade pessoal após a morte e prendiam o ser em certas dimensões espirituais. Em contrapartida, impediam a libertação definitiva do *samsara*. Estes corpos sutis podiam ser interpretados como campos de força dinâmicos onde localizavam-se o alento vital, a mente e a consciência, fatores determinantes da existência após a morte.

A individualidade humana constituía um nó, um ponto onde estavam ligados os elementos da matéria universal, da consciência e essência universal, contendo um fragmento da alma universal dentro de si. Com a morte, este nó se desfazia, parcialmente. Uma parte retornava ao fundo comum da natureza, reutilizado por outros seres, depois que o corpo passava por algum tipo de rito funerário, como por exemplo, no caso do corpo que se decompunha na terra, ser cremado, jogado nas águas ou exposto aos pássaros. Cada uma destas formas significava a devolução da matéria à natureza, fechando um ciclo com os elementos.

Na maioria das vezes este nó ia desmanchando aos poucos, conservando muitos elos, impedindo a dissolução total. Nestes casos, ocorria uma sobrevida, penosa, fantasmática. A sobrevida espiritual temporária acontecia comumente para os seres vivos e explicava a necessidade dos ritos e túmulos funerários.

O corpo material constituía a parte menos importante. A vida, os sentimentos, a mente, o pensamento, as emoções, não estavam na matéria. A essência da existência localizava-se fora do corpo, este sim deteriorável, sujeito à dor e à corrupção. Morrer significava, simplesmente, trocar de roupa. Na cremação acreditava-se eliminar de forma rápida todos os corpos mais densos, inclusive de natureza espiritual, onde estavam localizados os sentimentos mais densos como ódio, ou paixões sensuais.

VIDA E MORTE: AS FACES DA GRANDE ILUSÃO

"Tudo o que existe aqui, existe lá; o que existe lá, existe aqui. Aquele que estranha o aqui, encontra morte após morte.

Isso só pode ser compreendido através da mente, e então não haverá mais estranheza aqui. Aquele que estranha o aqui, vai de morte em morte." (Katha Upanishad, IV, 10-11)

Estamos agora diante de uma das questões mais importantes desta estrutura de pensamento religioso. Nela morte e vida não estavam separadas: referiam-se, única e simplesmente, ao estado de ignorância (*avydhia*) do Real, da Essência Divina. Tudo o mais, seja na vida ou na morte, pertencia ao mundo dos fenômenos, do transitório e perecível. Eis o mundo da Ilusão (*Maya*), dos sentidos, dos desejos, dos apegos e paixões, da mente obscurecida.

O termo *Maya* (cuja raiz semântica significa "medir", "formar", "construir") traduzia na tradição védica mais antiga anterior aos *Upanishads* e o *Gita* o poder de um deus com capacidade para produzir efeitos ilusórios, mudar a forma das coisas e tomar diferentes aparências. Nesta característica divina e mágica, *Maya* aparecia durante a batalha final contra *Ravana* no épico *Ramayana*, como o construtor dos sonhos, o forjador dos desejos e das imagens boas e ruins, o produtor das fantasias tanto da vida como da morte.

A lenta evolução que acompanhou a tradição religiosa védica fundada na reflexão filosófica, levou o termo *Maya* para o âmbito da ilusão sobreposta à Realidade, um efeito da ignorância e do obscurecimento da mente, perturbada pelos sentidos, apegos e desejos (13).

A Ilusão, *Maya*, transformou-se em potência criadora do Mundo, o "feitiço" cósmico manifestando sua força através das mutações do universo, do ciclo eterno da roda da vida e da morte. Com o tempo, *Maya* como a divindade que gerava o mundo e todas as coisas significou a própria ilusão, a energia que encobria o real no irreal, transformando seus sonhos e fantasias em realidade. *Maya* dava a cada um a imagem do próprio desejo. Uma cortina formadora das diferentes camadas

das aparências tangíveis e visíveis, alojada nas emoções e na mente, formando uma rede de liames, impedindo o homem de enxergar *Brahman* além do mundo ilusório das formas e alcançar a Verdadeira Compreensão. Desta maneira, para o homem preso nas redes da ilusão, tanto a vida como a morte eram aparências, experiências no campo dos fenômenos:

"O apego aos objetos do desejo é estabelecido como sendo a grande Ilusão. Por ela, os sábios, os santos e os deuses chegam a ser enganados pelo desejo de prazer. A ignorância, a Grande Ilusão, a grande obscuridade chamada ira; e a morte, obscuridade que cega." (Anugita, XXI, 27).

Na mente humana, ligada pelos desejos e apegos às ilusões sensoriais, as formas prendiam-se a categorias de imaginação, essencialmente visuais, a imagens mentais. Assim sendo, depois da morte como a mente não morria, mas continuava em um dos corpos sutis, as imagens, de si e do mundo, sentimentos, emoções e desejos continuavam sendo produzidas, de acordo com os estados mentais do morto. Estas imagens mentais projetavam os conteúdos acumulados nos corpos sutis, pelos sentidos: os medos, os seres sobrenaturais, os céus ou infernos, os tormentos, todos os acontecimentos pós-morte eram produzidos por *Maya*, a grande ilusão, consequência da Ignorância.

Desta maneira, as experiências após a morte, situavam-se nos limites dos órgãos sutis de sentido subsistentes na parte imaterial do corpo espiritual, refletindo a ignorância da mente presa nas correntes de *Maya*.

O mundo dos mortos, o reino dos espíritos dos mortos, ficava situado no plano dos apegos e da realização dos desejos, de todas as mentes ainda presas aos objetos dos sentidos, esquecidas do Eu, do *atman* verdadeiro e imortal. Continuavam, assim, presas à roda universal do ciclo do tempo, condenadas a renascerem e morrerem, em melhores ou piores circunstâncias, de acordo com o *Karma*, com o caráter de seus pensamentos, apegos e desejos.

Vagando através de diferentes formas de existência, terrenas, espirituais ou divinas, a mente humana não conseguia dar o salto, o verdadeiro mergulho final, rompendo as amarras da roda causal, alcançando *Brahman* eterno. Permanecia submetida aos domínios de *Kama*, o jovem deus do Amor, sem corpo e habilidoso em produzir prazeres e fruções. Sua imagem projetava desejos a todos os aspectos de satisfação dos sentidos.

Como produtos mentais, as formas das existências após a morte ganharam contextos variados, de acordo com o grau de conhecimento e de religiosidade dos indivíduos. No *Bhagavad Gita* esta produção dos estados mentais após a morte aparece mais detalhada. Cada um ia (ou produzia) uma determinada situação:

"Os devotos dos deuses vão aos deuses, aos pitri (santos, seres envolvidos, pais, ancestrais) vão os devotos dos pitri, os que sacrificam aos espíritos dos mortos vão aos espíritos dos mortos, porém os que sacrificam a Brahman, vêm a Brahman". (Bhagavad Gita, IX, 25).

O mundo do Além mental ganhou contornos e imagens. As dimensões espirituais, *Iokas* (reinos, regiões) formavam dimensões para onde os mortos iam e de onde vinham para reencarnar, de acordo com seus estágios mentais. Este Outro Mundo projetava-se como reinos, esferas, dimensões ou faixas vibratórias, os diferentes domínios de *Kama-loka* no mundo dos mortos.

Num nível mais baixo, num plano terrestre, ficavam os infernos ou purgatórios, as fantasmagóricas regiões dos espectros, os *pretas* ou espíritos dos mortos antes dos funerais, do sepultamento adequado e de uma série de práticas destinadas a oferecer ao morto amparo, condução

e elevação, num trabalho místico para romper os liames com o corpo físico, livrando o morto dos apegos, emoções e sentimentos próprios do homem encarnado. Estes cultos destinados aos mortos visavam abrandar os sofrimentos espirituais, evitar o renascimento entre os animais.

Uma vez libertado desta condição, o morto transformava-se em *Pitri*, espíritos ancestrais desligados da matéria, mas presos aos fenômenos ilusórios e transitórios. Aqueles que não conseguiam passar pelos ritos nem ser apaziguados tornavam-se *Bhutas*, espíritos maléficos, normalmente de pessoas que morreram assassinadas ou de forma violenta, vagando em busca de vingança e causando desgraças. Nesta mesma dimensão encontravam-se os demônios e monstros gigantes devoradores de homens e animais, os *Rakshasas*; as potências sagradas inimigas dos deuses na luta pela posse do Cosmos, os *Asura*; ficavam também os duendes *Kumbhanda*, os deuses serpentiformes *Nagas* e as divindades domésticas *Yakshasas*.

Num plano acima, estava o reino dos deuses atmosféricos alados, *garudas* e o paraíso dos músicos celestiais, os *gandharva*. Esta dimensão ainda estava sob o domínio da ilusão transitória e sob o desfrute de prazeres dos sentidos. Progressivamente, sucediam-se as esferas divinas, sobrepostas umas às outras, cada vez mais rarefeitas e menos sujeitas aos aspectos transitórios. Depois de todos os planos divinos, estava *Brahman-Ioka*, o reino do Incriado e da felicidade espiritual, na conjunção da eternidade com o tempo, mas, mesmo assim uma situação ainda determinada pelo poder de *Kama* (14).

Qualquer estado da mente relacionado com a ilusão, durante a vida ou na continuação da morte levava a uma prisão funesta, mesmo no mundo dos deuses:

"Eu declarei quais são as matrizes destinadas a acolher os homens pecaminosos (ignorantes). Eles vão aos infernos, isto é, vão nascer (no mundo dos mortos) no inferno mais baixo, ou chegam a ser seres imóveis, animais, bestas de carga, demônios ou serpentes, lagartos, insetos, pássaros e também criaturas nascidas de ovos, e toda classe de quadrúpedes, idiotas, surdos e mudos, todos os que são atacadas por enfermidades geradas pelo pecado. Estes homens sinistros e de comportamento maligno, que estão perdidos na obscuridade, que levam as marcas de suas ações, o curso dos pensamentos descendentes, jazem na obscuridade. Eu prosseguirei declarando seu progresso e ascensão, como, chegando a ser homens de ações meritórias eles alcançam o mundo daqueles que realizam atos bons. Recorrendo a um tipo de vista oposto e envelhecendo em boas ações, eles se esforçam, e por meio de cerimônias realizadas em sua intenção pelos Bramanes benevolentes consagrados aos seus deveres, eles sobem até chegar ao céu dos deuses, ao mesmo mundo celestial dos Brahmanes." (Anugita XXI, 19-23).

Existiam ainda muitas descrições da viagem dos mortos aos céus. Eram comuns as metáforas como pontes que ligavam a terra às esferas celestiais, os cães que guardavam a ponte, o interrogatório da alma. A existência de um mundo subterrâneo, o reino de *Yama*, Deus da morte, impunha-se enquanto tradição, assim como a da pequena alma do tamanho de um polegar, laçada por *Yama* e levada aos seus domínios. *Yama*, deus dos mortos, filho de *Vivasvanti*, um deus solar antigo, foi o primeiro ser vivo que morreu e descobriu o caminho do mundo dos mortos, onde reinava. Transformou-se em Senhor do *Dharma*, das condutas humanas e ensinava seus mensageiros a buscar os mortos e atravessar o rio *Vaitarani*. Frequentemente, associava-se a *Kala*, o Tempo.

A tradição védica sempre contemplou o lado onírico, imaginário e fantástico dos indivíduos. Ao lado de textos mais filosóficos sobreviveu a mitologia, a magia dos contos, fábulas, épicos, deuses e deusas, cultos domésticos e populares. Muitas cores, aromas, imagens,

simbolizavam uma relação criativa e dramática com o mundo das formas, que a sabedoria dos *Upanishads* veio contrapor.

O *Ramayana* e o *Mahabharata* são monumentos gloriosos desta imaginação sacralizada. O deus da Morte, *Yama*, extremamente parecido aos outros deuses da religião indo-européia, sobretudo Hermes grego, nunca representou uma contradição com um sistema mais filosófico. Muito pelo contrário, complementava os ensinamentos mais reflexivos, demonstrando através da fantasia, a dimensão cósmica de *Maya*, associado com *Kala*, o tempo que tudo levava e consumia, até mesmo os deuses e reinos celestiais, com um simbolismo de poderosa força religiosa, ensinando a impermanência do mundo, dos homens, das ações e de todas as coisas criadas.

Encontramos em *Upanishads*, a tradição dos mundos escuros e sem claridade das alamas:

"Há mundos assombrados pelos demônios, regiões de trevas. Todo aquele que durante a vida nega Brahman e o desconhece o atman cai na escuridão da morte.

(...)

Estão destinados à escuridão aqueles que se dedicam somente ao mundo e às ações. Numa escuridão ainda mais profunda caem aqueles que se conduzem pelo saber."
(*Isha Upanishads*, 1,3)

A preocupação em escapar deste espaço escuro e amedrontador orientou os últimos versos do *Isha Upanishad*, utilizados como orações pronunciadas no momento da morte e nos rituais fúnebres. Neste momento, a mente era aconselhada a lembrar-se das suas ações pois elas acompanhariam a alma e definiriam a região para onde o morto iria assim como a sua próxima reencarnação. Invocava-se também o Sol, como símbolo do fogo purificador num corpo submetido à cremação, e também o próprio *Brahman*:

"Oh Sol doador de vida, fonte eterna de vida para todos os seres, profeta solitário dos céus! Concentre sua luz e reune seus raios para que eu possa ver o Espírito que está em ti e em mim.

Que a vida possa tornar-se Vida Imortal e que o corpo vá para as cinzas. Oh alma minha (minha mente), recorde os esforços passados, as ações passadas!

Oh, fogo divino, conduze-nos à felicidade final, tu, deus que conhece todos os caminhos e nossas ações. Livra-nos do pecado e dos apegos. Preces e adorações a ti."

Alguns textos do *Satapha Brahamana* descrevem suplícios da alma, descrições de 21 infernos, dantescos e permeados de sofrimentos e horrores: caldeirões, esmagamentos, sede e fome, animais ferozes e monstros pavorosos antecederiam à transmigração da alma em corpos animais ou condições humanas degradantes. Também os paraísos celestes mais elaborados, ofereciam uma contrapartida de esperança e fé a todos os que não alcançavam a Suprema Libertação, nos céus das grandes divindades, *Indra*, *Shiva*, *Vishnu*, *Krishna* e *Brahman* repletos de maravilhas, confortos e desfrutes. Configurava-se também a idéia de uma nova morte que podia ser reinterpretada à luz da doutrina do *Karma*, refletindo uma nova encarnação física. Nascer era morrer para o mundo dos mortos; morrer simplesmente renascer no espiritual (15).

Segundo a tradição védica, só existiam três possibilidades após a morte: a reencarnação numa nova existência material; a permanência temporária em uma das esferas divinas e celestiais; a identificação total de *Atman com Brahman*. As duas primeiras alternativas, provisórias por que

continuavam ligadas ao plano sensório. Somente a última opção conduzia à libertação do *Samsara* e a imortalidade, identificada com *Brahman*.

O RENASCIMENTO

As sucessivas reencarnações aconteciam devido a um processo cósmico. A roda de vidas e mortes existia para que a natureza pudesse desenvolver-se através de repetições das experiências. Morrendo, o homem jogava fora velhas roupas e, em seguida, vestia novas. O caminho percorrido nos ciclos da reencarnação conduzia das trevas à luz, da morte à imortalidade.

Quando acontecia a morte física, o corpo material se dissolvia, mas os corpos sutis, a mente, a consciência, continuavam ligados. Aos poucos, em intervalos de tempo que dependiam do *Karma*, alguns destes corpos sofriam "mortes" sucessivas. Mas a centelha divina, *Jivatman*, em torno da qual constituíam-se os corpos sutis e físicos, *Uphadis*, ia, aos poucos, se libertando, levando consigo as experiências acumuladas. Como pedra arremessada, dependendo da energia de impulsão, o *Jivatman*, subia ao plano mais sutil que sua concentração de energia permitisse, até que a força da gravidade o atraísse novamente, ao mundo da matéria, das ações e desejos, num novo renascimento.

O corpo físico, morada do *Jivatman*, compunha-se de ar, água, fogo e éter. Nesta morada estavam os sentidos, através dos quais o corpo entrava em contato com o mundo exterior e transferia o resultado em imagens mentais, acumulando experiências. Depois de inúmeras mortes e renascimentos, cansado de peregrinar, chegava à compreensão da ilusão das vidas e mortes, dos ciclos e renascimentos. Aqui começava o caminho da libertação, de dissolução do *Atamn* individual no Todo, no Absoluto, do qual o indivíduo nunca esteve separado, a não ser pela ignorância, *avidhia*.

Até a suprema Compreensão, o *Jivatman*, permanecia unido aos diferentes corpos densos, por meio do *Karma*, até ser purgado, gasto, extinto, e brilhar livre, por sobre as nuvens que o cercavam.

O CAMINHO DA IMORTALIDADE

A tradição védica procurava ensinar o caminho da grande libertação e da Imortalidade, interrompendo o ciclo de reencarnação, a prisão da mente a Ilusão e ao mundo fenomênico, a libertação do *Karma* e como escapar dos ciclos de morte e renascimento, do sofrimento e da dor, alcançando a identificação e absorção total com *Brahman*.

Os caminhos para alcançar este supremo bem eram muitos. Existiam os caminhos dos atos, dos rituais, das observâncias, das peregrinações, das preces, porém considerados como formas inferiores. Num plano mais elevado encontravam-se as práticas ascéticas e, sobretudo, o conhecimento, a grande herança dos *Upanishads*. Neste caminho alcançava-se a identificação espiritual entre a alma individual e o Absoluto através de numerosos e variados métodos, que durante muito tempo estiveram dispersos, sendo progressivamente codificados sob o nome da *Yoga*. O *Yoga Sutra* de *Patânjali* foi a primeira e mais importante codificação.

Durante séculos o termo *yoga*, um vocábulo que significava "união", ganhou diferentes acepções, embora, no princípio, estivesse ligado a uma série de técnicas rigorosas, herdadas de determinadas concepções fisiológicas e pneumáticas existentes nos próprios *Vedas*. Modernamente, o termo liga-se a qualquer via de acesso à vida mística. Essencialmente, consistia numa técnica consciente para domar a totalidade dos planos existenciais, tanto das energias inferiores como das faculdades psíquicas, abolindo a dualidade sujeito-objeto, realizando a fusão final com o Absoluto

(16). Uma técnica consciente visando domar o inconsciente, as funções vegetativas, o domínio da vontade.

A via de acesso à condição da suprema Libertação se fazia através do controle da mente, pois a prisão ao mundo ilusório e sensório decorria dos estados mentais. Desta maneira, controlando os estados mentais, o homem alcançava o Absoluto, identificava-se, absorvido pelo Eterno. Quando a essência íntima aflorava, as máscaras da ilusão caíam, surgia a identificação do conhecedor com o conhecido, da diversidade com o Uno, a grande união mística, a plenitude do conhecimento, da Verdade sem dualidade:

"Quem carece do verdadeiro conhecimento e quem não tem domado e controlado a sua mente de modo adequado e constante, as forças sensoriais se tornam incontrolláveis, como cavalos bravios que não obedecem ao comando do cocheiro. Mas para aquele que desenvolveu a percepção intuitiva (vijñanavant.), domou e controlou a mente, as forças estão subjugadas como cavalos mansos sob as rédeas de um cocheiro experiente.

Quem carece de conhecimento intuitivo é descontrolado, impuro e imprudente, não alcança o Transcendente, cai no torvelinho de mortes e renascimentos (samsara). Mas quem desenvolveu a consciência intuitiva, é prudente e puro, alcança a existência transcendental, de onde não se renasce. O homem que tenha por cocheiro a consciência intuitiva e rédeas na sua mente chega ao Fim da Viagem, "a Meta Suprema e Libertadora". (katha Upanishads, 3, 3-4, 5- 9).

Alcançava-se o caminho da Imortalidade pela plenitude do conhecimento, *Vijñana*, através da meditação e controle dos estados mentais. Como podia o homem mortal, preso à matéria e submetido ao domínio dos sentidos, recuperar a essência primeira e divina? Como podia alcançar o que não conhecia, alcançar a sabedoria rompendo os véus da ilusão, da Ignorância e o Egoísmo? Como podia o homem alcançar a Suprema Revelação, os Mistérios da Criação? De onde vinham os homens, os sentimentos, o conhecimento, o Universo? Esta indagação existencial, profunda e angustiante, estava em *Arjuna*, o jovem príncipe guerreiro da grande batalha do *Bhagavad Gita*. Quem o esclareceu foi a própria Essência Divina manifestada na figura de *Krishna*:

"Ouve agora a minha suprema revelação. Por que quero teu bem, a proclamarei. Nem as hostes dos deuses nem os grandes videntes conhecem a minha origem. Sou mais antigo do que todos eles. Quem me conhece como o Não-nascido, o Sem-princípio, o Grande Senhor do universo, esse, entre os mortais, livre de ilusão está liberto de todos os pecados. Somente de Mim procedem os múltiplos estados mentais dos seres criados: faculdade de julgar, conhecimento, pureza de espírito, paciência, percepção verdadeira, disciplina, serenidade, prazer e dor, bem-estar e desgraça, temor e confiança, compaixão, eqüanimidade, contentamento, autocontrole, benevolência, glória e infâmia. Do mesmo modo, os sete grandes rishis antigos e os quatros Manu tiveram origem em Mim, emanados do Meu espírito. Quem verdadeiramente conhece esta manifestação de meu poder e de Minha força criadora armado de constância inabalável. Sou a origem de tudo, tudo emana de mim." (Bhagavad Gita, 10, 1-8).

A Suprema Realização não podia ser realizada pelo homem que não dominou a sua mente, debatendo-se entre desejos, paixões e anseios. O caminho da libertação também não seria alcançado pelo intelecto, nem mesmo pelo conhecimento ou estudo dos ensinamentos sagrados. Sem dominar os sentidos, não havia possibilidade de libertação. Através do auto-controle, do domínio da mente pela prática da meditação, limpando a mente de todas as impurezas, desejos e apegos,

dedicando-se a uma vida voltada para o espírito e renunciando ao mundo das ilusões, podia o homem, ao morrer, perdendo o seu corpo material, receber a energia vital reabsorvida pela força cósmica. Os sentidos seriam dissolvidos e o seu *Karma*, junto com sua alma individual, retornariam a *Brahman*; este homem alcançava a Suprema Libertação, não estando mais preso ao Mundo da ilusão nem ao ciclo de mortes e renascimentos. Dizia-se, então, que alcançara a Imortalidade, pois agora reintegrara-se no Incriado, Imutável e Eterno.

Os clássicos da sabedoria védica falavam das dificuldades deste caminho. Somente alguns podiam trilhá-lo. Nada tinha a ver com rituais, práticas religiosas, orações, fé, estudo. Mas tratava-se do caminho inverso: esvaziar a mente para receber a Verdadeira Compreensão; esvaziar os sentidos para alcançar a Percepção; esvaziar o coração para chegar ao único e maior Amor; esvaziar o raciocínio inteligente para alcançar o Conhecimento Maior. Esta era a *Yoga chita vritti niroda*, a cessação total da mente, a parada dos redemoinhos mentais: meditação, concentração; abstração ou esvaziamento da mente; *Samadhi*. Chegar a este ponto provocava um estado de êxtase e embriaguez, de felicidade absoluta, tranquilidade e Paz. Nada mais afetaria quem chegasse a este ponto: nem alegria ou tristeza, nem morte ou vida, nem sofrimento, dor ou exaltação dos sentidos.

Na *Mandukya Upanishads* os seus doze versos contém a essência dos ensinamentos sobre a Libertação, sobre as etapas mentais necessárias à dissolução total do *Atman* no Uno, para a cessação da existência no mundo fenomênico e da dualidade, da ignorância como desconhecimento do real e eterno, da libertação do mundo material:

Concentrar a mente, unir o corpo denso, o envoltório do alento vital e os envoltórios dos sentidos e da mente, significava adquirir firmeza e conhecimento, alcançar o Superconsciente: este era o caminho da Imortalidade, que todos almejavam, alguns trilhavam e poucos alcançavam.

Neste percurso, contudo, antes de se chegar a tal grau de aprimoramento espiritual, a vida e a morte podiam ser experiências importantes para, mais cedo ou mais tarde, numa outra encarnação futura, realizar a Suprema Consciência, a grande unificação. A tradição védica considerava a reencarnação uma falha, porém uma realidade, assim como a morte, igualmente importantes. Embora incentivassem a busca da Suprema Extinção, consolavam aos caminhantes, prometendo-lhes uma existência após a morte em condições benéficas e uma reencarnação mais favorável, para uma nova tentativa.

A reintrodução da crença na reencarnação nas sociedades ocidentais através do Espiritismo não ganhou a profundidade filosófico-religiosa desta tradição oriental. A reencarnação foi vista e ensinada dentro de uma doutrina evolucionista e de justiça divina. Reencarnar era a possibilidade de aprimoramento espiritual, no sentido de bondade, caridade e desapego nitidamente cristão, sem alcançar o refinamento da Suprema Extinção, das noções dos diferentes corpos espirituais, de um ser supremo absoluto e incriado, Fonte original onde se esvaem todos os que chegaram ao *Samadhi*. Na tradição espírita ocidental, a meditação, a yoga, o domínio da mente foram relegados e substituídos por uma prática de caridade franciscana, do desenvolvimento da mediunidade, na afirmação e realização dos contatos entre mortos e vivos. Nada lembra a necessidade de extinção do ego, dos apegos, paixões e pensamentos dos *Vedas*. Uma reapropriação e readaptação de antigos conceitos tanto em função da tradição judaico-cristã como do pensamento ocidental contemporâneo, avesso aos aspectos "exóticos" do orientalismo e suficientemente progressista para aventurar-se num abandono total e na Suprema Extinção dos seus apegos e desejos.

O CAMINHO DO BUDISMO

Por volta do século VI a.C., quando os *Upanishads* e o pensamento védico tradicional alcançavam o apogeu de sua divulgação, surgiu um movimento religioso que, embora inicialmente fosse considerado herético pelo *Bramanes* ortodoxos, acabou por tornar-se uma das religiões mais importantes até os dias de hoje. No período do século VI a.C., de grande efervecência do pensamento filosófico-religioso em diferentes partes do mundo, a Índia tornou-se um importante centro de discussões religiosas e filosóficas (17). A doutrina budista é filha da tradição védica mais metafísica e depurada dos aspectos místicos.

Segundo a tradição, a história começou com a vida do Príncipe *Gautama Sakyamuni* (aproximadamente 560-480 a.C.). Destinado a ser o futuro governante, foi criado afastado do mundo, dos problemas e desgraças que cercavam a vida dos homens comuns. Um dia, ao sair do palácio, encontrou, respectivamente, um velho, um doente e um morto. Pertubado com a decomposição e o sofrimento humanos, abandonou a vida nobre e a família, passando a viver entre ascetas e mestres, estudando a religião védica e praticando as técnicas de meditação tradicionais dos *Upanishads*.

Após muitos anos seguindo várias escolas e mestres, tornou-se *Budha*, o "Acordado", o "Despertado", o "Iluminado", "O que conseguiu a Verdade". Trilhando, primeiro, o caminho das dolorosas mortificações como asceta e, depois, a via da meditação profunda, obteve a revelação das causas que levam ao sofrimento e como superar os ciclos dolorosos e sucessivos de vida e morte.

Passou a ser um mestre e guia espiritual de seu tempo, pregando aos homens o caminho da libertação da dor, do sofrimento e da morte, pela completa extinção dos apegos e desejos, do domínio da mente e dos anseios, sem nunca se arvorar em profeta, enviado divino ou portador de uma verdade única ou absoluta. Sua figura de "Salvador" não se confunde com a da tradição judaico-cristã. Estava próxima a do asceta e guru tipicamente voltados para o caminho individual da espiritualidade, não cabendo nenhuma perspectiva messiânica na sua trajetória religiosa. Recusou-se, inclusive, a estruturar um sistema aos seus ensinamentos e a se pronunciar sobre pontos essenciais de sua doutrina como, por exemplo, a conduta que conduzia ao Nirvana ou Suprema Libertação.

Isto explica, em parte, o surgimento das mais diferentes interpretações e escolas. A sua pregação oral impossibilitou o conhecimento da verdadeira doutrina exposta, pois mesmo os mais antigos textos em páli não escaparam de modificações das mensagens originais (2).

Em realidade, foi a única expressão religiosa e filosófica da Índia difundida por uma vasta região geográfica, ganhando contornos rituais e populares das diversas regiões por onde passou, com seus monges intinerantes, medicantes, atravessando regiões e levando a mensagem budista. O Budismo nascente tinha sua força nos *sannyasin*, os monges que renunciaram ao mundo, sem posses ou mosteiros, vivendo das esmolas e dormindo onde pudessem, sem pousada ou morada fixa, numa atitude de total desapego do mundo, das coisas e de si mesmo. Demonstravam ser a própria imagem da doutrina pregada, do total desapego que deveria preparar a Suprema Libertação. Evidentemente, este primeiro espírito libertário perdeu-se com a institucionalização religiosa, a hierarquização, a organização das escolas, templos, mosteiros, cultos e ritos, característicos das diversas culturas e épocas por onde a mensagem de *Budha* se difundiu.

Paradoxalmente, esta doutrina que se popularizou tanto estava baseada num conjunto de concepções que ofereciam soluções aos enigmas existenciais de forma inflexível, radical e de difícil penetração, inacessível para a maioria, até mesmo, de seus fiéis.

De um modo geral, o Budismo espalhou-se entre uma grande massa de leigos não disposta a renunciar ao mundo, mas suficientemente sensibilizada para demonstrar admiração, solidariedade e simpatia com as comunidades religiosas, o que lhe permitia alcançar "méritos" capazes de assegurar uma vida após a morte em condições benéficas e uma reencarnação melhor. Este foi o principal aspecto do Budismo popular, com suas mitologias, rituais e crenças religiosas da maior parte dos seus adeptos em diferentes níveis, sincretizado com as religiões e mentalidades religiosas, não só no passado como no presente. Vejamos as seitas contemporâneas de forte influência budista como a Seicho-No-Ie, a Igreja Messiânica, Nitiren Shosho ou a proposta de Daisaku Ikeda, na forma de um Budismo pragmático e próspero, visando a felicidade terrena e não a Suprema Extinção.

A história de *Budha* nos fala de uma procura profundamente humana, sem necessidade de intervenção divina ou profetismo, de entender a existência e procurar fugir ao sofrimento. Sua mensagem de libertação não estava numa autoridade transcendental e dirigia-se à vida humana cotidiana, sem referências a condições paradisíacas ou sobrenaturais, sem se deixar enganar pelos fenômenos ilusórios na vida e na morte. De acordo com a doutrina budista, as aparências não tinham verdade própria. Não passavam de uma sucessão indiferenciada de condicionamentos do mundo dos fenômenos.

A DOCTRINA DA IMPERMANÊNCIA

Na doutrina da Impermanência desenvolvida pelo Budismo não existiu o fortalecimento de um Eu autônomo. Aquilo que denominamos "realidade" nada mais era do que o turbilhão gerado pelos nossos sentidos, desejos, paixões e medos. A partir do momento que a verdadeira natureza dos desejos e das ilusões fosse compreendida acontecia a Libertação e o fim do sofrimento e das sucessivas encarnações. O Budismo essencial não pregou a fuga do mundo nem a auto-provação, apenas o conhecimento da realidade. A vida, a morte e existência espiritual, o sofrimento, a avidez e a dor tinham a exata medida que se lhes atribuía. Através da paciência, da concentração e pela eliminação dos pensamentos perturbadores e ilusórios tornava-se possível alcançar a Libertação.

A DOCTRINA DAS QUATRO "NOBRES VERDADES"

Recusando-se a participar de discussões filosóficas e cosmológicas características do Bramanismo de sua época, assim como do debate entre diferentes tendências e escolas, a doutrina budista não aceitou a idéia de Criação como obra de um Poder Divino ou Demiurgo. Era, sim, uma consequência dos atos humanos, sendo a vida humana e tudo que a cercava diretamente proporcional aos atos bons ou maus, à ignorância e à imperfeição da própria humanidade.

Existe uma história ilustrativa do pensamento de *Budha* no seu debate com um discípulo, *Mãhunkyaputta*. Este discípulo reclamava pelo fato do mestre nunca responder quando indagado sobre a eternidade ou não do Universo, da Finitude ou Infinitude, se a alma e o corpo eram a mesma coisa ou sobre o que acontecia após a morte. *Budha* lhe respondeu com a história do homem ferido por uma flecha envenenada:

"Seus amigos e parentes trazem um médico mas o homem grita: "Não permitirei que esta flecha seja extraída enquanto não souber quem me feriu, se foi um

Kshatrya ou um Bramane (...), a que família pertence, se é grande, pequeno ou de estatura média, de que aldeia ou cidade vem, não deixarei que tirem a flecha antes de

saber com que tipo de arco atiraram em mim, (...) que corda foi utilizada no arco (...) que pena foi empregada na flexa (...) de que modo era a ponta da flecha. Esse homem ia morrer sem saber essas coisas, prossegue o Bem-aventurado, da mesma forma que aquele que se recusasse a seguir a voz da santidade antes de resolver tal e qual problema filosófico". (Majjhimannikaya, I, 426) (19).

A doutrina budista de libertação do sofrimento apoiava-se na constatação da impermanência e do aspecto perecível das coisas, de qualquer natureza. Tudo que existe, existia ou existirá, estava sujeito ao fim (20).

O centro dos ensinamentos dos budistas residia na compreensão das "Quatro Nobre Verdades": A primeira Verdade afirmava que "toda existência sensível comporta sofrimento e impermanência (*dukkha*)", ou seja, a existência material era sempre cercada por toda a série de sensações desagradáveis, mentais ou físicas, sujeita ao eterno processo de causas e efeitos e de mudanças:

"(...) o nascimento é dor, o declínio é sofrimento, a morte é sofrimento. Estar junto daquilo que não se ama significa sofrer (...)" (Majjhima, I, 141).

A segunda Verdade localizava a fonte do sofrimento (*dukkha*) no desejo, nos apegos e apetites ("tenha", no sentido de "sede"), que buscavam novos gozos e determinavam o ciclo de reencarnações. Estava na mente a força da produção deste estado desejante. Era a mente humana antecedendo, criando e dominando todos os fenômenos:

"A mente penetrada pela Inteligência se mantém livre das Intoxicações, a saber: da Intoxicação da Sensualidade, da Intoxicação do chegar a Ser; a Intoxicação da Especulação, da Intoxicação da Ignorância." (Buddhist Suttas, I, 14)

A terceira Verdade apontava a solução para o sofrimento, os desejos e os apegos, a libertação da dor e do sofrimento pela eliminação dos apetites ("tanha"), "supressão da sede" (*tanhakkhya*) ou *Nirvana*. Esta Suprema Extinção, *Nirvana*, significava aniquilação das paixões, dos desejos, do ódio e da ignorância, fatores responsáveis pelos renascimentos, pela roda eterna dos ciclos de vida e morte:

"E Aqueles, ó Ananda, quer agora, quer depois que me tenha extinguido, vivam tendo o Ser (atta) como uma lâmpada (atta-dipa viharatha), o Ser como um refúgio e não outro refúgio; tendo o Dhamma (Verdade, Doutrina, a Ordem ou Lei Universal Imanente, Eterna e Incrriada) como refúgio e não outro refúgio, chegarão a ser o Imortal (t'amat agge bhavissanti), converter-se-ão no Supremo." (Buddhist Suttas, II, 26)

Na quarta verdade ficavam reveladas as vias, os caminhos que conduziam à cessação do sofrimento, os meios de curar o mal da existência. Este método ficou conhecido como o Caminho do Meio porque evitava tanto a perseguição da felicidade pelos prazeres dos sentidos como a busca da beatitude espiritual através da mortificações ou ascetismos excessivos.

Chamado de Caminho Octuplo, apontava oito atitudes fundamentais para aqueles que desejassem a Libertação Suprema : 1) concepção ou opinião correta (justa); 2) pensamento correto; 3) palavra correta; 4) atividade correta; 5) meios de existência correta; 6) esforço correto; 7) atenção correta; 8) concentração correta. Este caminho foi explicado de diversas maneiras e formas, para as mais diferentes platéias e comunidades de fiéis, segundo os objetivos a que se destinavam.

O conteúdo tinha fundamento em princípios éticos de amor universal e compaixão por todos os seres, na disciplina mental, no esforço, atenção e concentração corretos através de exercícios ascéticos (21). Esta era a base sobre a qual estavam assentadas tanto as diferentes seitas religiosas budistas como a prática monástica das ordens, constituindo a essência doutrinária deste movimento religioso.

A EXISTÊNCIA E O MUNDO DAS COISAS

De acordo com a doutrina budista, tudo que existia no mundo estava classificado em cinco categorias, "conjuntos" ou "agregados", *Skandhas*. Este conjunto de elementos compreendiam: 1) *Rupa-Kandha*, as aparências físicas, materiais dos objetos e dos órgãos dos sentidos; 2) *Vedana-Kandha*, os conjuntos sensoriais provocados pelos contatos com os órgãos dos sentidos; 3) *Sanna-Khanda* ou conhecimento cognitivo dos fenômenos, através das percepções e noções resultantes dos contatos sensoriais; 4) *Sankhara-Kanda*, as produções psíquicas da mente, tanto conscientes como inconscientes; 5) *Vinnana*, os pensamentos produzidos pelos sentidos e pelo Espírito (Manas), localizado no coração e organizador das experiências sensoriais (22). No estado de *Nirvana*, a Suprema Libertação acontecia a superação dos *Skandha*.

Nestes conjuntos estavam situados o mundo das coisas e a condição humana. Preso ao eterno ciclo de reencarnações, no encadeamento das causas e efeitos - o *Karma*, o homem ficava atado pela ignorância, desejo e apego à roda da transmigração.

De um modo geral, eram consideradas dez as ligaduras do homem ao mundo fenomenal: 1) *Sakkayaditthi* ou a crença numa alma como um ser separado dos demais seres, a especulação sobre a individualidade eterna da "alma", a crença de que em qualquer dos cinco *Skhandas* existia uma entidade permanente ou imortal; 2) *Vivikiccha*, confusão, dúvida, incerteza, ignorância; 3) *Sibbataparamaso*, acreditar que as práticas rituais, devoções e cerimônias que engendravam ilusão eram suficientes para alcançar a Libertação Suprema; 4) *Kamachanda* ou impulsos de natureza desejante, sobretudo sensual que acabavam por levar a uma nova existência e conduziam ao sofrimento, declínio e morte; 5) *Vyapada*, a má-vontade nas ações e também a maledicência. 6) *Rupa-rago* ou vontade de viver no Mundo das Formas; 7) *Aruparago* ou o desejo de existir num mundo espiritual ou em elevados mundos celestes; 8) *Mano*, o orgulho, a soberba e a presunção; 9) *Vdahaccam*, o desequilíbrio, agitação, excitação e emoção; 10) *Avijja*, ignorância, falta de sabedoria e da verdadeira compreensão (23).

O principal problema da existência humana estava no fato de que os homens não se apercebiam que viviam num mundo gerado pelos sentimentos, pensamentos e atos, imaginando que as idéias sobre as coisas representavam a realidade última. Desta maneira, viviam atados nas redes da ilusão e da ignorância, com fios produzidos pela sua própria mente. As atitudes humanas eram convenções enraizadas na consciência, nas criações mentais e em padrões automatizados, instintivos de ver, agir e julgar as coisas, sem questionar os fatos e conteúdos da existência.

O desconhecimento da verdadeira essência da realidade causava os sofrimentos e desassocegos, pois desejos e expectativas inconscientes e geradas a partir dos homens (e não de Deus, Deuses ou Demônios), na forma de decisões e atitudes subjetivas, ultrapassavam o limite do tempo da vida presente, sendo determinados pelo passado das nossas existências e precipitando o nosso futuro. Entender a ilusão dos desejos, das coisas, dos sentimentos, de tudo que forma a natureza humana, a vida e a morte servia para interromper, desmontar o complexo que prendia ao ciclo eterno, de mortes, sofrimentos e dores.

Acompanhando esta exposição, podemos perceber que, de acordo com a doutrina budista, cabia ao homem a inteira responsabilidade tanto pelos sofrimentos como pela superação e libertação. Não havia uma perspectiva sobrenatural ou divina de salvação: cabia ao ser humano ficar preso na rede de ilusões, mentiras e ignorâncias, esta sim a trindade geradora da existência no Mundo, ou romper estes liames que o aprisionavam e alcançar o cume, o topo da libertação Suprema, *NIRVANA* uma palavra que significava literalmente "extinção", ou seja, a cessação imediata de todos os desejos. Atingia-se *Nirvana* após a experiência da Iluminação, um estado de consciência total, de calma e paz que não era afetado por pensamentos ou fenômenos de qualquer natureza.

UM CAMINHO E MUITAS ESCOLAS

Submetido a inúmeras controvérsias desde a morte de seu fundador, diversos pontos da doutrina foram objetos de divergências e rupturas, além, é claro, dos sincretismos que acompanharam sua difusão. Duas grandes escolas impuseram-se: o Budismo *Hinayama* (Pequeno Veículo), uma tendência menos especulativa e presa às chamadas primeiras sutras; o Budismo *Mahayana* (Grande Veículo) que teve acrescentado conceitos filosóficos novos assim como uma atitude mais mística, em relação à questão do despertar. A escola *Mahayana* foi a que se expandiu pelo Tibete e pela China, mais tarde pelo Japão, representando a tendência mais importante das correntes do Budismo, alimentando suas práticas religiosas, sejam litúrgicas ou simplesmente contemplativas (24). No caso do presente estudo, foi sobretudo esta corrente que teve mais importância para a nossa pesquisa.

A MORTE E O CAMINHO DA SUPREMA LIBERTAÇÃO

A morte assim como a vida constituíam etapas da dor e do sofrimento inerente à vida humana e da mente que vagava presa na Ilusão, Desejo e Ignorância, o fim inevitável de todos os seres. Não havia o que lamentar nem evitar: era essência do mundo e da condição dos seres vivos:

"Basta, ó Ananda! Não vos aflijais! Não choreis! Não vos tenho já expressado, em anteriores ocasiões, que está na natureza íntima das coisas que nos são mais próximas e queridas que devemos afastar-nos delas, abandoná-las, separar-nos delas? Como então, ó Ananda, pode ser possível isto: que do que nasceu, chegou a ser, está composto e, portanto, sujeito à dissolução, haja motivo para dizer: "Não permita que isto se dissolva? Jamais pode existir semelhante condição!" (Buddhist Suttas, V, 14).

Ainda de acordo com o cerne da doutrina budista, todas as coisas existentes eram precedidas, guiadas e criadas pela mente. Tudo o que existia e a atual condição de existência resultavam dos grandes elos que uniam o passado ao presente e determinavam o futuro. O corpo material recebia o destino das coisas perecíveis e cairia na terra após a morte, à semelhança de uma árvore morta. Mas as conseqüências de seus pensamentos e ações não pereceriam assim como a mente iludida pelas paixões e desejos arrastaria para a morte e para a longa jornada numa série de nascimentos e mortes, destino inevitável dos que continuavam presos à ilusão dos desejos e desconheciam o caminho da Libertação:

"Muitos nascimentos atravessei no ciclo das vidas e das mortes; em vão procurei o arquiteto da casa da vida e da morte. Que miséria, nascer e renascer sem fim!" (Dhammapada Jaravagga, XI, 154).

Desta maneira, tanto a vida como a morte estavam localizadas na esfera mental e de suas projeções fenomênicas. O temor da morte era desproposital e conseqüências da ignorância. Aquele que não venceu sua mente não rompeu as ligaduras e os *Skhandas*, tanto a vida como a morte eram sinônimos de dor e sofrimento. Após a morte, o homem carregava consigo os efeitos de seus atos e pensamentos, a sua ignorância e ilusão e, espiritualmente, permanecia tão elevado nos desejos quanto em vida.

Mas em vida, podia o homem romper com estes poderosos elos:

*"Alija-te das paixões da vida, das vaidades,
Da ignorância e da loucura da distração;
Rompe as amarras; só assim acabarás um dia
Com o Mal. Livra-te da cadeia do nascimento
E morte, pois sabes o que eles significam.
Assim, liberta-te do desejo, nesta vida na terra,
E irás em teu caminho calmo e sereno."
(Digha Nikaya, I, LVI).*

Nesta perambulação entre vidas e mortes, conhecia o homem diferentes situações, relacionadas aos seus estados mentais. Assim como os fatos da vida eram registrados pelas mentes e o caráter existencial vivenciado de maneira diferente, tudo o que era visto em vida ou após a morte constituía um reflexo da mente, de idéias universais imaginárias e ilusórias semeadas na eternidade.

O *Gati*, "destino", vida futura depois da morte ou com relação a uma próxima existência, podia também significar dimensões de existência, *Ioka*, e estava relacionado ao grau de consciência e purificação da mente. Tradicionalmente, podia ser dividido em duas categorias. A primeira delas, *Dugatti*, *Yamaloka*, *apaya*, reino de degradação que compreendia: 1) *Niraya*, o mundo, a esfera ou plano purgatório, de purificação; 2) *Chanayoni*, renascimento numa matriz animal; 3) *Pittivisaya*, mundo dos *Pettas* ou fantasmas, sombras e espectros. Nesta esfera estavam os ancestrais e os fantasmas ou duplos dos mortos. A segunda categoria, *Sugatti*, que compreendia: 1) *Manussaloka*, o mundo dos seres humanos; 2) *Devaloka*, Mundo dos deuses.

Segundo a interpretação budista da doutrina do *Karma*, mesmo uma existência após a morte numa das esferas ou planos mais inferiores não significava condenação eterna. Tendo terminado os efeitos Kármicos, podia haver o renascimento em outras esferas de existência (25).

Esta divisão em dimensões espirituais já eram produtos de adaptação populares, sincretismo do Budismo depois de *Budha*. Na verdade, a filosofia doutrinária budista mais ortodoxa recusou-se a tratar do assunto de um ponto de vista místico. A questão dizia respeito a alcançar a Suprema Extinção, sem perder-se no caminho da divagações ilusórias que se davam em vida e após a morte. Afinal, todas estas situações e estados espirituais eram produzidos pela ignorância, por mentes perdidas

nas sensações e ilusões, que conferiam uma existência tanto na vida como após a morte, a estes produtos mentais. Portanto, a existência destes "mundos" espirituais diziam respeito à prisão das mentes ao imaginário, sensório e ilusório.

A morte só implicava em dor e sofrimento para aquele que não vencida o Eu individual, os apegos, desejos e ilusões, que ainda não havia compreendido as consequências destas atitudes mentais erradas e nem percebido o caráter transitório e impermanente de todas as coisas e seres.

Como um ser vivo se constituía numa combinação de energias físicas e mentais, a morte significava, apenas, que o corpo não estava funcionando como um todo. Porém, a mais forte energia, que sustentava a existência, estava ligada aos desejos, à vontade de existir. Esta era a força que continuava após a morte, pois estava ligada à mente e manifestava-se de outras formas, independente do corpo físico, produzindo os renascimentos.

Desta maneira, de acordo com a doutrina budista ortodoxa, a morte não tinha um lugar de destaque no problema do sofrimento e da dor: o problema do morto era que seu estado mental não só determinava sua próxima reencarnação e, conseqüentemente, sua vida, como também determinava a sua situação espiritual após a morte. Morto ou vivo, o ser humano que não se libertou da Ilusão e da Ignorância, continuava enredado nas vicissitudes da existência material e espiritual:

"Em primeiro lugar, o malvado, falto de retidão, se afunda na miséria por causa da preguiça; em segundo lugar, sua má reputação se propala no mundo; em terceiro lugar, quaisquer que sejam as reuniões a que compareça - de nobres, de brâmanes, de pais de família ou de reclusos - entra nelas receoso e confundido; em quarto lugar, morre cheio de ansiedade; e, por último, a dissolução do corpo depois de morrer (param marana), renasce (upapajjati) em estado de sofrimento e dor no Mundo da Degradação (apaya), ou no da Queda (vinipata) ou no Mundo Nyraya". (Buddhist Suttas, I, 23).

O PERFEITO DESPERTAR

O único caminho a ser seguido era o da Suprema Libertação, da completa aniquilação e extinção de todos os apegos e desejos, *Nirvana*, um estado mental que conduzia à mais absoluta e completa paz, beatitude e felicidade. O *Nirvana* era indefinível. Deste estado só podiam ser nomeados os atributos.

O caminho ou as vias que conduziam a ele passavam por técnicas especiais de concentração e meditação, que foram introduzidas posteriormente ao próprio *Budha*, para superação do Ego e das intoxicações mentais - a sensualidade, o Ego, a especulação mental e a ignorância que resultava na Ilusão, causa da dor e do sofrimento. Os que conseguiam saltar e abandonar este estado mental, filho da Ilusão, não estavam mais sujeitos à dor, ao sofrimento, nem às reencarnações.. Para eles não existia medo, dor ou morte, pois chegaram ao Imortal, Incondicionado e Imperecível:

Alcançava-se este estado mental através de uma série de práticas de concentração e meditação, de natureza milenar na cultura hindú mas que, no caso do budismo, tiveram incorporados processos específicos de conhecimento e compreensão. Obtinha-se esta experiência religiosa particular, *Jhana*, em uma certa ordem de estados mentais. Em primeiro lugar, devia-se livrar a mente das idéias sensórias e mundanas, concentrando o pensamento em um tema espiritual, como a Bondade, a impermanência de todas as coisas, etc. Em segundo, elevando a mente acima da atenção e da razão, experimentar um estado de tranqüilidade e alegria, física e mental. Em terceiro lugar, a sensação de arrebatamento devia dar lugar à Paz absoluta. O quarto passo, o da Consciência Pura, da lucidez mental e do coração complacente, imperturbável, transcendendo tanto o Cosmos como o

tempo cíclico, o caráter temporal da existência humana, tanto na vida como na morte, através do aniquilamento das experiências mundanas e a transcendência do condicionado.

A grande dificuldade desta experiência religiosa residia numa questão muito séria: dar o Grande Salto da Libertação que livrava da dor, do sofrimento e da morte, implicava em abandonar a própria vontade individual, o Eu existencial, a vida ligada no campo sensório e fenomenal, onde dor e sofrimento conviviam com o outro lado de uma mesma moeda que oferecia prazeres e desfrutes.

Turbilhão de multiplicidades, reunião momentânea de fenômenos entrelaçados provisoriamente, o homem era o que imaginava o seu Eu, pensando ter um destino, gerando uma ficção, despreendendo uma energia que gerava o *Karma* e o enredava nos ciclos de mortes e renascimentos. A continuidade da existência do mundo fenomênico era mantida na crença de que ele existia e, enquanto isto acontecesse, a série de causas e efeitos se manteria. Os fenômenos podiam mudar de forma, mas a Grande Ilusão seria sempre a mesma, seja na vida ou na morte.

A morte simplesmente dissolvia o complexo de elementos que formava uma unidade aparente. Mas uma união nova de elementos logo se formava, produzida pelo *Karma*. Criava-se um "novo" e ilusório indivíduo, um Eu individual, que colhia os frutos anteriores. A chama eterna, porém, continuava acesa, pairando acima das formas, dos indivíduos e das coisas. Só ela era imutável e eterna.

O Budismo trouxe uma grande inovação doutrinária, pegando pela raiz a origem do bem e do mal, da vida e da morte, da natureza desejante que produz prazeres e também a dor e o sofrimento. Como o mundo e todas as coisas sobre ele, os pensamentos e apegos eram filhos do desejo, a mãe Ilusão geradora de tudo era mentira e ignorância. O erro, "pecado", perdão, sofrimento, purificação e todas as demais categorias que fazem a base das religiões da tradição judaico-cristã perdiam sua força. Em consequência, não havia punições nem premiações nesta ou em Outra Vida, em consequência de julgamentos, atos certos ou errados. Tudo estava colocado no esforço individual, na capacidade e aprimoramento espiritual e mental que permitisse compreender a Suprema Ilusão, geradora de bens e males, perdão e punição, prêmio ou castigo. Tudo isto ficava eliminado de uma só penada, como decorrência da ignorância e ilusão. Nada tinha verdadeira existência, só os nossos desejos e apegos mentais que produziam todas as coisas, fonte primeira da dor e do sofrimento.

Na visão budista, e também na tradição védica, existiam apegos e desejos geradores de ações, produtores de efeitos. A fonte dos males que afligiam os homens, a força que os conduzia ao desejo e à ação, tanto boas como más, deveria ser extinta. A prática de ações sempre era um problema, gerava *Karma* de natureza variada e prendia na teia das reencarnações. A sabedoria oriental, sobretudo budista, propunha-se a extirpar o problema de maneira completa: pela supressão da ignorância, dos apegos e desejos, do mundo de Ilusão, que tudo engendrava. Nesta maneira de ver, o bem e o mal, o certo e o errado, o "pecado" eram relativizados como frutos de um desejo; matar, consequência de um sentimento; o adultério, uma ação baseada num desejo sensual. Portanto, a fonte dos males era o desejo e o apego que determinavam a prática das ações e as consequências geradoras de efeitos. Esta supressão constituía o objetivo da sabedoria transcendental, pois o mundo da ação e da ilusão girava eternamente em torno deste eixo desejo-ação-consequências.

Esta visão não chegou às religiões ocidentais que só viam o pecador e o pecado, o bem e o mal, o certo e o errado. Proibiam as ações através de leis e mandamentos e tratavam da salvação daqueles que incorressem em transgressões pela oração, nas penitências, na confissão e nas promessas, para conseguir o perdão divino. Não se preocupavam em extirpar a origem das ações consideradas pecaminosas, nem os seus frutos, as consequências destas ações. Alguns Pai-Nossos,

arrependimentos, confissões, penitências e o perdão eclesiástico serviam para apagar erros, até mesmo depois da morte.

O Espiritismo reencarnacionista propôs combater os efeitos das ações, conferindo-lhes uma permanência e materialidade, tentando o perdão e o aprimoramento espiritual através das reencarnações, da prática da caridade, do sofrimento, da dor e do perdão. A doutrina espírita do *Karma* e a reencarnação tem como objetivo uma reparação das conseqüências dos atos, nesta vida, no plano espiritual ou numa próxima encarnação. Porém, não existe a preocupação com a fonte das ações, ou seja, os apegos e desejos que levam a práticas de determinados atos.

AS OUTRAS FACES DO BUDISMO

Conforme vimos, a história da doutrina budista acabou por conduzir a diferentes interpretações e produziu diversas escolas filosófico-religiosas. Os cismas gerados desde os tempos dos primeiros discípulos de *Budha*, o surgimento de diferentes escolas budistas foram formulando outras interpretações doutrinárias, acrescentando perspectivas particulares e inovando certas práticas ascéticas, regras monásticas, rituais e devoções específicas que, em alguns casos do Budismo popular, foram profundamente sincretizados com substratos religiosos mais antigos, e acabaram por fugir bastante da doutrina ortodoxa.

Uma das formas mais expressivas deste Budismo sincretizado encontra-se no Budismo Tibetano. É interessante percebermos que enquanto o Budismo ia desaparecendo na Índia do século XII, perseguido pela expansão islâmica, a sua tradição foi conservada viva e florescente no Tibete. Por isso, o Budismo tibetano é importante para quem pretende estudar este pensamento religioso (26).

O Budismo Tibetano esteve sempre dividido entre uma igreja oficial, relativamente dependente do poder temporal e dedicada ao estudo escolástico dos textos tradicionais e um mosaico de seitas, escolas e movimentos mais libertários, que associavam meditação, ioga, medicina, alimentação, artes marciais, tantrismo, xamanismo, magia, conforme a própria história da implantação do Budismo e a biografia de grandes líderes religiosos nos conta (27).

A RODA DA VIDA

Todos os mosteiros e santuários, assim como as casas no Tibete, possuem uma roda da vida. Uma representação simbólica e com sentido pedagógico da doutrina mestra da fé budista, do significado metafísico e invisível da impermanência e da prisão às ilusões que conduziam à transmigração das almas, no eterno ciclo de mortes e renascimentos.

Yama, o deus da Morte, segura a roda do universo entre suas garras. Sua cabeça está ornamentada por cinco crânios que simbolizam os cinco sentidos, as cinco percepções, as cinco condutas negativas, os cinco agregados da existência, as mãos da ilusão que prendem os homens na vida e na morte, na roda que gira sem cessar, destruindo e renascendo, num ciclo interminável de dor e sofrimento. Os indivíduos em seus Eus ilusórios são catapultados, varridos em sua ignorância, de estado em estado, de mundo para mundo, em vida e mortes sucessivas. Passam do mundo material para o mundo das divindades, penetram entre os humanos para caírem na condição animal, erram na névoa cinzenta do mundo dos fantasmas, antes de caírem nos infernos, na reencarnação numa nova forma.

Do outro lado desta imagem, encontra-se um *Budha* apontando um pergaminho enrolado, no qual está impressa a doutrina budista, o *Dharma*. Somente o seu conhecimento, a sua prática pode libertar o homem da roda que esmaga, tritura e reconstrói para a dor e o sofrimento.

UM GUIA PARA OS MORTOS NA VASTA ALUCINAÇÃO

Dos vários aspectos desta religião, o que mais nos interessou foi justamente, a tanatologia desenvolvida, divulgada através do *Bardo Thodol*, conhecido no Ocidente como O livro Tibetano dos Mortos. Traduzido para o inglês e publicado em 1928, na década de sessenta, alcançou grande popularidade, tornando-se um texto muito lido e divulgado. Este fato é muito importante para a história da espiritualidade ocidental contemporânea, pois indica o desejo extremado de revalorizar religiosa e filosoficamente a morte, nas sociedades onde o processo de dessacralização colocou a existência humana em limites muito estreitos (28). Boa parte da popularização deste texto foi devida ao Comentário Psicológico feito por C.G. Jung que referendou do ponto de vista psicológico, o valor das questões filosófico-religiosas apresentadas. O interesse despertado por este texto assim como pelo Livro dos Mortos do Egito, mostram a vontade de repensar, compreender melhor o fenômeno da morte.

Texto difícil e profundo, constituía na realidade um manual de orientação ao moribundo e ao morto, tendo como objetivo central proporcionar a última oportunidade de Libertação Suprema, através do desapego total das visões produzidas no momento da morte e para resistir às imagens produzidas no pós-morte. Mas, em realidade, este livro possui um sentido metafísico muito vasto, e se aplica à totalidade da existência, incluindo a vida, a morte e o processo do renascimento. O *Bardo* contém um ensinamento espiritual profundo, onde vencer a morte física passava por transformar a decomposição natural em Iluminação interior e Libertação..

Tinha um objetivo definido: ensinar a identificar a totalidade das manifestações exteriores e todos os pensamentos e fenômenos "visíveis" como sendo meras projeções do próprio indivíduo, do Eu iludido e amedrontado. Se este objetivo fosse conseguido, a consciência individual, o Eu autônomo se dissolveria na Luz da Realidade Incrível. O livro destinava-se não somente às horas e aos dias que seguiam a morte física, mas considerava a experiência psíquica de todos os indivíduos, na vida e na morte, pois a cada instante da existência, os homens podiam vivenciar fenômenos ou estados de consciência análogos às visões que sucediam à morte física.

De acordo com esta tradição, eram seis os estados de consciência ou *bardos*. Os três primeiros referiam-se à existência propriamente dita: 1) O *bardo* do reino da existência, a consciência no estado de vigília; 2) O *bardo* do estado de sonho com os fenômenos próprios da consciência adormecida; 3) O *bardo* da meditação, identificado com o sono profundo e com a ausência de dualidade. Os três *bardos* seguintes estavam relacionados ao processo da morte física: 1) O *bardo* do momento da morte, a consciência da agonia; 2) O *bardo* da verdade ou a consciência da morte; 3) O *bardo* do futuro com a consciência do renascimento.

Embora o livro seja dirigido para a morte, sua mensagem mais importante deveria influenciar a vida. Durante a existência encarnada, muitos fenômenos, pensamentos, acontecimentos, uma enorme soma de experiências ficavam acumuladas e se libertavam no momento da morte, assaltando a consciência do moribundo e após a morte. A vida interior, esquecida na memória mais profunda e onde ficavam as paixões, os sentimentos e os apegos, influenciava os estados da morte. No momento da morte, estas aquisições mentais, eram liberadas e manifestavam-se ruidosamente, transtornando o espaço mental.

Sob este ponto de vista, a morte abria uma oportunidade de se conseguir a libertação dos condicionamentos. Se houvesse suficiente preparação espiritual e mental, o morto poderia identificar as visões, sem se prender a elas. Caso contrário, haveria sofrimento, confusão, ilusão e novo mergulho no mar dos renascimentos. Assim sendo, a estrutura do livro tinha como pressuposto básico a idéia de que o último pensamento no momento da morte determinava tanto a existência após a morte como a próxima reencarnação.. A correta orientação do moribundo e do recém-falecido era destinada a ordenar o processo de pensamento, para encontrar a morte psiquicamente preparado.

De acordo com a doutrina do Livro, cada morto possuía um "corpo" apropriado à pós-existência, fosse no paraíso dos deuses ou nas profundezas infernais, onde realizava-se o *Karma*. Acreditava-se que estes "corpos", depois de existirem em algumas das esferas no Além entravam num processo de despojamento e "morte" para reencarnarem na dimensão material. Desta maneira, o *Bardo Thodol* destinava-se ao estágio intermediário da consciência do morto antes dele voltar a renascer em um corpo humano, no mundo dos deuses, ou ainda, num corpo *Asura* para suportar provas e purgações infernais num dos diferentes infernos. Nestas esferas, o "corpo" espiritual, "morria" também e o processo normal levava ao renascimento na Terra como um ser humano.

As instruções foram divididas em três partes. A primeira delas, *Chikhai Bardo*, descrevia os fenômenos mentais no momento da morte. Era o "Estado de Transição do Momento da Morte" quando surgia a Clara Luz, A Luz Primal e Essencial, a possibilidade da mente em transcender e alcançar a Suprema Libertação, desde que não fosse obscurecida pela ilusão:

"Quando a exploração houver cessado, a força vital penetrará no centro nervoso da Sabedoria (o coração, centro nervoso psíquico) e o Conhecedor (a mente, a percepção) experimentará a Clara Luz da condição natural (a mente em repouso, de consciência estática e meditativa). Então, tendo a força vital (ar vital), sido lançada para trás e voado para baixo através dos nervos esquerdo e direito, o Estado intermediário despontará momentaneamente." (Bardo Thodol, Parte I).

Vinham, em seguida, instruções sobre as atitudes que deveriam ser tomadas para ajudar o morto à identificar-se com a Clara Luz, inclusive posições do corpo e o tempo de duração deste processo que variava de acordo com a condição do morto, de seus nervos e sua força vital. Se o morto, como consequência de treino, meditação e Verdadeira Compreensão conseguisse manter-se neste estado, alcançava a Suprema Libertação e rompia sua prisão da roda da vida e morte. Normalmente, a maioria dos mortos mergulhados neste estágio sentiam medo e obedeciam a um impulso de fuga, que conduzia, então, ao segundo estado. Neste segundo estágio, *Chonyid Bardo* ou Estado Intermediário da Realidade, estavam os estados de sonho, produzidos imediatamente após a morte, à visão do funeral, dos lamentos. Neste período, surgia a Clara Luz secundária que, se fosse aproveitada pela mente do morto bem instruído, conduziria à Suprema Libertação. Caso contrário, começavam as ilusões Kármicas produzidas na esfera mental dos apegos, paixões e desejos. Neste momento, sons, luzes, raios, visões e aparições de divindades tanto pacíficas como iradas, produtos do substrato mental dos mortos surgiam e causavam medo:

"O corpo que tens agora é um corpo mental formado de acordo com suas inclinações da última existência. Já que não tens mais um corpo material, o que quer que venha ou aconteça - sons, luzes ou raios - não podem te fazer mal: és incapaz de morrer. É suficiente para ti saber que todas as aparições são produzidas pela tua mente e pensamentos. Reconhece isso como sendo o Bardo". (Parte II, p. 74)

Seguiam prescrições detalhadas para a travessia do morto nos 49 dias que duravam este estágio. O morto estava sujeito a confrontações, provações e perigos, produzidos pela mente obscurecida pela ilusão: o aparecimento de divindades pacíficas e iradas, fortes luzes coloridas, luz opaca e esfumaçada que atraíam para o Inferno. Estas Imagens levavam o defunto a se apegar a qualquer destas manifestações e a cair em dimensões cada vez mais inferiores e materiais, embrutecidas e obscurecidas.

Estas aparições sucessivamente pacíficas e iradas deviam ser identificadas pelo morto como projeções de sua mente, como libertação de paixões armazenadas sem interrupção e reprimidas durante sua vida anterior e que agora atravessavam seu espaço mental. No caso da cultura religiosa tibetana presente no livro, as divindades e visões estão relacionadas a suas próprias imagens de *bodhisatvas*, guardiães, juizes, demônios irados, etc. Embora mais difícil, a libertação Suprema ainda era possível, se não houvesse nem atração ou medo.

A partir do sétimo dia, as metamorfoses mentais começavam a degradar-se e corromper-se. Atordoado por seus medos, angústias e, sobretudo, desconhecimento, o morto avistava aparições cada vez mais negras e apavorantes, insensíveis e atrozés que obscureciam, causavam profundo horror, e acabavam por projetar o morto num corredor escuro, uma espiral e um redemoinho sem fim. O morto ia para um outro estado, que precedia ao renascimento numa matriz, a uma nova geração.

A terceira e última parte, *Sidla Bardo* ou Estado Intermediário da Busca do Renascimento, esclarecia sobre os impulsos mentais que conduziam ao renascimento e à existência pré-natal. Tratava do nascimento no estado pós-morte, num corpo radiante formado pelo desejo mental, na dimensão dos deuses, como *asura*, como *Preta* ou ser humano. O defunto percebia que estava realmente morto e observava, através de uma névoa, sua família. Podia chamar, gritar e ninguém escutava. Condenado a vagar em meio a solidões obscuras, o morto ouvia sons aterradorantes, vozes sussurrando ameaças. Tinha a impressão de estar sendo perseguido e padecia de uma grande tristeza. Este período doloroso constituía o momento do *Karma*, quando os atos e pensamentos da última existência se libertavam e as energias acumuladas se desencadeavam em aversões, desejos, ódios e pulsões. Se o morto pudesse perceber a natureza ilusória do que acontecia, ainda era possível a Suprema Libertação.

Na maioria das vezes, contudo, o morto não conseguia identificar seus medos, suas angústias e acabava preso à "realidade" de suas projeções mentais. Exasperado, procurava um novo corpo, uma matriz para se refugiar.

As inclinações determinavam a situação de renascimento. Começavam a surgir visões do lugar onde aconteceria o nascimento, inclusive dentro de um ventre humano, quando interrompia o *Bardo*. Seis luzes simbolizavam este processo de renascimento: um brilho branco para os Deuses, um brilho vermelho para os Heróis, um brilho azul para os Homens, um brilho verde para os Animais, um brilho amarelo para os Fantasmas Famintos e um brilho cinza para os Infernos. A visão de casais em cópula atraía o morto que, atordoado e angustiado, tentava penetrar na matriz humana para escapar da situação em que se encontrava.

O CICLO DE VIDA E MORTE

O texto conservou como aspecto central uma idéia cíclica de tempo na qual vida e morte podiam ser, simbolicamente, associadas à serpente engolindo a própria cauda. O homem, em

conseqüência de sua obscuridade mental e da falta de esclarecimento espiritual, encontrava-se atado, preso ao ciclo das ilusões *Samsáricas* que determinavam suas vidas, mortes e renascimentos.

Via-se a existência após a morte como projeção *Samsárica*, como forma do imaginário mental dos homens em cada estágio e cultura da organização dos conteúdos da mente humana que ainda não percebera a Verdade Essencial nem a Suprema Libertação (29).

A visão no momento da morte, a da grande Luz no momento do "vôo da alma" pelo orifício no topo do cérebro, promovia o encontro com o próprio Eu e com a Realidade Suprema liberadora e essencial. Este instante fugaz era perdido pelo morto. Ao deixá-lo escapar, acabava envolvido nas visões que a sua mente produzia, as formas-pensamento determinadas pelas suas experiências mentais durante a sua vida. O morto atribuía realidade às imagens e passava a relacionar-se com elas. Não perceber a Clara Luz e nela ser absorvido pela falta de controle da mente, sucumbir, deixar-se prender pelas visões tanto boas (que deleitam) como más (que amedrontavam), significava descer cada vez mais obscuridade e ilusão até chegar ao campo dos desejos sensuais, à degradação de um novo nascimento físico.

Ainda que a principal forma de utilização do livro fosse como um manual, um breviário, um livro de instruções aos mortos e moribundos, tinha como finalidade básica ser um guia espiritual para a compreensão da existência humana como um todo, na vida e na morte (30). A morte, assim como a vida constituía um engano, em conseqüência da identificação com o Eu individual, o Si Mesmo ou Ego pessoal separado do indivíduo, através da sua forma temporal e ilusória, fosse ela física, emocional ou mental.

Desta maneira, de acordo com a crença do Bardo Thodol, todas as visões ou sentimentos no momento da morte ou após constituía mero reflexo do conteúdo mental, emocional do indivíduo, da somatória de todos os sentimentos, pensamentos e ações em vida (*Karma*), da sua tradição religiosa e cultural que, se levados para a existência após a morte, também determinavam a degradação de uma nova vida física neste mundo. Os piores suplícios, a vontade de viver não passavam de projeções concebidas pela mente do morto, castigando a si mesmo, pois não existiam nem monstros, nem juízes, nem divindades benéficas ou maléficas, assim como os céus ou infernos eram também construções mentais. A energia psíquica, a carga acumulada explodia no momento da morte. Lembranças, medos, remorsos, desejos, anseios liberados provocavam sons, movimentos, luzes, vibrações, que causavam atordoamento e confusão mental.

O homem vivia num mundo ilusório, tanto em vida como na morte. Após o falecimento, continuava existindo um corpo sutil, formado de matéria num estado invisível, etérea, uma "duplicata" do corpo físico que se separava no momento da morte. Neste corpo etéreo permaneciam a consciência e o sistema nervoso psíquico, a sede dos sentidos, dos pensamentos, das emoções, em suma, dos apegos à Grande Ilusão que impediam a Suprema Libertação. Sem compreender esta verdade não haveria Libertação, e as impregnações cármicas tornavam-se imperiosas assim como o desejo de renascer.

As últimas páginas do livro contém recomendações para aqueles que, não tendo logrado ultrapassar a vontade de viver, voltavam ao mundo da dor, e da ilusão. Tratavam-se de conselhos para garantir uma reencarnação benéfica, em condições sociais e familiares que pudessem ajudar a um despertar espiritual.

A ESSÊNCIA FINAL DA MENSAGEM

O grande ensinamento do Budismo foi eminentemente prático. Ele não visou acomodar os homens aos seus desejos e ações, pensando numa purificação através de diversas encarnações ou na confissão, arrependimento e perdão pelas ações "erradas". Ensinou a romper com a individualidade e a personalidade, a extinguir o *Karma*, libertando-se definitivamente da roda da morte e dos renascimentos e a realizar o *Nirvana*, a Grande Extinção do Eu individual e a sua fusão no Grande Todo, o Incriado Absoluto Universal. Não transferiu para nenhum salvador, libertador, santo ou mártir a responsabilidade pela sua salvação, pelo mergulho no mar da eternidade.

O principal legado das diferentes formas do Budismo foi a Suprema Libertação, um regra espiritual séria, conforme as palavras desta máxima:

"Portanto, ó Ananda, sede lâmpadas para vós mesmos.

Sede um refúgio para vós mesmos.

Não ide para um refúgio exterior qualquer.

Segurai firmemente a Verdade como uma lâmpada.

Segurai firmemente a verdade como um refúgio.

Não procureis refúgio fora de vós mesmos."

2.2 DA ALMA ACORRENTADA AO CONHECIMENTO DA SALVAÇÃO

Por volta do século VI a.C., as idéias semelhantes às tradições védicas como a transmigração das almas em ciclos dentro do Universo farão sua aparição na bacia do Mediterrâneo. Estas transformações tiveram um momento especial: o surgimento das seitas filosófico-religiosas.

Do interesse pelo Cosmos e pela natureza em geral ao surgimento de uma preocupação com o próprio homem e suas relações com a eternidade, o estudo da alma, da morte e da sobrevivência espiritual avançarão pelas doutrinas de transmigração e reencarnação, novas em todos os sentidos às concepções da antiga Grécia.

As tensões e ambiguidades que marcaram este momento serão muito importantes para uma nova atitude com relação à morte e à vida após a morte, marcando fortemente o pensamento filosófico platônico dos séculos posteriores. Foi uma inovação na tradição cultural grega na qual estas idéias não estavam presentes, e também nas influências decisivas no desenvolvimento da filosofia clássica.

Encontramos em *Empédocles*, no século V a.C. em Sobre a Natureza (26, 115, 117), o desenvolvimento da doutrina da metempsicose de forma bastante articulada com a teoria dos elementos e do tempo cíclico, numa visão essencialmente rica do Universo e da Vida:

"Os elementos predominam cada qual por sua vez no decorrer de um ciclo e desaparecem uns nos outros ou crescem segundo o turno fatal que lhes está destinado. Eles são sempre os mesmos, mas circulam uns através dos outros, tomando a forma dos homens e dos diferentes animais. Ora, por efeito da Amizade, reúnem-se para formar não mais que um único organismo; ora, pelo contrário, por efeito do O'dio que os opõe separam-se até o momento que a Unidade, antes realizada, terá completamente desaparecido. Assim, na medida em que o Um nasce do Múltiplo e em que, pela decomposição do Um, o Múltiplo se reconstitui, nessa mesma medida eles aparecem e não duram eternamente. Mas, na mesma medida em que essa transformação perpétua não cessa, eles subsistem sempre em um ciclo imutável, interminável.

É um oráculo do destino que, se uma alma manchou seu corpo num momento de desvario ou se, seguindo a Discórdia, perjurou com impiedade, ela vagueia durante três vezes dez mil estações, longe dos bem-aventurados, assumindo todas as formas mortais no decurso de diferentes nascimentos e passando de cada vez pelos árduos caminhos da vida. Eis porque a potência do éter a mergulha no mar, o mar a cospe para a terra, a terra a repele para as chamas escaldantes do sol, que as lança no

turbilhão do éter. Eles a recebem cada qual por sua vez, e todos a detestam. Também eu sou agora uma dessas almas e fujo aos Deuses, errante, porque desobedecei à Discórdia furiosa.

Pois durante certo tempo, fui rapaz e moça, árvore e pássaro e peixe mudo dentro do mar."

Na Grécia deste período, duas grandes escolas filosófico-religiosas ensinam também a doutrina da transmigração: o Orfismo e o Pitagorismo. Nos dois casos a alma foi concebida como uma parcela de energia divina, tendo sido introduzida no mundo material, deve reintegrar-se a esta centelha divina ao fim de inumeráveis reencarnações, o ciclo das existências. Nessa evolução a alma estava submetida a uma lei implacável: apenas saída de um corpo, devia, por imperiosa necessidade, encarnar-se em um outro corpo, uma outra prisão, num ciclo sem fim para os não iniciados. Contudo aquele que, ao ser iniciado levava uma vida de abstinência e renúncia, sem comer nenhum alimento animal, abstendo-se de impurezas corporais, escapava ao ciclo das transmigrações, chegando à libertação.

Nestas seitas filosófico-religiosas de caráter iniciático estavam centradas a maior parte das novas concepções, cujas origens podem ser encontradas nos antigos rituais oraculares, Mistérios e cultos extáticos. Todas estas atividades religiosas implicavam em práticas de caráter purificador, iniciático e ascético tendo como um dos principais objetivos permitir ao iniciado e conhecedor dos ritos a fruição de uma verdadeira existência após a morte. Uma parte importante destas atividades religiosas de caráter iniciático constitui a experiência da morte simbólica e ritual, seguida pelo renascimento de uma nova personalidade existencial. Este caráter aparece claramente no Hino a Deméter:

"Bem-aventurados os que, entre os homens da terra, tenham tido a plena visão destes ritos! Aqueles que não receberam a sagrada iniciação e os profanos não terão o mesmo destino após a morte, na morada tenebrosa" (31).

A participação nos diferentes Mistérios (Eleusis, Deméter, Perséfone, etc) tinha como sentido básico encontrar a felicidade e a libertação após a morte, através do conhecimento dos caminhos da alma. Ser um iniciado nos grandes Mistérios assegurava a chave para a descida vitoriosa ao Hades, aos mundos subterrâneos e infernais, da penetração no mundo dos mortos e dos contatos com as almas. Conhecemos muitos relatos destas descidas aos "Infernos", na mitologia heróica, na poesia homérica, nos livros órficos, nas doutrinas pitagóricas, inspiraram os mitos platônicos escatológicos, principalmente em Górgias, Fédon e Fedro (32).

De um ponto de vista mais amplo, podemos pensar no surgimento da possibilidade de salvação pessoal, de superação da condição de espectros desmemoriados, indicando uma nova relação com as divindades. O homem não se sentia mais um brinquedo nas mãos das potências divinas. A condição mortal e humana podia conduzir a uma superação e a uma vitória sobre o esquecimento, agora entendido como uma vitória pessoal sobre a morte. Morrer não era mais ser esquecido e sim esquecer-se de si mesmo. Os destinos do corpo menos importantes do que a capacidade espiritual em superar um estado de torpor e frio. O destino espiritual como o fator determinante da vitória contra a morte.

As iniciações propostas nas seitas filosófico-religiosas indicavam o desenvolvimento de uma nova relação entre corpo e alma : a separação podia ocorrer durante os rituais iniciáticos, pois a alma não era mais simples espectro esfumado sem força ou vontade. Esta separação entre o corpo e

alma como um atributo mágico também se fazia possível durante certos fenômenos extáticos entre os magos deste período na Grécia.

Estes xamãs estão inseridos na experiência religiosa grega durante longos períodos, e a eles atribuía-se o dom de metamorfosear-se, de criar Mistérios, o conhecimento das ervas e plantas, curas e exorcismos. Estes magos são personagens mitológicos como o argonauta Etérides, filho de Hermes, que vivia tanto na terra como no Hades e personagens do tipo de Epimenides de Creta, que viveu no século VI a.C. Epimenides, rezava a lenda, dormira cinquenta e sete anos na gruta de Zeus Ideo, adquirindo, depois de seu prolongado sono, o poder de profetizar e revelar novas iniciações e purificações (33).

Estas tradições precedem, influenciam e definem alguns dos diferentes aspectos das seitas filosófico-religiosas, principalmente nas doutrinas de transmigração e reencarnação da alma. Embora estas doutrinas estejam subjacentes nas lendas mágico-xamânicas, com o desenvolvimento do pitagorismo e do orfismo estas idéias ganharão maior alcance. Assim sendo, devemos perceber que estas novas formas de encarar tanto a vida como a morte e a existência espiritual, embora tenham suas bases em crenças religiosas, superam esta condição para instalar-se como uma nova forma de pensamento mais reflexiva e filosófica. Sua origem num pensamento religioso arcaico torna-se cada vez mais afastada, ao contrário de outras tradições, como a védica, por exemplo, onde nunca aconteceu este tipo de ruptura ou até mesmo oposição entre o pensamento religioso e filosófico.

Até o período do surgimento do pensamento filosófico-religioso não existiam definições muito claras para a alma imaterial que habitava o corpo. Por volta do século VI a.C., a tradição pitagórica colocou em cena a idéia da alma imortal. Em alguns casos, falava-se do elemento flamíneo que dava energia vital ao homem. Com o platonismo e o pensamento filosófico, as elaborações sobre as partes formadoras do homem foram ganhando definições mais acabadas, reconhecendo-se a existência de um corpo material, *SOMA* a força vital, *THUMOS*; *Psyche*, a alma animal do corpo, dava movimento e vida; *NOUS*, o princípio humano, com a mente e o intelecto. Posteriormente, o neo-platonismo na tradição de Plotino e Porfírio, falou do *EIDOLON*, um invólucro etéreo e mágico da alma espiritual, uma radiação divina.

PITÁGORAS E ORFEU

Existem certos traços comuns destas seitas: vegetarianismo, ascetismo, purificações, instrução religiosa, cerimônias de caráter iniciático e, o que nos interessa mais de perto, as concepções sobre a transmigração e a imortalidade da alma. Estas concepções são a causa primeira de todas as prescrições alimentares, das regras de vida e rituais de todos os tipos. Tanto o orfismo como o pitagorismo sofrerão, ao longo dos tempos, um fenômeno comum na história das religiões: todo movimento com características ascéticas, iniciáticas, gnósticas, acaba por criar uma série de pseudomorfoses e iniciações primárias no plano das mentalidades e religiões populares, convertendo-se em pasto fértil para falsos ascetas, mestres, gurus, curandeiros e adivinhos de todas as categorias, um elemento característico da apropriação pelas "religiões populares" (34):

"... Sacrificantes mendigos, adivinhos, que assediam as portas dos ricos, persuadem-nos de que obtiveram dos deuses, por meio de sacrifícios e encantamentos, o poder de perdoar-lhes as injustiças que puderam cometer, ou que foram cometidas por seus antepassados (...) Para justificar os ritos produzem uma multidão de livros compostos por Orfeu e Museu, filho de Lua e das Musas. Com base nessas autoridades, persuadem não só os indivíduos, mas também os estados, de que há para os vivos e os

mortos absolvições e purificações (...); e essas iniciações, pois é assim que lhes chamam, nos livram dos tormentos dos infernos" (35).

A concepção órfica de imortalidade organizou-se a partir da idéia de que em punição a um crime primordial a alma fica encerrada no corpo tal como num túmulo. A existência encarnada assemelha-se à morte e a morte apresenta possibilidade da "verdadeira vida". Tal vida verdadeira não era automática: a alma imortal teria o seu destino definido de acordo com suas ações vividas, o estágio de desenvolvimento alcançado durante a existência material e, depois de um certo tempo, voltava a encarnar.

A possibilidade de romper o ciclo de transmigração passava tanto pelas regras específicas da vida cotidiana como pela "iniciação": revelações secretas de ordem cósmica e teosófica. No sentido mais profundo, o orfismo visava romper o dualismo alma-corpo e, através de um conjunto de mitos, ritos, crenças, comportamentos e iniciações reintegrar o Homem à Divindade, a alma ao Cosmos (36).

Segundo a escatologia órfica, após a morte, a alma dirigiu-se ao Hades através de numerosos caminhos, com vários obstáculos e desvios. O justo tomava a estrada à direita e o injusto seria levado para a esquerda. As almas são conduzidas ao Hades pelo *Daimon* que as acompanhou em vida, levadas ao seu lugar específico. Este mesmo guia as traria de volta depois de muitos e demorados períodos e estágios (37). A viagem da alma tem seu percurso descrito nas folhas de ouro encontradas nas sepulturas da Itália meridional do século V:

"Bem-vindo sejas tu que viajas pela estrada da direita rumo às campinas sagradas e ao bosque de Perséfone (...) A esquerda da morada de Hades encontrarás uma fonte ao lado da qual se ergue um cipreste branco; dessa fonte não se aproxime demasiado. Encontrarás, porém, outra fonte: do Lago da Memória (Mnemosyne) jorra água fresca e há guardas postados de sentinelas. Diz-lhes: "Sou o filho da terra e do Céu estrelado, hem o sabeis; mas estou seco de sede e sinto-me morrer. Dai-me sem demora a água fresca que emana do lago da Memória". E os guardas prontamente te farão beber da fonte sagrada, e depois disto reinarás entre os outros heróis" (38).

Esta nova geografia da viagem e destino da alma refere-se a uma mudança fundamental nas concepções religiosas, atestando uma pós-existência diferente da tradição homérica, segundo a qual a morte associava-se ao esquecimento, ao sono. Esta noção modificou-se quando surgiu uma doutrina da transmigração: as águas do Lethe (Esquecimento) não acolhiam mais a alma que acabava de deixar o corpo, apagando as lembranças de vida. Pelo contrário, as águas do Lethe servirão para apagar as lembranças celestiais da alma que reencarnava. O Esquecimento, o Lethe, simboliza agora o retorno à existência física, a um novo ciclo de nascimento e morte (39). Conservar a memória das encarnações anteriores, a memória além-túmulo torna-se uma característica dos grandes iniciados e sábios, pois representa o domínio absoluto sobre a alma e um novo tipo de imortalidade. Era a crença numa vida após morte e aos retornos sucessivos à vida determinada pelas ações cometidas nas existências anteriores, a lei do *Karma* da tradição hindú no pensamento grego das seitas órficas e pitagóricas.

O ciclo de "pesadas penas" comportava sucessivas encarnações. Após a morte, a alma era julgada, enviada a uma determinada dimensão paradisíaca ou infernal, proporcional ao seu estágio espiritual. Segundo determinada tradição órfica, um mortal comum devia percorrer dez ciclos de mil anos antes de escapar. Descrevia abundantes tormentos reservados às almas condenadas nas paragens infernais, as almas daqueles insensatos que passavam a vida entregues às paixões e à busca exclusiva dos prazeres materiais.

O surgimento do pitagorismo acentuará o desenvolvimento de novas concepções sobre a alma e das doutrinas de reencarnação. De acordo com os princípios pitagóricos, a alma era uma parcela dos elementos primordiais do Cosmos, imortal pois contém o princípio formador do Absoluto, diferindo da vida finita e perecível, podendo ser dividida em três partes: a representação, o espírito e o princípio vital. A ligação da alma com o corpo se dá através das veias, dos pulmões e dos nervos. No coração residiu o princípio vital e no cérebro, o espírito e a representação (40).

Após a morte, a alma comum seguia para regiões atmosféricas mais baixas, regressando, posteriormente, a certas zonas astrais, antes de sofrer nova encarnação. As imagens pessimistas da vida dos mortos, as descrições tradicionais das gélidas e desoladas paragens do mundo do esquecimento no Hades arcaico, passam a ser aplicadas à existência terrestre. O exílio da alma não acontecia mais no momento da morte, quando tornava-se um esvoaçante fantasma, pálido reflexo da vida humana. Ao contrário, a vida encarnada era o lugar da provação e castigo, o aprisionamento da alma junto ao corpo. A existência da alma ligada ao corpo traduzia uma dimensão de inconsciência espiritual, de apagamento do conhecimento e da memória decorrentes das fortes cadeias que vão prender a alma ao seu liame do corpo físico.

O par mitológico Memória e esquecimento transformou-se no centro de uma doutrina de reencarnação das almas. O processo do esquecimento não acontecia mais entre os que passam da vida para a morte: ao contrário, o esquecimento era o processo através do qual as almas reaproximavam-se da existência material, reiniciando um novo ciclo de vida terrestre. A alma recomeçava um indefinido ciclo de provações decorrentes do esquecimento de existências anteriores, girando no "círculo de necessidade", presa à "roda da fatalidade e do nascimento" (41). Lembrar-se, portanto, significava superar o ciclo dos devires, a condição da alma presa ao corpo e vagante nas encarnações materiais.

A condição da alma presa às encarnações podia ser ultrapassada, elevando-se nas escalas dos seres vivos para atingir a condição de herói e Deus, através da expiação, da purificação, da ascese espiritual (42).

Tanto Píndaro como Empédocles remetem a esta questão. Para Píndaro, as almas que apagaram as antigas manchas surgem no corpo de reis, vencedores de jogos ou "sábios", "homens divinos" celebrados como heróis após sua morte. Segundo Empédocles as almas comuns, contaminadas pelo sangue ou pelo perjúrio, vagavam no ciclo das encarnações durante "três vezes, dez mil estações", tomando todas as formas das mais variadas criaturas mortais, antes de alcançar uma encarnação na condição de avatar ou "*Daimon*":

"Ei-los, enfim, adivinhos, poetas, médicos e condutores de homens sobre a terra. Depois eles renascem no nível dos deuses, partilham da morada dos outros imortais, livre das inquietudes humanas, escapando ao destino e à destruição" (43).

No pitagorismo, a condição de sábio, avatar, significa estar livre da mortalidade, da situação de homens com rápido destino, premidos por uma efêmera existência entre o nascimento e a morte. O verdadeiro sábio entende que na condição mortal não há nem começo, nem fim, apenas ciclos de metamorfoses.

A superação da condição mortal, o esforço de superação da condição humana pela ascese disciplinar e purificadora, vai passar pelo esforço da memória, entendida como um exercício espiritual visando, através do conhecimento de todas as situações encarnatórias anteriores, a inteligência do Todo. Conforme a tradição, Pitágoras possuía o dom da *anámnesis*, o que lhe permitia conhecer toda a história de sua alma no decorrer de todas as existências anteriores. Somente

através desta memória seria possível conhecer *apsyché*, o *daimon* encarnado na pessoa. A lembrança das vidas anteriores representava uma purificação, permitindo à alma libertar-se do corpo, romper as correntes e amarras com a fugaz e infundável roda das vidas materiais (44).

O pitagorismo assentava-se numa integração de diversos conhecimentos e princípios éticos, metafísicos, religiosos, integrados em diferentes técnicas de disciplinas corporais (por exemplo, o controle da respiração), vegetarianismo e certos princípios alimentares, ascetismo, purificações, certos cultos e ritos. Tratava-se portanto de uma forma de conhecimento simultaneamente, gnosiológica, existencial e soteriológica (45). Estamos tratando aqui de uma importante modificação nas concepções relativas à alma e à vida após a morte. O surgimento das seitas filosófico-religiosas, a organização das leis e o surgimento das cidades, as teorias dos princípios dos elementos e do Universo apontarão novos sentidos para a idéia de morte e de alma imortal. Já não se falava mais em sombras desmemoriadas a vagar sem retorno ou em almas devoradas ou destruídas.

Embora possamos detectar diferentes categorias de almas e espíritos ao longo do pensamento religioso grego (Harpías, Erinias, divindades ctônicas, espíritos demoníacos, almas errantes, aparições, etc), formas de invocações e até mesmo necromancia, este momento foi marcado pela aparição de uma cartografia celestial, progressiva, ocupada pelas almas de acordo com seu grau de pureza e perfeição. As almas dos mortos aparecerão em certas paragens celestiais, mais próximas dos deuses, agora deslocados do Olimpo para o Eter, o lugar luminoso acima das nuvens. Corpo na terra, alma no céu: um caminho para a idéia de um tipo de justiça após a morte (46).

A MORTE E O LOGOS

Tanto o pitagorismo como o orfismo popularizaram e sistematizaram a doutrina da transmigração e da metempsicose que, aliadas a novas especulações cosmológicas e descobertas astronômicas transformaram as concepções de sobrevivência da alma e as estruturas do outro mundo. Sendo a terra uma esfera, ficava difícil imaginar o Hades subterrâneo ou as Ilhas dos Bem-aventurados situados no extremo ocidente. Lentamente começa a formação de uma nova escatologia e geografia funerária. O além passa para as regiões estelares; a alma tinha origem celeste e, uma vez separada do corpo, retornava aos céus. O corpo na terra ou dissolvido pelo fogo, como um tributo à origem da matéria; a alma no céu como a perspectiva de futuro. O pensamento colocava o ser humano numa nova relação com as potências divinas e seu destino final, passando a crer na sua capacidade de superar a condição mortal através da ação e reflexão, do conhecimento.

A alma constituía uma parcela do Todo formador do Universo. A natureza divina e primordial da alma ardia dentro do corpo, ansiosa por libertar-se. A alma não personificava um fantasma sem força, uma pálida sombra do ser vivente: era a sede da vida e movimento universal, ansiando por purificação e libertação para retornar à Essência. Como Puro Espírito, a natureza da alma supera a singularidade. O seu destino, uma força sobrenatural e misteriosa das metamorfoses do Universo, representando a eterna oposição entre o singular e o coletivo, o espírito e a matéria, a essência e a aparência ou, numa argumentação filosófica, as Idéias e as Formas.

Encontramos no pensamento de Platão uma decisiva concepção da alma e do seu destino após a morte. Apropriando-se de certas doutrinas órficas e pitagóricas sobre o destino da alma, o platonismo elaborou uma nova e sistematizada "mitologia da alma". Para Platão, a alma era a coisa mais preciosa, pertencendo ao mundo Ideal e eterno. O homem encontrava-se dividido em duas dimensões: um corpo mortal e precário que um dia será decomposto em elementos reabsorvidos à

matéria Universal; Uma alma imortal igual a dos animais, ligada à alma imortal dos homens. Esta sim, uma parcela da alma astral harmonizada à Alma do Mundo, fonte geradora dos movimentos, das transformações e do equilíbrio. Como tributária da Fonte Primordial de onde o Todo Emana, a alma imortal era o verdadeiro "eu" interior buscando a restauração do ser puro contido nas Formas. Esta seria a causa, no platonismo, dos conflitos e perturbações que acompanham a condição humana, pois toda alma é de natureza astral e associada às Idéias, obedecendo aos movimentos celestiais. A verdadeira função da existência era procurar harmonizar o corpo e a alma para chegar à libertação. Sem este percurso, a libertação da alma com a morte não se confirmaria, continuando moldada pelo que foi em vida (47).

Apoiando-se na doutrina da transmigração da alma e na possibilidade da *Anamnésis*, princípios do orfismo e do pitagorismo, o platonismo desenvolveu um sistema de conhecimento que postulou uma possibilidade de compreensão do Absoluto pela alma e sua libertação da existência material, alcançando a contemplação do mundo das Idéias e da Perfeição por toda a eternidade.

Conhecer significava lembrar-se: entre duas existências humanas, a alma contemplava o mundo perfeito das idéias, alcançando a compreensão e o conhecimento puro, esquecido no momento ao reencarnar-se. O conhecimento absoluto permanecia latente na alma humana, aprisionada dentro do corpo material e submetida ao domínio das necessidades físicas (48). A maneira de superar este estado se dava através do trabalho filosófico, relembrando, reencontrando e recuperando o conhecimento original da alma antes da encarnação.

A morte no platonismo foi encarada como um retorno a um estado de perfeição primordial, e a filosofia uma "preparação para a morte", para o reencontro com a única e verdadeira imortalidade - a alma. O supremo objetivo visava ensinar a alma, uma vez livre da condição de vida humana, a evitar uma nova encarnação. O desenvolvimento da filosofia sempre esteve ligado aos anseios da busca da sabedoria, da compreensão e da procura consciente da essência.

Os movimentos da alma associam-se aos movimentos do Cosmos; (49). Esta noção conduz à doutrina da imortalidade astral, cara ao platonismo e aos pensadores e filósofos dos séculos posteriores, integrando, de maneira definitiva, os elementos órficos e pitagóricos à síntese platônica formadora das mais importantes vertentes do pensamento ocidental (50).

O renascimento da alma imortal foi objeto de descrição específica no Livro X da *República*, na história do panfílio Er, o filho de Armênio. O personagem Er havia sido dado como morto no campo de batalha e depois de dez dias, ao recolherem os corpos putrefeitos dos outros mortos, ele foi encontrado íntegro e enviado a seus familiares para providenciarem o enterro. Já estava na pira funerária quando retornou à vida contando o que havia presenciado sobre a existência no Outro Mundo:

"Disse que, quando sua alma deixou o corpo, ele partiu numa viagem com um grande grupo e chegaram a um lugar misterioso no qual havia duas aberturas para a terra; estas estavam próximas junto a si, e acima delas havia duas aberturas para o céu. No espaço intermediário, havia juizes que ordenavam aos justos, após terem julgado os mesmos e proferido suas sentenças diante deles, a subirem pelo caminho celestial à direita; e, igualmente, aos injustos, para descerem pelo caminho inferior à esquerda; estes portavam os símbolos de seus atos, mas pregados às costas" (51).

Uma nova visão de castigo e recompensa aparece aqui. Trata-se de uma teoria de "penas" proporcionais aos crimes ou condição de cada alma, individualmente, quando encarnada no corpo material. O simbolismo da condição social ou da reencarnação em corpos de animais sugeria

tanto uma punição como uma opção individual decorrente das experiências da última existência: por sua própria vontade ou ignorância qua a alma, apegada ao corpo, aos desejos e às vontades, errava em torno de seu túmulo até conseguir ligar-se a um novo corpo. O desejo material acarretava a infelicidade, os castigos e os conflitos de uma nova existência encarnada.

As faltas cometidas gravam-se na alma e decidem a penalização. O Tribunal dos Infernos era uma metáfora dos confrontos da alma com suas limitações nos momentos em que esteve atada à matéria. E o homem, em sua dupla dimensão, o responsável pelas cicatrizes e deformidades que o afastam da Essência. A punição, portanto, um exercício de sensibilidade espiritual, um temor que devia servir como exemplo moral. Após a morte, a alma nua refletia as ações do "eu" e a falta de compreensão e sabedoria. Os maiores defeitos são a maldade, associada à doença, e a ignorância, associada à feiúra. O primeiro defeito passível de castigo e correção, porém o segundo era o principal problema dos homens. Na sabedoria encontrava-se a única forma de alcançar a Essência e libertar, definitivamente, a alma.

A viagem, o condutor, o julgamento e o destino da alma também estão em Fédom, no Mito do Destino das Almas:

"A alma nada mais tem consigo, quando chega ao Hades, do que sua formação moral e seu regime de vida - o que aliás, segundo a tradição, é o que mais vale ao morto, desde o início da viagem que o conduz ao além. Assim, dizem que o mesmo gênio (daimon) que acompanha cada um de nós durante sua vida, é, também, quem conduz cada morto a um determinado lugar. Então, os que lá se encontram reunidos são submetidos a um julgamento e, imposta a sentença, são levados ao Hades, conduzidos por um guia a quem foi dada a ordem de levá-los para lá. Depois de haverem recebido o que mereciam, e de terem permanecido lá durante o tempo conveniente, outro guia os reconduz para cá, através de muitos e demorados períodos de tempo. (...) (O caminho que Conduz ao Hades) ... não é simples, nem um só: pois, se houvesse uma só estrada para ir ao Hades, não era necessária a existência de guias, já que ninguém podia errar a direção. Mas é evidente que este caminho contém muitas encruzilhadas e voltas: prova disto são os cultos e costumes religiosos que temos" (52).

Prossegue avisando que a alma apegada ao corpo e à matéria permaneceria ligada ao cadáver e ao túmulo, sofrendo e oferecendo resistência ao guia encarregado de conduzi-la e, uma vez chegando ao seu destino seria reconhecida pelos seus erros e negras ações, evitada e isolada dos contatos com outras almas mais puras e sábias (53). No Julgamento das almas, o destino final determinava-se pelas ações na última existência terrena:

"Aí, antes do mais, todos serão julgados, tanto os que tiveram uma vida sã e piedosa como os outros. Em seguida, aqueles de quem se verifica que tiveram uma existência comum são dirigidos ao Aqueronte (o Rio dos Lamentos), e nele, em qualquer embarcação, se encaminham para o lago Aquerúsia. Lá, então, passam a morar e a submeter-se a purificações (...) (54).

Os considerados incuráveis - homicidas, ladrões de templos, etc, - eram arremessados ao Tártaro. Aqueles cujos atos errados foram consequência da ira seguida de arrependimento seriam lançados ao Tártaro. Porém, após um ano uma onda os arremessaria para fora - os assassinos no rio Cocito (rio das Queixas) e os criminosos contra pai e mãe no Perigefletonte (rio de chamas de fogo). Chegando ao lago Aquerúsia, submetiam-se ao perdão:

"(...) e ali chamam e pedem em altos brados, uns àqueles que mataram, outros àqueles que violaram; e lhes suplicam que os deixem passar do rio ao lago e vir ter com eles. Se conseguem o que pedem, saem do rio e não sofrem mais. Em caso contrário são de novo jogados no Tártaro, e de lá outra vez aos rios, assim numa repetição sem tréguas, até que hajam obtido o perdão de suas vítimas - pois essa é a punição que os juízes lhes impuseram" (55).

Os piedosos tinham a ventura da felicidade nas paragens celestiais, em contato com as divindades. Entre estes privilegiados, os filósofos estavam no grau superior:

"E, entre estes, aqueles que pela filosofia se purificaram de modo suficiente passam a viver absolutamente sem os seus corpos, durante o resto do tempo, e a residir em lugares ainda mais belos que os demais" (56).

As doutrinas da reencarnação e da metempsicose apontam a necessidade de superação da condição humana presa nos ciclos de nascimento e morte. Com ajuda de símbolos e metáforas, um momento do pensamento grego definiu novos rumos para atitudes, crenças e concepções diante da morte. Os representantes desta inovação, Píndaro, Empédocles, os pitagóricos e os órficos, a organização dos cultos de Mistérios, o advento do pensamento filosófico em Sócrates e Platão marcarão uma inflexão decisiva nas novas concepções. Numa lápide funerária encontrada em Síbaris existe esta pungente declaração, reflexo de uma decisiva aspiração:

"E assim escapei do ciclo, doloroso e cheio de misérias" (57).

A grandiosa síntese platônica, os elementos órficos e pitagóricos que a integram conhecerão uma ampla difusão, tornando-se preponderante a partir da época helenística, influenciando o gnosticismo, o neo-platonismo, e formando as fontes da inspiração de uma nova religiosidade por muitos séculos, inclusive o próprio Espiritismo moderno.

NOTAS

1. Varenne, J. "La Religion Védica, In: História de las Religiones Antiguas-Vol.2, op.cit., p.348. Renou, L. L'Hindouisme, Paris, Presses Universitaires de France, 1979, pp. 1-2. Fillizolat, J. Inde: Nations et Traditions - Les hilosophies de L'Inde, Paris, Presses Universitaires de France, 1970, pp. 8-11. Dumézil,G. L'Idéologie Tripartite des Indo-Européens, Bruxelas, 1958.
2. Varenne, J. op.cit., p.350.
3. Renou, L. op.cit., p. 97-106.
4. D.S. Sarma, M.A. **Primer of Hinduism**, London, MacMillan and Co., 1939, p.21.
5. Varenne, J., op.cit., p.361. Ver também Edgerton, F. **The Beginnings of Indian Philosophy**, NY, Columbia Press, 1965, pp. 21-2 e também Mahadevan, J. **Invitaciona la Filosofia Fondode Cultura**, México,
6. O sistema da tracional medicina, *Ayurveda*, literalmente "a ciência da longa vida", é uma ciência sagrada onde a arte da cura ampara-se nos fundamentos religiosos. A enfermidade, os distúrbios do organismo, relacionavam-se à desordens por seres demoníacos, por distúrbios do equilíbrio interno e a cura é desenvolvida dentro de uma perspectiva mágica e empírica, com orações, ervas, remédios e encantamentos. A partir de 800 a.C. o *Ayurveda* tornou-se um sistema médico mais racionalizado e avançado, com inúmeras técnicas que incluíam a cirurgia plástica. Contudo, o elemento religioso, filosófico e sagrado sempre foi a base central desta prática terapêutica, cujo objetivo fundamental nunca foi a cura, pura e simplesmente, das doenças mas, acima de tudo, a busca de equilíbrio que permitisse ao homem encontrar o caminho da Libertação. Ver: Leslie, C.(org), **Asian medical Systems**, Berkeley, University of California Press, 1976, p.7. Zimmer, H. **Hindu Medicine**, John Hopkins Press, 1948, pg. 50-2. Jaggi, O.P. **Indian Systems of Medicine**, N. Delhi, Atman Ram and sons, 1973.pg. 12-5. O primeiro, *RigVeda*, era uma coleção de 1028 hinos organizados em forma de versos, totalizando 3462 estrofes repartidas em dez livros. Estes grandes poemas estavam organizados por divindades, por ritmo, cadência e por extensão. Atribuía-se sua autoria aos *rishis*, profetas videntes divinamente inspirados tais como *Visvamitra*, *Vasistha*, entre outros, cuja existência histórica perdeu-se no contexto mítico do pensamento religioso védico ancestral. A composição poética deste conjunto de textos foi muitíssimo elaborada, carregada de símbolos e imagens exageradas, contando a história de deuses e de várias divindades, cosmogonias, teogonias, o surgimento dos homens e sua separação da ordem cósmica, os poderes das palavras mágicas e, até mesmo, encantamentos. O segundo texto sagrado era o *YajurVeda*, onde a exposição poética da sabedoria religiosa podia ser encontrada em formas litúrgicas, na exposição técnica dos ritos e sacrifícios que deviam ser recitados nas cerimônias através de fórmulas sagradas usadas pelos sacerdotes durante os atos sacrificiais. Neste texto encontravam-se também as bases da tradicional medicina védica, embora este conhecimento específico esteja espalhado por todo o conjunto da obra do *Vedas* (6).

O terceiro conjunto, *SamaVeda*, era uma versão reorganizada de alguns hinos do *RigVeda*. Não possuía originalidade literária pois são estrofes do livro anterior acompanhadas de indicações técnicas para uso dos cantores e sacerdotes. Este texto depende inteiramente, do *RigVeda* e do *YajurVeda* e suas diferentes recensões.

O quarto grupo de textos, *AtharvaVeda*, continha material de caráter mais popular como fórmulas de encantamento, feitiços e cantos exorcísticos, conhecimento de plantas e ervas do ponto de vista de seu caráter mágico e curativo, além de hinos hieráticos especulativos, sem que, contudo, se perdesse o estilo nobre e marcante de todas as obras da tradição védica.

7. As Puranas principais são: Vishnu, Nadiya, Bhagavata, Garuda, Padma, Varaha, Brahma, Brahmanda, Vaivarta, Markanduya, Bhavisyat, Vamana, Matsya, Kurma, Linga, Siva, Skanda, e Agni. Ver: Sarma, op.cit. pp. 25-6.
8. A tradição védica conservou-se oralmente até aproximadamente o século III a.C. Muitas das composições iniciais perderam-se, só restando trechos e fragmentos reinterpretados e codificados em épocas mais recentes, sobretudo nos períodos mais clássicos da história hindu, entre 1500 e 500 a.C., atingindo seu apogeu na época de *Budha* (séc. VI a.C.) e expansão máxima durante a dinastia. A *Gupta* (320-647 d.c.) com a expressão clássica da síntese do Hinduísmo medieval. Ver Renou, L., *Religions of Anciente India*, London, Penguin Books, 1953, pg. 1-45.
9. Embora existam traduções portuguesas e espanholas dos textos da tradição védica, as mais autorizadas para línguas ocidentais estão na coleção **The Sacred Books Of The East** organizada por Max Muller em 1897 e reeditadas em 1965 por Motilal Banarsidas, Nova Delhi. Além destas traduções já clássicas, utilizamos, para efeito de comparação, a edição bilingüe feita por Jean Riviere, **La Sainte Upanishad de la Bhagavad Gita** (Arché, Milan, 1977); **The Mahabharata** (trad. de J.A.B. van Buitres, vols.1,2,3, Chicago, Chicago Press, 1981); **The Bhagavad Gita** (trad. Juan Mascaró, London, Peguim Books, 1976); **The Upanishads** (trad. Alistar Shearer and P.Russel, Deavon, London, 1981). As traduções francesas são muito boas e as mais importantes são: Varenne, J., **Le veda**, I, II, III, Paris, Payot, 1969. Renou, L., **Études Védiques** (trad. de hinos védicos), Paris, Payot, 1969. Não existem em língua portuguesa traduções diretas do sânscrito.. As traduções encontradas vem de textos em inglês.. Temos: **Bhagavad Gita** (trad. de Francisco Waldomiro Lorenz), SP, Pensamento, 1991; **O Cântico do Senhor (Bhagavad Gita)**, (org, Murilo Nunes de Azevedo), SP, Pensamento, 1990; **Os Upanishads (O Sopro Vital do Eterno)** de acordo com a versão inglesa de Swami Prabhavananda e Frederick manchester, SP, Pensamento, 1990. **A Sabedoria dos Upanishads** por Annie Besant, SP. Pensamento, 1988. **Os Upanishads** (trad. por Inês Busse), Publ. Europa-América. 1976.
10. Renou, L., op.cit. pg. 60.
11. Ver Zimmer, H., **Filosofias da undia**, SP, Palas-Athena, 1986, pp. 238-262. Eliade, M., **História das Idéias e das Crenças religiosas**, op.cit. pp.60-8.
12. Zimmer, H., op.cit. pg. 238-62.
13. Zimmer, H. **Myths and Symbols in Indian Art and Civilization**, Boelligen Series VI, Princeton, pg. 94-5.
14. Zimmer, H., op.cit. pg. 109-10.

15. Zimmer, H., op.cit. 140-2.
16. Eliade, M., Le Yoga: Imortalité et Liberté, Paris, Payot, 1954.
17. Stcherbasku, V., The Conception of Buddhism Nirvana, p. 60-2 in Gard, R. Budismo, RJ, Zahar, 1964, p. 91. Cabe salientar que o século VI a.C. foi um momento especial da história espiritual da humanidade. Neste período temos o apogeu dos *Upanishad*, o surgimento de *Buddha e Mahavira* na Índia, *Lao-Tsé e Confúcio* na China, *Jeremias e Isaias* entre os judeus, os pré-socráticos, que são aspectos de uma época histórica ainda pouco estudada, sobretudo do ponto de vista comparativo.
18. Eliade, M. op.cit., tomo II, vol I, p.106.
19. Foram utilizadas as traduções para o inglês de Thomas William Rhys Davis (1843-1922), fundador da *Pali Text Society* em 1881, sobretudo Dialogues of the Buddha, Buddhist Suttas, Vinaya Texts, publicadas na coleção Sacred Books of East (org. Max Muller), N. Delhi, Motilal Barnasis, 1965, Vols XIII, XVII e XX. Temos também Conzé, E. Buddhist Texts through the Ages, Oxford, Harper, 1941.
20. Eliade, op. cit. pp.109-11.
21. Ver Conzé, E. Buddhism: Its essence and Development, Oxford, Harper, 1959, pp.11-69. A Short History of Buddhism, London, Mandala Books, 1980. Dasgupta, S. A History of Indian Philosophy, I, Cambridge, Cambridge Press, 1922, p.84. Buddhist Scriptures, London, Harmandsworth, 1959. The Dhammapada- The Path of Perfection, Middlesex, Penguin Books, 1973.
22. Bardeau, A. Les Religions de l'Inde, III Payot, Paris, 1966, pp.192-4.
23. " El Budismo Indio", in Las Religiones em la India y en Extremo Oriente, Madrid, Siglo XXI, 1978, pp.231-66.
24. Rahula, W. L'Enseignement du Bouddha, Paris, Ed, du Seuil, 1961, pp.170-89.
25. Gard, R. op. cit. p.86.
26. Tucci, G. The Religion of Tibet, London, RKP, 1980. Tucci e Heissing, Les Religions du Tibet et de Mongolie, Paris, Payot, 1973. Blondeau, A. M. "Religiones del Tibet", in Historia de las Religiones, Vol III, 1976, pp.233- 329, em especial as páginas 245-6 sobre a crença na reencarnação no Tibete antes do Budismo. A expansão do Budismo tanto no Tibete como no resto do Extremo Oriente não foi linear nem isenta de conflitos. A primeira leva de Budismo no Tibete, iniciada no século VII, foi interrompida de forma violenta no século IX, quando foi perseguido, seus templos fechados e bibliotecas destruídas, tendo a religião *Bon* se reestabelecido. Contudo, nos séculos XI e XIV uma série de grandes mestres espirituais fundam mosteiros e escolas na região, porém somente no século XV é que surge a teocracia lamaica e as figuras dos *Dalai-Lama*.
27. Blondeau, A. op. cit. pp.271-3.
28. Eliade, M. op. cit., tomo II, pp.319. Foi utilizada a tradução de Evans-Wentz editada pela Pensamento, SP, 1985.
29. Ver Jung, C. G. "Comentário Psicológico", na tradução do Livro Tibetano dos Mortos citada anteriormente pp. XXXV-XLVII.

30. Sob este ponto de vista o Livro dos Mortos é voltado para os rituais de iniciação que incluem a experiência da morte e do renascimento espiritual. Ver Govinda, L. A., "Prefácio Introdutório", op. cit. pp.XLIX-LVII.
31. Vian, F. op. cit. p.318.
32. Detienne, M. "Hermotisme et Anaxagore" in "Revue Philosophique, 1964, 3. Boyancé, P. "Sur les Mustères d'Eleusis" in Revue des Etudes Grecques, LXXV, 1962, pp.460-82. Flaceliere, R. "Le Fonctionnement de l'oraculo de Delphes au Temps de Plutarque", in Annales de l'Ecole des Hautes de Gand, 1983, pp.66-107. Festugiere, A. J. "LesMysteres de Dionysios", Etudes de Religion Grecque et Hellenistique, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1972, pp.13-63.
33. Vian, F. op. cit. p.235.
34. Eliade, M. Hist. das Idéias (...), Tomo II, Vol I, p.205.
35. Platão. A República, 364b, 365a.
36. Eliade, M. op. cit. p.209.
37. Platão. Fédon, 108a. Górgias, 524a. República, 614c-d.
38. Lamelas de Petélia e Eleuterno, Cf. Guthrie, W.K.C. Orpheus and the Greek Religion, Londres, 1952 e Zuntz, G. Persephone- Three Essays on Religion and Thought in Magna Graecia, Oxford, 1971. In Eliade, M. op. cit. p.210.
39. Vernant, J. P. op. cit. pp.71-112, 308. Detienne, M. op. cit. pp.57-72.
40. Diógenes Laerce. op. cit. p.135.
41. "Diz-se que a alma gira segundo a roda da necessidade, às vezes unida a um animal, às vezes a um outro homem."In Delatte, A. Bruxelas, 1922, citado por Gorman, P. PYTHAGORAS: a life, London, Routledge/Kegan Paul Ltd, 1971, p.181.
42. Empédocles. Purificações Frag. 115. Trad. Battistini, T. Trois Contemporains: Heráclito, Parmenides, Empédocle, Paris, 1955. In vernant, op. cit. p.84.
43. Em Vernant, J. P., op. cit. p.83, encontramos bem colocada a idéia de falta e expiação.
44. Rohde, E. op. cit. p.397, 412-6.
45. Eliade, M. op. cit. p.215.
46. Rohde, E. p.436-5, 535.
47. Platão. Menon 81 a-e.
48. Platão Górgias. 493a.
49. Platão Fedro. 246b, 249 s. A crença na alma celestial e astral é compartilhada pelos filósofos jônicos, desde Heráclito a Anximandro.
50. Segundo Eliade (op.cit. p.221), Platão irá "redescobrir" e "reinventar" a antologia arcaica e a Teoria das Idéias prolongaria a doutrina dos modelos exemplares, uma característica da espiritualidade e religiosidade tradicional.
51. Platão. República Livro X.
52. Platão Fédon 107c-d, 108a.

53. Platão 108b-c.
54. Platão 113e.
55. Platão 114c.
56. Platão 114a-b.
57. Inscr. Gr. e Ital., cf, Waddell, L. A. in Evans, -Wentz, op.cit., p.36.

CAPÍTULO 3

EM BUSCA DA SALVAÇÃO

O tema da salvação, presente em várias crenças fúnebres antigas, sobretudo na tradição egípcia, tornou-se uma característica das religiões de mistérios entre os séculos VIII e VII a.C. e difundiram-se largamente no período helenístico, implantando-se na tradição religiosa ocidental. Está presente nos movimentos proféticos do Zoroastrismo, no profetismo bíblico, no Cristianismo e no Islamismo.

A imagem mais recorrente é a de uma divindade e uma fé salvadoras, que arrancam os homens do poder da morte, submetendo-se ao seu poder divino, à ressurreição, ao julgamento dos atos e pensamentos, de acordo com as suas condutas em vida. A tradição religiosa salvacionista é, frequentemente, monoteísta, implica em noções de Bem e Mal, pecado, tribunal divino, Céu, Inferno, Purgatório, penas ou bem-aventuranças depois da morte, iniciações e sacrifícios durante a vida.

Como um fenômeno religioso, traduz nítidas doutrinas da imortalidade, a salvação como um prêmio pela fé e, acima de tudo, a vitória da vida espiritual sobre a morte física.

3.1 O REINO DE OSÍRIS-RÁ

Diante da idéia de imortalidade, durante séculos, formou-se o eixo central da vida religiosa e social dos antigos egípcios (1). Foi com uma existência religiosa voltada para os destinos além-túmulo e a preservação desta imortalidade que as crenças na ressurreição e na vida futura guardaram uma grande unidade durante longos períodos, estando presente nos elaborados ritos funerários, na construção de sepulturas e o seu apetrechamento nas minuciosas técnicas de mumificação e nos cuidados com o destino da alma e da morada espiritual, que chamaram a atenção de todos que tiveram qualquer forma de contato com esta cultura. Mesmo no mundo contemporâneo, pirâmides, sarcófagos, múmias, tesouros, maldições, povoam a imaginação nos museus, nos locais frequentados pelos turistas, e popularizados na literatura, no cinema de aventura, suspense ou terror, nos bailes de carnaval e, atualmente, no lucrativo surto "esotérico" da nossa sociedade.

DAS CRENÇAS FUNERÁRIAS À GRANDE SÍNTESE

Durante o Antigo Império, o Faraó foi identificado com o deus-solar *Rá*. Esta divindade lhe conferia a imortalidade, e sua morte física significava a sua passagem, enquanto uma divindade, para o reino celestial, o mundo dos deuses. A teologia solar adequava-se para representar as ações terrenas do Faraó- Deus, assim como a sua imortalidade num mundo celeste e estelar.

A grande maioria das fórmulas religiosas relativas ao Faraó falavam da viagem celeste da alma do soberano, descrita na forma alegórica como um pássaro, garça, falcão, ajudado pelos ventos, pelas nuvens ou subindo por uma escada. Porém, era sempre a ascensão de um deus, um ser com essência totalmente diversa dos homens comuns e que deveria passar, durante a sua ascensão, por algumas provas de caráter iniciático, como ter de responder a certas perguntas, invocar potências divinas, revelar um caráter divino, coragem, astúcia e conhecimento das coisas do universo mágico-sobrenatural (2).

No céu, o Faraó reproduzia sua existência terrena: em seu trono, recebia homenagens, julgava e dava ordens, cercado de súditos privilegiados e membros da família real, que compartilhavam a identificação com as estrelas e a imortalidade celestial. Reinava sobre os mortos como soberano e senhor, a própria encarnação divina (3).

O outro mito fundamental para o desenvolvimento da religião funerária é o deus Osíris, um deus agrário arcaico do Delta do Nilo, ligado aos mitos e ritos de fertilidade e vegetação. Posteriormente, foi transformado numa divindade célebre pelo seu vigor e justiça, que havia governado o Egito em tempos imemoriais. No final do Antigo Império seu culto ganhava importância crescente. Osíris e sua esposa-irmã Ísis figuram, no intrincado sistema teológico egípcio, entre os casais divinos que estão na origem do mundo.

O mito de Osíris e sua mulher Ísis foi uma das bases do conjunto das crenças funerárias. De acordo com este mito, Osíris foi traído pelo seu irmão, o deus *Seth*, sendo assassinado e esquartejado por ele. Seus restos mortais foram reunidos pela sua esposa-irmã, a deusa Ísis, grande-

feiticeira, que conseguiu ser fecundada após a sua morte (4). Tendo enterrado o corpo, Ísis ocultou-se nas moitas de papiros do Delta do Rio Nilo, passando ali o período de gestação. Quando o filho de Ísis e Osíris, o deus Horus, atingiu a idade adulta, travou-se um combate entre ele e seu tio *Seth*. Vitorioso deste combate, Horus ressuscitou seu pai, o deus Osíris.

Esta ressurreição era um drama específico: durante a batalha com *Seth*, Horus teve um olho arrancado. Após a sua vitória ele ofereceu este olho a Osíris e, na tradição popular egípcia, o olho de Horus converteu-se em amuleto poderoso contra todas as formas de malefício e encantamento. Após sua vitória Horus desceu ao mundo subterrâneo dos mortos e acordou Osíris, ressuscitando-o com palavras, rituais e invocações: "Osíris, tu partiste, mas retornaste; adormeceste, mas foste despertado; morreste, mas de novo vive" (5). Osíris é ressuscitado enquanto pessoa espiritual, força vital, passando a assegurar a fertilidade, a força reprodutiva e de crescimento de toda a Terra, depois de ter incluído a morte e a ressurreição entre suas experiências, e antes de tornar-se o Juiz e Rei dos mortos.

O mito da Ressurreição de Osíris tinha uma caráter profundamente hermético e iniciático, uma alegoria aos fenômenos da Natureza. Um grão lançado à terra devia destinar-se a produzir uma planta completa. Mal é semeado, travava-se uma luta entre a semente geradora, sua natureza interior e os elementos exteriores. Iniciava-se a decomposição e, justamente dela, do caos desintegrador surgia uma nova planta, que crescia em direção ao sol. De um grão morto e enterrado surgiam numerosos rebentos, imagens da imortalidade e eternidade. Este mito não era antagônico à situação da realeza faraônica, podendo ser adaptado: o filho divino que sucedia o pai, garantindo a prosperidade e riqueza do reino (6), uma concepção profundamente enraizada nos ritos agrários e de fertilidade, que recebem um tratamento mais elaborado, do ponto de vista simbólico, quando a religião egípcia começa a ficar mais organizada institucional e filosoficamente. O deus Osíris já não era mais uma simples divindade agrária. Ele era uma alegoria dos ciclos da existência, das metamorfoses da vida que oscilam entre destruição e regeneração.

No final do Antigo Império aconteceu uma fusão, ainda parcial e cheia de contradições, entre estas crenças. Não estava definido com muita clareza se o morto vivia num mundo subterrâneo onde reinava Osíris, se viajava na barca celestial com o Deus-Sol no seu percurso diurno e noturno ou vivia nos campos celestiais. Provavelmente, tais crenças coexistiam entre diferentes camadas da população.

Um ponto era comum a todas estas situações, terrenas ou celestiais, da alma (ou almas): a sua dependência da sobrevivência do corpo físico, o suporte material que permitia a existência espiritual. Desta forma, a sua melhor garantia era a conservação do corpo. Portanto, a mumificação, as complicadas práticas de inumação, a necessidade de fornecer provisões aos mortos, a construção de túmulos de acordo com proporções especiais e orientações específicas, eram frutos de um conhecimento bastante particular. Isto mostrava toda uma categoria especializada de sacerdotes, mestres, aprendizes, dedicados aos ofícios para cada etapa da morte, desde a conservação do corpo até os detalhes astronômicos, geográficos, geométricos e arquitetônicos que orientavam os destinos dos mortos. Todos estes atos, rituais e especialização orientaram os ritos funerários durante milhares de anos e nos mostram a crença muito arraigada na relação entre a matéria e o espírito, marca do pensamento mágico-religioso egípcio (7).

Esta ligação entre os corpos e as partes espirituais que iam progressivamente se sutilizando e libertando após a morte merece um esclarecimento. Pensava-se que os mortos iam para baixo (ou para dentro) da terra, num mundo à parte, um reino próprio. O corpo, ao ser sepultado, era levado para baixo, afundando, devido ao peso do seu coração. Esta imagem do espaço subterrâneo

dos mortos que para lá são levados pelo peso do seu coração era consequência de uma crença que atribuía a cada órgão, víscera ou parte do corpo, a regência de determinadas ações, sentimentos, desejos, pensamentos ou palavras. Isto explicava o tratamento ritual dado aos mortos.

Através do uso de técnicas especiais, todos os órgãos e vísceras eram retirados de dentro do corpo e passavam por práticas purificadoras que consistiam na imersão prolongada de cada uma das partes em banhos com fórmulas especiais seguidas de defumações, cânticos, hinos, invocações e orações. Estas práticas eram destinadas a tirar o peso do corpo, lavar os pecados, tornar o corpo novo, leve, brilhante, dando força e coragem, tornando a voz clara e forte, causando boa impressão e afastando o mal de perto do morto, e colocando os protetores espirituais mais próximos. Assim, o mel, os óleos, o vinho e o leite eram elementos que comunicavam doçura e força, enquanto as ervas específicas retiravam a amargura, o rancor, a inveja, a luxúria, o ódio e todos os outros sentimentos negativos, de forma a que os danos causados pelas ações humanas nos órgãos correspondentes fossem neutralizados. Banhar o cadáver em natrão (uma mistura de carbono, enxofre e sódio) tinha um profundo significado religioso, pois a palavra *Natron* vem de um vocábulo egípcio que significava "deus". O cadáver era "divinizado" neste banho.

Depois de tudo, o corpo do morto, em ofício religioso, era envolvido em várias camadas de faixas de tecido branco com metragem definida para cada ano de idade, enroladas em sentido anti-horário, de baixo para cima. As ataduras brancas simbolizavam Ísis e Néfis, as companheiras de Osíris. Desta forma, o morto comparecia semelhante a um deus, abraçado a duas deusas. Assim ele era apresentado aos deuses no tribunal. Ao final dos rituais dos funerais, após as oferendas e libações costumeiras, era erguido um pilar de pedra, o *djed* ou estátua, significando ter o morto levantado para a vida, que a sua identidade individual havia ressurgido para a eternidade.

O morto vivia algum tempo sob a terra e, após o Julgamento, poderia ser sentenciado e consumido ou alcançar o Reino da Eternidade ao lado dos deuses. Em alguns casos, quando não eram cumpridos os ritos funerários adequados, devido à destruição de seu túmulo, em consequência de uma morte accidental ou violenta, o morto vagaria na face da terra, sofrendo por muito tempo, até ser consumido.

Durante o período de crise política do Primeiro Período Intermediário e no Médio Império, a figura sagrada do deus Osíris ficou no centro de preocupações éticas e religiosas. Num período de grande instabilidade política, a consciência da síncope social e religiosa do Faraó-deus e das estruturas remeteram, fatalmente, ao questionamento do sentido da vida e da morte (8).

A religião osiriana deste período foi acompanhada por modificações éticas e morais. A idéia de justiça e caridade como atos positivos que pesarão no dia da morte e, especialmente, a crença num julgamento de nossas ações terrenas ganharão um forte sentido coletivo. Esta foi a concepção central que orientou o futuro das crenças sobre o papel da moral na existência humana e o verdadeiro desenrolar do destino da alma no Além, sobrevivendo, com algumas modificações, às transformações políticas, religiosas e sociais de outros períodos da história egípcia.

O drama do julgamento, que existia no Antigo Império restrito ao faraó, que deveria ser puro, iniciado nos ritos sacerdotais e justo num sentido mais jurídico que moral, vai sendo ampliado, principalmente no Período Intermediário, desembocando no tradicional "Tribunal dos Mortos", presidido por Osíris e assistido pelas divindades principais das diferentes regiões (9).

Nesta época de desordem social, de instabilidade e insegurança material, o sentimento religioso buscou uma justiça divina, que deveria acontecer no mundo espiritual. A possibilidade de

salvação dependia então da existência humana e da sua relação benévola com o próximo, superando um mundo de injustiças e maldades (10).

Temos aqui duas formas religiosas: uma que cuidava da morte, da alma e do espírito, e outra que cuidava da vida, da justiça social, da fé, dos deuses e dos problemas existenciais. A fusão destas duas formas passou a marcar a religião oficial e institucional, absorvendo e, simultaneamente, sacralizando a estrutura social e política. Devoção, piedade, bondade, justiça eram categorias espirituais e divinas, bases para uma visão salvacionista da alma (11).

No Médio Império, mais precisamente durante a XII dinastia, a solarização da teologia assumiu a identificação de Amon, o deus oculto da tradição hermopolitana, agora convertido em entidade suprema, associado ao deus-solar, Rá. Esta sincretização Amom-Rá possibilitou o surgimento da idéia de um deus universal, uma teologia universalista e a formação de uma numerosa casta sacerdotal, que sobreviveu à invasão dos Hicsos e ao chamado Segundo Período Intermediário, ressurgindo no Novo Império com uma excessiva politização da elite sacerdotal (12).

Estes movimentos teológicos de unificação de divindades éticos e morais de salvação, perdão e justiça espiritual marcaram, na história do antigo Egito o processo de "democratização" da vida além-túmulo já no Médio Império. Todos os homens poderão apropriar-se do modelo de Osíris e vencer a morte por seus méritos. Com a ajuda dos deuses passaram aspirar a sua transformação em seres espirituais integrados e imortais.

Durante o Novo Império estas concepções alcançaram a sua mais elaborada síntese: a associação Rá-Osíris, a imagem de um deus solar e celestial com a do deus subterrâneo e ressurrecto. Este duplo processo indicou a unidade e a multiplicidade da divindade, o verdadeiro sentido da existência humana, a complementariedade entre a vida e a morte e foi uma forma de adequar duas crenças até certo ponto antagônicas: uma dogmática e sacerdotal ligada à solarização de um deus universal Amom-Rá, e outra, arraigada na ancestralidade dos ritos agrários e codificadora do mistério da morte e ressurreição para a grade coletividade social, o popular culto osiriano (13). Numa associação metafórica entendia-se que assim como o grão "morria" para ressurgir multiplicado, o Sol destinado a dar vida a todos os seres também "morria" todas as noites, para ressurgir com força, a cada manhã. Aparentemente, era quando a morte mais parecia triunfar que a vida tinha mais força, sendo necessário morrer para reviver imortal.

Desde a XVIII dinastia vemos o estabelecimento da forma mais tradicional de concepções sobre a vida após a morte. Embora não existisse um relato sistemático da doutrina da ressurreição e da vida futura, as principais crenças religiosas sobre a morte deste período encontravam-se na grande coleção de textos religiosos reunidos ao longo dos tempos, e que ficou conhecido como o "O livro dos Mortos".

Na verdade, nunca existiu um "livro" assim como entendemos hoje. Existiram várias recensões destas composições abrangendo um período milenar, contendo crenças, ideais, filosofia, sabedoria, ritos mágicos e iniciáticos, orações, encantamentos e superstições, representativas das mais diversas formas e categorias de religiosidade, cultura e ciência de variadas épocas.

Inicialmente, foram encontrados papiros ao lado das múmias contendo orações, histórias dos deuses e instruções ao morto, junto com textos da mesma natureza pintados nos ataúdes e paredes dos túmulos (14). Este material foi, durante o Novo Império, reorganizado pelos teólogos a partir de textos mais antigos, que gozaram de grande popularidade até o fim da civilização egípcia e o advento do cristianismo, tendo convivido, por um bom período, com a fé cristã (15). Na verdade, é

difícil precisar com exatidão o momento em que se deu a extinção deste conjunto de crenças, embora possamos falar do declínio que sofreram a partir da introdução do Cristianismo.

O material do Livro dos Mortos continha uma série de orações e fórmulas mágicas, de caráter iniciático, para facilitar a viagem da alma para Além. Refletia as sínteses teológicas do Novo Império, governado simultaneamente por um soberano que era rei-soldado e rei-deus e por uma forte classe sacerdotal, e também marcado pelos aspectos arcaicos e populares da religiosidade egípcia.

Podemos depreender do pensamento religioso deste período transcrito no "Livro dos Mortos" que, para os egípcios, assim como para outros povos da antiguidade, a morte não efetuava apenas a separação entre corpo e alma, mas, acima de tudo, era a libertação de princípios físicos, mentais e espirituais que constituíam o homem durante a sua vida e após a sua morte. Vemos a descrição e divisão do homem em outros corpos imateriais. Estes princípios espirituais eram nove ao todo, embora a dificuldade em traduzir seu sentido verdadeiro acabe por levar a alguma indefinição sobre os seus sentidos de fato. São eles: (16)

1. O corpo físico, o *Khat*, passível de corrupção e decadência, devendo ser preservado pela mumificação. (Aquele a quem os vermes comem).
2. O duplo, o *Ka*, a individualidade e personalidade abstrata com a forma e os atributos do ser a quem pertencia. Embora pudesse vagar livremente, habitar uma estátua, era obrigado a comer e beber. Quando abandonado sem suprimentos podia deixar sua tumba e vagar como alma errante dando bastante dor de cabeça aos vivos. Esta seria a forma espiritual menos sutil, podendo aparecer aos vivos, falar aos videntes, enviar mensagens, receber os cultos e oferendas, podendo, mediante invocação, realizar determinados trabalhos. (Digamos que era o corpo sutil, a matéria do espírito)
3. A alma do coração, o *Ba*. Embora aparentemente continuasse a viver no túmulo, sua condição era representada na forma de um falcão, podendo voar até o fundo da tumba, levando ar alimentação ao corpo mumificado.
4. O coração, o *Ab*. A fonte da vida, do bem e do mal, devendo estar ritualisticamente preparado para ser examinado durante o Julgamento. Se ele não fosse cuidado poderia posicionar-se contra o morto em queixas, comprometendo o seu julgamento. Centro da vida pensante e espiritual, a "consciência", revelava tanto os vícios como as virtudes, algo assim como um corpo mental.
5. A sombra, o *Khaibit*. Não tinha uma definição muito clara, mas estava em conexão com a alma do coração e parecia alimentar-se das oferendas tumulares. Guardava o corpo emocional, os apegos, desejos e paixões que o morto tinha em vida. Para não incorrer no desagrado desta dimensão espiritual, eram feitas as oferendas que mitigassem e aplacassem os desejos, as carências e necessidades que o morto tinha em vida. Era um invólucro de forma espiritual.
6. A alma espiritual, o *Khu*. Um ser etéreo que habitava o corpo espiritual, indestrutível. Não era o espírito mas o espírito da alma, a centelha divina que fornecia energia e habitava a alma, representado em chama.
7. O corpo espiritual, o *Sahu*. Formava a habilitação da alma e provinha do corpo físico. Sua durabilidade e incorruptibilidade dependia das orações e dos cultos funerários. Unia todos os atributos mentais e espirituais do ser vivo, assim como um fluido que permeava e mantinha coesa a forma física, os sentimentos, os pensamentos e os desejos. Era o *Sahu* que, integrado ao *Ka*, realizava tarefas e recebia as oferendas.

8. O poder, o *Seklem*. Tratava-se da força vital, natural, cósmica, que morava no céu, entre os espíritos, e era o elemento de conexão entre a alma e o espírito, centro da vida pensante e espiritual e que mantinha o indivíduo ligado ao Universo, à natureza, ao ambiente, à Unidade. Era a vitalidade.
9. O nome, *Rhem*. Preservar o nome significava a conservação da existência espiritual. A preservação da memória dos mortos era a garantia da espiritualidade. Um dos maiores castigos que se podia infringir a uma pessoa já falecida era apagar o seu nome das estátuas, dos túmulos, condenando-o a uma morte definitiva pelo esquecimento. Isto porque, se o seu nome fosse retirado do culto aos mortos, o defunto nunca seria chamado para o julgamento, para a barca dos deuses, para as oferendas e rituais e para receber as homenagens dos descendentes e da posteridade (17).

O TRIBUNAL DOS MORTOS

Este era o momento mais temido: a pesagem das ações, o exame de consciência. Na representação mais tradicional do Novo Império, a sala de julgamento era denominada "A Sala das Duas Verdades". Osíris, hierático e impassível, presidia o julgamento sentado em seu trono, ladeado por Ísis e Néfis e secundado por catorze assessores. No meio a sala estava a balança, que podia ser ornamentada com a cabeça de M'aat, a Verdade ou a Ordem, a cabeça de Anúbis ou de Thot. O defunto apresentava-se com uma túnica de linho branco e era conduzido por Anúbis. Após saudar a todos presentes começava a pronunciar a declaração de inocência do cap. CXXV do Livro dos Mortos:

"1. Não fiz mal a ninguém. 2. Não prejudiquei uma família. 3. Não pratiquei mal algum em lugar sagrado. 4. Evitei as más companhias. 5. Não causei nenhum dano. 6. Não sobrecarreguei de trabalho os meus homens. 7. Não busquei honrarias. 8. Não maltratei os criados. 9. Não fiz pouco de deus. 10. Não me apoderei de propriedade alheia. 11. Não fiz o que os deuses não gostam. 12. Não falei mal de um criado a seu amo. 13. Não causei sofrimento a ninguém. 14. Não deixei ninguém passar fome. 15. Não fiz ninguém chorar. 16. Não matei. 17. Não obriguei ninguém a matar. 18. Não causei dor. 19. Não roubei oferendas do templo. 20. Não roubei o pão sagrado. 21. Não roubei o pão das oferendas. 22. Não forniquei. 23. Não me poluí no santuário do deus da cidade. 24. Não roubei nas medidas. 25. Não roubei terras. 26. Não invadi propriedade alheia. 27. Não fraudei. 28. Não usei pesos falsos. 29. Não tirei o leite das crianças. 30. Não roubei gado. 31. Não prendi pássaros sagrados em armadilhas. 32. Não peguei peixes com armadilhas de peixes da mesma espécie. 33. Não detive os cursos de água. 34. Não cortei a margem do canal. 35. Não apaguei o fogo. 36. Não fraudei aos deuses as suas oferendas de comida. 37. Não roubei o gado sagrado. 38. Não repeli as manifestações de deus" (18).

Esta declaração era recitada novamente diante de cada uma das divindades presentes ao julgamento, reforçando a pureza (ou pelo menos a intenção) do morto, que acrescentava não temer a façção dos juizes porque, além de estar purificado, havia agido de acordo com a vontade dos homens e a aprovação dos deuses. A confissão passava por uma prova prática: a pesagem do coração na balança da verdade e justiça. Esta confissão indicava o germe da consciência religiosa, o desabrochar de uma conduta ética. Enquanto algumas transgressões tinham um fundo mais prático com

conotações sociais e culturais, outras tinham um caráter ético, moral e místico, prenunciando um código de valores espiritualizado.

Num dos pratos desta infalível balança ficava o coração do falecido; no outro a estátua (ou uma pena), simbolizando a verdade. Restava ao morto implorar ao seu coração que não desmentisse a confissão de pureza:

"Oh! meu coração de minha mãe, coração de minhas formas! Não te voltes contra mim como testemunha, não te oponhas a mim diante dos juizes, não faças teu peso contra mim distante dos juizes, não faça teu peso contra mim diante do senhor da balança. És meu Ka que está em meu seio, o Khnum que dá integridade a meus membros. Não permitas que o meu nome cheire mal, não digas mentira contra mim diante de deus!" (19).

Diante desta admoestação, a balança deveria equilibrar-se, o morto triunfava, tornava-se Maa Kheru, o justo de voz, podendo entrar para o Reino da Eternidade. Antes de atingir este supremo objetivo, muitos perigos rondavam a alma do morto. Podia ser devorada durante a viagem, morrer de fome ou sede caso não fossem feitas oferendas, tornar-se uma alma errante vagando pelos desertos, comendo detritos e bebendo água suja ou, ainda, incorrer no desagrado de Tchatcha e Sheniu, os administradores do Reino de Osiris e ser destruída. Morrer pela segunda vez no Outro Mundo era uma perspectiva definitiva e aterrorizante (20). O julgamento podia ser desfavorável e o morto seria entregue a Amemet, o devorador de almas.

O MUNDO DA ETERNIDADE

Em primeiro lugar, à semelhança dos seres divinos, o morto que alcançasse o mundo de Osiris comia da mesma comida, bebia a mesma bebida, vestia as mesmas roupas, em suma, gozava das mesmas vantagens que os deuses. Reencontrava parentes e amigos, dedicava uma parte do seu tempo às tarefas de lavar, semear, ceifar, fazer canais de irrigação ou então delegava estas tarefas a pequenas estatuetas colocadas no seu túmulo para que fossem trabalhar no lugar do defunto que, investidas da energia vital e espiritual do morto, agiam em seu lugar (21). A esperança residia numa existência livre de preocupações e de felicidade eterna.

Esta frutuosa existência eterna passava-se numa espécie de Campos Elísios, uma forma sacralizada de um Egito ideal. Sua localização podia variar, não havendo uma precisão espacial nas suas diferentes descrições. A morada dos mortos podia situar-se ao Norte, tanto quanto poderia localizar-se acima ou abaixo da Terra. Em tempos posteriores do Novo Império, a morada dos mortos ficava situada a oeste ou noroeste do Egito, passando por uma fenda nas montanhas da margem ocidental do Nilo. Uma outra crença colocava os mortos num lugar imaginário, um longo e estreito vale percorrido por um rio de percurso espiral, cercado de vales repletos de monstros e seres perigosos. Esta imprecisão refletia os diferentes níveis espirituais onde os mortos, de diferentes categorias, jaziam. Reinos de trevas ou luz, deuses ou demônios, nas estrelas ou nos subterrâneos, um destino errante na terra convivendo com chacais, devorando carniças e bebendo águas podres: estas imagens correspondiam aos estágios espirituais de cada morto, a condição de seu sepultamento, ao estado de sua múmia e de sua tumba, de suas estátuas e à preservação de seu nome.

Certas definições estabeleciam verdadeiras geografias do mundo sobrenatural, *O Tuat*, a partir da idéia da Terra plana, tendo como centro o Egito, rodeado por uma alta cadeia de montanhas. O sol, Rá, nascia de um buraco nesta montanha, e desaparecia por outro situado a oeste do lado de fora das montanhas onde ficava o Tuat. Além do Outro Mundo existia uma cadeia de altas

montanhas e um vale escuro e frio, lugar de medo e horror, cheio de perigos, chamas, vapores venenosos, terríveis criaturas demoníacas que barravam o caminho das almas e uma serpente gigantesca que tentava eliminar a barca do deus-sol e as almas (22).

A religiosidade funerária egípcia nunca estabeleceu um modelo fixo do lugar de destino dos mortos. De um lado, foram muitas as situações descritas: na Barca de Rá, no subterrâneo Reino de Osíris, num polimorfo e imaginário Tuat, como uma estrela no céu, como um pássaro. Por outro lado, as crenças mais difundidas nos cultos aos mortos associavam à múmia uma vida, ou melhor, uma espécie de semi-vida que dependia dos ritos e oferendas e da manutenção do corpo para continuar vivendo.

Na verdade, a grande concepção religiosa que triunfou na sistematização teológica dos cultos oficiais foi a fusão, a síntese final entre duas divindades opostas: Rá, o deus solar e celestial Osíris, o deus subterrâneo. Durante o Novo Império, estas duas divindades eram encaradas como emanações de uma mesma unidade principal, como a complementariedade entre a vida e a morte, numa síntese religiosa que marcou o maior período da cultura religiosa do antigo Egito. A importância do mito osiriano durante o Novo Império constituiu a base da grande recensão do Livro dos Mortos na sua versão mais tradicional. Desde a XVIII dinastia que Osíris aparecia como o Deus dos Mortos e as tradicionais cenas do processo e pesagem do coração ou da alma confundiam-se com o Julgamento das ações dos mortos e o seu destino espiritual.

Ultrapassar os diferentes estágios da viagem da alma dependia de uma série de conhecimentos, tais como: conservar a memória, lembrar-se do próprio nome e dos nomes secretos dos deuses e das passagens, recitar a declaração de inocência ou a confissão negativa aos quarenta e dois deuses que constituíam o tribunal, evitar uma segunda morte espiritual e, supremo objetivo, o acesso da alma à barca solar, alcançando a eternidade ao lado das divindades, uma tranqüila existência no Reino dos Deuses, partilhando suas venturas e imortalidade. Aquelas almas que não morressem durante a viagem, podiam ser devoradas por Amemet, o monstro devorador dos ímpios e injustos durante um julgamento e pesagem do coração desfavoráveis. A crença na imortalidade da alma ligava-se à ressurreição de um corpo espiritual num outro mundo eterno, livre das penas e pesares da vida, em felicidade e imortalidade, ao lado dos deuses.

Um aspecto deve ser considerado. A atitude diante da morte entre os egípcios era, sobretudo, mágica. O aspecto moral, embora existisse, era relegado diante da possibilidade de acomodar as declarações no tribunal dos mortos. O coração do morto podia ser compelido, por artificios, a testemunhar em favor do morto, proclamando-se justo. Não havia nenhuma preocupação de ordem ética ou Heróica da moral no julgamento, nem recompensa espiritual após a morte. Nas confissões negativas de culpa do Livro dos Mortos, o desenlace feliz da alma dependia tanto do respeito a certos tabus como a observância de costumes com interesse social.

A mitologia egípcia refletia a insegurança diante da natureza que podia revelar-se imprevisível e hostil trazendo de volta esta desordenação. O que garantia a regularidade das cheias do Rio Nilo? Como prever a germinação de uma quantidade suficiente de grãos? Como converter a catástrofe das águas em benefícios regulares para os que viviam da terra? Como impedir as doenças, manter os inimigos naturais à distância e promover a paz? O esforço do pensamento religioso, dos ritos e cultos era no sentido de procurar conciliar forças opostas, na construção de um equilíbrio sempre precário, para garantir o ciclo anual das cheias, a sucessão de dias e noites, a reprodução, a vida e a morte, em suma, os ciclos e metamorfoses do Universo. A todo momento, tinham de superar a adversidade, as forças contrárias e acreditar no poder da vida sobre a morte e o desaparecimento.

Seguindo este raciocínio, duas imagens se associavam no simbolismo da morte. Uma, de frio e trevas, mundo subterrâneo e adormecimento. Outra, a da grande vitória sobre a morte nas crenças que apontavam um caminho celeste, estelar e solar, claro e aquecido, uma sobrevivência espiritual no espaço superior da alma imortal, ao lado dos deuses.

No caso das crenças religiosas egípcias a síntese teológica Osíris-Rá representou uma fusão que caracterizou estes dois níveis simbólicos, estas duas tradições religiosas, entre a Desordem e a Ordem mitológica e, sobretudo, um novo rumo mais espiritual e de vitória para a alma. Viver significava prepara-se para um destino final próximo às divindades, a Imortalidade.

RESSURREIÇÃO E IMORTALIDADE

A ressurreição foi um dos simbolismos religiosos mais importantes das crenças funerárias egípcias. Ligada à arte ritual da mumificação, à mitologia Osíriana, e perdurando na síntese teológica de Osíris-Rá, na viagem da alma e no Tribunal dos Mortos, a questão da ressurreição foi um tema fundamental, segundo o qual era possível renovar-se no mundo do além-túmulo e viver entre os deuses (24).

A ressurreição, uma metáfora divina que a história de Osíris e o percurso do deus-Sol, na sua morte e renascimento de todos os dias referendavam, era o objetivo final pelo qual rezavam-se as orações e fórmulas, celebrava-se as cerimônias. Todos os textos, amuletos, fórmulas, túmulos, mumificação e ritos destinavam-se a permitir que o morto pudesse alcançar a imortalidade e viver, eternamente, num corpo transformado e glorificado, a vida eterna da Bem-Aventura.

Apesar da distância histórica e cultural, nos surpreendemos com a balança, o livro dos atos e a pena, o Tribunal dos Deuses, os infernos, paraísos, o destino errante das almas penadas, a ressurreição, tão caras à tradição religiosa ainda vivas e contemporâneas. O medo do esquecimento que busca a imortalidade na fama, no sucesso, nos túmulos imponentes de nossos cemitérios, nas lápides que falam de saudades, de eternas recordações, nos separam tanto assim dos túmulos egípcios? Claro que sim e não, ao mesmo tempo. Culturas tão distantes no tempo e no espaço trazem ainda uma possibilidade de diálogo através do tempo, apesar das dificuldades materiais, arqueológicas, lingüísticas: trata-se da linguagem dos medos e esperanças.

As palavras diante da justiça e acima de tudo, de sua própria consciência que aparecem na Confissão Negativa do Livro dos Mortos refletem uma situação humana: não transgredir um código, seja ele religioso, moral ou, no caso de certas culturas históricas, as duas coisas simultaneamente, sob pena de uma punição que, no caso de relações divinas e espirituais, podem significar a eterna exclusão da Bem-aventurança.

O conjunto das crenças funerárias egípcias merece ser destacado por vários motivos. Em primeiro lugar porque apesar do tempo e da diferença cultural, nunca deixou de despertar interesse e curiosidade de todos aqueles que se preocupam com temas transcendentais e espirituais. Nos dias atuais a cultura religiosa egípcia continua povoando sonhos e a imaginação, sendo divulgada frequentemente numa literatura inadequada sobre os mistérios das pirâmides, a sabedoria secreta e outras tantas obras afins.

Em segundo lugar, e o mais importante para o estudo aqui realizado, vem do fato de que essas visões encontram-se intimamente associadas ao conjunto de crenças clássicas sobre a vida após a morte. Começou com a idéia arcaica dos mortos vivendo no solo onde estavam enterrados, cercados pela força mágica dos ciclos naturais de germinação e renascimento; evoluiu para uma

teologia de transformação e renovação, simbolizados no mito de Osiris e a sua ressurreição, até chegar ao destino celestial das almas, ao Julgamento, à salvação e à bem-aventurança eternas, ao lado dos deuses na barca de Osiris-Rá, numa síntese teológica duradoura e profunda.

Anterior em muitos séculos a qualquer das religiões de salvação que sobreviveram até os nossos dias, a religião funerária egípcia antecipou as imagens de julgamento final, a balança dos atos, a ressurreição, a condenação eterna e a imortalidade gloriosa.

3.2 UMA LUZ NAS TREVAS: A SALVAÇÃO DA ALMA NAS FORMAS PROFÉTICAS

"Há dois espíritos contrários no pensamento, na palavra e na ação. Um escolheu o bem, o outro o mal; um mostra a vida, o outro, a morte. Assim fizeram desde o tempo do primeiro homem, assim farão até o fim do mundo."
(AVESTA - Yasna XXX)

Por volta do século VI a.C. a emergência do fenômeno profético teve profundas repercussões em diferentes tradições religiosas. Um fenômeno religioso que surgiu com carga fortemente crítica das religiões tradicionais e, simultaneamente, uma grande força criadora e inventiva marcada por uma visão religiosa universalista e ecumênica. A palavra profética torna-se o arauto da idéia de um Deus único, poder soberano na transcendência, na plenitude, que se traduzem no perfeito domínio tanto do universo como dos acontecimentos da humanidade, da história dos homens. Os portadores das novas mensagens são fortes personalidades religiosas que subvertem estruturas e o pensamento religioso e levaram à formação de novas religiões.

Os movimentos proféticos elaboraram um discurso completo e orgânico, no qual a Verdade soberana constitui o tema mais importante da natureza divina, o princípio, o meio e o fim dos cosmos, a saber: a razão suprema tanto do mundo físico como do humano do social. Todos os profetismos alimentaram-se de concepções religiosas marcadas pela idéia de "vida", ou seja, o caminho que conduz à divindade única, transcendente, universal, o Poder sublime, juiz do mundo, do espaço, do tempo, da história e dos homens. O profetismo transformou a questão da morte e da sobrevivência de acordo com o caminho da salvação.

Assim foi com o Zoroastrismo, movimento profético que surgiu no decorrer do século VI a.C., na região subcaucásica da Pérsia, habitada por comunidades de pastores de origem indo-européia aparentados com o povo indiano (25).

O estudo da religião iraniana revela que este movimento, assim como a tradição judaico-cristã desde o profetismo bíblico, incorporou uma concepção linear de tempo, revalorizou e sistematizou idéias fundamentais para o desenvolvimento posterior do próprio Cristianismo, do Judaísmo. Numerosos são os textos dos Evangelhos que revelam sua fonte da gnose zoroástrica, num encontro decisivo do judaísmo após o Exílio e da insurreição contra a excessiva helenização do pensamento, da cultura e da religião. Na verdade, os profetas de Israel, a mensagem cristã e o Islamismo passarão pela brecha aberta pelo profetismo zoroástrico (26).

O ponto principal desta fusão que nos interessa está na apresentação de uma via mística original: será o Reino de Deus o objetivo supremo das aspirações humanas tanto na vida como na morte. Junto com isto ficou estabelecida a ressurreição dos mortos, o Julgamento Final, o purgatório como o espaço intermediário das almas que não alcançaram o céu ou o paraíso, uma angelologia universal e a figura de um Salvador que viria para curar, renovar o mundo e suprimir a morte.

Perante uma comunidade constituída por pastores sedentários emergiu a figura lendária do profeta Zaratustra, o reformador das antigas radiações religiosas e o missionário da pregação da palavra de um único Deus, *Ahura-Mazda*, uma divindade do panteão antigo, elevada por ele à categoria de Supremo Criador. O profeta construiu então um sistema religioso articulado com a idéia de uma nova e verdadeira proposta salvacionista, pressupondo a existência de um Deus, *Ahura-Mazda*, o "Sábio Senhor" ou "Senhor da Sabedoria" (ou Ormazd na tradução páavi), que revela a religião, diretamente a seu profeta Zaratustra. Estas revelações ocorriam através de visões e diálogos durante os quais Deus esclarecia dúvidas e indicava o caminho da sabedoria e da salvação. *Ahura-Mazda* é apresentado no Zoroastrismo como mestre e amigo, juiz e colaborador na tarefa espiritual dos homens, o instrutor da sabedoria e da benevolência, criador de todas as boas obras que existem no universo. Dentre estas boas obras estão os *Amesha Spentas*, seus auxiliares divinos que reúnem os homens a Deus e as sete criações materiais que, juntas, formam a obra divina na matéria: o homem, o gado, o fogo, a terra, o céu, a água e as plantas. Este Deus único é o responsável pela luz, pela vida, pela saúde e alegria (27).

As revelações de *Mazda* fizeram parte da tradição oral do profetismo de Zaratustra, memorizadas pelos seus seguidores. Esta tradição oral foi compilada nos primeiros séculos da Era Cristã, num conteúdo repleto de tradição religiosa pré-zoroastriana e, sem dúvida alguma, pré-cristão. Esta forma escrita de livro sagrado passou a ser conhecida como *Avesta* (palavra que significa prescrição ou fundamento), do qual, infelizmente, três quartos estão perdidos. (Fala a tradição dum *Avesta* de 21 divisões, os *Nasks*, dos quais só um - o *Vendidad* - permaneceu intacto e do resto sobraram fragmentos. No século III d.C. um rei persa da dinastia arsácida reuniu tudo o que existia em escrito ou na memória dos fiéis, fixando a forma atual do livro sagrado. Uma parte importante deste material foi destruída durante as invasões muçulmanas a partir do século VII). O que sobrou aparece organizado em hinos, os *Yashts*, na coleção de *Yasnas*, onde se encontram as coleções de hinos de Zoroastro, conhecidos como Gathas. É sobre este material que realizam-se os principais estudos do sistema religioso desenvolvido pelo Zoroastrismo.

Em primeiro lugar vamos falar do dualismo zoroástrico. *Ahurara-Mazda*, o criador do mundo pela ação de seu pensamento e protetor dos homens, vinha acompanhado por uma escolta de seres divinos (os *Amesha Spenta*) que eram manifestações de princípios divinos e protetores das boas criações do mundo.

Além de ser o criador destas divindades ele era o pai de dois espíritos gêmeos, *Spenta Mainyu* (Espírito do Bem) e *Angra Mainyu* espírito destruidor), que por liberdade de escolha optaram por caminhos diferentes: o primeiro, o caminho do Mal; o segundo, o caminho do Bem, numa opção de escolha e não uma questão de natureza. Desta maneira, o dualismo da teologia zoroástrica não fazia referência a um Deus do bem e outro do mal, mas apontava a uma oposição entre dois princípios emanados de uma mesma divindade, que, por livre escolha, fizeram sua vocação, não cabendo a *Ahura-Mazda* a responsabilidade pela criação do mal. A contradição aparente entre a luta do Bem e do Mal era uma referência à liberdade humana de escolher entre o caminho da Luz e da Vida ou o Mundo das trevas e da Morte (28). O mundo era ordenado pela luta entre estes dois princípios, numa oposição metafísica que virava a história linear e dramática dos

homens, incerta devido à contínua alternância das potências em combate, porém segura do exílio do bem, nos últimos tempos apocalípticos. Cabia à humanidade participar desta luta, para garantir a vitória final de Ahura-Mazda: luta divina e participação humana resolvem a inserção total no tempo e as vicissitudes cósmicas até a vitória final (29).

Muito importante era a doutrina desenvolvida pelo Zoroastrismo sobre a Ressurreição dos corpos, da salvação final e da vitória do Bem. A crença na ressurreição dos corpos estava expressa no *Yasht* (19, 11, 13, 89 e 129), relacionando-a com a chegada do salvador anunciada por Zaratustra e com a grande Renovação Final, num movimento escatológico especial: o mundo renovado e purificado representava uma nova Criação sem a presença de impurezas ou ação do Mal e os ressuscitados receberiam vestes gloriosas e indestrutibilidade que eram a imagem da imortalidade espiritual num Mundo Transfigurado, que a nova crença conferia aos seus fiéis (30). Alguns autores tentam repensar esta questão da ressurreição dos mortos no âmbito do Zoroastrismo, recriando uma nova abordagem de coerência lógica: se um novo mundo vai ser instalado, mandava a justiça divina trazer os que morreram antes de tal acontecimento, para participar e receber a justa retribuição pelos seus atos. O tempo Final, após os cataclismas cósmicos, terrenos e sociais, depois da ressurreição e da grande batalha entre as forças celestes e demoníacas, será marcado pela passagem do mundo num rio de metal derretido que testará a verdadeira pureza. Quando o Mal for definitivamente derrotado, o céu e a terra se fundirão no melhor dos mundos e o gênero humano que sobreviver espiritualmente purificado viverá no Reino Eterno de *Ahura-Mazda*, pela eternidade, livre de toda impureza e maldade (31).

O PROFETISMO DE ZARATUSTRA

No que se refere à morte, à crença na vida após a morte e aos ritos funerários, o zoroastrismo realizam um movimento específico incorporando aspectos da época pré-zaratustriana aos novos conceitos e doutrinas do profeta, num sincretismo entre as antigas crenças das comunidades com os aspectos centrais das propostas de salvação oferecidas pela nova revelação (32). O destino da alma após a morte estava diretamente relacionado à soma dos atos praticados em vida; a saúde espiritual dependia da mesma ordem divina superior que regia o universo. Uma vida virtuosa e justa determinava o futuro após a morte. O caminho da salvação está em seguir e imitar o caminho de Ahura-Mazda:

"Mazda limpa o fiel tão rapidamente como o vento forte limpa a planície" (VD. III. 42.).

O homem depende, para os bens deste mundo, dos atos do destino, mas para os bens espirituais do mundo futuro, depende de suas próprias ações.. (Dhalla)."

Após a morte, a alma (*urvan*) permanecia por três dias ao lado do corpo, amparada por *Sraosha*, um anjo esplendoroso e mensageiro de Ahura-Mazda, que velava pela disputa entre o bem e o Mal. Na terceira noite, um vento perfumado vindo do Sul trazia a imagem do *Daema* do morto. A construção do *daena* reflete um dos mais importantes momentos do ensinamento religioso zoroástrico, e admite dois sentidos: tanto podia ser entendida como uma parte do indivíduo que se libertava após a morte, restando tanto a essência de natureza divina interna e comum a todos os seres humanos como também era a própria conduta religiosa do indivíduo (33). Este duplo aspecto da *daena* manifestava virtudes pessoais e essência divina, na imagem de uma bela jovem "de formosa jovem, radiosa, de braços brancos, cheia de vigor, de bela aparência, reta de corpo, grande, de seios empinados, com quinze anos" (*Hádoxt Nask*, 9) que pronunciava a seguinte revelação:

"Gentil que eu era, tu me tornaste ainda mais gentil por teus bons pensamentos, por tuas boas palavras, por tuas boas ações, por tua boa religião; bela tu me tornaste ainda mais bela; desejável, ainda mais desejável me fizeste (...)" (*Hadoxt Nask*, 14).

A daena refletia, na morte, a qualidade dos atos e a sinceridade espiritual do indivíduo, e definia o destino da alma em direção a uma dimensão qualitativa, sendo ela que espera o morto na *Ponte Chinvat*, (Ponte do Separador ou Ponte do Juízo), no começo da terceira noite após a morte, onde ele deve refletir sobre sua vida, seus atos, palavras e pensamentos. Esta ponte revela-se larga para os justos e estreita para os maus e representa, metaforicamente, o confronto da alma com sua essência. Depois da travessia, os Justos davam quatro passos e atravessavam as três esferas celestes, sendo conduzidos pela bela jovem para a *Garó-Demana* (Garotman - o Paraíso) a Casa dos Cantos extáticos, enquanto os Maus encontram no vento do Norte, uma pavorosa megera que os conduz à região das Trevas sem começo, tendo como destino a *Drujo-Demana*, a Casa da mentira (34).

Este paraíso, o garotman, comporta quatro níveis diferentes de estágios da alma relacionados aos bons pensamentos e às estrelas, às boas palavras e à Lua, às boas ações e o sol e, no nível mais elevado, ao da Luz Infinita de Deus. Entre o paraíso e o Inferno existe um lugar intermediário, o *Hamestagan*, destinado às almas iguais em bondade e maldade. As almas aguardam em cada uma destas situações espirituais, o dia da ressurreição geral, quando um novo mundo renovado será habitado pela Bondade e Justiça. O julgamento definidor da situação espiritual é feito no momento que antecede a passagem pela Ponte Cinvat, onde realiza-se a separação das almas (35). Zaratustra anuncia sua presença neste momento fatídico:

"Em companhia de todos eles, eu atravessarei a ponte do julgamento" (*Yasna*, 46:10).

O tema do julgamento e da viagem da alma será retomado da tradição indo-irariana. Caberá a cada indivíduo um julgamento de acordo com a escolha entre o bem e o mal feito durante a sua existência. A opção da justiça e do bem fazem com que o morto, após atravessar a ponte, sejam recebidos por *vohu-Manah* e passem diante do próprio *Ahura-Mazda* e dos *Amesha Spenta*.

O homem espiritual compõe-se por certos elementos responsáveis por diferentes formas imateriais de existência. Além da daena, o elemento divino, são três os elementos que constituem a alma: *Ahu*, o elemento vital; *Baodha*, a percepção ou consciência; *Urvan*, alma espiritual. Existe também um terceiro aspecto espiritual, a *fravarti*, um arquétipo celeste simbolizando as almas pré-existentes dos homens, que, após a morte, chamará a alma individual para a imortalidade (36). A questão das *fravarti* merece ser melhor esclarecida. Uma noção de origem pré-zoroástrica, representava o espírito dos ancestrais que agiam como gênios protetores, sendo invocadas e cultuadas através de ritos específicos. O desenvolvimento desta noção no Zoroastrismo apontou para um sentido do Eu superior da alma de todo indivíduo justo e formam um arquétipo celeste de todas as almas já nascidas ou por nascer. A tradição mazdaica fez das *fravarti* a "proteção", o anjo da guarda de cada ser humano justo e piedoso, tanto durante sua vida como após a sua morte. Na qualidade de "anjos protetores dos fiéis", as *fravartis* lutavam contra as forças do mal representadas como cavaleiros armados que protegiam o Céu contra as hostes diabólicas, juntamente com os arcanjos e anjos do antigo mazdeísmo (37). Uma festa específica com o nome de *Hamaspathmaedaya* celebra *Ahura-Nazda* e toda a sua criação. Durante estes rituais, o regresso de todas as *fravartis* dos que haviam partido é saudado com alegria.

A nova visão do projetismo zoroástrico colocou um deus profundamente ético e apresentou o mundo como o campo de batalha entre os homens e tudo que impedia o estabelecimento da Justiça. A existência humana era um combate interno contra pulsões negativas e,

exteriormente, contra os agentes do Mal e das Trevas. O zoroastrismo apontou três exigências cardeais: o pensamento puro na oração e fé, a palavra pura dirigida à realização do plano divino e a ação pura lutando pelo estabelecimento de uma nova ordem divina e humana.

Mas, acima de tudo, conferiu um sentido inovador para a morte: ela tornava-se um sacrifício interior, com intuito de garantir um destino divino para todos os homens:

"Instrui-vos sobre os caminhos santos e a alegria de uma vida eterna, ó Mazda!

Dita-nos as palavras, os gestos que nos farão criar um mundo digno de tua Ressurreição.

Traga-vos a palavra da saúde, da santidade, da Imortalidade. Mazda reina!"
(*Gathas, 47-50*)

AS TORRES DO SILÊNCIO

Os costumes funerários da tradição zoroástrica só serão devidamente entendidos se os colocarmos diante da interpretação religiosa da morte física.

Esta maneira de encarar a morte está ligada à crença religiosa do mundo ordenado pela relação entre os princípios do Bem e do Mal. O Espírito do Mal, *Angra Nanyu*, havia criado forças espirituais demoníacas, os daevas, representados em várias formas (animais, insetos, seres monstruosos), que refletiam sua natureza e função maléfica e destrutiva. Estas forças do Mal apresentavam-se como a violência, a ira, o caos, a mentira, a doença, a sujeira e a morte. Desta forma, a morte é uma das ações do espírito do mal, e o local onde ela acontece fica impregnado pela maldade, numa vitória momentânea e aparente de *Angra Many*, pelo menos até o dia da ressurreição e da Grande Batalha final, após o que surgirá o mundo transfigurado e purificado de *Ahurra-mazda*, do Bem e da Vida Eterna no Reino de Deus. Nesta perspectiva religiosa, os restos mortais são considerados impuros, contaminados pela vitória do mal.

O costume regional de algumas tribos da Ásia Central de expor seus mortos no alto das colinas para serem devorados foi herdado pela tradição zoroástrica. Este ritual funerário, observado nos dias de hoje pelos parses, faz do corpo morto um objeto especial. Após a morte, o rosto do cadáver é coberto com um véu, o *Padan*, sendo conduzido e elevado até o alto das plataformas dos *dakmas*, ou "torres do silêncio", pelos *Nassasalars* ou "porta-cadáveres", no alto das quais o cadáver é colocado e exposto para ser devorado pelos animais de rapina. O seu esqueleto descarnado é, então, jogado num poço central, um ossário coletivo dos membros da comunidade.

Este ritual de exposição está ligado à sacralização dos elementos terra, fogo e água na interpretação zoroastriana. O contato dos dejetos do corpo morto, considerado impuro, com qualquer destes elementos divinos, causaria poluição e contaminação indesejáveis em todos os aspectos. A exposição às aves de rapina indicam uma elevação e devolução ao elemento Ar, representado tanto na atmosfera quanto nos ventos, numa atitude ritual que reflete um profundo temor em ver o cadáver contaminado os elementos nobres destinados ao culto (no caso do Fogo), a vida (em se tratando da água) e à agricultura (na proteção à terra) (38).

As diferentes práticas relativas aos cadáveres operam-se mediante a restrição do corpo morto a um dos elementos naturais e originais. Alguns mitos fúnebres colocam o defunto nas águas sagradas, consideradas purificadoras e libertadoras das formas e espíritos. A cremação é uma prática onde o elemento fogo apressa a destruição do corpo, facilitando o desprendimento espiritual, a

purificação e a transmigração da alma. Os sepultamentos tem na terra o seu agente primordial e, assim como o embalsamento, fortalecem à idéia de morte-renascimento e ressurreição dos mortos.

DO SHEOL À VIDA ETERNA

O profetismo bíblico também se constituiu num movimento importante, que alterou a essência de uma tradição uniforme de relação com a morte no Antigo Testamento, e que não se esgotou com a tradição bíblica de Israel.

O profetismo influenciou ao longo de todo o Antigo Testamento. Era o modo mais frequente através do qual Deus dirigia o seu povo (39). Desde Moisés, toda uma linhagem de herdeiros de seus dons, homens e mulheres, guiaram e mantiveram a cultura religiosa durante as dispersões, cativeros e exílios, foram agentes das Revelações e formaram o corpo doutrinal em torno de três grandes linhas.

A primeira delas tratava do monoteísmo absoluto e exigente, num processo que passou da aceitação da existência de outros deuses, embora *Iahweh* fosse o único Deus de Israel até a afirmação da existência de um só Deus, absoluto e universal. Neste caso, não existia mais espaço para nenhum outro Deus e *Iahweh* transformou-se no Criador e Senhor de todo o universo e a religião da tradição monoteísta judaica adquiriu o seu caráter mais radical e ortodoxo. Esta divindade única exibiu muitas faces. Cruel, vingativo, zeloso, ciumento e protetor dos seus eleitos, era uma divindade característica das sociedades arcaicas e guerreiras. Bondoso, terno e protetor de seu povo, foi uma divindade transcendente que os protegia nos momentos de sofrimento e destruição, mas também os repreendia, castigava, amaldiçoava. A fala divina variou de acordo com a situação histórica, o local e a época.

Um segundo aspecto estava ligado à função moral das profecias. A partir de um contato direto com *Iahweh*, fosse pela visão, audição ou inspiração, os profetas falavam da revolta divina contra uma determinada situação estabelecida, contra a natureza humana e a natureza das coisas. Toda a fala profética apontava para a necessidade de transformação de hábitos, práticas e da unidade religiosa. Os profetas investiram contra as estruturas sociais, condenado o modo de vida, a idolatria, a ambição, o luxo, a hipocrisia, as maldades e as injustiças, mas, acima de tudo, a desobediência às leis de *Iahweh*. A possibilidade de superar este estado calamitoso da existência estava na obediência à *Iahweh*, numa vida pautada pelos princípios religiosos e no cumprimento dos mandamentos. Assim, os profetas desempenharam um papel ético e moral pregando o combate ao pecado, garantindo a unidade cultural e religiosa do povo escolhido através de tantos séculos.

O terceiro aspecto profético estava ligado à possibilidade de Salvação. A idéia de salvação evoluiu dentro do pensamento religioso profético junto com a imagem de Deus. Não era mais apenas punição ou castigo. Após o julgamento final, o Senhor pouparia aos que se revelassem justos e fiéis cumpridores da Lei. A estes concederia a salvação e felicidade eternas. O Reino de Deus e de seus eleitos seria de felicidade, num clima espiritual de prosperidade, justiça, santidade, perdão, conhecimento de Deus, paz e alegria. Este sonho esperançoso alimentou séculos de religião aguardando a vinda do Messias, o Julgamento Final, o reino de Deus e a salvação eterna.

O Profetismo judaico introduziu o tempo das esperanças, o tempo de promessa e da Salvação. O destino de um povo dependia de sua fidelidade à Aliança e a Lei violada por IAHWEH, para assim merecerem a vinda do Reino de Deus e a Vida Eterna. O profetismo afirmou que o futuro e a salvação dependiam da confiança nos valores divinos (40).

Uma das conseqüências importantes do profetismo foi o fato de que, ao combater a idolatria, o paganismo e os cultos aos diferentes deuses, terminou por promover uma profunda dessacralização e desvalorização da Natureza, da religiosidade cósmica, dos ritos agrários e de fertilidade que caracterizavam todas as crenças religiosas. Esta dessacralização da natureza foi sinal de uma nova visão religiosa: a valorização da história, os acontecimentos históricos como portadores de um valor próprio, a tradição, na medida que eram determinados pela vontade de Deus (41).

ISAÍAS: A RENOVAÇÃO E A SALVAÇÃO

Em Isaías, a morte era simbolizada pelas trevas, ignorância e falta de fé. O xeol era o espaço sombrio dos mortos esquecidos e adormecidos, o mundo abismal que nivelava os homens na sua ignorância. Os mortos ímpios e iníquos estavam condenados a não reviver nem ressurgir. Suas sombras seriam exterminadas e esquecidas. Aqueles que fossem eleitos, porém, tornariam a viver, ressurgiriam, passando das trevas à luz despertando e cantando.

*"Os mortos não reviverão, as sombras não
ressurgirão,*

*porque tu as visitastes e as exterminastes,
tu destruístes toda a sua memória.*

(...)

*Os teus mortos tornarão a viver, os teus
cadáveres ressurgirão.*

despertai e cantai, vos os que habitais o pó,

*Porque teu orvalho será um orvalho luminoso,
e a terra dará a luz sombras."*

(Is 26, 14, 19).

AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

Num dos oráculos mais sombrios de Jeremias, a morte era vista como um castigo infligido por *Iahweh*, e que podia se estender pelos despojos, profanados de maneira irremediável e sem salvação. Aparentemente, a profanação dos restos mortais indicava a mais completa impossibilidade de salvação ou repouso após a morte: a profanação das sepulturas, ossos desenterrados e espalhados são conseqüência trágicas da conduta errada do homem, da sua falta de respeito para com os princípios divinos. Os ossos secos, espalhados, os corpos insepultos compõem a imagem da árida imobilidade e inutilidade dos mortos:

"Naquele tempo - oráculo do Senhor - tirarão de seus sepulcros

os ossos dos reis de Judá,

os ossos de seus príncipes, os ossos dos

sacerdotes,

Os ossos dos profetas, os ossos dos habitantes de

Jerusalém;
eles os espalharão diante do sol, da lua, dos
astros do céu
que eles amaram, serviram, seguiram,
consultaram e adoraram;
eles não serão recolhidos nem sepultados,
jazerão como esterco no campo.
A morte será preferível à vida para todo o resto
para os sobreviventes desta raça perversa,
em todos os lugares para onde eu os dispersei
- oráculo do Senhor dos exércitos - "(Jr 8,1-3)

A ESPIRITUALIDADE DE EZEQUIEL

Em Ezequiel, que atuou entre 593 e 571 a.C. durante o exílio na Babilônia, encontramos uma mudança. Foi o desenvolvimento de uma forma de religiosidade mais espiritualizada que atravessou o Judaísmo e desembocou no Novo Testamento. Toda a doutrina de Ezequiel tinha por objetivo central a renovação interior, a benevolência divina diante do arrependimento, a onipresença de Deus e a promessa de retribuição individual no além-túmulo. Suas monumentais visões e profecias anunciavam as correntes apocalípticas que influenciarão toda a tradição cristã, sobretudo o Apocalipse de São João.

A morte espiritual era uma extensão dos pecados e da iniquidade, e podia ser a Salvação ou a perdição eterna:

"Todas as vidas me pertencem, tanto a vida do pai como a vida do filho. Pois bem, aquele que pecar, esse morrerá (...).

Sim, a pessoa que peca é a que morre! O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho: a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele. Mas quanto ao ímpio, se ele se converter de todos os pecados que cometeu e passar a guardar meus estatutos e a praticar o direito e a justiça, certamente viverá: ele não morrerá (...).

Por outra parte, se o justo renunciar a sua justiça e fizer o mal, à imitação de todas as abominações praticadas pelos ímpios, poderá ele viver, fazendo isso? Não! Toda a justiça que praticou já não será lembrada! Antes, em virtude da infidelidade que praticou e do pecado que cometeu, morrerá. (Ez 18,4,21,24)

O estado do morto pecador no *Xeol* era o do morto esquecido, que não existia, num castigo sombrio pela eternidade. A cova, um lugar subterrâneo onde eram reunidas as almas dos mortos sem salvação. Porém, aqueles que fossem fiéis, venceriam a morte e, pelo poder de *Iahweh*, ressurgiriam. Este poder supremo de reviver, tornar a vida pela insuflação do sopro divino, o *Ruah*, foi demonstrado durante a ressurreição no campo dos ossos secos. *Iahweh* usou seu poder para

recompor os ossos espalhados num vale, juntando-os, cobrindo-os de tendões, músculos, carne e pele para, finalmente, insuflá-los com o *ruac*, o sopro divino, o espírito vital que anima a vida:

"Filho do homem, estes ossos representam toda a casa de Israel, que está a dizer: "Os nossos ossos estão secos; a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado". Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir de vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que sou Iahweh, quando eu abrir os vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo. Porei o meu espírito (ruah) dentro de vós e haveis de reviver: eu vos porei em nossa terra e sabereis que eu, Iahweh, falei e hei de fazer. - Oráculo de Iahweh." (Ez 37, 11-14).

DANIEL E A RESSURREIÇÃO ESCATOLÓGICA

Mas seria com o profeta Daniel, num livro composto durante a perseguição de Antíaco Epifanes entre 167 e 164 a.C., e que se destinava a sustentar a fé e a esperança, que apareceu a primeira referência incontestável à ressurreição dos mortos. O profetismo deste período estava profundamente alterado e influenciado pelos sincretismos religiosos de sua época, sobretudo pela influência iraniana. Entre histórias de sabedoria, revelações de segredos divinos para um enigmático futuro, um novo gênero apocalíptico foi inaugurado: o Tempo que estaria próximo, a esperança do Reino e a esperança da vinda do Senhor.

Numa transposição literária que transcendeu o tempo, o texto apresentou o sentido profético da história, os desígnios secretos de Deus e a ressurreição dos mortos para a vida ou a vergonha eterna. Este foi o principal momento do Antigo Testamento sobre a ressurreição e a transformação escatológica dos corpos gloriosos:

"E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade.

Quanto a ti, Daniel, guarda em segredo estas palavras e mantém lacrado o livro até o tempo do Fim. Muitos andarão errantes, e a iniquidade aumentará." (12,2-4).

Escrito em uma época tardia, foi um marco sob o ponto de vista doutrinal. Foi a afirmação, clara e indiscutível, do anúncio da ressurreição e do julgamento, da reafirmação do poder absoluto de Deus sobre a vida e a morte, da ação retroativa deste poder sobre todas as vítimas da morte, de seus corpos e almas, para uma nova vida, um novo homem, nova terra e céu. Era a vitória final de *Iahweh* como Deus dos vivos, no Grande Dia Final.

Como decorrência dos mortos, surgiram a noção de julgamento numa vida após a morte, as concepções de céu e inferno, o Fim dos Tempos, a redenção messiânica e, finalmente o advento do Mundo Ideal. De acordo com esta doutrina, que se desenvolveu como a base do Judaísmo, a própria morte seria vencida e os mortos triunfariam na ressurreição e no encontro com o Deus da Vida Eterna. A injustiça e a dor passaram a ser vistas como transitórias, no longo caminho que conduzia os homens à libertação..

"A contar do momento em que tiver sido abolido o sacrificio perpétuo e for instalada a abominação da desolação, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado aquele que perseverar, chegando a mil trezentos e trinta e cinco dias. Quanto a ti, vai

tomar o teu repouso. Depois te levantarás para receber a tua parte, no fim dos dias."
(Dn 12, 11-13).

A partir de Daniel, a religião passa a ser apocalíptica. Todos os textos, profecias e tradição judaicas insistem na importância do arrependimento, pois o mundo aproximava-se do fim, de acordo com os planos de *Iahweh*. A história precipitava-se para o fim e chegava a hora do triunfo de Israel, dos justos e dos eleitos. Este fim seria anunciado com catástrofes, cataclismas e fenômenos cósmicos berrantes. No fim do mundo, aconteceria o grande julgamento e a ressurreição dos mortos e a salvação. Os mortos tornariam à vida, para o Julgamento Final e os justos e ímpios teriam a Vida Eterna ao lado de seu Senhor.

O TRIUNFO DA VIDA SOBRE A MORTE

Da morte natural inevitável dos que repousavam em seus campos, " fartos de dias" , junto com seus familiares, ao destino escatológico, à ressurreição dos mortos e o julgamento para se chegar à Vida Eterna, nas provações do Judaísmo, um longo caminho foi percorrido.

Apesar dos inúmeros pontos controvertidos, foi a religião que colocou mais fortemente a importância da vida, da ética, da moral, da conduta correta e da obediência a *Iahweh*, para chegar à paz, à lembrança e, nos últimos séculos, à Vida Eterna, em detrimento de cultos e crenças fúnebres, dos mistérios iniciáticos. A morte física era vista como natural e inevitável; o que preocupava era a morte espiritual, punitiva, que excluía a memória, a lembrança, remetia às sombras e aos subterrâneos do *Sheol* e, posteriormente, vedava a Vida eterna ou seja, a destruição e sofrimento irreversíveis. As ações dos homens para com o Senhor, a obediência aos Mandamentos, a fé irrestrita em *Iahweh* seriam a marca da tradição religiosa judaica através de todo o Antigo Testamento (42).

Através do tempo, nas incertezas, nos exílios, cativos, diásporas, nomadismo, em busca da Terra Prometida, nas desobediências e crenças paralelas contra as quais falaram sacerdotes e profetas, não foram os monumentos funerários, os cultos aos mortos o elemento de união, e sim a fé que uniria mortos e vivos numa comunidade dos eleitos de *Iahweh*, em torno das Leis e Mandamentos.

3.3 O DESTINO DA ALMA NA SALVAÇÃO CRISTÃ

O Cristianismo deu continuidade ao movimento profético e a mensagem de salvação pela fé, sob o signo da profunda renovação religiosa, sobretudo de um novo preceito de amor que o distanciou da matriz do profetismo de Israel. Enquanto uma tradição religiosa salvacionista manteve características básicas. Em primeiro lugar, não foi mais um culto de mistério de sua época porém uma religião atualizada, encarnada na imagem do Cristo ressuscitado para a eternidade e a Vida Eterna. Em segundo lugar, exprimiu com simplicidade e universalidade, o apelo à salvação e à imortalidade individual, aberta a todas as aspirações (43).

O mito cristão reteve em seu cerne a culpabilidade. A morte não era mais do que o castigo do pecado. Não se podia fugir da morte, mas a redenção da carne era o resgate da morte. O sofrimento identificava-se com a recompensa, num sacrifício permanente, análogo ao de Cristo, para justificar a Vida eterna e a Imortalidade.

A gloriosa ressurreição, demonstrada pelo salvador, reconciliava a alma imortal na glória de um novo corpo, numa metamorfose da incorruptibilidade para a Vida Eterna, superando o desejo da salvação da carne (I Cor 1, 54-7).

O cristianismo gerou um grande número de religiões institucionais, seitas, heresias e movimentos místicos das mais variadas naturezas (44). Tivemos o evangelismo original, o Cristianismo católico tanto no Ocidente como no Oriente, com suas divindades nas formas dos santos e santas, anjos e demônios, que incorporam elementos antigos e populares pré-cristão, porém conferindo-lhes um novo simbolismo, mas perseguindo qualquer dissidência de forma violenta. O Cristianismo apresentou também sua face filosófica. Difundiu-se como movimento protestante, tentando, a todo momento, recuperar sua origem e pureza evangélica.

A força mística do Cristianismo falou aos sentimentos, desejos e sensibilidade de cada época, na busca da imortalidade dentro da condição mortal de cada homem:

"Tudo isso produz o único e mesmo Espírito. (...). Porque como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo, assim também Cristo. Assim todos nós, judeus, gentios, escravos, livres, fomos batizados num só espírito, afim de formarmos um só corpo, sendo todos impregados de um só espírito. (I Cor 12, 11-13).

AS ORIGENS CRISTÃS

O Cristianismo nos primeiros séculos de sua formação, não foi mais do que um grande sincretismo de tradições religiosas gregas, judaicas, iranianas, orientais antigas e de diferentes vertentes do pensamento filosófico sobrevivente do helenismo (45).

O mundo dominado por Roma no qual o Cristianismo nasceu era ativo, povoado por deuses e espíritos das mais diferentes tradições religiosas, religiões de Mistérios, cultos orientais, seitas escatológicas e missiônicas.

Na Palestina sob o domínio romano havia também um forte clima de efervescência política e a vinda de um Messias salvador e libertador confundia-se com a necessidade de líderes políticos, que comandasse a rebelião contra os dominadores. Num clima de absoluta insegurança, deuses, messias e religiões de salvação ofereciam uma esperança.

A devoção e a santificação encontravam um momento muito importante nas religiões de "mistérios" praticadas em larga escala numa perspectiva sigilosa e iniciática, propondo a salvação pessoal dos fiéis. Estes movimentos religiosos originavam-se, principalmente, do Egito e da Grécia. Acreditavam poder mostrar a seus membros os segredos do cosmos, as origens e os destinos dos homens, as forças da agricultura e da fertilidade, o bem e o mal, os mistérios da vida além da morte. Nos "Mistérios", os rituais secretos compunham-se de sacrifícios animais, experiências místicas nas quais a morte simbólica, a viagem da alma pelo além e a ressurreição eram um momento marcante.

Quase todas estas práticas religiosas ofereciam ajuda material e imediata. Uma magia prática reforçada na produção de fenômenos, milagres e curas, sem compromissos morais ou éticos. Contra isto o Judaísmo insurgia-se através de seus profetas, sacerdotes e líderes religiosos. A moral, os costumes, a devassidão, a luxúria, a idolatria, a sede de poder e riquezas, as alianças feitas com os romanos eram alvos de constante ataques dos profetas.

Não podemos esquecer a influência do pensamento das seitas filosófica-religiosas e da filosofia de tradição clássica, sobretudo nas camadas mais intelectualizadas herdeiras da tradição helenística, inclusive entre os judeus da Palestina.

No âmbito do Judaísmo, embora a religião tradicional continuasse no centro da vida das comunidades que frequentavam as sinagogas e o Templo de Jerusalém, a proliferação de seitas e movimentos apocalípticos mostravam os conflitos religiosos internos. Os primeiros seguidores de Cristo judeus de Jerusalém, constituíam uma das muitas seitas apocalípticas dentro do judaísmo palestino, e que estavam à espera da segunda vida de Cristo, a Parusia (46). A figura do rústico profético João Batista, suas denúncias e críticas, os batismos e finalmente a anunciação daqueles que seria o Salvador, formam um símbolo desta época.

O SÍMBOLO DA RESSURREIÇÃO

O Cristianismo emergente tinha de responder a este profundo e variado substrato religioso, fornecendo um simbolismo eficiente para ser compreendido pelas diferentes comunidades e grupos sociais, mas também marcando um estrito monoteísmo em oposição à idolatria, aos cultos e crenças desta época. Aliás, nos textos do Novo Testamento, como em toda tradição judaico-cristã, a morte a vida após a morte ocuparam um espaço pequeno e pouco espiritualizado. O que estava em jogo era a Salvação para a vida Eterna, a eminência do Fim dos Tempos, o Julgamento Final.

O tema da Ressurreição dos mortos e do próprio Cristo era visto numa perspectiva particular. Tantos os milagres da ressurreição feitos por Jesus como o próprio mistério da ressurreição do Cristo tinha um papel importante dentro da escatologia e da promessa de Salvação anunciada pelos profetas. A Ressurreição era uma prova do poder de Deus, do verdadeiro Messias, e deveria fortalecer a fé diante da morte. O verdadeiro crente não temia a morte, pois acreditava na ressurreição e na Vida Eterna.

Porém, o tema da ressurreição dentro do Cristianismo conservou elementos do antigos mistérios da morte e renascimento da vegetação, bastante arraigados nas crenças populares,

revelando certas relações tradicionais do homem com o sagrado, que a construção da religião católica oficial incorporou, embora conferindo novos sentidos (47).

Além dos antigos ritos agrários e de fertilidade, o simbolismo da ressurreição caracterizava as religiões de "mistérios" e iniciáticas, explicando a morte e a vida futura como, por exemplo, o mito de Osíris, sobrevivente do complexo de religiões de mistérios da época helenística. A morte e a ascensão do deus, suas experiências de sofrimento, morte e ressurreição, o papel de juiz dos Mortos, em suma, a lenda da morte e ressurreição de Osíris era uma das crenças deste período, com seus templos, rituais diários e festas públicas ligada à estações do ano, à posição dos astros.

Muitas outras religiões afirmavam que os deuses, como Osíris, Dionísio ou Atis morriam e ressuscitavam. Este poder de renascer estava relacionado aos movimentos cíclicos da natureza e da fertilidade. Contudo, desde a época helenística e perdurando por todo o período do surgimento do Cristianismo, a promessa da salvação individual caracterizou o pensamento religioso.

No caso do Cristianismo à morte e à ressurreição de Cristo serão acrescentados outros elementos. A lembrança, a memória da vida de Jesus seria um modelo exemplar para todo cristão. A imagem do Cristo ressurgido foi fundamental para a vitalidade religiosa do Cristianismo, conferindo à figura de Jesus uma atualidade constante: ele não era um símbolo morto, mas um testemunho vivo do poder de Deus para ressuscitar os mortos. A morte e a ressurreição sinalizavam uma nova aliança com Deus oferecendo a salvação aos seguidores.

Os cristãos, discípulos e fiéis, necessitavam mais da ressurreição do que outros. Ela imprimia um caráter divino, místico e sobrenatural à figura de Jesus. Também ligou a figura do Messias a uma tradição religiosa muito antiga das seitas iniciáticas e de Mistérios. De acordo com estas religiões, a salvação passava por provas e ritos de caráter iniciático de morte e renascimento, assim como o batismo e a comunhão. O batismo cristão, a eucaristia no mistério do pão e vinho transmutados em carne e sangue do Salvador, marcam o processo de sincretismo com antigas crenças.

No caso de alguns apóstolos e discípulos que não conheceram o mestre, como Lucas e, sobretudo Paulo, convertido por uma aparição de Cristo, a imagem da ressurreição conferia uma profunda atualidade divina, promovendo a imagem de um Messias imortal. O Cristo ressuscitado acompanhou a continuação de sua missão dos apóstolos e seguidores. A imagem do Cristo foi um símbolo vivo, atuante, redevivo, a personificação da salvação, um exemplo pessoal de como vencer a morte e chegar à Vida Eterna.

A salvação tinha na Ressurreição de Cristo uma prova concreta. A mensagem salvadora ganhou expressão real. A Vida Eterna foi obtida no exemplo da vida e morte de Jesus, através de um exercício de fé, comportando sofrimentos, humilhações, paciência, abnegação, a estrita obediência à vontade de Deus e, o menor de seus males, a morte física. A Ressurreição e a Vida Eterna foram temas centrais. Através deles o simples pregador transformou-se em fonte inspiradora da religião que os evangelhos e os apóstolos irão construir nos séculos I e II d.C.

Nos sermões e epístolas os apóstolos pregavam que as revelações feitas por Deus no Antigo Testamento alcançaram seu apogeu e realização na vida, morte e ressurreição de Jesus, o Messias em grego, o Cristo em hebraico, que viera de Deus e a ele retornara como homem e Deus. A representação do poder divino em toda a comunidade dos fiéis estava no Espírito Santo, e podia ser partilhada para a salvação de todos.

Em torno da figura do mestre ressuscitado cristalizou-se toda uma simbologia e mitologia semelhante a dos deuses salvadores e do homem divinamente inspirado, junto com o

profundo substrato das crenças agrárias e das religiões e das religiões de Mistério. Graças a esta simbologia e mitologia universais foi possível a linguagem religiosa do Cristianismo tornar-se ecumênica e acessível em limites espaciais e culturais diferentes. A figura daquele que morreu para salvar o mundo será constantemente apregoada sobre as consciências cristã, junto com a idéia de pecado, de culpa primordial e da dívida eterna com o Salvador.

O SURGIMENTO DA IGREJA

O nascimento da Igreja, no ano 30 d.C. no dia de Pentecostes, descrita no *Atos dos Apóstolos* (2:1-4) apareceu como um momento especialmente carregado de simbologia mística: No dia de Pentecostes, fenômenos cósmicos, línguas de fogo, o dom de falar vários idiomas, marcaram a presença do Espírito Santo entre os apóstolos. Diante da multidão reunida e estarecida pelo fenômeno inusitado e repleto de significado religioso, Pedro falou da figura de Cristo, de sua ressurreição e vitória sobre a morte:

"Este homem, entregue segundo desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder. (Atos, 2:23-2), (24).

A vitória de Cristo sobre o Hades, lugar das sombras desmemoriadas e esquecidas, pálidos reflexos da existência temporal, sobre este destino foi possível pela Ressurreição. Vontade de Deus, a Ressurreição foi uma superação da condição degradante da morte. Crer era vencer a morte, ressurgir vencendo as trevas e a ignorância. Este momento marcou, segundo os *Atos*, as primeiras grandes conversões e o modelo do *querigma* (proclamação) cristão.

PAULO E A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Os mais antigos textos cristãos são as epístolas de Paulo escritas antes de 60 a.C. A nova fé foi apresentada na forma de longas pregações e discussões com o objetivo de organizar comunidades e esclarecer a doutrina dentro do helenismo, em um período anterior ao da composição dos evangelhos.

A cristologia de Paulo, um homem culto e intelectualizado, colocou a Ressurreição como o acontecimento revelador da natureza divina de Cristo, tentando adaptá-la ao pensamento grego. A crença na ressurreição dos corpos compartilhada pela maioria dos judeus era considerada insensata para a tradição grega da imortalidade da alma, opinião esta compartilhada por várias tradições helenísticas como o orfismo, pitagorismo e a filosofia platônica. Paulo tentou articular a concepção de origem grega da imortalidade da alma, obtida imediatamente após a morte, com uma pós-existência que não puramente desencarnada: um "corpo espiritual" que sobrevivia à morte e ressuscitava:

"O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o ressuscita incorruptível, semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico ressuscita corpo espiritual.

Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente, o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito o que não é psíquico; o que é espiritual vem depois (...).

Digo vós, irmaos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.. Eis que vós dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, sim, a trombeta tocará e os mortos ressurgirão incorruptíveis e nós seremos transformados". (I Cor, 1:42-52)

Para Paulo, como para tradição bíblica e grega, *apsyché* (ou *nefesh*, em hebraico) era o princípio vital que animava a alma. Contudo, a *Psyché* como um princípio natural devia apagar-se diante do *pneuma*, o sopro vital, única possibilidade do homem encontrar a vida divina e espiritual após a morte. Ao contrário do pensamento filosófico grego, que colocava a sobrevivência da alma superior liberta do corpo, no Cristianismo a noção de imortalidade estava ligada à restauração integral do homem pela ressurreição dos corpos espirituais, transformados através do Espírito, como um princípio divino que Deus retirou do homem como consequência do pecado. Este princípio só seria devolvido através da união do fiel com o Cristo ressuscitado. A ressurreição transformaria o corpo físico em corpo espiritual, incorruptível, imortal, liberto da matéria terrestre e de suas aparências (48).

Diferentemente da maioria das religiões, a tradição judaica-cristã muito pouco espiritualizada, e principalmente, o Cristianismo, não chegou ao um nível de sutileza espiritual que permitisse separar, por exemplo, alma e espírito. Dividindo o homem em corpo e alma, matéria e espírito, perdeu-se a antiga tradição, sobretudo oriental, de perceber diversos princípios espirituais, corpos fluídicos que compunham a natureza viva e que se libertavam após a morte. Limitaram-se a ensinamentos de ordem prática, em modelos exemplares e na construção dos dogmas da fé. A palavra "espírito" é usada como sinônimo de "alma". No léxico comum do Cristianismo, os mortos e espectros são "espíritos". S. Paulo associou na I Epístola aos Coríntios a palavra "espírito" com o corpo de natureza espiritual, incorruptível, que conduziria a alma imortal para a salvação.

Este movimento prolongou-se durante os séculos posteriores através dos primeiros teólogos, convertendo-se em ponto central da teologia cristã. Isto de tal forma que as religiões da tradição judaico-cristã, inclusive o Islamismo, abandonaram todas as reflexões de natureza mais espiritual. Este espaço foi ocupado pelas inúmeras seitas, grupos iniciáticos e de conhecimento esotérico à margem das grandes religiões, como o cabalismo, o gnosticismo cristão e o sufismo, frequentemente condenados e perseguidos como heréticos.

A ressurreição dos mortos e a ascensão dos vivos recuperou um argumento dotado de forte poder simbólico, bem conhecido na época: o do Salvador que desceu na Terra vindo Céu depois retornou tendo trazido um benefício para os homens. Este papel diante da comunidade cristã de vivos e mortos foi exaltado em várias passagens onde Paulo revelou a "palavra do Senhor", como, por exemplo, na *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*, escrita em Corinto no ano de 51 d.C.:

"Os mortos e os vivos da Vinda do Senhor

Irmãos não queremos que ignoreis

o que se refere aos mortos,

para não ficardes tristes como os outros

que não tem esperança.

Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou

assim também os que morreram em Jesus,

*Deus há de leva-los em sua companhia,
Por isso vós declaramos,
segunda a palavra do Senhor:
que os vivos, os que e ainda estivermos aqui
para a vinda do Senhor,
não passaremos a frente que morreram.
Quando o Senhor, ao sinal dado,
à voz do arcanjo e ao som
da divina trombeta,
descer do céu, então os mortos em Cristo
ressuscitarão primeiro;
em seguida nós, os vivos que estivermos lá,
seremos arrebatados com eles nas nuvens
para o encontro com o Senhor, nos ares.
E assim, estaremos para sempre com o Senhor.
Consolai-vos, pois uns aos outros com
estas palavras." (4: 13-18).*

Paulo reafirmou a ressurreição dos mortos, a transfiguração espiritual dos vivos para robustecer a fé e esperança da comunidade cristã e emergente. No texto original, "os mortos" são literalmente " aqueles que jazem adormecidos " num eufemismo característico e natural tanto do Antigo como do Novo Testamento. A ressurreição era considerada como um despertar pois a imagem do sono implicava na possibilidade do retorno à vida. A associação morte-sono trouxe um elemento importante numa crença que defendeu o ressurgimento, o despertar de algum momento. Várias passagens da vida de Jesus reafirmaram o sono dos mortos.

OS EVANGELHOS E AS IMAGENS DA MORTE

A estruturação dos Evangelhos caminhou no sentido da homogenização das crenças cristãs para públicos diversificados. De um lado estavam os cristãos de formação judaica, como se pode distinguir em Mateus. De outro lado, os cristãos formados no pensamento e comportamento da tradição grega do helenismo, seguindo Marcos e Lucas. Um estudo mais apurado do Evangelho segundo João revela o substrato das religiões de "Mistério" oriundas da Grécia e do Egito, presentes no intenso simbolismo através do qual João tentava mostrar à essência de tudo o que foi feito e dito por Jesus.

Nos Evangelhos, a vitória final sobre a morte apresentou uma dimensão bem interessante, embora não fosse uma novidade na tradição judaica: colocou a possibilidade da eternidade ao alcance dos novos fiéis, independente do fato de pertencerem ao grupo dos eleitos da tradição judaica. A salvação e a vida eterna tornaram-se acessíveis aos homens em geral, desde que

seguissem a nova doutrina, as palavras do Mestre e aguardassem com fé e esperança, o momento estabelecido para alcançar a consagração pela Eternidade.

A máxima apregoada pelos Evangelhos proclamava a vitória da Boa Nova sobre a Morte e os poderes do Mal. O Mestre havia descido aos Infernos do Sheol, porém ressuscitara, livre do poder temporal da morte. Seu martírio constituía-se em exemplo a ser seguido pelos fiéis. A Vida Eterna, um prêmio para os justos, assim como um castigo eterno para os ímpios e infiéis. Largo era o caminho que conduzia à perdição e por ele seguiam os ignorantes da verdadeira fé com seus pecados. Estreito o caminho que conduzia à Vida; poucos o trilhariam para a salvação do poder da Morte, do destino de desolação.

Esta promessa de salvação foi reafirmada por todos os evangelistas. A morte de Cristo, afirmavam, simbolizava o início da era escatológica, a libertação dos mortos:

"Abriram-se os túmulos e muitos corpos de santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos." (MT 27, 3-54).

As aparições de Cristo aos discípulos confirmavam sua ressurreição, o poder da fé diante da morte e a ação do Salvador mesmo depois de morto, pois ressuscitou para continuar conduzindo discípulos e fiéis. O Cristianismo e a Ressurreição traziam uma promessa e esperança de salvação, uma pregação universalista e ecumênica da salvação coletiva aos que seguissem suas palavras e ações. Cristo surgia como um Salvador terno, e misericordioso com os pecadores, trazendo o perdão, as alegrias espirituais e os benefícios divinos para os arrependidos dos seus pecados, procurando o caminho do conhecimento da salvação.

A vida de Cristo emanava do poder de Deus. Milagres de cura, de ressurreição de mortos, demonstravam a força de Deus através de seu enviado:

*"Em verdade, em verdade, eu vos digo:
quem escuta minha palavra
e crê naquele que me enviou
tem a vida eterna
e não vem a julgamento,
mas passou da morte à vida. Em verdade, em verdade, eu vos digo:
vem a hora - e é agora -
em que os mortos ouviram a voz do Filho de Deus,
e os que ouvirem, viverão.
Assim como o Pai tem a vida em si mesmo,
também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo
e lhe deu o poder de exercer o julgamento
porque é o Filho do Homem.
Não vos admireis com isto:
Vem a hora em que todos os que repousam em seus*

sepulcros
ouvirão a sua voz
e sairão;
os que tiveram feito o bem
para uma ressurreição de vida
os que tiverem praticado o mal,
para uma ressurreição de julgamento."
(Jó 5, 21-29).

As imagens da morte para os que desconheciam a mensagem cristã estavam associadas à noite, trevas, desgraças, lágrimas, pecado e ignorância. A morte cristã transparecia em metáforas de luz, espiritualidade vitoriosa, símbolo de vida, de libertação, salvação e vida eterna. Este simbolismo podia ser interpretado como a morte física mas também, e principalmente, a da morte de si mesmo diante dos valores e do mundo material. Da mesma forma a ressurreição tanto remetia a recuperação do corpo como o renascimento de uma nova criatura e uma nova vida de acordo com a fé cristã.

Mas esta questão suscitou debates dentro do pensamento cristão na teologia, nas heresias e nos movimentos espiritualistas do Cristianismo. A promessa da imortalidade podia significar uma absorção completa em Deus, uma unidade com o Criador como também a imortalidade da personalidade no Céu ou Paraíso, em perpétua bem-aventurança ou nos tormentos eternos.

O que ressurgiria? O corpo material, sangue, veias, tendões e carne? Ou o "corpo espiritual" de Paulo? O que apareceu com Cristo ressuscitado? Um corpo físico ou um "corpo espiritual", de natureza diversa, um corpo de ressurreição, diferente de tudo conhecido até então? Esta questão teria profunda repercussão no Cristianismo posterior. Durante séculos, foram os mortos ressuscitados, em corpo e alma, que saíram de sua sepultura para, em fila, comparecer ao Julgamento Final. Mortos adormecidos acordavam ao som das trombetas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo usaram estas imagens da morte e dos mortos.

Porém, um grande número de cristãos e de filosofias religiosas da tradição judaica crista reviram esta questão da imortalidade e da ressurreição.. Correntes esotéricas e espiritualistas, dentro e fora do Cristianismo, chegaram a elaborar uma teoria sobre o "corpo glorioso" ou "corpo de ressurreição" como uma demonstração da unidade absoluta entre todas as coisas, a superação da dicotomia espírito-matéria, a chave da imortalidade, o sagrado matrimônio entre matéria e espírito. Sempre houve a interpretação de que o corpo glorioso de Cristo, embora idêntico a si mesmo, tinha um estado novo, modificado e livre das condições do mundo material. Era um corpo novo, incorruptível.

Para estas correntes religiosas, o caso de Cristo não foi o único. Entre outros, havia Apolônio de Tiana, arrebatado diante do Imperador romano e de grande multidão. Em tempos mais contemporâneos sobretudo à partir do século XIX, rosacruzes, teosófos, correntes orientalistas e os espíritas recolocaram esta questão em termos de "corpo astral", perispírito, "corpo psíquico", "corpo fluídico", corpo bioplasmático ou ectoplasmático, que sobreviveria, por um tempo determinado, fosse até a próxima encarnação ou até ser absorvida pela Alma Universal.

APOCALIPSE

Na grande Revelação do texto do Apocalipse, o simbolismo tentou mostrar a imagem da vitória final, da fé diante da morte, da ressurreição e da salvação.

Todo o pensamento religioso cristão, de alto a baixo, do clero aos fiéis, sofreu forte influência deste grande sonho místico. O Apocalipse marcou o surgimento de heresias, de vários movimentos místicos de visões e predições apocalípticas.

Este teor de vitória sobre a morte, da prometida imortalidade, acompanhou a Epístola enviada às sete igrejas, com promessas de vida, e eternidade. Na descrição do Reino dos Mil Anos aparece, com muita clareza, a ressurreição dos mortos:

"Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a Besta, nem sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos. Os outros mortos, contudo, não voltaram à vida até o término dos Mil Anos. Esta é a primeira ressurreição.. Feliz e santo aquele que participa da primeira ressurreição! Sobre estes a segunda morte não tem poder; eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo , e com ele reinarão mil anos."

(Ap. 20, 4-6).

No julgamento das nações, ganhou forma e conteúdo a imagem concreta e judiciária dos mortos diante dos livros das contas das nações:

"Vi depois um grande trono branco e aquele que nele se assenta. O céu e a terra fugiram de sua presença, sem deixar vestígios. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante o trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos então foram julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros.

O mar devolveu os mortos que nele jaziam, a Morte e o Hades entregaram os mortos que neles estavam, e cada um foi julgado conforme sua conduta. A morte e o Hades foram então lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte: o lago de fogo. E quem não se achava escrito no livro da vida foi também lançado no lago de fogo."
(Ap.20, 11-15).

Os mortos ressuscitados e devolvidos tinham dois livros diante de si: o livro que contabilizava ações boas e más, determinando a salvação ou a segunda morte definitiva no lago de fogo; o Livro da Vida, onde os predestinados estavam marcados para a salvação. Depois do Julgamento, a Morte e o Hades seriam também destruídos pois não mais existiriam. Este era o sentido mais profundo da Grande Ressurreição compreendida como uma Nova Criação de Deus, num Novo Céu e numa Nova Terra, a Jerusalém Celeste.

O plano divino seria cumprido, independentemente da conduta dos homens. Esta mensagem do Apocalipse marcou a história do pensamento cristão, aplacando temores, fornecendo esperanças, indicando caminhos que nem sempre foram pacíficos ou aceitos pela Igreja mas que mantiveram a busca da fé, da esperança da salvação pela libertação da morte e do encontro com Deus e a Eternidade.

A MENSAGEM EVANGÉLICA NA VITÓRIA SOBRE A MORTE

A grande e inquietante transformação religiosa contida na pregação dos evangelhos reside no poder da Mensagem Divina aos vivos. O caminho da Luz ou das Trevas eram opção feitas durante a vida e não depois da morte, pois os mortos jaziam, repousavam adormecidos. O verdadeiro despertar acontecia durante a vida, e significava não morrer espiritualmente, sendo o adormecimento uma metáfora. Chegamos então ao Deus dos Vivos, ao Deus da Eternidade do Espírito.

A mensagem messiânica veio para iluminar os que estavam nas trevas e sombras da Morte, como consequência da ignorância, do pecado, do desconhecimento de Deus. Podia-se estar morto em vida e vivo após a morte. A salvação apregoada por Cristo, miraculosamente representada nas curas, nas ressurreições exemplares da filha de Jairo ou de Lázaro, na sua própria ressurreição, simbolizavam o essencial da Boa Nova: a Vida Maior, do Espírito Eterno e Imortal, que estava em tudo. Deus estava dentro da Vida e a Vida dentro de Deus: este conhecimento representava a salvação. Uma maneira particular de encarar a morte e o destino espiritual: um refinamento de hábitos, das idéias, das práticas, dos sentimentos e sensibilidades. Era a morte da forma, a transformação, a mutação e o surgimento de um Novo Ser.

O SONO DOS MORTOS

Junto com as mensagens de Paulo, as interpretações sobre a ressurreição de Lázaro, da filha de Jairo e do próprio Cristo marcarão a consciência do cristianismo emergente e de um largo período da Antiguidade tardia e Idade Média.

O poder da fé venceria a morte: esta não era mais do que um sono hipnótico, um repouso aparente da alma e do corpo, aguardando o dia da Ressurreição e a Vida Eterna ao lado do Senhor. Os milagres de Jesus reafirmavam a imagem do sono dos mortos. Vejamos o caso de Jairo, diante da filha morta e implorando a Jesus um milagre:

"Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. Entrando, disse: 'Porque este alvoroço e este pranto? A criança não morreu; está dormindo'. E caçocavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. Tomando-lhe a mão, disse-lhe: Talitha Kum - o que significava: Menina, eu te digo, levanta-te. No mesmo instante a menina levantou, e andava, pois já tinha doze anos." (Marcos, 5: 38-42).

Da mesma maneira, esta foi a imagem da conhecida ressurreição de Lázaro, morto e enterrado há mais de quatro dias:

" - 'Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo'. Os discípulos responderam: 'Senhor, se ele está dormindo, vai salvar!'. Jesus, porém falara de sua morte e eles julgaram que falara do repouso do sono. Então Jesus lhes falou claramente: 'Lázaro morreu.(...)'." (João, 11: 11-15)

Os primeiros cristãos julgavam que os mortos dormiam um sono longo e indefinido, dentro de uma espécie de insensibilidade hipnótica, aguardando o dia da ressurreição, o despertar para a vida eterna. O próprio termo "cemitério", desde os primórdios fazendo parte do léxico cristão, significava, em grego, "o local onde se dorme" (49).

No caso do Cristianismo, a imagem do sono pode ser interpretada de duas maneiras: em primeiro lugar, a visão tradicional associando a morte às imagens de sono, adormecimento, frio e escuridão. A morte representava um descanso, um repouso das agruras, vicissitudes, cansaços e sofrimentos impostos pela vida. Viver significava sofrer, lutar, adoecer, padecer, mesmo que fosse no caminho da Salvação. "Descansa em Paz": o epitáfio tão sugestivo ainda hoje encontrado nos cemitérios, durante as cerimônias fúnebres. Em segundo lugar, a imagem do sono na visão cristã foi contra a idéia de morte como aniquilamento total sem possibilidade de retorno. Quem dorme e repousa pode ser despertado, acordado, chamado à vida e à ressurreição. Desta maneira, a imagem do sono vinha revigorada por uma nova crença: morrer era simplesmente dormir, e aquele que repousava na fé cristã despertaria no dia aprazado para a Glória e Vida Eterna.

Esta concepção marcou algumas das catacumbas mais antigas dos primeiros cristãos romanos. A catacumba de S. Calixto e seus familiares, do século III d.C. possui um epígrafe aludindo à ressurreição dos mortos e manifestando a convicção de que a pequena Severa permanência naquela morada de paz até o momento do Senhor reunir seu corpo à sua alma imortal (50). Estas catacumbas também apresentavam, como decoração, várias cenas representando a ressurreição de Lázaro.

Tratava-se não somente da morte como repouso mas do repouso da alma no próprio túmulo, numa ligação entre o corpo e alma. Acreditava-se que a alma ficava retida em seu corpo na sepultura entre o sono dos justos e o sobressalto e pesadelo da consciência intranquã. Nesta condição intermediária, dependendo do grau de sossego espiritual do morto, ele via sem ser visto, ouvia sem ser ouvido, dia e noite sem descanso, numa vida sem vivência, suspenso entre dois mundos e preso ao corpo.

Um destino celestial ou infernal para alma, na concepção tradicional do Cristianismo antes do surgimento do Purgatório no século XII, só seria possível após o Julgamento Final. Muito lentamente, a religião crista foi separando corpo e alma, construindo uma representação celestial ou subterrânea do destino da alma enquanto esperava a Ressurreição e a vida ou condenação pela Eternidade.

Através da ascensão da cristandade, da organização institucional da Igreja, a doutrina crista sobre o Além passou a esclarecer os vivos sobre o sentido da morte, preservando a memória dos mortos de uma mesma comunidade. O desenvolvimento da eucaristia garantiu um papel fundamental aos cultos fúnebres, lembrando perante a comunidade crista o nome de todos os que faleceram na mesma crença. Esta solidariedade demonstrada pelos cristãos, tanto os vivos quanto os mortos, foi um pólo agregador de fiéis: mesmo durante epidemias, guerras e os cercos das cidades, eram os cristãos os únicos que se preocupavam em enterrar os mortos (51).

O desenvolvimento dos grandes cemitérios, a "terra consagrada" dos mortos ao redor das basílicas, a prática da *deposito ad sanctos*, garantiam uma integração bem visível dos mortos na cristandade (52).

No caso do Cristianismo, a convivência com os cristãos falecidos deu um novo sentido devocional à relação entre mortos e vivos, sobretudo ao valor religioso das relíquias e à sacralização dos cemitérios e túmulos no culto eucarístico que se organizou, a partir da tradição dos banquetes funerários (53).

Houve, evidentemente, sobretudo por parte dos que se preocupavam com a pureza evangélica e a organização institucional e teológica da Igreja, a preocupação com uma atitude pagã de culto aos mortos, aos ancestrais, aos ritos de fertilidade que pudessem estar ganhando espaço em detrimento da mensagem da Salvação. O túmulo retomava o seu lugar de altar e os cemitérios

lugares de culto. Desta forma, aos pouco, estabeleciam-se paralelos fora do controle da instituição e da Igreja. Os mortos podiam ser cultuados em perspectiva diferente daquela que a Igreja pregava.

Todos os teólogos falarão sobre o assunto, repreendendo e alertando sobre os perigos da idolatria e de práticas necromânticas, resgatando a pureza da fé e da mensagem crista da salvação.. Porém, estas crenças e práticas resistiram nos submundos da religião oficial, e foram marcando espaço. Muitas das crenças e concepções de Além que proliferaram na religião católica, entre toleradas e oficialmente integradas aos cultos e dogmas têm suas raízes nestas formas nada ortodoxas, mas pagãs e antigas, de ver a morte, os mortos e o destino espiritual.

A representação do repouso das almas, do sono dos mortos foi uma das formas mais antigas e persistentes de descrição da situação da morte, e nunca desapareceu por completo do imaginário religioso, sobrevivendo em orações, em intenções litúrgicas oferecidas para o descanso das almas, respeito e reverência demonstrada aos cemitérios, revelando um aspecto extremamente arcaico, popular e constante sobre o destino das almas.

A lenda dos sete mártires de Éfeso refletiu a permanência desta concepção da Antiguidade tardia. Tratava-se da estória dos corpos dos mártires cristãos vitimados pela perseguição de Décio, depositados numa gruta murada. `A época de Teodósio, onde proliferava uma heresia negando a ressurreição dos mortos, os mártires de Éfeso foram despertados pela vontade de Deus. Um deles explicou a causa de sua ressurreição extemporânea:

"Creiam-nos, foi por vós que Deus nos ressuscitou antes do dia da grande Ressurreição ... porque ressuscitamos verdadeiramente e vivemos. Ora, tal como a criança no ventre da mãe vive sem sentir necessidade, também nós temos vivido, repousado, dormido e não experimentamos sensações!"(54).

Após estas palavras, os sete voltaram a adormecer, entregando seus espíritos segundo a ordem de Deus. Esta noção de sono dos mortos permanecerá durante séculos na arte funerária, na liturgia, em outras manifestações religiosas como, por exemplo, nas religiões reformadas do século XVI. Trata-se de uma imagem antiga, popular e constante da existênciapost-mortem... Porém, esta concepção foi, aos poucos, adquirindo algumas modificações importantes, ressaltando uma nova função para o estágio intermediário da morte.

O LENTO DESPERTAR DOS MORTOS

As imagens do sono dos mortos sofrerão uma lenta e progressiva alteração durante alguns séculos, fruto de adequações, concessões a certas crenças populares e produto de concepções desenvolvidas pelo primeiro teólogo da Igreja. Os fundamentos da idéia de um lugar intermediário das almas ganham espaço, apoiados em correntes filosófico-religiosas gregas, principalmente nas concepções platônicas divulgadoras do orfismo e pitagorismo, característicos da fusão entre o helenismo e o Cristianismo na teologia cristã de Alexandria (55).

Entre os séculos II e IV estarão estabelecidos certos questionamentos sobre o estado espiritual entre a morte e o Juízo Final, da existência de uma escala de pecadores e uma perspectiva de diferenciação entre eles, assim como a crença na possibilidade de salvação de algumas almas em pecado após determinados tipos de provação a que seriam submetidas em um estágio espiritual intermediário.

O perdão e a possibilidade de arrependimento das almas após provação e ajuda das devoções dos vivos são noções que crescem nas construções teológicas e dogmáticas da Igreja.

Muitos dos fundamentos estavam em crenças religiosas bastante arcaica, traduzidas nas imagens de Fogo Purificador, Rejuvenescedor e Regenerador, comuns a este período. Este também era o caso da Fênix símbolo da tradição mitológica grega mostrando a possibilidade de passagem, através de uma série de provas e purificações, à imortalidade e ressurreição.

A iconografia das catacumbas cristãs dos primeiros séculos refletiam um momento muito preciso da história das mentalidades religiosas deste período. Mostravam profundo sincretismo, perceptível na utilização de certos simbolismos, como a imagem da Fênix e do Pavão representando a ressurreição ao lado de imagens típicas do Novo e Antigo Testamento.

As crenças numa situação intermediária das almas, na possibilidade dos vivos ajudarem os mortos estavam entre os primeiros cristãos. Este foi o caso das visões de Perpétua, mártir crista na África durante as perseguições de Sétimo Severo em 203.

Severa, durante a prisão, quando estava rezando com seus companheiros, ouviu uma voz falando o nome de Dinocrates, seu irmão falecido há bastante tempo Teve a intuição de pedir alguma coisa em seu favor através de preces dirigidas ao Senhor. Na noite seguinte, uma aparição durante o sono confirmou seus presságios:

"Durante a noite seguinte, eis aqui a aparição que tive: veio Dinocrates saindo de um lugar de trevas em que se encontrava com outros mais, todo queimado e sedento, descabelado e sujo, e em rosto a ferida que tinha ao morrer. Dinócrates era meu próprio irmão; havia morrido de doença com a idade de sete anos, o rosto devorado por um cancro maligno, e sua morte havia comovido todo mundo. Eu tinha rezado por ele: porém, entre eu e ele havia uma distância tão grande que não podíamos nos aproximar um do outro. No lugar em que Dinócrates estava havia um recipiente cheio da água com a borda muito alta para a estatura de uma criança. E Dinócrates levantava-se na ponta dos pés como se quisesse beber. Eu sofria ao ver que o recipiente estava cheio de água, porém ele não podia alcançar por causa da altura da borda. Acordei então, e tive a certeza de que meu irmão estava submetido a uma prova: e não duvidava que eu poderia aliviá-lo daquela situação. Orei por ele todos os dias até que fomos parar na prisão do Palácio Imperial (...) Eu segui rezando por meu irmão dia e noite, gemendo e chorando até que me fosse outorgado o seu perdoo..(...).

No dia que fomos jogados na prisão, eis aqui a aparição que tive: voltei ao lugar que havia visto antes, e vi Dinócrates, com o corpo limpo, bem vestido e refrescado, e com uma cicatriz no lugar em que havia a ferida; e a borda do recipiente que eu vira havia rebaixado até a altura do umbigo do menino e derramava sem parar. (...) Logo, uma vez saciado, começou jubilosamente a jogar água, como costumam fazer as crianças. Acordei então, e compreendi que meu irmão havia sido libertado de sua pena" (56).

Esta pungente declaração de Perpétua, estudada pelos teólogos, principalmente S. Agostinho, apontava um Além intermediário, um lugar de provações embora, sem Juízo nem castigo, diferente do *Sheol* judaico e do *Hades* grego (57).

OS PRIMEIROS TEÓLOGOS

Vamos encontrar nos teólogos da tradição helenística, entre os séculos I e II, principalmente em Clemente de Alexandria (morto em 215) e Orígenes (morto em 23-254), as

primeiras construções sistemáticas sobre a questão da situação das almas. Neste período anterior a S. Agostinho, os mais importantes teólogos eram os padres da Igreja grega, considerados como os "fundadores" da doutrina do Purgatório, embora, por paradoxal que seja, a idéia deste espaço intermediário tornou-se uma crença da cristandade latina e ocidental, servindo de motivos para longas querelas e cismas com a Igreja Grega.

Para Orígenes e Clemente o castigo divino não era crueldade de Deus, mas uma importante etapa da purificação para a salvação do homem.

Clemente de Alexandria estabeleceu categorias de pecadores e de castigos impostos, tanto em vida como após a morte: castigos educativos para os pecadores que reconheciam seus pecados e se arrependiam, ou punitivos para os endurecidos persistindo em seus erros. As penas para as diferentes categorias de pecadores apareciam representadas nas imagens do fogo devorador ou santificador: para os primeiros, o fogo que penetrava a alma e santificava; para os incorrigíveis, um fogo que devorava e consumia.

Mas Orígenes articulou os principais aspectos teológicos desta época, embora a posteridade da Igreja tenha excomungado sua teologia e concepções. Autor de uma imensa obra, estudou sob a orientação de Amônio Saccas, futuro mestre de Plotino vinte anos mais tarde. Orígenes acreditava no estudo e compreensão da cultura grega para poder divulgar o Cristianismo nos meios mais intelectualizados de sua época. Foi o responsável pela infiltração definitiva do neoplatonismo na tradição cristã, embora seus ensinamentos e obras tenham sido condenadas no Quinto Concílio da Igreja, em 553 (58).

A concepção de Orígenes mais criticada pela Igreja foi a *Apocatástase*, a "restauração de todas as coisas", segundo a qual o drama universal definia-se como as provações da alma ao longo de sua penegrinação até Deus, em busca da perfeição original. Utilizando-se de metáforas e imagens da viagem da alma repletas de sentido simbólico, levantou a possibilidade de não existir pecador tão mal e incorrigível que não pudesse arrepender-se e purificar-se, alcançando a comunhão divina. Não podendo admitir as doutrinas filosófico-religiosas gregas sobre metempsicose e reencarnações sucessivas, sua apocatástase passou a significar um progresso ininterrupto e progressivo da alma que começava em vida e prosseguia após a morte. A alma era submetida a diferentes tipos de fogos purificadores, num processo progressivo de penitências, devoções e conhecimento, chegando à contemplação eterna de Deus (59).

Ao negar a metempsicose e a reencarnação, tentando enriquecer o conteúdo simbólico e aumentar as possibilidades de salvação sem incorrer nas concepções "pagãs" ou filosóficas, Orígenes arranhou uma teoria onde tudo era parecido, mas nada era igual.

Não cessaram de surgir novas formas no âmbito do Cristianismo, de responder às condições dos mortos, ao destino das almas entre a morte e o Juízo Final e a Ressurreição. Nos tempos da Igreja primitiva vivia-se sob crenças escatológicas muito fortes e aguardava-se a eminência do final dos tempos. O tempo entre a morte individual e o Juízo seria muito breve. Mesmo para Orígenes e Clemente a idéia de um espaço intermediário para as almas encontrava-se mal definido. Em Orígenes funcionou a concepção de um paraíso provisório, lugar de purificações, onde as almas aguardavam o Paraíso das Delícias após o Julgamento.

S. AGOSTINHO E OS MORTOS

As concepções de um espaço onde as almas se purificavam tiveram em S. Agostinho de Hipona e na sua teologia um momento decisivo. A teologia de S. Agostinho foi construída a partir de críticas ao paganismo, às mitologias e instituições romanas e, sobretudo, uma teologia da história que marcou o pensamento cristão ocidental na sua mais importante obra, *De civitate Dei contra paganos* (60).

Enfrentando o momento crítico do final do Império Romano e a situação da Igreja nas novas condições que se impunham ao Cristianismo diante da Europa bárbara, as obras teológicas de S. Agostinho voltaram-se para o futuro, para a manutenção e implantação da cristandade nas novas fronteiras pagãs. Suas obras forneceram o sentido da construção do Cristianismo diante do esfacelamento do Império e a barbarização da Europa, através da convicção de que a vocação do verdadeiro cristão era a busca da salvação, em detrimento de quaisquer acontecimentos materiais, desprovidos de sentido espiritual verdadeiro. Apóstolo da unidade da Igreja, condenando todo Cisma ou dissidência, via como o verdadeiro sentido da religião a construção do mundo de Deus, a sobrevivência da Igreja espiritual ao poder temporal.

As primeiras aproximações de seus pensamentos à idéia de um lugar intermediário dos mortos estão presentes na confiança demonstrada quanto ao valor das orações em intenção aos mortos, principalmente após a morte de sua mãe. Nas Confissões (IX, XII, 34-37) pedirá a Deus, misericordioso e justo, que perdoe os pecados de sua mãe como boa crista que foi, rogando à suprema bondade divina o seu descanso em paz ao lado do esposo. A obra de S. Agostinho contribuiu, assim, para o estabelecimento e organização das relações entre a comunidade cristã dos vivos com seus mortos, através de uma rede de solidariedades espirituais, teologicamente definidas e aceitas.

Nos capítulos 109-110 do *Enchiridio* estabeleceu a existência de certos lugares que acolhiam as almas entre a morte individual e a Ressurreição, de acordo com os tipos de pecados, onde poderiam ser alcançadas pelos sufrágios dos vivos:

"Com efeito, existem homens cuja vida não foi tão boa a ponto de não necessitar de sufrágios póstumos, nem tão má que não possa beneficiar-se deles. Em troca, existem alguns que viveram a ponto de prescindir de sufrágios e outros suficientemente maus para não aproveitá-los depois de mortos. Em consequência, é aqui embaixo onde são adquiridos os merecimentos que podem assegurar a cada um, depois da vida, o descanso ou infortúnio. Logo, qualquer um que haja menosprezado neste mundo, que não espere obtê-lo, depois de morto, de Deus" (61).

Referia-se a penas purgatórias ou de expiação, admitindo que podiam ser padecidas tanto em vida como após a morte. Eram penas temporais porque cessavam no dia do Juízo Final, e então, aqueles que as haviam sofrido seriam, ou não, admitidos no Paraíso supremo. Estas afirmações constituíram um elemento fundamental para o desenvolvimento do Purgatório medieval, das crenças, imagens e ritos fúnebres na cristandade ocidental.

A obra agostiniana reservou espaço para discutir a questão das aparições dos mortos, dos sonhos com as almas, característicos de todas as crenças religiosas. No opúsculo *De cura por mortuis gerenda*, sem negar a existência destes fenômenos, buscou explicá-los de forma a que os cristãos encontrassem os caminhos devidamente aplainados pela Igreja, sem os "desvios" da oniromancia e da necromancia da religiosidade pagã e popular:

"Diz-se que alguns mortos se deixam ver, durante o sono assim como de muitas outras maneiras, pelas pessoas vivas. Estas pessoas ignoravam o lugar em que os cadáveres daqueles jaziam sem sepultura. Os defuntos indicavam rogando que lhes proporcionassem a tumba de que careciam.

(...)

Inclino-me a crer, a propósito de semelhantes aparições, em uma intervenção dos anjos que, com permissão ou por ordem de Deus fazem saber ao sonhador que tais mortos carecem de sepulturas, sem que os mortos saibam.

(...)

Tal é a fragilidade humana, que se vê um morto durante o sono, crê estar vendo sua alma, enquanto se sonha com um vivo está perfeitamente convencido de que não está vendo um corpo sem alma, e sim uma imagem. Como se os mortos não pudessem aparecer da mesma maneira que os vivos, não como a alma e sim como uma figura que reproduz seus traços" (62).

Utilizando-se do Eclesiastes (3, 22), "*Aplica-te àquilo que te é acessível e não te ocupes de coisas misteriosas, além do teu conhecimento*", S. Agostinho recomendava ações cristãs tais como missas, orações e esmolas pelas almas dos mortos. O pensamento agostiniano contribuiu, assim, com certos fundamentos que serviam de embasamento teológico para a idéia futura de um Purgatório, o grande depósito das almas, lugar de onde estas saíam para suas aparições, durante os séculos XII e XIII.

Da mesma maneira, foi um marco importante para definir, no âmbito teológico, as ações e cultos funerários, nas transformações das liturgias aos mortos, no culto às almas e nos cuidados da piedade cristã devida aos seus mortos, considerados parte e patrimônio da Igreja.

No fundo, os primeiros grandes teólogos da Igreja, ao insistirem na prática das virtudes, sentimentos e atitudes cristãs, vedavam a intromissão intelectual nos mistérios inacessíveis da religião, procuravam evitar a irrupção do imaginário composto por crenças populares, vestígios das mais estranhas e complexas vivências religiosas que compunham o substrato religioso da grande massa polimorfa, onde se espalhava a mensagem cristã (63).

O Cristianismo não apresentava limites teológicos e dogmáticos claramente definidos. A própria formação institucional, doutrinária e sacerdotal era absolutamente embrionária e isto acontecia num mundo marcado pelas mais diferentes crenças e religiões. A religião cristã, marcada pela simplicidade de sua mensagem, dirigida aos simples, aos puros e aos fiéis, foi ganhando filosofia, exegeses, cultura religiosa. Foi aí que surgiu a teologia, o debate intelectual exclusivo dos meios mais cultos da Igreja, organizadores da ortodoxa e dogmática oficial, imersa em grande cultura e erudição, inacessível para a imensa maioria dos fiéis e seguidores, que não tinham mais que compreender ou sentir, mas simplesmente obedecer.

O LUGAR DAS ALMAS

Durante os séculos seguintes o Além intermediário ganhou alguns poucos seguidores teológicos, como Gregório Magno e várias ilustrações imaginárias, esboços de um espaço purgatório enquanto local e sistema de purificações.

O espaço onde as almas estavam submetidas ao fogo purificador foi ganhando maior definição. Os contatos entre mortos e vivos estreitavam-se dentro do imaginário, embora não ocorressem maiores avanços nas concepções doutrinárias sobre o Além durante o florescente período carolíngio (64). O culto aos mártires e santos, a importância atribuída às relíquias, aos locais sagrados de visitação, romaria e peregrinação foram práticas consagradas e tradicionais ao Cristianismo desde o final do século II e, de forma ininterrupta, até os dias atuais.

Este culto adquiriu um caráter transcendente; era como se estivessem além da condição de mortos comuns, estando, simultaneamente, ao lado de Deus e aqui na terra, numa visão sacralizada de suas relíquias, suscetíveis de proporcionar milagres, curas extraordinárias e espíritos capazes de interceder em favor dos mortos e dos vivos. Mártires e Santos tinham acesso direto aos anjos. Seus túmulos converteram-se em lugares privilegiados para as comunicações entre o Céu e a Terra, entre Deus e os homens. Tratava-se, acima de tudo, de uma visão religiosa politeísta no interior de uma instituição e doutrina monoteísta (66).

Os cultos aos santos, sobretudo os terapeutas e os protetores da frágil condição humana diante dos cataclismas e do desconhecido, e os cultos às almas dos mortos, além de repletos de sentido da religiosidade tradicional pr -cristã e popular, refletiram todas as formas de surgimento que foram ao longo dos séculos, permitindo a sobrevivência e também, as rupturas, os cismas e as crises do Cristianismo.

Nestes momentos certos fenômenos intervinham libertando o pensamento. Todas as mediações mágicas possíveis transformavam os ritmos regulares, submetidos a estranhos influxos vindos de um outro mundo, de um outro tempo misterioso agora visíveis e tangíveis pela fé coletiva e sedenta de explicação. Era a emersão da forçá an mica, sensível, através da emoção que culminava na exaltação. E, então, tudo era possível, viável: curas, milagres, visões, aparições, que causavam descrenç , incômodo e horror nos teólogos e no clero erudito daquela época, como até os dias atuais.

No Cristianismo, como no fundo em qualquer religião, os poderes dos corpos santos, das relíquias sagradas, ossadas, cruces, roupas e túmulos operavam um profundo encontro, diria mesmo arquétipo e presente nos mais altos níveis da consciência religiosa, entre a religião organizada sobre as bases da Igreja e as mais profundas, antigas e tradicionais crenç s nas relações entre os vivos e seus mortos.

Estas crenç s e cultos em torno de santos e mártires indicavam que, ao contrário da imagem de sono, os mortos possuíam uma vida bastante ativa: lançavam apelos, necessitavam de favores e devoções. Havia frequentes relações entre o p is dos mortos e dos vivos, fossem eles mártires, santos ou mortos comuns. Durante todo o percurso de sua história milenária a Igreja Cristã Ocidental incorporou crenç s muito antigas, principalmente sobre a morte e a vida após a morte. O sono dos mortos nunca foi muito tranqüilo, assim como não era a consciência do cristão, sempre atormentado por culpas, medos e pecados.

De uma certa maneira, os mortos sempre estiveram presentes em um tipo de existência imaterial, habitando uma dimensão incerta entre a terra e o céu, de onde solicitavam e aguardavam serviç os religiosos dos vivos para mitigar seus sofrimentos. Purgavam suas faltas mas não habitavam, pelo menos até o século XIII, teológica ou geograficamente, o Purgatório. As expressões religiosas dos cristãos sempre comportaram esta visão, inclusive de uma maneira independente do consentimento da Igreja. Do ponto de vista doutrinário e teológico, a existência espiritual dos mortos foi sendo elaborada mais lentamente.

Era como se, apesar do sono dos mortos, o corpo e alma não estivessem mais imersos em sono profundo e retidos em seus túmulos, unidos na profunda hipnose da morte. Uma parcela desta ligação tênue entre a vida e a morte ganhou autonomia com relação aos despojos, e podia vagar, sofrer, aparecer, cumprir penas e purificações, embora ainda não tivesse um lugar preciso e definido para permanecer enquanto aguardava o dia do Juízo Final.

A NOÇÃO DE PURIFICAÇÃO

Até o século XIII falava-se de "penas purgatórias" no sentido de limpeza espiritual e aprimoramento religioso em direção à Ressurreição ou como resgate de penas e pecados, através de sofrimentos físicos. Surgiu também uma nova categoria de pecados: os pecados veniais. O lugar da purgação, porém, permanecia incerto. As visões dos mortos ou as viagens ao país dos mortos, se por um lado comprovaram a existência de penas e castigos e o valor das intercessões dos vivos em favor dos mortos, por outro não precisavam um espaço e uma cartografia.

Entre 1170 e 1200 apareceu a palavra purgatório (*purgatorium*), num esforço de localizar o lugar e o processo onde aconteciam as penas e purificações após a morte. A expressão "*in purgatoriis*" no sentido de um lugar foi aparecendo com mais frequência (65).

A reflexão sobre o destino após a morte parecia orientada pelo desejo de justiça e não necessariamente pela salvação espiritual. A justiça divina devia corrigir as injustiças terrenas, oferecendo uma esperança, visto como a possibilidade de superar os pecados e alcançar a Vida Eterna mesmo depois de morto, sem cair nos extremismos heréticos e filosóficos das doutrinas reencarnacionistas.

O desenvolvimento do Purgatório cristão articulou-se com o julgamento dos mortos, impondo os cristãos um duplo tribunal: no dia de sua morte e no Final dos Tempos. Ficou estabelecida uma estreita ligação entre o Além intermediário, o Purgatório e a idéia de responsabilidade individual e livre- arbítrio. A organização escolástica do saber teológico foi estruturando, aperfeiçoando e definindo o caráter devocional e dogmático do Purgatório, das penas, direitos e deveres do pecador (66).

A ESCOLASTICA E O ALÉM

A obra de Tomás de Aquino refletiu o sentido jurídico das penas e castigos impostas ao homem por Cristo, embora qualquer leitura atenta do Novo Testamento indique a unidade do perdão. A Suma Teológica (Terceira Parte; Questão LIX) discute o poder judiciário de Cristo sobre os vivos e os mortos assim como a validade de um duplo julgamento. Sistematizou também as quatro moradas do outro mundo: o Céu, o Inferno, o Purgatório, o Limbo das crianças mortas sem batismo e o Limbo dos Patriarcas, o valor das orações aos mortos, as exéquias e as condições da Ressurreição.

Incorporou o Purgatório, que teve sua primeira definição pontífice com Inocêncio III em 1254, no período em que Tomás de Aquino escreveu sua obra, como um espaço do fogo purgador onde eram redimidas as faltas ligeiras ou mínimas dos pecados veniais. O Purgatório era ainda, do ponto de vista doutrinal e teológico, uma temporalidade e não uma localidade (67).

As imagens do fogo e da água ganharam uma dimensão teológica importante enquanto princípios regeneradores espirituais. A água, que refrescava e saciava, um simbolismo universal e imemorial de purificação e regeneração foi incorporado ao Cristianismo em uma nova perspectiva.

Era a purificação batismal obrigatória dos vivos, daqueles que declaravam a intenção de conseguir a salvação cristã, a redenção da alma e o perdão dos pecados. Já o fogo recebeu uma dupla imagem: a purificação radical e decisiva da alma arrependida padecendo para alcançar a salvação, ou o fogo inflingindo tormentos e destruição aos infiéis e pecadores. O fogo associou-se ao Purgatório, ao Inferno e ao cataclisma do Juízo Final. Adquiriu uma dramática materialidade nas fogueiras acesas pela Inquisição que demoraram séculos para apagar.

O fogo enquanto princípio representante da Suprema Divindade era um substrato comum a quase todas as religiões, assim como o sacrifício pelo fogo um ato de devoção ao Criador. No Cristianismo estas manifestações ganharam um sabor amargo nas perseguições e intransigências destituídas de caráter transcendente, em oposição à imagem de um Deus de benevolência e misericórdia e ao próprio ideal e pregação do perdão em Cristo.

Partindo do pressuposto de um Deus Misericordioso Justo e, portanto, mais inclinado a premiar do que castigar, Tomás de Aquino defendeu a tese da possibilidade de perdão dos pecados após a morte dos arrependidos que recebessem a absolvição sacramental, sobretudo se tivessem seus pecados catalogados como veniais, ou seja, desculpáveis:

"Gregório Nisseno diz: 'Quem viver na amizade de Jesus Cristo e não pode inteiramente purificar-se do pecado nesta vida, depois da morte purgá-lo-á nas chamas do purgatório'. - Logo, depois desta vida, há um purgatório.

Do que já dissemos podemos concluir a existência de um purgatório, depois desta vida. Pois se atendermos que o relato da pena não desaparece totalmente depois de perdoada a culpa pela contrição que nem sempre são delitos os pecados veniais com o perdão dos mortais, e que, além disso, a justiça exige que o pecado seja expiado pela pena devida, havemos necessariamente concluir há de ser punido depois desta vida quem morre sem dar a satisfação devida, mesmo depois da contrição dos pecados e da competente absorção. Portanto, os que negam o purgatório colidem com a justiça divina e professam uma opinião errônea e alheia à fé. Por isso Gregório Nisseno, depois das palavras supra-citadas acrescenta: 'Eis o que cremos e pregamos para salvar o dogma da verdade; e assim ensina a Igreja universal, quando reza para os defuntos ficarem livres de seus pecados.' O que não é possível entender-se senão dos que sofrem no purgatório. Ora, quem se opõe à autoridade da Igreja incorre em heresia". (Suma Teológica, Volume XI, Questão II do Apêndice, Artigo I).

O Purgatório aparece como temporalidade penitencial, uma espacialidade tanto subterrânea e contígua ao Inferno, como relativamente superior a ele. De qualquer maneira, para S. Tomás, as penas purgatórias seriam sofridas em um lugar diferente daquele onde foram cometidos os pecados. Prosseguia discutindo a qualidade, tempo, duração das penas impostas no purgatório, o valor dos sufrágios dos vivos sobre os mortos, inclusive o valor das indulgências pelas almas do purgatório, delimitando o campo das devoções e das relações de atenção, cuidados e caridades da comunidade dos fiéis mortos e vivos.

A teologia tomasiana reviu a questão das visões, aparições e contatos entre mortos e vivos, submetendo-as às formulações dogmáticas e teológicas do Purgatório:

"Embora as almas depois da morte, não sejam mais viandantes, contudo e de certo modo ainda o são por estarem privadas do galardão eterno. Por isso e absolutamente falando, o caminho lhes está fechado por todas as partes, a ponto de não poderem, seja por que obras forem, passar de um estado de miséria para o de felicidade, mas

não está fechada a ponto de não poderem, na sua detenção, longe da retribuição final, ser socorridas pelas obras dos vivos pois a esta luz ainda são viandantes.

A comunicação nas obras civis (...) não podem existir entre mortos e vivos, porque os mortos estão fora da vida civil. Podem contudo comunicar com os vivos nas obras da vida espiritual, fundada no amor de Deus que vivifica as almas dos mortos". (S.T. Questão LXXI, Artigo III).

Segunda a concepção de Tomás de Aquino, as almas separadas dos corpos eram remetidas a lugares determinados, certos receptáculos espirituais, de acordo com o grau de dignidade, de punição que mereciam. Podiam ser precipitadas no inferno, subir ao céu ou receberem a purificação purgatorial. Os méritos ou deméritos definiam o receptáculo provisório das almas incorpóreas. A partir da teoria dos receptáculos (S. T., Questão LXIX, Artigo III), foram examinados os fenômenos das aparições e visões, submetendo-os à vontade divina. As aparições dos mortos aconteciam por disposição divina.

As exéquias fúnebres foram valorizadas. Para os vivos, a sepultura livrava-os da visão do cadáver em decomposição, da pestilência e dos perigos exalados pela putrefação, além de beneficiar espiritualmente a fé na ressurreição. Mas almas já não dormiam acorrentadas ao túmulo. Estavam separadas do corpo em algum lugar, não tão próximo à sepultura e nem tão longe que não pudessem sentir a intercessão dos vivos (68). O sepultamento condigno, nos cemitérios, igrejas ou *Ad Sanctos*, deveria ser uma expressão da fé na providência divina na ressurreição, ao contrário das crenças em uma sensibilidade do corpo morto ou do repouso absoluto da alma na sepultura.

As formulações tomasianas refletiram um momento especial: os mortos como fonte de fé e esperança para os vivos. As almas agitavam-se, padeciam ou sofriam nos seus receptáculos espirituais, num além antropomórfico com diversas dimensões. Os mortos podiam manifestar-se, exemplarmente, para infundir coragem nos momentos em que cristãos ou a fé encontravam-se ameaçados, para advertir os vivos de seus erros ou solicitar devoções para aliviar suas penas purgatórias. A comunidade dos mortos teve sua atuação definida nos limites do exemplo, da devoção e da fé, de acordo com os desígnios da Providência Divina. Se os mortos não dormiam mais, movimentavam-se de acordo com as regras e normas da teologia cristã. Domadas e obedientes, as almas usufruíam prêmios ou castigos progressivos.

O elemento chave para compreender esta existência após a morte estava no Juízo Final e na idéia de Ressurreição.. A purificação escatológica do mundo no Dia Final conduziria à grande Ressurreição dos Mortos, a reunião daquilo que a morte havia separado: alma purificada pelo fogo purgatório e o corpo reduzido a pó.

A discussão desenvolvida pela escolástica apontava um corpo ressurto, individualmente, idêntico ao morto, mas com atributos diversos, pois ressurgia imortal mas ligado à mesma alma racional. Os mortos ressurgiam julgados, perfeitos, imaculados, em outra substância incorruptível, isento de todos os defeitos humanos, assim como Deus os fez, puros, limpos, sem concupiscência ou desejos. A vida cristã, os sacramentos, a piedade, a devoção e a fé venceriam a morte: a morte não devia ser temida e sim uma vida de pecados e ignorância, nas trevas do paganismo e das heresias.

O Purgatório como um lugar intermediário onde as almas pudessem aplacar, penitencialmente, seus erros menores e preparar-se para a oportunidade da remissão dos pecados e a salvação eterna, abrandou os castigos infernais. Aumentou as perspectivas salvacionais da religião cristã, assim como definiu uma nova relação entre mortos e vivos. As penas espirituais não

compreendiam todo o período entre a morte e a Ressurreição. Segundo a crença purgatória, havia a esperança de livrar a alma antes do Juízo.

A formulação espacial do Purgatório oficializou-se no final do século XIII. Sob o domínio eclesiástico, o imaginário e crenças antigas ganharam limites. Os fenômenos das visões e aparições tiveram uma explicação: eram as almas do Purgatório admoestando, suplicando e necessitando de atenção e devoção. Uma redefinição dos vínculos entre mortos e vivos, aumentando a solidariedade entre eles, diminuindo as fronteiras e o limites da morte, valorizando a memória póstuma e os aspectos individuais dos ofícios fúnebres. A família, as comunidades cristãs adquiriram um papel especial diante de seus mortos (69). Os contatos espirituais, as viagens e visões do Além foram respaldados pela Igreja.

Na obra de Dante Alighieri os lugares das almas dos mortos ganharam forma e cores, aliando fervor místico à exuberante capacidade criativa. Dividindo o Céu, o Inferno e o Purgatório, mostrou o destino de cada alma, de acordo com as ações e as intenções de vida. O Inferno ficava debaixo de Jerusalém, um abismo circular até o centro da Terra, em círculos que começavam no Limbo, o local onde estão os que morrem sem batismo, sucedidos pelos demais círculos habitados pelos sensuais, pelos gulosos, os avaros, os pródigos e os iracundos. No sexto círculo estão os hereges; no sétimo os que pecaram pela violência, contra o próximo, contra si mesmos e contra Deus. No oitavo círculo, dez fossos castigam os sedutores, os aduladores, os simoníacos, os adivinhos, os fraudulentos, os hipócritas, os ladrões, os maus conselheiros, os fundadores de seitas e os falsários.

Se o Inferno ocupava uma montanha apontada para o centro da Terra, o Purgatório ficava numa montanha apontada para o alto, indicando a esperança, formada por dois cones, respectivamente, o Antepurgatório e o Purgatório. Neles purificam-se os coléricos, os soberbos, os invejosos, os preguiçosos, os avaros, os pródigos, os gulosos e os luxuriosos. O Purgatório estava isolado do Paraíso e do Inferno, pois ficava numa ilha.

O Purgatório era encimado por um planalto, sobre o qual elevava-se o Paraíso. O primeiro céu, que era da Lua, acolhia os cumpridores dos votos religiosos; no segundo, de Mercúrio, estavam os que praticaram o bem; no terceiro, dedicado à Vênus, ficavam os que uniram devoção com o amor; no quarto céu do Sol, brilhavam as almas dos doutores da Igreja; no quinto, o de Marte, estavam os que combateram pela fé; no sexto céu de Júpiter localizavam-se os santos; no sétimo céu de Saturno purgavam as almas dos que tiveram vida inerte; o oitavo céu das Estrelas Fixas correspondia ao triunfo de Cristo; no nono céu, também chamado de Primeiro móvel, aparecia o ponto luminoso em torno do qual giravam as nove esferas do mundo; no último círculo, o décimo chamado de Empíreo, triunfavam os anjos e os bem-aventurados, formando a Cândida Rosa.

Na concepção de Dante, o Purgatório constituía a ponte entre dois mundos extremos, um meio termo entre o céu e o Inferno, numa montanha em alguma parte remota do oceano inexplorado, erguido do fundo do mar após a queda de Lúcifer. Um anjo guardava a foz do rio Tibre. Ele recolhia as almas para um período de purgação, nos diversos círculos, de acordo com as necessidades. Lugar povoado por almas, cânticos, preces, visões e muitos exemplos virtuosos, era simultaneamente um lugar de expiação e de esperança.

As almas vinham no barco celestial atravessando o imenso oceano, em direção à ilha purgatória onde poderiam purificar-se para, depois, contemplar a Deus. Todas tinham suas formas da vida e traziam as marcas de doença ou ferimentos:

"Logo, disse-me um deles: - Quem quer que sejas, sem deixar de caminhar volve teu rosto para o meu e procura recordar se jamais viste minha face.

Olhei-o atentamente: era louro, formoso, de nobre aspecto; mas trazia o sobrolho dividido por rude golpe. E quando, respeitosamente, neguei reconhecê-lo, exibiu-me no peito uma larga ferida, dizendo: - Repara!" (A Divina Comédia, Canto V., 100-1)

As almas do Purgatório reafirmavam o poder das preces dos vivos para libertá-los mais rapidamente. Ao distinguir Virgílio, tentavam mandar notícias para os vivos, contavam suas histórias, lembrando seus pecados, falando de seus arrependimentos, da graça divina e do fogo purificador:

"Assim invocando os bons augúrios do Altíssimo, para si e para nós mortais, avançavam, curvadas ao peso de suas culpas, aquelas almas penitentes, Cruzavam, ofegantes, o primeiro círculo, expurgando-se das manchas trazidas do mundo terreno. Se por nosso bem elas oram, com amor sincero, que retribuição devem receber dos que no mundo ainda ficaram, jurando um bem-querer saudoso? Ajudemo-las com nossas preces, a lavar as impurezas do pecado, para que, tornadas puras e leves, sem jaça as empane, alcem vôo ao Céu, no caminho das estrelas." (Canto XI, 25).

Sem negar as possibilidades das aparições, estas foram sendo progressivamente ordenadas de acordo com a Igreja. Deviam servir para fins exemplares tanto dos vivos como dos mortos. Qualquer aparição ou tentativa de invocação das almas dos mortos por parte dos vivos foi progressivamente sendo associada à bruxaria e ao paganismo. O resultado de tais aparições e invocações eram obras satânicas, não sendo o morto quem aparecia, mas o próprio Diabo. As únicas aparições admissíveis, sem práticas invocatórias, provinham das almas do Purgatório, com autorização divina, para admoestar, suplicar e ajudar os vivos no caminho da fé.

Do Purgatório, as almas podiam ser alcançadas pelos vivos através de preces, missas, ações votivas, esmolas, doações e a prática da caridade. Isto diminuía suas penas e o tempo de permanência em purificação. Graças à interação religiosa entre mortos e vivos tornava-se possível a passagem para uma melhor situação espiritual, na passagem espiritual de modo de ser inferior ao outro, purificado e pleno de esperanças e graça.

Esta solidariedade espiritual espalhou-se ao longo dos séculos XIII e XIV nas pregações pastorais, mais timidamente nos testamentos e com força na literatura e no cotidiano, porém, de maneira desigual de uma região para outra. No final do século XIV as imagens tornaram-se mais detalhadas e as crenças nas almas do Purgatório um fato definitivamente estabelecido.

"Pouco tempo depois da morte (alguns dias ou alguns meses, raramente mais) um defunto que se acha no Purgatório aparece a um vivo com quem se relacionava durante a vida, informa mais ou menos sua situação, do Além em geral e do Purgatório em particular, e convence a pessoa a realizar ou a fazer realizar por um parente, uma pessoa chegada ou pela sua comunidade, alguns sufrágios (jejuns, orações e, sobretudo, missas) em seu favor. E promete avisar, numa próxima aparição, a eficácia dos sufrágios celebrados. A referida aparição pode efetuar-se em uma ou duas vezes. Se acontece uma primeira aparição o morto indica, em geral, ao vivo que porção de sua pena foi saldada. A maioria das vezes trata-se de uma simples parcela, a metade ou terça parte, materializadas na aparência e exterior do morto cujo "corpo" (ou vestido) pode ser meio negra (parte ainda por saldar) ou um terço branco e dois terços negro, etc." (69).

O discurso teológico foi valorizando a alma individual e racional. O XV Concílio de Varennes (1311-1312), presidido por Clemente V acatou a definição da alma como racional e na forma humana, colocando como herética qualquer concepção contrária. A Igreja colocou os mortos como parte integrante da Igreja Militante, concordando com breves aparições autorizadas pela

Divina Providência, para mensagens e admoestações aos vivos, solicitando devoções e sufrágios. Durante séculos o Purgatório das almas antropomórficas foi o grande reservatório oficial dos fantasmas cristianizados, dando vazão a crenças arraigadas nos mais profundos níveis mentais sobre a vida após a morte, visões, viagens ao Além e aparições, conferindo-lhes um sentido teológico, moral e salvacional (70).

A idéia do Além intermediário, a devoção às almas do Purgatório, recém incorporadas dogmáticamente ao credo oficial da Igreja e transformadas em culto obrigatório na forma de missas, altares ou ex-votos dedicados às almas santas e benditas, não cessou de expandir. Integrou-se no imaginário tanto na forma de explicação para as aparições e visões como também um local definido, visitado durante os sonhos, os tranSES e viagens espirituais da alma.

Projetando-se profusamente no plano iconográfico, o Purgatório solidificou certas imagens como um lugar definido. O detalhe sobre o Purgatório na *Les Riches Heures du JeanDuc de Barry*, do século XV, temos algumas imagens mesclando a antiga concepção do sono dos mortos com a purificação purgatorial. O Purgatório foi desenhado como um lugar de penas, agonia e indecisão: as almas estavam submetidas ao Fogo Purificador e a uma disputa entre anjos e demônios. Seu destino final ainda indefinido, dependendo do grau de purificação e qualificação que lograssem alcançar. Um detalhe chama a atenção: as almas purificadas repousam adormecidas na relva verdejante, sob a proteção de anjos. Retomou-se a idéia do sono como um repouso das almas purificadas à espera da Ressurreição Final. Mas, o Inferno e o Purgatório eram lugares agitados, povoados por almas, anjos e demônios.

Em primeiro lugar, a idéia da morte como um sono podia ter dois significados: de um lado, o repouso hipnótico e beatífico dos mortos conforme o próprio testemunho bíblico: *"Os vivos sabem ao menos que irão morrer; os mortos porém não sabem e nem terão recompensa, porque sua memória cairá no esquecimento. Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol (...). Tudo o que te vem à mão para fazer, faze-o conforme a tua capacidade, pois no Sheol para onde vais não existe obra nem conhecimento nem sabedoria."* (Eclesiastes, 9:5,6 e 10). De outro lado, o sono povoado de pesadelos, de desassossego, de uma alma intranquã por seus medos e culpas, presa ao corpo em decomposição sem sossego ou descanso.

Em oposição à imagem do sono foram inventados uma série de artifícios beneficiadores da alma. No caso da história do Catolicismo, surgiu o Purgatório e a noção de pecado venial proporcional à existência média da maioria das pessoas. Só quando surgiu a idéia de pecado que podia ser perdoado (Venia = perdão, desculpa, licença), é que pode surgir o Purgatório, pois se *"o salário da morte é o pecado"* (Romanos: 6:23) como purgá-lo, diante da imagem de um Deus terrível? Invocando a idéia de *"porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, pois não há um único justo sequer"* (Romanos 3:10), a Igreja perderia sua função de oferecer salvação, de intermediar com a divindade o perdão. O pecado venial apresentou-se como a categoria que comportava a maior parte das ações humanas. A construção do Purgatório conduziu a alma para um estágio intermediário onde deveria purgar seus pecados para, só então, merecer o repouso eterno, o descanso e a Glória dos justos.

A descrição destas imagens leva a uma constatação: após a morte, a parte espiritual que sobrevivia, a alma, era sempre colocada como um "tipo" de corpo, mais importante do que o corpo físico. O objetivo da religião era salvar a alma e não o corpo. Este substrato anímico permitiria a ressurreição no Juízo Final, fornecia os elementos necessários às aparições, entrava no Purgatório e

padecia. A vida após a morte apresentava-se de forma muito material, numa espécie de corporeidade presa aos atos e limites da matéria:

"E se tua mão te escandalizar, corta-a fora: é melhor entrares mutilado para a Vida do que , tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível. E se o teu pé escandalizar corta-o: é melhor entrares com um pé só para a Vida do que, tendo os dois pés, seres atirado na geena. E se teu olho te escandalizar, arranca-o: melhor é entrares com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena, onde o verme não morre e onde o fogo não se estingue. Pois todos serão salvados com fogo" (Marcos 9:43-48).

O corpo e sua representação (quase um "duplo") eram objetos de punição material em vida e após a morte, íntegros ou mutilados no objeto de seu desejo. No imaginário, as diferentes representações da alma acompanhavam o seu destino: podia apresentar-se esquelética, descarnada, marcada por ferimentos ou doenças, desgredada, suja de terra, sedenta, macabramente decomposta e roída pelos vermes, arrastando correntes, gemendo e suspirando, arcando com penas e culpas, ainda no túmulo ou nas proximidades de onde viveu. Imagens da alma flutuando, claras e translúcidas, levitando como se voassem, leves e sem penas, mostravam a possibilidade dos vínculos celestiais, livres do corpo morto, sem pesos ou culpas, num destino espiritual ideal que só era obtido após o cumprimento dos bons atos, sentimentos, virtudes, padecimentos e purificações.

Através dos séculos, o Além intermediário recebeu seus estilos: o gótico-flamengo de *devotio moderna*, um Purgatório da Contra-Reforma, um clássico, um barroco, um sulpiciano e romântico (71). Poderíamos acrescentar um estilo contemporâneo entre o final do século XIX e inícios do XX, um além representado por um mundo espiritual intermediário vívido, passível de ser estudado, observado e catalogado pelo conhecimento científico.

JULGAMENTO E RESSURREIÇÃO

Durante séculos o grande tema do Apocalipse e da ressurreição dos mortos povoou a consciência religiosa do mundo cristão. Provocando discussões, rupturas e teologias oficiais, forneceu fundamentos religiosos muito importantes. As indagações sobre a segunda vinda de Cristo, o estabelecimento do Reino de Mil Anos, a ressurreição geral dos mortos orientaram os anseios religiosos durante um longo período no mundo ocidental.

Tendo nascido junto com o próprio Cristianismo dos primeiros tempos, já no século IV o milenarismo foi sendo desacreditado pelos teólogos da triunfante Igreja. Foi substituído por uma escatologia da alma individual e pela idéia de progresso espiritual começado no mundo material e continuado pelas penas purificadoras no Além (72).

Contudo, a tradição apocalíptica sobreviveu na mentalidade religiosa popular, tanto nos movimentos e surtos heréticos violentos e coletivos, como em perspectivas místicas e espiritualizadas, dando vazão a temores, descontentamentos e revoltas, ao mesmo tempo que proporcionou sonhos, esperanças e consolo nos momentos difíceis. Até mesmo o Cristianismo oficial incorporou na sua prática cotidiana a síndrome do Fim do Mundo, orientando, num sentido menos explosivo e questionador, os surtos de terrores escatológicos.

A pregação apocalíptica pareceu acompanhar tanto as situações de excessiva riqueza, permisividade e liberalidade como as situações e crises, miséria e repressão, fornecendo os

elementos de pressão, de chantagem, ameaça, criando um sentimento de urgência para apressar e forçar conversões, expandindo os surtos religiosos salvacionistas.

Embora jamais tenha deixado de existir, a escatologia foi refeita. Após o ano de 1033, novas esperanças marcaram a penitente cristandade latina. O crescimento de santuários, igrejas, corpos sacerdotais, celebração eucarísticas, a veneração da Cruz como símbolo da humanidade de Cristo, os cultos e devoções à Virgem apresentaram perspectivas para a Igreja que multiplicou sua expansão pela Europa.

S. Tomás de Aquino elaborou uma longa e sistemática exposição sobre as condições da ressurreição e do Juízo Final, desde os sinais que precediam ao Juízo (como o toque de trombetas, o escurecimento do sol e da lua, do fogo da conflagração), o julgamento e seus juizes (se Cristo seria um dos que viriam julgar a condição do mundo renovado e a situação dos bem-aventurados), até o tempo e condição material dos ressurrectos. Em treze questões da Suma Teológica, da LXXV à LXXXVII, foram sistematizadas as condições objetivas da ressurreição.

Segundo a elaboração da escolástica tomasiana todos os mortos ressurgiriam, em corpo e alma, de acordo com um processo miraculoso e não natural. O homem não podia libertar-se da morte senão pelo dom da graça divina. A Ressurreição seria a única forma de libertar o corpo da morte e da corrupção. A Voz Divina, semelhante ao toque de trombetas, reuniria as almas dos mortos com à matéria, com o auxílio dos anjos responsáveis por juntar as cinzas e prepará-la para a reconstituição dos corpos. Os ressurrectos seriam convocados para a grande assembléia do Juízo Final e para o combate contra os insensatos.

A ressurreição ocorreria de forma súbita por obra do poder infinito de Deus. Ela conduziria os cristãos purificados a uma vida imortal semelhante à de Cristo que, tendo ressurgido dos mortos, gozava da eternidade. A imortalidade seria usufruída numa corporeidade idêntica a que tinham em vida, porém com atributos espirituais e gloriosos. O corpo ressurrecto teria membros, cabelos, unhas e os humores necessários à perfeição. A parte material do corpo ressurgido estaria ligada à alma racional, o todo ressurgindo como parte integrante da natureza humana, em idade viril.

De acordo com S. Tomás, os condenados também ressurgiriam em corpo e alma mas para padecerem penas perpétuas. O corpo ressurgido incorruptível seria objeto da pena eterna pelos seus pecados, a fonte de tormentos e martírios. A eternidade e a imortalidade neste caso acarretariam o castigo supremo de penas perpétuas sem possibilidade de remissão.

Estamos longe das tradicionais representações dos primeiros séculos, nas quais a morte não era a separação entre corpo e alma, mas um sono profundo aguardando a Ressurreição da carne após o grande despertar. Desde o século XII, a morte adquiriu o aspecto de separação entre a matéria corpórea sujeita à decomposição e a alma imortal e individual. A Ressurreição apresentava-se como o momento da reunião das partes, desfeitas quando da morte física, fosse para a pena perpétua ou Vida Eterna. Estes limites de uma corporeidade ressuscitada constituíram uma característica do pensamento ocidental numa clara oposição, por exemplo, ao pensamento oriental e de certas tradições filosófico-religiosas. A solução para a morte era a salvação da alma, esta sim imortal e eterna, nas penas ou gozos do lado de Deus.

NOTAS

1. A pesquisa sobre as crenças no Antigo Egito foi desenvolvido sobre a seguinte bibliografia: Lévêque, P., As Primeiras Civilizações, Lisboa, Ed. 70, 1990, Vol. I. Erman, A., La Religione degli Egizi, Milano, Edizioni Messaggerie Pontremolesi, 1989. Vandier, J., La Religion Égyptienne, Clio, Paris, Presses Universitaires, 1962. Pirenne, H., La Religion et la Morale dans l'Égypte Antique, Neuchâtel, Ed. Bacconiere, 1962. Montet, P., O Egito no Tempo de Ramsés, SP, Cia das Letras, 1989. Wallis-Budge, E.A., A Religião Egípcia, SP, Cultrix, 1989. O Livro Egípcio dos Mortos, SP, Pensamento, 1990. Allen, T.G., The Egyptian Book of the Dead, Documents in the Oriental Institute Museum at the University of Chicago, "Oriental Publications", 82, 1967. Barguet, P., Les Livres des Morts des Anciens Égyptiens, "Littératures anciennes du Proche-Orient", Paris, 1967. Eliade, M., História das Idéias e das Crenças Religiosas, RJ, Zahar Editores, 1978, Tomo I, Vol. I. Derchain, P., "Religion Egípcia", In: Las Religiones Antiguas I, Madrid, 1986. Saint Faure Garnot, J., La vie Religieuse dans L'Égypte Antique. "Mythes et Religions", Paris, 1948.
2. Lévêque, P., op.cit., pp.136-8. A religião funerária apresentou diferentes aspectos desde épocas muito longínquas. O primeiro está ligado ao período Neolítico e Pré-dinástico, quando acreditava-se que os mortos continuavam a viver no solo em que estavam enterrados, sendo cercados por suas armas e provisões, uma característica de cultos agrários arcaicos que nunca desapareceram das crenças funerárias egípcias, ligando os mortos ao aspecto subterrâneo. O segundo é um aspecto estelar ligado a uma crença do destino da alma junto às estrelas, e parece manifestar-se já no Pré-dinástico. O terceiro adaptou-se à unificação das terras do Norte e do Sul e ao surgimento da figura do governante, o Faraó, apresentando uma concepção estelar e celestial da alma após a morte, uma viagem da alma para as estrelas, aplicada à figura do Faraó, visto como personificação divina, o "Deus Encarnado", passando para a Eternidade como divindade da barca celestial, de natureza solar. Ao final do Antigo Império estes aspectos confundiram-se num sistema cheio de contradições sobre a natureza subterrânea, celestial e solar dos mortos. O quarto está ligado à popularização das crenças funerárias celestes e estelares para toda a sociedade após as convulsões políticas e sociais durante o I Período Intermediário, sobretudo do Médio Império em diante, assim como a expansão e a organização do Mito de Osíris e sua definitiva associação aos mortos, ao Além, à Ressurreição.
3. Frankfort, H., La Royauté et les dieux, Paris, Payot, 1953, p. 244. Ver também Vandier, J., op.cit., pp.72-80.
4. O deus Seth foi durante muito tempo associado com as petências maléficas, num sentido bem moral. Na realidade, o papel desta natureza, o Caos, o libertador da matéria, a essência das transformações e a convivência dos princípios opostos e antagônicos. Uma força irreduzível e primordial das grandes mudanças. Cf. De Velde, H., Seth, God of Confusion, Historia Religiorun, Leyden, 1967.
5. O Livro das Pirâmides (1004.s) In: Breasted, J.H., Development of Religion and Thought in Ancient Egypt, NY, 1912, citado por Eliade, M., In: Hist. das(...), p.123.

6. Eliade, M., op.cit., pp.124-6.
7. Derchain, P., Les Papyrus Salt 825: Rituel pour la conservation de la vie em Egypte, Bruxelas, 1965. "La pêche de l'oeil et les misteres de Osiris à Dendera." Revue d'Egyptologie, 15, 1963. O culto à Osiris é atestado desde a época mais arcaica e o casal Ísis- Osiris figura entre os pares divinos que participaram da criação do mundo. Como um ente divinizado, um rei divino e lendário dos primórdios do Egito foi através de sua história trágica e sua ressurreição no mundo subterrâneo elevaram-no à categoria de deus dos mortos. Alguns cultos funerários referem-se explicitamente a sua relação com ritos agrários e de fertilidade: "*Sobretudo, era preciso cuidar de não esquecer o que seria mais útil ao morto, suas provisões e o que chamavam de 'Osiris Vegetantes'. Eram quadros de madeira providos de um fundo de tecido grosseiro que tinham a forma e um Osiris mumificado. Eram enchidos com uma mistura de cevada e areia e regularmente regados durante alguns dias. A cevada germinava e crescia abundante. Quando havia atingido doze ou quinze centímetros, se a deixava secar e, finalmente, envolvia-se o todo num pano. Esperava-se assim estimular a ressurreição do defunto, pois Osiris havia vegetado do mesmo modo no momento de sua ressurreição.*" In: Montet, P., op.cit., p.332. Este costume, com algumas variações, pode ser encontrado desde o Médio Império.
8. Eliade, M., op.cit., pp.126-130.
9. Lévêque, P., op.cit., p.157. As melhores fontes para o estudo da religião funerária são os Textos das Pirâmides, na tradução de Breasted, J.H. já citada.
10. Lévêque, op.cit., p.155.
11. Lévêque, op.cit., pp.157-8.
12. Eliade, M., op.cit., pp.131-6
13. Este é o momento da tentativa da Reforma de Akhenaton, a Revolução religiosa de Amarna". Seu verdadeiro sentido, além da tentativa de implantar um monoteísmo de uma outra divindade solar, o deus Aton e de todas as inovações políticas morais e artísticas decorrentes, ainda estão pouco estudadas.
14. Wallis Budge. E.A., O Livro Egípcio (...), pp.21-30.
15. "*A principal razão da persistência do culto de Osiris no Egito foi, provavelmente, o prometer ele assim a ressurreição como vida eterna aos fiéis. Mesmo depois de haver abraçado o cristianismo, continuaram os egípcios a mumificar seus mortos e, por muito tempo ainda, a misturar os atributos do seu Deus e dos seus deuses ao Deus Todo-Poderoso e aos de Cristo.*" In: Wallis Budge, E.A., A Religião Egípcia, op.cit., pp.54-5.
16. Wallis Budge., op.cit., pp.34-46. Cabe ressaltar que as expressões alma, mente e espírito não são conhecidas entre os egípcios, o que talvez justifique a falta de clareza nas definições.
17. Esta idéia do nome secreto, mágico e oculto faz parte da mentalidade religiosa da maioria das sociedades tradicionais. Entre os egípcios, a crença de que a imagem de alguma coisa podia guardar as faculdades e características daquilo que representava vai marcar boa parte da relação com a magia. Nesta medida, conhecer um nome secreto de uma pessoa ou divindade significava adquirir um poder específico sobre ela.
18. Wallis Budge, E.A., op.cit., p.95.

19. Montet, P., op.cit., p.314.
20. O Livro Egípcio dos Mortos, cap. XLIV e XLV. In: Wallis Budge, op.cit., p.69.
21. Montet, P., op.cit., p.315.
22. Idem, Ibidem, pp.320-1.
23. Wallis Budge, op.cit., pp.40-2.
24. Kees, H., "Totenglauben und Jenseitsvorstellungen der Alten Ägypter", Ed. Akademie, Berlim, 1977. In: Jaffé/Frey-Rohn/Franz, Morte à Luz da Psicologia, SP, Cultrix, pp.82-6.
25. König, F., A Influência dos Ensinamentos de Zoroastro no Mundo, Teerã, Univ. de Teerã, 1968.
26. Du Breuil, P., Zoroastro: Religião e Filosofia. SP. Ibrasa, 1987, pp. 16-8, 146-8, 171-5. O Zoroastrismo não é uma tradição religiosa desaparecida. Existe, no mundo contemporâneo, como a religião oficial dos parses, estabelecidos na região de Bombaim, e que formam uma comunidade de cerca de 90.000 pessoas, conservando tradições, cultos, ritos e a língua sagrada dos antigos seguidores de Zoroastro, evidentemente sincretizada e influenciada pelas diferentes experiências religiosas dos tempos e regiões por onde passaram. Os seguidores dos ideais zoroástricos refugiaram-se na Índia entre os séculos X e XI, fugindo da expansão islâmica no Irã. Encontraram na estrutura indiana de castas um esquema favorável à sua sobrevivência étnica, religiosa e cultural. Algumas comunidades zoroástricas continuaram vivendo no Irã: são os *zartoshtis*, que conseguiram sobreviver ao islamismo e manter, com muita dificuldade, aspectos essenciais de suas crenças, pelo menos até o final do governo do Xá Reza Pahlevi.
27. Duchesne - Guillemin, J., "Iran Antigo y Zoroastro", In: Historia de las Religiones, Vol. III, pp. 452-3. "La Religion Irannienne" In: Les Religions de l'Orient Ancien, Paris, Fayard, 1956, pp. 99-140.
28. Eliade, História das Idéias e das Crenças Religiosas, Tomo I, vol 2, pp, 147-8.
29. Adriani, M., História das Religiões, op.cit., pp. 92-3
30. Eliade, op.cit., pp. 172-3.
31. Duchesne - Guillemin, op.cit., p. 400.
32. Eliade, op.cit., p. 168.
33. Duchesne - Guilhemmin, op.cit., p. 453.
34. Du Breuil, op.cit., p. 64.
35. Idem, Ibidem, p. 65.
36. Idem, Ibidem, p. 65 e Eliade, op.cit., p. 166.
37. Gnoli, G., "Le Fravasi e l'imortalità", In: La Mort et les morts dans la Sociétés Ancienne, op.cit. pp. 341-7. Ver também Soderblom, V. "Les Fravashis: Etude sur les traces dans les mazdéisme d'une ancienne conception sur la survivance des morts", I RHR, 1899, pp. 229-60.
38. Breuil, P., op.cit., pp. 84-6, 175-9.

39. Chouraqui, A., op.cit., pp.218-220 Histoire du Judaïsme, Paris, PUF, 1981. Rosenberg, R.A., The Concise Guide to Judaism: History, Practice and Faith, NY, Penguin Books, 1990.
40. Adriani, M., op.cit., pp.95-9. Eliade, M., op.cit., pp.36-6.
41. Eliade, M., op.cit., pp.196-8.
42. Chouraqui, A., op.cit., p.221. Eliade, M., "As Provações do Judaísmo", op.cit., p.32.
43. Eliade, M., Tratado Geral de História das Religiões. Lisboa, Clássica, 1977.
44. Uma importante seita apocalíptica do mesmo período era a dos essênios, Laperrosas, E.M., Os Manuscritos do Mar Morto, SP, Cultrix, 1983, pp.166-8.
45. Eliade, M., "O Nascimento do Cristianismo" In: História das Idéias e Crenças Religiosas, RJ, Zahar, 1983, Tomo II, vol 2, p.105.
46. Rohmer, J., "Jesus e o Novo Testamento" In: Testamento: Os Textos Sagrados Através da História", SP, Melhoramentos, 1981, p.149.
47. Eliade, M., op.cit., p.119.
48. Sobre esta questão ver: a) Rohde, E., Psyche The Cult of Souls and Belief in Imortality Among the Greeks, op.cit., pp.45-65. b) Notas de La Sainte Bible, edição de 1973 publicada pela École Biblique de Jerusalém pelas Editions do Cerf, Paris. c) Detienne, M., "Demônios" In: Mythos/Logos, op.cit., pp.45-57.
49. Ariès, P., O Homem diante da Morte, Mira-Sintra, Publ. Europa-América, 1988, p.34.
50. Mancinelli, F., Catacumbas e Basílicas - Los Primeiros Cristianos em Roma, Scala, Firenze, 1981, p.22. Temas como os mitos de Eros e Psiquê, Orfeu, Hermes- o bom pastor, fazem parte das catacumbas cristãs dos séculos I à III d.C. Ver também Donini, op.cit., p.181.
51. Eliade, op.cit., p.182.
52. Brown, P., "A Antiguidade Tardia" In: História da Vida Privada, SP, Cia das Letras, 1991, Vol I, pp.272-3.
53. Ariès, op.cit., pp.42-3.
54. Voragine, J., La légende dorée, Paris, Garnier- Flammarion, 1967, Tomoll, p.12 e segs, In: Ariès, op.cit., pp.35-6.
55. Ver as seguintes obras: a) Le Goff, J., El Nacimiento del Purgatorio, Madrid, Taurus, 1981, pp.18, 69-80. b) Lévêque, P., O Mundo Helenístico, Lisboa, Ed, 70, 1988, pp.123-148. c) Eliade, op.cit., pp.42-71. d) Simon e Benoit, Judaísmo e Cristianismo Antigo, SP, Pioneira/Edusp, 1987, pp.237-43.
56. Le Goff, El Nacimiento del Purgatorio, p. 66. Sobre o "Martírio de Santa Perpétua e Felicidade" vale dizer que Perpétua tinha 22 anos e era filha de um nobre não cristão, processada em Cartago, condenada, primeiramente às feras e depois aos golpes dos gladiadores. Cf. Donini, citado, p. 157.
57. Idem, *Ibidem*, p. 68.
58. Eliade, M., citado, pp. 60-3.

59. Le Goff, El Nacimiento (...), pp. 74-5.
60. Eliade, M., citado, pp. 56-9.
61. Le Goff, citado, p. 92.
62. Idem, *Ibidem*, p. 114
63. Eliade, M., citado, p. 70.
64. Brown, P., The cult of the Saints, Its Rise and Function in Latin Christianity, Univ. of Chicago Press, Chicago, 1980.
65. Le Goff, El Nacimiento..., citado, pp. 178-204.
66. Estamos em período em que o desprezo pelo corpo está perdendo terreno. As ordens religiosas e a Igreja do período incentivavam os enterros de leigos nas Igrejas e cemitérios, espaços que eram anteriormente reservados aos religiosos. As Igrejas e Catedrais converteram-se nos espaços das devoções compartilhadas por mortos e vivos, dos sepultamentos em favor da história e da memória cristãs.
67. Le Goff, J., citado, pp. 268-9, 335-8.
68. Sobre uma nova ontologia da alma, ver Eliade, M., O sagrado e o Profano, A Essência das Religiões, Lisboa, Livros do Brasil, 1981, pp.187-8.
69. Le Goff, citado, pp. 121-2.
70. Idem, *Ibidem*, p. 337.
71. Idem, *Ibidem*, p. 411.
72. Cohn, N., Na Senda do Milênio, Lisboa, Presença, 1980, p. 23. O movimento das Cruzadas manterá, junto com as heresias milenaristas, o caráter escatológico, o sentido de cumprimento do Tempo e a conquista da Cidade Sagrada, materializada e simbolizada por Jerusalém.

SEGUNDA PARTE

NOVOS PARADIGMAS DA MORTE E DA SOBREVIVÊNCIA

Na sociedade ocidental de tradição judaico-cristã, a perspectiva de morte e de sobrevivência espiritual foi marcada pelas idéias de pecado, culpa, poluição, castigo, corrupção, necessidade de purificação e outras coisas igualmente repugnantes e aterradoras. Mas, sempre ocorreram atitudes de negação à este conjunto de crenças, tentando livrar o mundo destas idéias desagradáveis, particularmente as de culpa, inferno e condenação eternas. Vertentes do pensamento materialista que vinham da antiguidade clássica, fosse através de uma visão materialista do epicurismo, da filosofia grega da natureza com sua esperança de reencontrar os eternos princípios da natureza ou o materialismo racional e científico à partir, sobretudo do século XVIII, tentaram encontrar alternativas aos persistentes traços do sagrado, do fantástico e do divino que permeavam o pensamento religioso diante da morte e do futuro espiritual.

O universo no qual a vida depois da morte era um fato e a sobrevivência espiritual povoada por entidades e forças desconhecidas foi sendo progressivamente, revisto. A idéia da boa nova cristã da ressurreição e da salvação suscitou o espectro do inferno, da culpa e da danação pela eternidade e uma série de instituições opressoras e práticas cruéis. Também as concepções orientais de karma e de reencarnações provocavam apreensões. O conjunto de crenças na vida pós a morte assemelhavam-se a um cofre repleto de imagens infernais, demônios, bruxarias, duendes, diabos, íncubos e outras tantas coisas que as pessoas cultas e mais intelectualizadas consideravam como superstições, irracionalidade e socialmente reacionárias.

Dessa forma, o materialismo racional e científico exerceu uma profunda atração. Ele desanimava a natureza, eliminava a mente, alma, consciência, ao reduzi-las a meros produtos de reações bioquímicas, destinados a serem aniquilados com a morte do corpo.

Aparentemente, a ciência e o pensamento racional haviam encontrado a maneira definitiva de afastar o medo da morte, o drama existencial diante da finitude e mortalidade. A ciência pensava poder garantir que nada havia no escuro da morte, que não existiam almas de mortos, espíritos vagando, céu, inferno, purgatório, pecados, culpas, carmas ou reencarnações. Era um supremo amuleto contra o medo incontrolável do desconhecido. A impossibilidade de uma vida após a morte, torna-se um paradigma extremamente atraente e um escudo contra sinistras forças sobrenaturais, substituindo Deus e a ordem divina pela natureza, acaso e necessidade.

Mas este mesmo questionamento racional e científico determinou uma revisão no pensamento filosófico e religioso, principalmente nos séculos XIX e XX. Ciência, razão e fé fizeram um nova associação em cima da falência das explicações e dos modelos da tradição judaico-cristã. Também a redescoberta de outras vertentes religiosas veio proporcionar um acréscimo valioso às novas possibilidades contemporâneas de pensar a relação do homem com a morte e com a existência espiritual.

O moderno Espiritualismo, o Espiritismo e a Parapsicologia ocuparam seus espaços. Estudá-los significa refletir sobre o drama da morte, medos e consolações dentro de uma outra perspectiva, bem ao gosto do pensamento contemporâneo.

CAPÍTULO 4

A RAZÃO DA IGREJA

O PURGATÓRIO EM CRISE

Com os movimentos de Reforma durante o século XVI, a questão do Julgamento das almas, da hierarquia dos pecados e das possibilidades de salvação após a morte geraram controvérsias. A Igreja ensinava que os pecadores arrependidos podiam pagar seus pecados através de sacramentos e também com a outorga de indulgências, retiradas do tesouro de méritos acumulados das obras dos santos e mártires, liberando, desta forma, o pecador de suas culpas e penas.

Em 1476, o papa Sisto havia estendido o benefício das indulgências às almas do Purgatório, procurando interessar aqueles que estavam preocupados com a sorte dos mortos. Esta questão, os "seguros de salvação" válidos tanto no Céu como na Terra e no Purgatório, tiveram um papel importante no desenrolar da crise religiosa e espiritual do século XVI (1).

Dentro do espírito da época, os movimentos de contestação religiosa buscaram recuperar a pureza original do Cristianismo dos tempos apostólicos. Recusavam, obstinadamente, as inovações da doutrina católica sobre a Bíblia. Os movimentos reformadores previam um retorno à Idade de Ouro da antiga Igreja, desvirtuada pelo papismo ao longo dos séculos, e negando os aspectos devocionais do catolicismo construído ao longo de séculos.

Voltando a velhas questões de natureza herética, críticas à Igreja institucional, aos sacramentos, às interpretações evangélicas, os movimentos reformadores do século XVI conduziram a uma tendência geral de negação de todo o lado místico e sobrenatural tradicionais ao catolicismo, inclusive a idéia de Purgatório e as devoções decorrentes desta crença, assim como as possibilidades de comunicações entre mortos e vivos e as aparições.. Tiveram como proposta religiosa uma leitura

fiel às Escrituras, uma lealdade interpretativa absoluta aos textos bíblicos que deveriam ser acessíveis a todos, traduzidos para que todos os fiéis pudessem ler o Livro Sagrado.

No séculos XV e XVI a cristandade vivia num universo onde numerosos canais de comunicação mediavam as relações dos homens com o sagrado: eram os sacramentos, a intercessão dos santos, os milagres, as aparições de almas do Purgatório, numa irrupção frequente do sobrenatural no cotidiano das pessoas.

Os movimentos protestantes negaram esta forma de sacralização do mundo ao sublinhar a majestade de Deus, insistindo na queda do ser humano para melhor enaltecer a intervenção soberana da graça divina. Reduziram a relação com o sagrado à Palavra de Deus, eliminando mediações sobrenaturais, cortando o cordão que ligava o Céu e a Terra, o mundo do Além e o mundo dos vivos. Colocaram o homem diante de si mesmo, sem perdão ou indulgência (2).

Os movimentos protestantes reafirmaram a doutrina do sono entre a morte individual e a ressurreição, restringindo a possibilidade de salvação eterna aos atos da vida terrena (3). Negando a salvação para aqueles que morreram em pecado, transformaram ritos fúnebres em atos muito simples, nada além do necessário ao respeito devido aos adeptos da mesma crença religiosa. De acordo com o espírito reformado, só existiam dois lugares para as almas após a morte: o Paraíso, onde repousavam as almas dos justos e não precisavam da intervenção dos vivos pois estavam ao lado de Deus, e o Inferno, de onde as almas condenadas jamais saíam. Desta maneira, as almas não retornavam de onde estavam como também não adiantavam orações ou sufrágios especiais para os mortos.

A morte e os ritos funerários eram assuntos privados, sem luxo ou manifestações dolorosas exageradas. Entre os luteranos o enterro era uma prática familiar. Ao pé do túmulo, limitavam-se a uma breve oração. Depois da inumação, parentes e amigos reuniam-se no templo para ouvir um sermão. Entre os Calvinistas tal despojamento nos ritos mortuários foi exemplificado pelo próprio Calvino, ao pedir para ser enterrado num pedaço de pano, sem procissão, cânticos ou orações, e que seu túmulo fosse assinalado por uma simples pedra. Tais procedimentos chocaram muitas sensibilidades católicas diante da morte:

"Não há oração fúnebre, nem cântico, nem comemoração, muito menos dobre de sinos em tal circunstância.

Quando um homem morre, morre. Não lhe concedem sequer a esmola de um Pai-Nosso. Assim, os enlutados voltam para casa sem consolo, sem exortação" (4).

O culto reformado organizou-se de forma mais despojada nas cerimônias, assim como na construção de seus templos, retirando qualquer objeto ou prática "supersticiosa". substituindo estátuas de santos, altares e retábulos por uma simples mesa e singelos quadros de exposição dos dez mandamentos, textos bíblicos, artigos de fé, exortações morais, ordenações eclesiásticas, lista de pastores ou painéis comemorativos. O templo era, simultaneamente, um lugar de educação da fé e da alfabetização.

O movimento reformador do século XVI teve um papel fundamental no desencantamento do mundo, no processo de dessecularização das sociedades modernas. A salvação era, mais do que nunca, um assunto pessoal: certos de sua eleição e vida exemplar, os mortos não precisavam de mais nada para conduzi-los à Deus, e os vivos deveriam manifestar esta certeza, não necessitando de consolo.

A eleição divina acarretava uma certeza de salvação e a responsabilidade de viver segundo a lei divina, sem direito a erros ou falhas. Esta certeza deveria libertar o fiel das angústias e medos da morte e do Julgamento Final, desde que este realmente tivesse vivido segundo as exigências de Deus. Os mortos aguardariam, dormindo em seus túmulos, o dia da Ressurreição e do Julgamento.

Este tipo de visão prevalece entre os movimentos protestantes ainda nos dias de hoje. Em pleno final do século XX, as Testemunhas de Jeová argumentam no sentido do sono dos mortos, na ressurreição e na salvação eterna de todos os fiéis. Em Escute o Grande Instrutor (5), o tema da ressurreição de Lázaro serve de apoio à imagem do sono entre os mortos:

"A morte é como um sono profundo, tão profundo que a gente nem mesmo sonha (...). Quando está em sono profundo, não sabe nada que está em sua volta, não é? - E quando acorda, não sabe quanto tempo esteve dormindo, até olhar para um relógio.

Assim é com os falecidos. Não sabem nada do que está acontecendo. Não sentem nada. Não podem fazer nada.

Mas alguns tem medo dos mortos. Não querem nem passar perto dum cemitério, porque acham que os mortos podem causar-lhes mal. Pode imaginar isso? pode um morto causar dano a um vivo? - Não; a Bíblia diz que os mortos não podem fazer nada.

Crê no que Deus diz? - Se cremos, não teremos medo dos mortos, mas ficaremos alegres de estar vivos " (6).

A valorização da vida material em contraste com a condição dos mortos, sem possibilidade de alcançar a vida eterna ou já salvos pela fé, radicalizou a crença na salvação daqueles que realmente são servidores de Deus e de Cristo, o Salvador:

"Sim, o próprio Jesus disse: 'Vem a hora em que todos os que estão nos túmulos memoriais ouvirão a sua voz e sairão' - E este tempo vem em breve, sob a regência do reino de Deus. (João :28,29).

Imagine quão maravilhoso será acolher as pessoas à vida! Algumas delas serão nossos conhecidos. E saberemos quem são ao voltarem dos mortos assim como Jairo conhecia sua filha quando Jesus a ressuscitou. Outros serão os que morreram há milhares de anos atrás. Mas só porque viveram há tanto tempo, Deus não se esquecerá deles" (7).

Sob este ponto de vista, a morte não seria mais do que uma breve separação dos mortos adormecidos em sono profundo e sem sonhos.

A REAÇÃO CATÓLICA

Num século inspirado pelo Humanismo, pelo repúdio ao Tomismo e aos outros sistemas escolásticos, pela perda progressiva de domínios espirituais, de crise política do papado na chefia da cristandade católica, da falta de preparo e vocação religiosa do clero, a Igreja teve que se reorganizar internamente e buscar novos e mais consistentes apoios intelectuais, políticos e, sobretudo, religiosos (8).

A convocação do Concílio de Trento (1545-1562) em meio a tantas crises, encontrou muitas dificuldades, porém o resultado final foi extremamente importante para a história religiosa da sociedade ocidental. Foi o Catolicismo pós-tridentino que reafirmou a mensagem de salvação da Igreja e a sua missão apostólica diante do mundo.

Do ponto de vista doutrinário, o Concílio proclamou a existência de duas fontes de verdade crista: as Sagradas Escrituras e a tradição apoiada na obra dos Padres, do magistério conciliar e pontifical e no consenso da Igreja sob a divina proteção do Espírito Santo. Reafirmou o pecado original, o valor dos sete sacramentos, da eucaristia e a realidade da transubstanciação na missa. A remissão dos pecados só seria possível através da contrição, da confissão e da penitência, e, exclusivamente, a absolvição sacerdotal garantiria a eficácia do sacramento. Em 15 de dezembro de 1563, o Concílio confirmou a existência do Purgatório e a legitimidade dos cultos à Virgem, aos santos, aos mortos e o valor das preces, missas e orações que visavam alcançar alguma forma de intercessão ou perdão de penas (9).

A Igreja pós-tridentina valorizou, simultaneamente, as formas de devoção coletivas como expressão da Igreja Universal e, sob influência dos místicos dos séculos XVI e XVII acentuou o papel da devoção pessoal, as uniões místicas com Deus (10). Um momento privilegiado do Catolicismo deste período foi o fortalecimento da prática da confissão, do desenvolvimento da confissão individual periódica para libertar dos pecados através da contrição, penitência e abusavas, e que teria muita importância no momento da morte e sobre o destino espiritual após a morte (11).

O desenvolvimento da prática confessional teve fortes repercussões diante da morte. A prática da confissão final do moribundo, a aplicação dos últimos sacramentos levavam em consideração tanto as relações individuais com Deus e a salvação pessoal, como também a inserção do cristão na comunidade visível e invisível da Igreja universal. Os sacramentos de penitência, eucaristia e extrema-unção visavam garantir uma boa morte e a salvação da alma. A presença do padre na cabeceira do moribundo, acompanhando seus últimos arrependimentos e confissões passou a ser essencial, e a ausência deste amparo espiritual torna-se indesejável.

O mais temido não era ir para o Purgatório, onde se podia contar com práticas abreviadoras do tempo de purificação e penas, com a intervenção dos santos, as devoções e liturgias dos vivos, além das indulgências. Precisava-se evitar o Inferno e a certeza da condenação eterna, pois de nada adiantaria ao moribundo a intervenção dos vivos, dos santos, do anjo da guarda se este expirasse em pecado mortal.

A morte certa em hora incerta torna-se base da prática da confissão periódica, da necessidade de preparação constante diante do momento desconhecido e fatal, que levaria à condenação eterna: a prática confessional, principalmente *in extremis*, visava aplacar as angústias e temores quanto às possibilidades de salvação no Além.

Os rituais da extrema-unção, a participação individual e solitária do moribundo e do sacerdote na derradeira confissão, a participação da comunidade religiosa e social, através da oração, quando se rezava pedindo a proteção contra o demônio, o arrependimento das falhas passadas e a misericórdia divina, apontavam para um sentido muito claro: na morte, era impossível obter a salvação sem apoio da Igreja. As comunidades religiosas, a família espiritual eram o amparo e guia na vida mas, acima de tudo, na morte.

Esta noção de uma religião que amparava a comunidade católica dos mortos e vivos, numa dimensão espiritual antropomorfizada e povoada de seres imateriais e sobrenaturais tais como anjos, arcanjos, demônios, almas, santos e santas, milagres e aparições, da Virgem e do Menino

Jesus, marcaram o misticismo religioso, o imaginário católico durante muitos séculos. Forneceram elementos simbólicos fundamentais para a vitalidade de qualquer religião, principalmente, nos momentos de transição mais delicados da vida humana.

A DISCIPLINA DOS HOMENS E DOS MORTOS

A Igreja divulgou os limites precisos das relações legítimas entre mortos e vivos. As determinações ordenadoras destas relações foram divulgadas através da catequese, obedecendo instruções gerais para serem seguidas em todo mundo católico. Os catecismos procuravam definir e explicar a doutrina, as crenças, os cultos e rituais de maneira simplificada e objetiva para a compreensão da população leiga. Diante da morte, dos cultos fúnebres, dos destinos das almas, a catequese sistematizou os domínios da espiritualidade. Num catecismo do século XVII, reeditado ainda no final do século XVIII, as explicações procuram ser bastante objetivas:

Instruções gerais em forma de catecismo das quais se explicam em compêndio pela Sagrada Escritura e Tradição, a História e os Dogmas da Religião, a Moral Cristã, os Sacramentos, as Orações, as Cerimônias e os usos da Igreja impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, Bispo de Montpellier, com dois catecismos abreviados para o exercício dos meninos. II Parte Traduzidos na Língua Portuguesa para o uso dos Reinos e Domínios de Portugal, Lisboa, na Régia Oficina Typografia, ano MDCCLXX. Com licença da Real Mesa Censória.

O dia de defuntos- P. Por que razão destina a Igreja um dia particularmente para orar pelos mortos? R. Para procurar-lhes um alívio geral. P. Por que razão escolheu a Igreja para este efeito o dia seguinte a Todos os Santos? R. Para mostrar a união que há entre todos os membros da Igreja. Explicação: Os fiéis, que estão no Céu, no Purgatório e na terra, são todos membros da Igreja. Todos são chamados para a eterna felicidade. Estas três Igrejas não fazem mais do que uma debaixo da mesma cabeça que é Jesus Cristo. Acima deixamos bem provada e explicada esta verdade. Excita-se a Igreja da terra a merecer a felicidade dos Santos, alegrando-se no dia de sua festividade de que eles a possuem, e a quer também procurar na Igreja do Purgatório por meios das orações, que faz no dia seguinte pelas almas que compõem esta mesma Igreja.

Da Comunhão dos Santos: A Igreja do Céu, a do Purgatório e da terra não tem alguma união entre si? R. Todas as três não fazem mais que uma só Igreja, um só corpo cujos membros serão algum dia reunidos, em o Céu debaixo de sua cabeça por Jesus Cristo (...).

P. Como se faz esta comunicação entre os fiéis que vivem na terra os que já estão no Céu? Por meio das orações que os fiéis dirigem aos Santos e os auxílios que os Santos lhe procuram. P. Como se faz esta comunicação entre os fiéis que estão na terra e as almas do Purgatório? R. Pelas orações, sacrifícios e esmolas e outras boas obras dos fiéis que vivem, por cujo meio são aliviadas as almas do Purgatório.

Das Indulgências e do Purgatório: P. Os que morrem depois de terem recebido a absolvição de seus pecados, sem terem satisfeito plenamente a justiça de Deus e sem estarem perfeitamente purificados, são condenados? R. Não. Vão para o Purgatório acabar de satisfazer a justiça de Deus e purificar-se".

A confissão, o perdão, a justiça divina, o valor da intercessão dos santos, o culto aos mortos e as devoções aos santos e as almas do purgatório foram concepções longamente desenvolvidas. A catequese revelou os aspectos mais prosaicos da divulgação e esclarecimentos dos pontos centrais da doutrina ortodoxa. Um exemplo da organização dos cultos e ritos pode ser encontrado nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707:

"834. É coisa santa, louvável e pia o socorro de sufrágios pelas almas dos defuntos, para que mais cedo se vejam livres das penas temporais, que no Purgatório padecem em satisfação de seus pecados e aos que já gozam de Deus, se lhes acrescente a glória accidental. Portanto, exortamos muito os nossos súditos que em seus testamentos e últimas vontades se lembrem não só de mandarem dizer missas e fazer os ofícios costumados, mas além disso os mais que cada um der, conforme sua devoção e possibilidade.

835. E do mesmo modo exortamos e admoestamos aos herdeiros e testamenteiros daqueles que não declaram Missas e Ofícios que por suas alma hão de fazer, que mandem se façam pelas almas dos ditos defuntos, os sufrágios que for possível. E esta advertência tem muito mais lugar nos herdeiros daqueles que morreram sem fazer testamento.

836. Porquanto é muito conforme a direito que os párocos, que na vida tiveram a seus cargos as almas de seus fregueses, tenham também cuidado delas depois de sua morte, conformando-nos com a boa razão e verossímel vontade dos diferentes, ordenamos que assim como os que morrem com testamento mandam fazer ofícios e exéquias de corpo presente, de mês e ano, assim morrendo pessoa 'ab-intestado', o Pároco donde tal defunto for freguês lhe faça também seus sufrágios de corpo presente, mês e ano, considerando a possibilidade da fazenda e o número de herdeiros que lhe ficam, obrigando-os a que assim o cumpram" (12).

O DESTINO DO CORPO

Até o processo de laicização dos cemitérios, a partir do final do século XVIII e início do XIX, em nome da higiene, da salubridade e da modernização, o hábito católico tradicional foi o de proceder aos enterramentos dentro das igrejas ou nos cemitérios anexos aos templos religiosos.

Na prática, o espaço das Igrejas ficou reservado aos personagens mais ricos e importantes, enquanto os cemitérios recebiam os menos privilegiados. A Igreja também regulou certa ritualização sobre os enterramentos que refletiam costumes e temores de uma época: as mortes violentas, criminosas e os enterramentos de catalépticos. Enquanto um ato religioso e público, as cerimônias fúnebres permitiam um controle tanto religioso sobre os fiéis como social nas transgressões criminais como suicídios ou assassinatos.

No mundo católico o cenário da igreja era exclusivo dos fiéis. Somente eles tinham a possibilidade de espaço dentro do círculo sagrado da Igreja, sob a proteção espiritual das orações, contra os avanços das hostes diabólicas e dos profanadores. Este direito era negado aqueles que, em vida, cometeram atos e ações contrários à religião, não devendo compartilhar da "comunhão e ajuntamento" com os fiéis exemplares (13).

Os interditados não podiam contar com um lugar sagrado para depositar seus corpos. Suas almas deviam padecer sem consolo, esperança ou proteção. As condenações católicas

abrangiam o corpo e alma. Se o primeiro era matéria putrefeita e, posteriormente, pó, a alma era imortal e vagava em pecado e sofrimento no Inferno ou Purgatório.

Qual a ligação mais sutil, nas sensibilidades que viam na proibição do enterro da parte física uma espécie de castigo? A primeira delas referia-se à ligação feita, durante largo tempo na história, entre o corpo e a alma, a matéria e o espírito, o natural e o sobrenatural. Esta estreita ligação, embora tenha sofrido alterações e rupturas, revelou uma profunda duração da crença da relação entre o espiritual e o material.

A concepção de uma radical separação entre corpo e alma progrediu muito lentamente dentro de variadas culturas religiosas. Mortos que sangraram ou se mexiam na presença do assassino, corpos decompostos que ainda conservavam sinais vitais como crescimento de cabelos ou unhas levavam a especular sobre uma grande e forte ligação entre a parte espiritual e material dos seres vivos, numa forte crença de que tênues limites separavam o físico do sobrenatural, os mortos dos vivos, a matéria do espírito.

O fantasmagórico habitava o cotidiano das pessoas, os mortos ainda estavam bem separados dos vivos: castigavam-se grandes transgressões com punições ao corpo morto, fosse desenterrando-o para punir ou proibindo o enterro dos criminosos mais graves, condenados à morte eterna para sempre, sem o consolo de um sepultamento e repouso para a alma. Em última instância, punia-se o espírito, condenava-se a alma a vagar em castigo, sem abrigo ou morada segura sob a proteção espiritual da Igreja.

A segunda e a terceira estão articuladas: memória e sensibilidade social e familiar. O morto sem sepultura certa era abandonado pela proteção espiritual da religião, pelos cultos e devoções dos familiares e amigos: era o pária espiritual, anônimo, vencido pelo esquecimento. Mortos desconhecidos e grandes túmulos coletivos em honra ao anonimato: somente os heróis, da antiguidade ou da modernidade tem direito ao triunfo da memória no anonimato.

O corpo sem descanso, a alma desassossegada. Esta talvez seja uma das mais antigas e arraigadas crenças e sensibilidades humanas. Se o discurso religioso durante séculos forneceu os motivos piedosos para os sepultamentos condignos de acordo com determinados ritos, embora a questão higiênica estivesse presente nesta correlação, a higienização e medicalização das sociedades contemporâneas veio alterar esta correlação: enterrar-se, crema-se, reforma-se ou constroem novos cemitérios em nome da saúde e da limpeza, sobretudo dos grandes espaços urbanos, embora conviva-se também com a questão da memória e do sentimento religioso. Em que proporção e com que características foi processada esta inversão de valores? Esta é uma questão para pesquisas posteriores resolverem.

POR UMA DEFINIÇÃO DE CEMITÉRIO

O que era o cemitério? Se nos primeiros tempos do Cristianismo se referia a uma parte importante dos cultos e laços religiosos da comunidade emergente, lugar de devoção e convivência dos fiéis, ao longo dos tempos, ele foi adquirindo uma multiplicidade de aspectos.

Embora a imagem mais frequente esteja associada à idéia de repouso da alma, lugar de culto e respeito aos mortos, os cemitérios guardaram, sobretudo em alguns períodos históricos, a atemorizante presença do sobrenatural, dos espíritos, fantasmas e corpos em decomposição. As lendas e histórias em torno destes lugares, os cheiros, os ruídos eram um campo fértil para a origem dos grunhidos, choros, pancadas e ranger de dentes. Nos limites tênues que separavam a alma do

corpo, os mortos dos vivos, o natural do sobrenatural, os lugares dos mortos adquiriam uma vivacidade atemorizante e concreta.

O cemitério amalhava duplicidades: lamentações e saudades, devoções e respeito, medo e horror. Historicamente, muitos foram os sentimentos despertados, porém o homem sempre pressentiu uma vida sobrenatural, desconhecida e amedrontadora, principalmente à noite. Durante o dia, o espaço dos mortos era o local dos atos de fé e piedade; à noite era o ponto de atuação dos desassossegados, daqueles que dedicavam-se às artes mágicas, bruxas, feiticeiras, invocadores dos mortos, os pactuados com o demônio, violadores e ladrões de túmulos.

O cemitério ficou associado à idéia de morada dos mortos, local de repouso do corpo e, também localidade das almas animadas pela dimensão extra-natural, ainda ligadas aos despojos orgânicos. Os cemitérios eram resguardados pelo círculo mágico que a religião estabelecia mas, também, pelos fogo-fátuos azulados, pelas cruzes e lápides, pelas almas dos mortos recém-enterrados aguardando as missas em seu favor. Fora deles, jaziam os condenados e proscritos, a fonte primeira das almas errantes e penadas, que arrastavam os pés e correntes, que assombravam os vivos com suas aparições e reivindicações.

A ALMA COMO FORMA DE CULTO

Dentro do Catolicismo, a alma era uma invisível continuação do ser vivo, inseparável do corpo durante a vida, e que se libertava após a morte, adquirindo uma forma definida, transparente e vaporosa. A Alma era o núcleo imortal do indivíduo que aspirava à salvação e revestir-se-ia de um corpo incorruptível, após a Ressurreição. Correspondia a uma consciência subjetiva.

Ao contrário da maioria das crenças religiosas que concebiam várias dimensões ou princípios espirituais, na parte não material da vida humana, a tradição judaico-cristã só aceitou uma única forma espiritual imortal após a morte. De acordo com as concepções tradicionais da Igreja, seria a alma na forma de um espírito incorpóreo quem cumpriria as determinações divinas, realizando, por exemplo, o papel penitencial. Isto até o Julgamento Final, quando a imortalidade definitiva seria o prêmio dos Justos.

Como as almas do Inferno, condenadas aos suplícios torturantes e as almas no Céu, vivendo em estado edênico ao lado do Pai, não tinham comunicação com o mundo dos vivos, toda e qualquer forma de manifestação ou aparição dos que já morreram vinha do Purgatório. Assombrado, admoestando, pedindo orações e despertando piedade, são sempre as "almas sofredoras" do Purgatório cumprindo penas determinadas pela justiça divina, que podiam perturbar o cotidiano dos vivos, se não fossem constantemente agraciadas com orações, missas e outros atos devotos.

Segundo uma outra tradição presente no Cristianismo mais popular, existiam certos tipos de assombrações, de almas malfazejas que, por motivos relacionados ao tipo de morte que tiveram como os suicidas, os que morreram de morte violenta ou clamando vinganças, cujos corpos não foram devidamente sepultados, podiam permanecer vagando pelos lugares conhecidos, espalhando catástrofes, desassossego e irradiações maléficas. Os fantasmas e assombrações, em suas formas espectrais, reapareciam nas casas, nos campos, nos cemitérios. Em bandos ou solitárias, as almas dos mortos assustavam, anunciavam desgraças. Por volta de 1600, alguns teólogos da Igreja falavam do fenômeno (14).

Este estado de desassossego espiritual era indesejável e absolutamente oposto ao desejado pelos bons cristãos. Um cristão deveria ter uma alma serena, pacificada de acordo com os

desígnios divinos, sem sofrimentos ou penas excessivas. As almas errantes e penitentes não eram bem-vindas e deviam permanecer em seus limites e domínios espirituais. Os contatos indesejáveis, as invocações condenadas e as consultas aos mortos interditas: eram práticas consideradas como satanismo e bruxaria. A Igreja mandava guardar extrema prudência com relação a visões e aparições. A verdadeira alma cristã era discreta e, quando aparecia, obedecendo a uma autorização divina, dizia seu recado ou mensagem de maneira suave, desaparecendo ao ouvir orações. Mesmo as almas atormentadas não deviam resistir ao exorcismo ou a preces.

As almas infantis gozavam de um estatuto específico. Até os cinco anos de idade, se batizadas, voavam diretamente para o Céu, ao lado de anjos e serafins que guardavam o trono divino. Os pequenos falecidos sem batismo não podiam ser enterrados em limites dos campos santos e tinham como destino a condenação infernal.

Uma das formas mais permanentes de culto católico foi a devoção às "Almas do Purgatório", um coletivo espiritual sensível às devoções dos vivos. Tanto consistia na veneração respeitosa às almas dos mortos como numa crença nos auxílios sobrenaturais que estas almas podiam realizar, em resposta e agradecimento às orações, missas e velas em sua intenção. Era a idéia de "Alma" enquanto uma entidade (ou um coletivo de entidades) a quem se devia devoção e respeito, podendo ser invocada em auxílio aos vivos.

As almas passaram a contar, inclusive, com um santo protetor: S. Miguel, tradicionalmente identificado pela sua balança e espada. Com o julgamento das almas e a defesa contra os ataques do demônio às almas dos moribundos, passou a ser identificado, sobretudo no século XVI, com a imagem de pastor das almas. O culto a S. Miguel inscreveu-se na veneração cotidiana, na organização de Irmandades e Confrarias, na construção de Igrejas dedicadas a seu culto. Os estatutos de fundação da Irmandade de S. Miguel na segunda metade do século XVIII refletiam a dimensão particular desta devoção:

"Compromisso da Irmandade de S. Miguel e Almas ereta na matriz de Nossa Senhora do Pillar, Comarca de Goyás, mandado por em forma e solicitada a aprovação por seus Irmãos devotos e indignos escravos. No ano 1752. Ao Glorioso Arcanjo S. Miguel (15).

Os crentes e devotos das almas contavam com elas para proteção, e organizavam, desde o século XVI, Irmandades e Confrarias, Igrejas e caixinhas para recolhimento de esmolas com as quais mandava-se dizer missas para as almas do Purgatório. Os altos cruzeiros nas encruzilhadas, as cruces nos lugares onde morreram pessoas de forma violenta, a Cruz das Almas nas igrejas e cemitérios simbolizavam (e simbolizavam) uma das mais expressivas formas de fé religiosa.

O valor dos mitos e das crenças sobre o destino após a morte compatibilizava vida, morte e finitude através de uma grande diversidade de soluções religiosas. Qualquer forma ou tradição religiosa tem uma característica comum: procurar mostrar que a morte física não significa a anulação do Ser, cuja parte imaterial e espiritual sobrevive, pois é imortal. A morte é, assim, uma outra forma de vida (mesmo que não seja a melhor delas), seja no Céu, no Inferno ou Purgatório, no Hades ou Sheol, através dos ciclos de reencarnação.

No mundo cristão, durante séculos, as almas do Purgatório apareceram para instruir a Igreja Militante, pedir orações ou reparar erros. O catolicismo legitimou a crença nas aspirações e, teologicamente, integrou-as na perspectiva salvacionista. Porém, os fantasmas e aparições não sossegavam. Durante séculos suas manifestações inquietaram, apavoraram e insistiram em revelar uma feição pouco domesticada nos limites impostos pela Igreja.

Permanecia a convicção de que os mortos podiam voltar, e que as almas desassossegadas podiam assombrar ou serem invocadas para trabalhar ou perturbar os vivos. Os ritos, as crendices e superstições traduziam formas específicas de lidar com as almas dos mortos. Somente a partir da segunda metade do século XIX estas almas e fantasmas transformar-se-ão em espíritos desencarnados, objetos de estudo e de uma religiosidade específica, com o surgimento de uma nova abordagem dos fenômenos espirituais: o espiritualismo, a parapsicologia e o espiritismo modernos.

Mas, a Igreja manteve-se fiel aos seus dogmas tradicionais diante da morte e da existência espiritual. Reafirmou a Salvação e a Vida Eterna na fé cristã, Céu, Inferno e Purgatório, perdão e confissão, o lugar do culto às almas. Neste percurso, enfrentou o século das Luzes e da Razão, as Revoluções Políticas e Científicas, as religiões seculares, o Deísmo. Confrontou-se com uma nova sensibilidade espiritual, com a fundamental identidade entre Deus e a Natureza, igualmente transcendentes.

A cultura laica, durante o século XVIII e XIX contrapôs uma frente elaborada do seu sistema de crenças. Bíblia ou Enciclopédia? Deus ou Ciência? Um debate polêmico, um confronto e diálogo diretos. A razão, a experiência e a ciência, os valores mundanos encontravam na Natureza sua prova de fundo e confirmação: a concepção física do mundo preferia exaltar a Humanidade à Providência, mais imanente ao cosmos, ao homem e à história.

UMA NOVA DIMENSÃO ESPIRITUAL?

A Igreja ainda propagando os estudos tomistas e agostinianos não podia mais recusar-se a encarar a eclesiologia à luz da filosofia. As tendências Deístas expressaram esta vontade: "racionalizar" os fundamentos religiosos, as novas construções teológicas. O moderno agnosticismo proposto por Hobbes, a dúvida metódica de Descartes como o único caminho da verdade, o caminho aberto por Locke que proclamou um cristianismo de caráter racional sobreposto às verdades da Revelação e da Tradição, foram momentos muito importantes nos abalos sofridos por todas as formas de religiões reveladas (). Os mistérios da Encarnação e da Divindade impostos pelas velhas concepções acabaram ressacralizados na idéia do Ser Supremo e da imortalidade da alma, no culto a Natureza e no deísmo, nas imagens do Deus arquiteto e construtor do Universo.

O século das Luzes não significou a morte de Deus e sim um momento muito particular e curioso da sacralização, de novas abordagens e conteúdos específicos, onde o papel reservado para a tradição cristã foi um conjunto de mitos mais ou menos simbólicos. O aparato da Igreja conservou-se e, para um número bastante elevado de fiéis, manteve os laços afetivos.

Ser anti-católico não foi sinônimo de antirreligiosidade. As afirmações da imortalidade da alma e o culto ao Ser Supremo, foram facetas muito importantes do movimento de construção de uma nova relação sacralizada com a vida, longe do abrigo da religião institucionalizada. (16).

A construção de uma racionalidade na totalidade social baseou-se na crítica a todo tipo de superstição, paixão popular, efusão mística ou fanatismo de qualquer espécie. O culto tradicional da Igreja, contudo, sofreu menos mudanças do que se pode pensar. Apesar da tormenta revolucionária, do ascenso da burguesia, do liberalismo econômico e intelectual, a Igreja, que perdeu a influência política, foi buscar pureza evangélica, uma maior dedicação a seus compromissos espirituais e pastorais. No final do século XVIII, uma nova necessidade de fé religiosa, de consolos religiosos, de ritos e cerimônias tradicionais, orientou vários segmentos da sociedade ocidental. Um

exemplo bem claro pode ser encontrado na publicação do *O gênio do Cristianismo* de Chateaubriand, símbolo da inquietude espiritual do final do século. (17).

Uma nova visão de mundo e da vida acabou por impôr um novo limite à idéia de finitude e imortalidade. Qual o destino final da alma enquanto um princípio natural, um elemento no jogo das forças da natureza que movimentavam o universo de acordo com uma lógica racional, de leis constantes e imutáveis num mundo organizado de acordo com determinadas correlações previsíveis? Este universo no qual o homem estava inserido era obra de um Deus diferente, um grande arquiteto e mecanicista, o construtor e responsável pela ordem universal e natural, que reservou um lugar para a imortalidade humana. (18).

Porém, onde localizar esta dimensão espiritual? Numa perspectiva nova onde a natureza e todas as coisas eram formadas por elementos de natureza molecular, química, eletromagnética, a noção de alma, da espiritualidade, de vida após a morte foi retrabalhada. Após a morte deslizava-se para um descanso eterno, um além luminoso à semelhança do paraíso celeste? Ou acontecia uma dissolução etérica e molecular da alma?

AS ALMAS PERMANECEM NO PURGATÓRIO: OS SUSTENTÁCULOS DA IGREJA.

O respeito devido aos mortos, o medo despertado pelas relações sobrenaturais forma aplacados em devoções específicas. Do ponto de vista da escatologia católica, ainda no século XIX, colocavam-se as possibilidades de salvação após a morte, das almas do Purgatório, através de indulgências, esmolas, orações e missas. Assim proclamava o clero tradicional em 1842:

"Breve Catecismo das Verdades Católicas. Frei Antônio de Jesus por um devoto:

Novena das Almas. Nesta novena se acha um riquíssimo tesouro de indulgências, às quais se podem aplicar pelas almas do Purgatório.

Oferecimento: Estas saudações de S. Gregório e orações de Padres Nossos e Ave Marias, que intento rezar, vos ofereço, Meu Deus, e vos rogo as recebeis em desconto e satisfação de minhas culpas e pecados, confirmando o que os Sumos Pontífices tem concedido a quem rezar diante da imagem de Jesus meu Salvador crucificado, e duto o que eu posso, aplico para o bem das almas do Purgatório, que forem agradáveis a vossa Divina Majestade, honra e glória. Meu amantíssimo Pai, eu vos ofereço a inocente morte de vosso precioso filho, e o amor de seu divino coração, por toda culpa e pena, que eu miserável pecador e o mais depravado de todos, por minhas culpas mereci, e por todos os meus conhecidos, amigos, vivos e defuntos, para que tenhais misericórdia de todos nós. Amém."

O purgatório, no século XIX, perdeu, do ponto de vista teológico, sua localização geográfica e espacial, para ver ressaltada, acima de tudo, sua dimensão moral, conforme aparece no Manual de Instrução Religiosa Boulanger, de 1907:

"Quanto a situação do Purgatório, a Igreja, nas suas preces, fala de lugar inferior, mas pode-se entender estas expressões em sentido moral, não material, e não há hada que determine onde fica o Purgatório."

O ponto de vista das crenças mais arraigadas na religiosidade cotidiana, contudo, o Purgatório ainda era um lugar específico, povoado por almas antropomorfizadas, esperando um auxílio e despertando piedade e comiseração dos vivos. As famosas "caixinhas de esmolas pelas

almas", constantes durante todo o século XIX, refletiam esta posição ainda bastante material do Purgatório, da imagem de fogo purificador.

"Quatro ou cinco pés à frente, na porta da capela, erguia-se um poste do chão, com uma caixa de esmolas, presa a ele por ferro e fechada com um cadeado. No fundo via-se um cálice pintado e por baixo cabeças rolando nas chamas. Na caixa estava escrito: "Esmola para as almas - esmolas para tirar as almas do purgatório." (19).

No plano teológico, a Igreja, nos séculos XIX e XX, avançou pelo domínio espiritual e moral, em contraposição à perda de poder e domínio político. Não encontrava mais necessidade de impor uma iconografia ou cartografia da espiritualidade e dos destinos da alma: ficou com o nível mais sutil da consciência humana, num profundo jogo de medos e culpas, tão a gosto de uma época que gestou a psicanálise, que tirou do confessor para lançar no divã os tormentos mais profundos da alma. Este processo de ruptura religiosa, da perda do caráter místico e sagrado da religiosidade vivida de forma catártica e simbólica pela Igreja e seus fiéis, foi um fenômeno muito importante, embora ainda não tenha sido devidamente explorado pelos estudiosos.

O século XIX foi marcado por avanços e continuidades dentro do pensamento da Igreja. Uma carta pastoral de 1867, de autoria de D. Manoel Joaquim da Silveira, colocou em debate os limites e as incorporações feitas pela Igreja nas grandes modificações do final do século XVIII e no século XIX.

"E de fé, que a alma do homem é um puro espírito, imortal, única para cada corpo, livre e que não existiu jamais antes do corpo que deve habitar. (...).

Finalmente a razão conhece, que Deus sapientíssimo autor do Universo, em o qual se observa uma admirável gradação, formando o homem a sua imagem e semelhança, pouco menor que os anjos, e colocando-os sobre as obras de suas mãos, quiz que ele fosse o elo do mundo espiritual e do mundo material, e portanto o corpo material é parte constituída do homem. (...).

O Purgatório é ensinado na Escritura Santa. Jesus Cristo diz: - E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do Homem, perder-se-lhe-há; porém o que disser contra o Espírito Santo, não se lhe perdoará, nem neste mundo, nem no outro. - Donde se conclui, que há pecados, que são perdoados no outro mundo, do contrário a expressão do Salvador nada significaria, nem diria Nosso Senhor Jesus Cristo, que o pecado contra o Espírito Santo não se perdia, nem neste mundo, nem no outro, senão julgasse que alguns pecados se perdoavam no outro mundo. (...).

Já no Antigo Testamento estava escrito, - E o pó se trone na terra donde era, e o espírito volte para Deus que o deu. Eis aqui demonstrado pela autoridade da Escritura, que na morte do homem, cada um dos dois elementos, que essencialmente o constituirão, torna para donde tinha vindo, o corpo como formado de limo da terra, torna-se em terra, e a alma como produzida por Deus do nada, volta para Deus para ser pelo Senhor julgada pelos seus merecimentos. (...).

Está pois demonstrada pela autoridade da Escritura que os corpos vão ressuscitar porque importa que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba o galardão segundo o que tem feito, ou bom, ou mau, estando no próprio corpo. - Sim, que ressucite cada um no seu próprio corpo, que o ajudou a servir a Deus ou ao Demônio, à fim de que este mesmo corpo participe das coroas e

prêmios do seu triunfo, ou desgraçadamente também sofra as penas e os suplicios merecidos. (...).

Porque na verdade que é uma revolta contra a sabedoria divina querer saber as coisas que Deus nos quer ocultar e querer fazer voltar a este mundo as almas que a sua Justiça fez sair, e a Igreja nunca autorizou a vã opinião de que as almas dos mortos podem voltar a este mundo para fazer revelação aos vivos, quando Jesus Cristo no que disse ao rico avarento claramente mostrou que Deus não permite aos mortos falar aos vivos. (...). " ().

Punir ou controlar através da culpa? Este problema era colocado e resolvido, simultaneamente, pela religião católica. As relações com Deus eram permeadas por uma barreira de leis e punições. Pelo menos até a segunda metade do século XIX, em todos os meios sociais e culturais, a Igreja detinha os meios de salvação após a morte. Muitas das crenças e concepções que pareciam escapar da religião institucional na forma de ritos e crenças populares eram, na maioria das vezes, complementos aos atos religiosos católicos, em relação à morte, às almas dos mortos e ao Além. (20).

Durante toda a segunda metade do século XIX, sobretudo em fins do século, a Igreja debateu com uma sociedade em mudança, pelo menos nos centros urbanos, tentando afirmar seus princípios e incorporar, dentro de certos limites, as modificações inevitáveis. Em 1888, o Bispo Antônio de Macedo Costa escreveu um documento procurando colocar a posição da Igreja frente à questão da liberdade de cultos, fundamentando a posição religiosa oficial diante da Liberdade e da Razão, pensando na preservação das virtudes e corrupção que rondavam a sociedade.

"Como é que a Igreja depois de dezoito séculos de exercício desse apostolado, depois de haver usado constantemente da autoridade divina de seu magistério, profligando as superstições pagãs, anatematizando e condenando todas as heresias, todos os cismas e todos os erros que iam surgindo diante dela, como é que essa Igreja há de proclamar que não há mais erros, nem heresias, nem cismas condenáveis, nem religiões falsas, nem superstições abomináveis, mas que todas as religiões são boas, que em todas acham os homens meios de agradar a Deus e salvar-se, que não há religião obrigatória, que o homem é moralmente livre, tem a faculdade moral de adorar a Deus como entender?

Seria isso absurdo. Professem esse latitudinarismo as seitas, que em última análise são humanas, fundadas por homens, e, como tais, não se sentem com direito de obrigar moralmente os outros homens. A razão é igual a razão, as opiniões equivalem as opiniões. (...).

1 - A razão humana é limitada, falível, sujeita ao erro. Logo não pode ser ela a sua própria regra.

2 - A verdade é distinta da razão, pois é objeto dela. A razão é contingente, a verdade que é independente da minha razão, que subsiste na mente incriada, infinita do Criador, (...), se impõem à minha razão como sua lei imutável, como su regra absoluta.

A minha faculdade de pensar não é pois, livre em face da verdade, (...). Portanto é um absurdo dizer que o homem é livre de pensar como quiser e que se deve ter para com qualquer convicção o mesmo respeito que se tem para a verdade. (...)" (21).

A MANIFESTAÇÃO DA FÉ

Lançando mão de argumentos que trabalhavam com as inseguranças e os medos humanos, a Igreja deplorou as modificações da sociedade, a implantação de novos modelos laicos de organização. Na questão da publicização dos cemitérios, os argumentos contrários deixavam claro o aspecto emocional que a religião católica explorava, como exemplo na Carta Pastoral comunicando aos seus diocesanos a resolução pela qual a Câmara Municipal assenhorou-se dos Cemitérios de N. S. da Piedade e S. Gonçalo (), de autoria de D. Carlos Luiz D'Amour: (22)

"D'ora em diante, naqueles cemitérios, naqueles recintos sagrados, onde jazem os restos mortais de nossos antepassados, de vossos progenitores, de vossos amigos, não se poderá mais celebrar o Santo Sacrifício da missa pelo seu eterno descanso! Não vereis mais, filhos queridos, descer sobre suas sepulturas as bênçãos de Deus! e o sino sagrado também emudecido, não soará mais plangente, não se fará mais ouvir convidando os fiéis a orar pelos Finados! Triste e lúgubre efeito que resulta da secularização de um cemitério!..."

O destino das almas foi reguardade no domínio da ortodoxia oficial da Igreja, de acordo com uma pastoral coletiva de 1915 dos Senhores Arcebispos e Bispos do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre (RJ, Typ. Martins de Araújo): (23)

"Creio que as almas dos que houverem falecido verdadeiramente arrependidos na Graça de Deus, sem ter durante a vida, satisfeito, com dignos frutos da penitência, pelos seus pecados de comissão e omissão, serão, depois da morte purificados com as penas do Purgatório, bem como creio que para serem aliviadas destas penas, lhes são proveitosos os sufrágios dos fiéis vivos, à saber: Missas, orações, esmolas e outras obras de piedade, que os fiéis tem por costume em bem dos outros fiéis segundo os ensinamentos da Igreja, creio também, que as almas dos que depois de terem recebido o batismo, não incorreram absolutamente em nenhuma mancha de pecado, bem como aquelas que, tendo contraído alguma mancha de pecado, dela se purificaram, quer em vida, quer depois da morte, são logo recebidas no Céu e verão, claramente, a Deus, Trino e Uno, tal qual ele é, todavia, umas mais perfeitamente do que outras, conforme a diversidade dos merecimentos; creio porém que as almas dos que morrem em pecado mortal ou só original, descem imediatamente ao Inferno, para serem punidas com penas proporcionais aos seus delitos."

UMA NOVA VISÃO TEOLÓGICA

Somente no século XX o pensamento religioso católico sofreu modificações. A teologia da morte atual não concebe o fenômeno como doloroso ou problemático mas, simplesmente como inevitável. A grande realidade católica após o Concílio Vaticano II promoveu um esclarecedor inventário e uma revisão dos valores tradicionais diante de novos horizontes ecumênicos. Estabeleceu uma nova relação entre razão e fé, experiência e meditação, ciência e religião, filosofia e teologia.

Diante da fragilidade corpórea do ser humano, os sentimentos de dor e de perda irreparável mereceram uma reflexão sobre a natureza verdadeiramente homem. O homem é corpo e alma. A alma é uma dimensão humana, justamente aquilo que lhe confere o poder de decisão, de

construir a si mesmo e a tudo que o rodeia. A alma trabalha pelo corpo. A vida é, portanto, uma trajetória existencial das dimensões humanas em sua vias uma trajetória existencial das dimensões humanas em sua libertação. O homem e sua vida ganham uma formulação na nova teologia, uma perspectiva existencial de um eterno vir-a-ser no mundo. (24).

A morte, enquanto um fenômeno natural da condição dos seres vivos revela tanto a impotência do ser humano diante da sua fragilidade, mas é também vista no seu sentido sagrado, religioso, como a experiência que transcende o tempo e o espaço. A verdadeira reflexão do cristão moderno deve ser a compreensão verdadeira do sentido da morte:

"O homem é um nó de relações e dinamismos sem limite, voltados para todas as direções, clamando por uma realização plena e por um desabrochar no verdadeiro sentido. Quão diversa seria a nossa dor se chegássemos a compreender que FIM não precisa significar negatividade mas positividade (o estudante que conclui o curso, a mulher que no dar a luz plenifica sua gravidez). A morte é sim, o fim da vida (desta vida). Mas FIM entendido como meta alcançada, plenitude almejada e lugar do verdadeiro nascimento. A união interrompida pelo desenlace não faz mais que preludiar uma comunhão mais íntima e mais total. (...).

Morte é a cisão entre o modo de ser temporal e o modo de ser eterno no qual o homem entra. Pela morte, o homem alma não perde sua corporalidade. Esta lhe é essencial. Não deixa o mundo. Penetra-o de forma mais radical e universal. Não se relacionará com apenas alguns objetos, como quando perambulava pelo mundo dentro das coordenadas espácio-temporais. Mas com a totalidade do cosmos, dos espaços e dos tempos. Morrendo, acabamos de nascer, na expressão forte de Franklin. A morte é então o vers dias natalis do homem." (25).

Alcançar a eternidade, ao contrário do que pregou a teologia tradicional, não é para depois da morte. A eternidade está no tempo, emerge da história humana. O que somos agora, seremos eternamente, seja injustiça, egoísmo, ódio ou então, justiça, amor e paz. (26).

No Antigo Testamento, a morte era uma consequência do pecado, da Queda e do castigo e maldição de Deus sobre seus filhos, criados imortais e em pecado, tornados mortais. O Novo Testamento, a morte de Cristo e sua ressurreição conduziram a morte como uma passagem e uma libertação. A vinda de Cristo, sua mensagem e morte apontaram uma nova perspectiva: Jesus foi o exemplo, o caminho e libertação eterna. A devoção ao Cristo morto transforma-se em símbolo da força histórica que a luta e a resistência podia trazer aos homens. Era um protesto contra a alienação, a injustiça e a violência do mundo, contra a morte precoce e miserável a violência da pobreza e da injustiça, obra dos homens e não de Deus.

A ressurreição tem seu caráter simbólico exaltado. Crer na ressurreição individual ou coletiva é encontrar o exemplo de Cristo: a vitória sobre a morte na imagem de Jesus que ressuscita está repleta de sinais da vitória sobre o mundo e a opressão, sobre a violência e a injustiça que oprime o povo:

"A morte é um dado diário. Milhares já morreram nestes últimos anos em El Salvador, vítimas da violência. Pois bem, um desses tantos milhares foi um bispo. Morreu exatamente no momento em que celebrava a Eucaristia, sacramento que celebra a vida e a ressurreição de Jesus e de todos nós. No domingo anterior ao de sua morte, concluiu o sermão com a frase: "Cremos na Ressurreição". Quem o fazia era alguém que estava condenado à morte por seus inimigos, as forças paramilitares.

De fato, poucos dias depois, caía metralhado por elas. A certeza da morte lhe dava coragem, como a Jesus, para proclamar sua confiança no Pai. 'Em suas mãos entrego meu espírito'". (27).

A MORTE COMO TRANSCENDÊNCIA

Para quem tem fé, a busca do que acontece do "outro lado" não faz a menor diferença. Porém, especular sobre o destino espiritual pode fortalecer a fé, fazê-la crescer e consolar.

Morrendo, o homem rompe o tempo e o espaço. Na ausência do tempo, não existe passado ou futuro. Tudo é o presente e eternidade, desde a criação do universo ao Juízo Final. Morrendo, perdemos o homem exterior, a imagem que tínhamos em vida, em função das necessidades e aparências, que chorava, sorria, mentia. Este é o homem que morre, suas células, suas moléculas que retornam à natureza. Sobreviverá o corpo real, espiritual e mortal:

"Restará o corpo real, nosso verdadeiro corpo, que não terá estruturas atômicas e energéticas, pois sua substância característica que não podemos descrever ou definir, pois estão além de nossas capacidades intelectuais. Características compatíveis com a essência de Deus, com o infinito e a eternidade, que serão nossa nova realidade. E este corpo real não se separará do espírito e da mente, que dele fazem parte integral e indivisível". (28).

Este homem interior despertará na sua consciência, fará o julgamento em função da vida, do que pensou e das decisões tomadas, diante do Pai Amoroso. Em função do seu modo de viver terá a eternidade. Se, diante daquilo que foi sua vida, optar por estar longe de Deus, viverá no Inferno. Mas se julgar-se em condições de permanecer ao lado de Deus Pai e Criador, estará no Céu e na Paz Eterna. Céu e Inferno, são, portanto, situações definitivas e eternas por nossa vontade e ação do nosso livre-arbítrio, uma consequência de suas vidas. (29).

Na moderna teologia da morte, o Purgatório é também uma situação na qual um homem impuro que deseje ficar perto de Deus passa por uma "purificação", além de nossa compreensão. Só existe uma vida, uma chance e possibilidade de salvação. Da morte não há retorno, pois o homem deixa a dimensão tempo e espaço. A reencarnação não existe. (30).

Cabe ao homem viver a vida que lhe é dada, sem indagar seu destino, buscando a fé e o modelo de Cristo, a redenção através da mensagem de Jesus, seu exemplo de força, amor e fé, sem abandonar a perspectiva escatológica, apesar da modernidade:

"Mas sendo Deus o criador de todas as coisas, o Senhor absoluto de tudo, pode-se admitir, dentro de um processo de Esperança, que no final da temporalidade terrestre, na parusia, que o Amor Absoluto venha realmente impregnar todas as coisas e, quem sabe, até mesmo aqueles que se recusaram a ser amados possam ser restaurados, da eternidade de volta para o tempo e, em seguida, readmitidos na eternidade do Infinito Amor de Deus!" (31).

Tarefa demedida e ilimitada. Deus é o poder de transformar o mundo, a vida e a morte. Nunca se poderia dizer que tudo está acabado: a Revelação de Cristo, a fé na Ressurreição, são forças que movem todos os homens em busca da libertação, nas revoluções da história.

NOTAS

1. Dickens, A.G., A Reforma na Europa do século XVI, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 36, 44, 131 e 142.
2. Berger, P., La Religion dans la Conscience Moderne, In: Bauberot, J., História do Protestantismo, Mira-Cintra, Publicações Europa-América, 1987, pp. 18-20.
3. Delumeau, J., Naissance et Affirmation de la Reforme, Paris, PUF, 1979, pp. 23-4.
4. Depoimento de Elie Brackenhoffer em 1643, citado por Lebrun, F., As reformas: Devoções Comunitárias e Piedade Pessoal, In: História da Vida Privada, SP, Cia das Letras, 1990, volume 3, p. 109.
5. Publicação da Sociedade Torre da Vigia de Bíblias e Tratados, SP, Cesário Lange, 1972.
6. Idem, *Ibidem*, pp. 67-70.
7. Idem, *Ibidem*, pp. 85-6.
8. Dickens, A.G., A Contra-Reforma, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 9-19.
9. Idem, *Ibidem*, pp. 72-8.
10. Idem, *Ibidem*, pp. 79-95.
11. Delumeau, J., A Confissão e o Perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII, SP, Cia das Letras, 1991, p. 13.
12. Neste trabalho utilizei a reedição de 1853, SP, Typ. 2 de Dezembro, Antonio Louzada Antunes.
13. Cf. Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia.
14. Taillepied, N., Traicte de l'apparition des esprits, à scavoir des âmes separees, fantômes, prodiges et accidents merueilleux, Rouen, 1600, In: Delumeau, citado, p. 87.
15. Livro de Atas da Fundação da Irmandade de S. Miguel e Almas de Goiás, Arquivo particular do padre Jamil Nassif, Rio Claro.
16. Vovelle, M. La Mort et l'Occident de 1300 à nous jours, Paris, Gallimard, 1983, p. 469.
17. Tavenaux, *op.cit.* pp. 65-7.
18. Tavenaux, *op.cit.* pp. 68-9.
19. Ewbank, T. Viagem pelo Brasil, SP, Edusp/INL, 1976, p. 58
20. Tavenaux, *op.cit.* p. 76.
21. "A Liberdade de Cultos: representação à Assembléia Geral Legislativa pelo Bispo do Pará". RJ, Typ. de G. Leuzinger, 1888).
22. Cuiabá, Oficina Siqueira, 1901.
23. RJ, Typ. Martins Araújo, 1915.
24. Boff, L. Vida para Além da Morte, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 19.
25. Boff, L. Vida para Além da Morte, Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 35-7.
26. Libânio, J.B. "Conceito Cristão da Morte" in Morte e Suicídio: uma abordagem interdisciplinar, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 80.
27. Libânio, J.B. *op.cit.* p. 88.
28. D'Assumpção, E.A. "Vida após a morte: Uma visão dentro da perspectiva católica", in Morte e Suicídio, p. 100.
29. D'Assumpção, *op. cit.* p. 101.
30. D'Assumpção, *op. cit.* p. 102.
31. D'Assumpção, *op. cit.* p. 104.

CAPÍTULO 5

UM NOVO MUNDO DOS ESPÍRITOS

"Os Espíritos estão por toda parte, povoam ao infinito os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-os e atuando sobre vós, sem o saberdes, porque os Espíritos são uma das forças da Natureza, e os instrumentos de que Deus se serve para o cumprimento de seus designios providenciais." (Le Premier Livre des Esprits par Allan Kardec publié le 18 avril 1857 à Paris.). (1).

UM SENTIMENTO E A CONSTRUÇÃO DA DOUTRINA

Durante o século XIX, no ocidente, o conhecimento científico tornou-se o crivo obrigatório da sociedade. As grandes descobertas da ciência, da técnica, do progresso, da racionalização, deslumbravam e mostravam possibilidades ilimitadas para o "gênio" humano. Pesquisar os limites antes reservados para as verdades religiosas, passou a tornar-se corriqueiro. Deus, a Criação, o Bem e o Mal, os fenômenos da natureza, foram sendo dessacralizados nos laboratórios, nas pesquisas "científicas". Frankenstein e o desejo de criar uma criatura que superasse o Criador, refletia bem os anseios de uma época.

A ciência aliou-se com razão, progresso, materialismo, refletindo o lado luminoso da sociedade. A religião não escapou desta revisão crítica, de uma releitura diante de novos valores e constatações. Afinal, a própria ciência foi guindada a uma posição sacralizada e "religiosa", julgando a sociedade, ações, sensibilidades. As certezas racionais da ciência do século XIX, afirmaram a instrução, o darwinismo social, a modernização, e foram as bandeiras sob as quais abrigaram-se os

mais diferentes segmentos da sociedade. O avanço do evangelho simples da razão e da ciência teve, como contrapartida, um recuo da religião tradicional, pelo menos nos centros mais urbanizados e intelectualizados da sociedade ocidental.

A história ampliou seus limites no tempo e no espaço: a antiguidade remota, as descobertas arqueológicas revelaram um passado longínquo cada vez mais acessível ao conhecimento contemporâneo, abriram a possibilidade de um retorno às "origens históricas" da Humanidade. A expansão colonial ocidental pelo mundo trouxe novos contatos com povos, épocas e culturas diferentes. Expedições que iam ao Egito, Tibete, Oriente Próximo e Extremo Oriente, Pólo Norte e Sul, Polinésia, América do Sul, o continente africano, avançaram levando militares, comerciantes, missionários, cientistas, arqueólogos, criadores, linguistas, antropólogos.

O conhecimento científico e a redescoberta das culturas antigas, mitológicas e "exóticas" marcaram, principalmente após a segunda metade do século XIX, o surgimento de novas formas religiosas como o Espiritismo, os diversos movimentos espiritualistas, a psicanálise de Freud e Jung e uma área de conhecimento específico, a Ciência das Religiões ou História das Religiões. Este conhecimento ampliado permitiu a entrada de conceitos Filosófico-religiosos alheios à tradição judaico-cristã ocidental. Este revivalismo religioso e espiritual do século XIX também comportou uma retomada do Cristianismo em suas diversas facetas, tanto radicais como conservadoras.

O desconhecido, incompreensível, sobrenatural, tornaram-se populares e, em alguns casos, viraram modismo de salão e espetáculos circenses. A voga do ocultismo, magia, parapsicologia, espiritismo, espiritualismo, hipnotismo, homeopatia, de várias versões do misticismo e da religiosidade oriental, ganhou espaço na sociedade, inclusive nos meios científicos e intelectuais. Mas foi a morte e os contatos com os mortos um marco importante para o pensamento religioso contemporâneo, uma necromancia revisitada à luz da razão, da ciência, da filosofia e da crença religiosa. (2).

Da segunda metade do século XIX em diante, duas vozes contrastantes alimentam uma polêmica recíproca: a causa da ciência e da natureza em nome de uma religiosidade exclusivamente secular; contra essa extrema secularização levantam-se os direitos irrevogáveis da consciência, a deficiência insanável da razão e o poder sobre-humano do mistério.

A crise religiosa revelada desta época manifestou-se contra a oficialidade de todas as formas de tradição, de todas as figuras histórica e espiritualmente gastas, vazias, sem criatividade ou inventividade. Esta crise revelada com veemência apontou a necessidade de uma nova religião, de uma religiosidade espiritualmente mais adequada, uma nova utopia sob o signo da salvação.

O pensamento naturalista seguiu o caminho das novas conquistas da ciência e da epistemologia, com o alargamento da doutrina do conhecimento sobre qualquer aspecto ou problema do Universo. Mas a forte recuperação da consciência religiosa, cristã ou não, instituiu uma polêmica sem paralelos, na forma de contrastes e de redescobertas. Um abundante discurso espiritual destinava-se a tentar integrar ciência e fé, Ocidente e Oriente. De um lado, um neo-evangelismo que augurava um Cristianismo universal nas bases da tolerância, fraternidade e paz. De outro, o retornar de um ideal humanista ocidental buscando reforço nas antigas doutrinas da Verdade Universal, na sabedoria de religiões extra-cristãs. Profetas modernos, espiritualistas científicos, espalharam o germen da nova espiritualidade.

OS PRECUSORES DO SÉCULO XVIII

Para a maioria dos historiadores voltados para este assunto, as origens do moderno Espiritualismo e do Espiritismo encontram-se no século XVIII e fortemente ligadas às figuras dos visionários e importantes intelectuais e cientistas de sua época *Emmanuel Swedenborg* e *Kaspar Lavater*.

Emanuel Swedenborg nasceu em Estocolmo à 29 de janeiro de 1688, filho de um pastor luterano e professor de teologia na Universidade *Upsala*. Foi criado numa atmosfera religiosa teve, simultaneamente, uma educação clássica esmeradíssima, aprofundando-se em ciências físicas e matemáticas, num período em que a "moderna ciência" instalava uma concepção mecanicista do cosmos, base da geração da futura ciência moderna. Os trabalhos e estudos que desenvolvidos na sua juventude indicam uma forte influência das idéias neo-platônicas e da tradição gnóstica que sobreviviam em alguns centros universitários e intelectuais. (3). Aos 25 anos, em 1716, tornou-se Assessor do Colégio Real de Minas onde permaneceu até 1747, embora tenha continuado a viajar, especialmente pela Inglaterra e Holanda.

O ano de 1745 foi uma reviravolta na vida de *Swedenborg*. Embora seus biógrafos afirmem que, desde criança, ele era dotado de certas características psíquicas peculiares, neste ano teve uma experiência insólita. Durante uma de suas inúmeras viagens, *Swedenborg* encontrava-se sozinho e à noite, jantando numa hospedaria, quando, saído das sombras, um tipo estranho e espectral apareceu e dirigiu-lhe a palavra anunciando que havia chegado o momento de uma Nova Revelação de Deus para os homens e que ele, *Swedenborg*, seria o novo mensageiro. Deste período em diante, mergulhou em experiências cotidianas de viagens em outros planos e dimensões espirituais, conversando com espíritos, visitando os mundos do Além, conhecendo o que acontecia após a morte. Depois destas experiências, construiu uma nova doutrina sobre a morte e o destino espiritual dos mortos:

"Devo, pois, de antemão manifestar que pela divina misericórdia do Senhor, foi-me permitido, desde há muitos anos, estar constantemente em companhia de anjos e espíritos, ouvi-los falar e falar com eles. Deste modo foi-me permitido ver e ouvir coisas maravilhosas na outra vida, as quais nunca antes chegaram a conhecimento de homem algum, nem nunca passaram pela mente humana. Fui informado a respeito de diferentes classes de espíritos, os estados da alma após a morte; o inferno, ou seja, o estado lamentável dos infiéis; o céu, ou seja, o estado bem-aventurado dos fiéis, e, especialmente, a respeito da doutrina da fé universalmente reconhecida no néu, de cujas coisas, mediante a Divina Misericórdia do Senhor, mais se dirá no que se segue." (4).

Segundo *Swedenborg*, o mundo espiritual era formado por esferas diferente, para onde os espíritos iam de acordo com a luminosidade e a espiritualidade da sua condição no momento da morte. O resultado da sua condição após a morte era uma decorrência da totalidade dos atos de sua vida, da globalidade da vida humana, não adiantando o arrependimento de último momento.

Depois da morte do corpo físico, os estados do mundo interior da criatura manifestavam-se exteriormente, correspondendo a formas que refletiam o Céu, o Inferno ou os estágios intermediários de acordo com a sua vida. No Além, os espíritos podiam comunicar-se uns com os outros, numa mesma região espacial ou em condição espiritual semelhante. A existência do corpo físico limitava o fenômeno espiritual mas, em certas condições especiais, esta barreira podia ser rompida e a comunicação entre as dimensões dos homens e dos espíritos, possível.

A morte era um acontecimento suave, com seres espirituais ajudando os recém chegados na nova dimensão. Depois de um breve e variado período de repouso inconsciente, imediatamente após a morte, o espírito ia despertando lentamente, sem perder a posse dos sentimentos, dos afetos, da memória, dos pensamentos. Em suma, só se desfazia da parte material de sua existência.

Com a morte ocorria uma mudança de mundos, de dimensões. Seguindo esta linha de raciocínio, após a morte, o homem conservava a figura humana, que ia se modificando aos poucos, de acordo com o aperfeiçoamento espiritual, perdendo a forma material e ganhando aspecto etéreo. (5).

A aparência espiritual refletia a condição dos sentimentos e consciência da vida. A imagem espiritual podia ser de uma beleza indescritível proporcional ao grau de amor a Deus, à semelhança dos anjos, ou máscaras grotescas e repulsivas representando a perversidade, a hipocrisia e o desconhecimento das vontades divinas. Para *Swedenborg*, os anjos eram almas mais evoluídas e espiritualizadas enquanto os demônios, os seres humanos espiritualmente atrasados.

O mundo dos espíritos não era nem o Céu nem o Inferno, mas uma dimensão intermediária entre os dois, onde se chegava após a morte e aconteciam os contatos com outros mortos, inclusive os amigos e conhecidos. Neste estágio intermediário, de acordo com a sua vida terrena, o espírito preparava-se para o Céu ou as profundezas do Inferno, transformando-se em anjo ou demônio. O mundo dos espíritos era a região dos mortos após a morte, enquanto o mundo espiritual incluía o Céu e o Inferno. (6). A permanência no mundo dos espíritos variava: podia ser de minutos, horas, semanas, porém nunca ultrapassava os trinta anos. O tempo de permanência dependia das correspondências entre corpo e a alma de cada espírito. (7).

As descrições da cartografia do mundo dos espíritos prosseguiram com um grande detalhamento: o Céu estava acima, fechado e só podia ser alcançado por uma passagem estreita fortemente protegida; o Inferno também estava fechado e suas fendas vigiadas para que nada escapasse; o mundo dos espíritos, formado por montanhas e vales, comportava passagens para o mundo celestial, só vistas pelos que estavam preparados. No inferno, encontram-se cavernas tenebrosas e profundas, fétidas e pestilentas como a perversidade em vida daqueles que agora lá estavam. (8). O Outro Mundo compunha-se por esferas, representando o grau de luminosidade e felicidade para onde os mortos iriam, conforme sua condição espiritual.

De acordo com a vontade divina, a palavra morte significava ressurreição e continuação da vida em outro mundo. A morte física era um fenômeno suave, ajudada por seres celestiais. Após o desencarne, passava-se por um período de repouso e, progressivamente, a recuperação da consciência. De modo algum ocorriam mudanças na personalidade e o homem levava consigo hábitos mentais, preocupações e preconceitos. A morte do corpo físico relacionava-se com a comunicação entre matéria e espírito:

"Existe uma profunda comunicação do espírito com a respiração dos pulmões e com as batidas do coração e há uma íntima comunhão entre o pensamento do espírito e a respiração, cuja correspondência é o amor radicado no coração. Em consequência, quando estes dois movimentos cessam, há uma separação imediata do espírito. Estes dois movimentos, quer dizer, a respiração e as batidas do coração, são os verdadeiros limites em que o espírito abandona a si mesmo. E o corpo, privado da vida de seu espírito, começa a esfriar e apodrecer. (...).

Depois da separação física, o espírito do homem continua no corpo por um breve lapso de tempo, até cessar completamente os movimentos do coração. Isto tem lugar

no momento em que os pulmões deixam de introduzir ar e varia de acordo com a enfermidade que ocasiona a morte.

Tão logo como pára o coração, o homem ressucita em outro mundo, porém isto é obra exclusiva do Senhor. Ressurreição significa separação do corpo e do espírito e a entrada deste no mundo espiritual." (9).

Após esta etapa e de acordo com a vontade divina, o espírito começava a ser submetido ao julgamento particular, num processo vivenciado internamente, de acordo com as estruturas de seus afetos, pensamentos e o estado da alma. Já no momento da morte, anjos celestiais rodeavam o moribundo e compartilhavam os pensamentos do agonizante, uma marca do final da existência física. O espírito do morto permanecia ligado aos seus últimos pensamentos. A sua chegada ao mundo dos espíritos era seguida pelos anjos portadores da luz, que ressuscitavam o falecido para a vida espiritual. A ressurreição significava uma superação das condições materiais da existência encarnada: os que morriam decrepitos, doentes ou deformados, recuperavam a mocidade e, gradativamente, o vigor. Não existiam penas eternas: os que estavam na situação infernal podiam trabalhar para a recuperação espiritual.

Na revelação de *Swedenborg*, o Juízo Final aconteceria no plano espiritual e resultaria na criação de uma Nova Igreja adorando exclusivamente a Deus. De acordo com esta Nova Revelação, o Juízo Final já aconteceu no mundo espiritual no ano de 1757, formando-se um novo Céu de Cristãos, daqueles que admitiam Deus como único Senhor do Céu e da Terra e dos arrependidos das más ações enquanto viviam no mundo:

"V.1. Aparição do novo Céu, que o Senhor formou com os cristãos e que se chama céu cristão. Neste Céu estão os que no mundo adoravam ao Senhor, vivendo segundo seus preceitos no Verbo e achando-se por isso em amor e fé. Também estão ali todos os cristãos que morreram quando crianças. Este céu se formou ao desaparecer, no dia do Juízo Final - depois de separados e salvos os que estavam inscritos no livro da vida do Senhor - todos os céus (falsos) não formados pelo Senhor, mas por certos cristãos, à medida que entravam no mundo espiritual, desaparecendo com eles também a região extrema que era a aglomeração de cristãos em geral mortos desde o princípio da Igreja. (...).

V.11. O estado de todos após a morte, de cada um em particular depois de sua morte e antes de seu juízo particular, e de todos em geral antes do Juízo Final, a saber, que os que se acham no mal são despojados de seus bens, e aqueles que se acham no falso são despojados de suas verdades e vice-versa: os que se acham no bem são libertados de seus males, e os que se acham na verdade são libertados de suas falsidades. (...).

V. 14. Terão felicidade eterna aqueles que vivem segundo os preceitos do Senhor, com a finalidade de estar n'Ele e a Ele neles unidos pelo seu Amor e em sua Nova Igreja mediante os conhecimentos d'Ele. " (10).

A vida Eterna concretizara-se, pois o grande Julgamento já acontecera, um novo Céu se abria, junto com a Nova Revelação e a Nova Igreja, a Nova Jerusalém que descera dos Céus.

Foi principalmente na divisão em três partes do Mundo Invisível, sobretudo no espaço chamado por *Swedenborg* de Mundo dos Espíritos, habitado pela maior parte das almas dos mortos, consensando todas as características de suas personalidades humanas, movendo-se em um meio construído por seus pensamentos, seus impulsos e projeções de imagens mentais, onde encontramos

uma concepção de Além muito semelhante aquela desenvolvida pelos espíritas do século XIX, acrescida de detalhes ausentes do pensamento swedenborguiano, sobretudo a reencarnação e a idéia de Karma.

O outro grande indicador desta corrente anterior ao surto espírita do século XIX foi *Kaspar Lavater* (1741-1801), um pastor calvinista de Zurique, ligado ao movimento místico pietista de *Jacob Boehme*. (11). Teólogo e filósofo, desenvolveu, ainda no século XVIII, estudos e teorias fisignomonistas, além de uma série de trabalhos sobre o mecanismo da concepção e a condição da alma. Entre 1798 e 1800, sendo uma pessoa bastante conhecida na Europa, manteve uma correspondência com a Imperatriz Maria da Rússia, quando apresentou não somente as suas concepções sobre a alma após a morte e a vida espiritual, como também possibilidade de comunicação objetiva entre os diferentes planos material e espiritual, entre mortos e vivos.

Segundo certos princípios gerais por ele estabelecidos, a alma, após deixar o corpo, conservava as características boas ou más de sua personalidade:

"Penso que o mundo visível deve ser perfeitamente penetrável para a alma separada do corpo, assim como o é durante o sono, ou por outra, o mundo em que a alma estava durante sua existência corpórea, deve aparecer-lhe sob outro aspecto, quando ela se desmaterializa. Se, durante algum tempo, a alma pudesse estar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Se, porém, imediatamente depois de haver deixado o corpo, ela se reveste de um corpo espiritual, extraído do seu corpo material, o novo corpo dar-lhe-á, forçosamente, uma diferente percepção das coisas. (...).

A alma aperfeiçoa em sua existência material a qualidade do corpo espiritual, veículo este com que continuará a existir depois da morte do corpo material, e pelo qual conceberá, sentirá e obrará em sua nova existência. (...).

Cada alma separada do seu corpo, livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como é na realidade.

Todas as ilusões, todas as seduções que a impediam de ver e reconhecer suas forças, suas fraquezas ou suas faltas, desaparecerão neste novo estado. Assim ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhes são dessemelhantes. Seu peso intrínseco, como que obedecendo à lei da gravitação, atrai-la-á aos abismos insondáveis (ao menos assim lhe parece), ou, segundo seu grau de força, lançá-la-á, qual chispa pela sua ligeireza, aos ares, e ela passará rapidamente, às regiões luminosas, fluidicas, etéreas." (12).

A existência espiritual após a morte não significava, para *Lavater*, a impossibilidade de contatos entre mortos e vivos. Assim sendo, ele encaminhou à Imperatriz, cartas ditadas por um morto esclarecendo sobre a vida do Espírito:

" - Carta de um defunto a seu amigo, habitante da Terra, sobre o estado dos Espíritos desencarnados. Foi afinal permitido, querido amigo, satisfazer, ainda que só em parte, o desejo que eu tinha e também partilhavas, de comunicar-te alguma coisa sobre o meu estado atual.

(...).

Respondemos aos seus pensamentos, porém eles ignoram que somos nós que estamos falando. Sopramos idéias que, sem o nosso concurso, eles não poderiam conceber, embora lhes fossem inatas a disposição e a aptidão para recebê-las.

O homem digno de receber a luz torna-se deste modo um instrumento útil para o Espírito simpático que a deseja comunicar.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual pude me aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti. Sem sua mediação seria impossível entender-me contigo verbalmente, palpavelmente, ou mesmo por escrito. (...).

Pouso sobre a fronte dele, da mesma forma que o mais divino de todos os Espíritos pousou sobre a fronte do mais divino de todos os homens, no ato de seu batismo, suscito idéias e ele as descreve sob a minha direção, por efeito da minha irradiação. Por ligeiros toques, faço vibrar as cordas de sua alma, de um modo conforme com a sua individualidade e a minha. (...)." (13).

O estabelecimento de vínculos entre mortos e vivos, as influências exercidas pelos Espíritos entre os vivos revelavam instruções, pensamentos e conhecimentos que esclareciam o homem sobre a sua existência pós-morte. Mostravam relações constantes entre o mundo espiritual e o material, o visível e o invisível, vivos e mortos. A natureza destas relações dependia do grau de aprimoramento moral e espiritual tanto dos homens como dos espíritos. (14).

Estes dois pensadores, *Swedenborg e Lavater*, fizeram parte de um movimento onde as representações do Além ganharam uma extrema antropomorfização, fora do espaço do Catolicismo. Ampliavam-se os limites das crenças e doutrinas que transferiam as afeições terrestres para após a morte apresentando as possibilidades de conhecimento da existência após a morte bem como das comunicações constantes entre as duas dimensões, as reuniões felizes entre vivos e mortos, superando a barreira de medos e incertezas que cercavam o destino mortal, numa revolução sentimental e psicológica que marcou o século XIX. (15).

Embora estes dois personagens sejam marcos de uma mudança iniciada no século XVIII, existiam, também nesta época Sociedades espiritualistas e teosóficas dedicadas ao estudo das manifestações dos mortos, porém reservando-se um aspecto de mistério, ocultismo e magia, ao contrário da publicização destes fenômenos durante os séculos XIX e XX.

Era o "Mundo dos Espíritos" diante dos crédulos e incrédulos, pessoas comuns e intelectuais, artistas e cientistas, para ser construído, investigado, contestado ou transformar-se em uma expressão religiosa que, do século XIX penetrou o XX com grande intensidade a atualidade.

AS COMUNICAÇÕES ENTRE VIVOS E MORTOS

Na segunda metade do século XIX, organizou-se um movimento espiritual, filosófico e científico centrado na relação com a morte, no contato sistemático e regular com os mortos, nas manifestações conscientes dos espíritos e nos ensinamentos por eles transmitidos. Esse movimento incorporou a doutrina da reencarnação e do *Karma* na sua concepção de imortalidade da alma.

Embora a prática de invocar os mortos, de tentar contactar as almas, seja um aspecto imemorial das sociedades humanas e um campo do pensamento religioso, na segunda metade do século XIX, um influxo novo, de acordo com os princípios da ciência positiva, da filosofia secularizada, do materialismo político e racional, invadiu este domínio, antes exclusivo da religião.

Estamos falando do surgimento e organização do movimento espírita que tentará, ao longo de sua história, agora já sesquicentenária, colocar e alicerçar a crença na imortalidade da alma, a sobrevivência da personalidade após o fenômeno da morte, a reencarnação e a lei de ação e reação, o *Karma* das doutrinas orientais, os contatos entre mortos e vivos, os fenômenos sobrenaturais, de forma constante, sistemática e racional.

O movimento espírita colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época, num século que aboliu os preconceitos e perseguições religiosas e teve na ciência um avanço intelectual, um aliado valioso. Este movimento aplicou a ciência nas comunicações com os mortos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade mas, também, combateu o materialismo simplista e lançou bases para pensar as verdades religiosas, antes dominadas pelo dogmatismo da religião tradicional. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma, uma fé racional encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática para, alguns anos mais tarde, transformar-se em um movimento religioso e filosófico específico. Uma ciência que virou religião e uma religião que virou ciência:

"Desde que o homem existe sobre a Terra, existem os Espíritos, e, desde então, também, os Espíritos se manifestaram aos homens. A história e a tradição formigam de provas a esse respeito; mas seja porque uns não compreendessem os fenômenos dessas manifestações, seja por que outros não ousassem divulgá-las, de medo da prisão ou da fogueira, seja que estes fatos fossem levados à conta de superstição ou charlatanismo pelas pessoas muito prevenidas, ou que tinham interesse em que não se fizesse a luz, seja, enfim, porque fossem levados à conta do demônio por uma outra classe de interesses, é certo que, até estes últimos tempos, esses fenômenos, embora bem constatados, não tinham sido explicados de modo satisfatório, ou que, pelo menos, a verdadeira teoria, não tinha penetrado no domínio público, provavelmente porque a Humanidade ainda não estava madura para isto, como para muitas coisas maravilhosas que se cumprem em nossos dias. Estava reservado a nossa época ver eclodir, no mesmo meio século, o vapor, a eletricidade, o magnetismo animal, que eu entendo pelo menos, como ciências aplicadas e, enfim, o Espiritismo, o mais maravilhoso de todos, quer dizer, não só a constatação material da nossa existência imaterial e da nossa imortalidade, mas ainda o estabelecimento de relações materiais, por assim dizer, constantes entre o mundo invisível e nós." ("Carta sobre a incredulidade", in *Revue Spirit Journal d'Etudes Psychologiques*, Anné 4, Février - 1861, n. 2.) (16).

Outra característica do movimento espírita foi o papel relevante dado às comunicações com os mortos. Pela primeira vez, um movimento científico, filosófico, e posteriormente religioso, dizia-se inspirado pelos Espíritos e não por seres vivos. Não mais profetas, Messias ou sacerdotes falando da morte ou da imortalidade, mas os próprios mortos vinham dizer da sobrevivência espiritual, falar do Além, lançar suas mensagens, sem os limites ditados, por exemplo, pela Igreja. E como contestar aquilo que era dito não pelos vivos nem pelos livres, mas pelos mortos? Um acontecimento inédito na história das crenças religiosas sobre a morte e a imortalidade da alma. (17).

Os ensinamentos espirituais transformaram-se em objetos de intensos debates, rigorosas análises e reflexões acuradas. Perguntas e respostas entre as duas dimensões, materiais e espirituais, eram cuidadosamente submetidas ao crivo racional, lógico e científico. Estimulava-se o espírito crítico, a avaliação detalhada das mensagens dos mortos. Não aceitava-se nada sem contestação, ao contrário dos dogmas das religiões institucionais. O movimento espírita propunha uma inovação

doutrinária, a partir da observação e raciocínio positivo. Nenhuma afirmação ou doutrina deveria ser aceita sem a devida verificação.

E quem eram estes espíritos tão falantes? Os espíritos dos mortos, seres humanos despojados de seu corpo físico, mas com suas personalidades, conhecimentos profundos ou vulgares, sentimentos bons ou maus, almas envoltas em um veículo etéreo, sutil, continuando a existir após a morte e conservando o poder de se manifestar aos vivos:

"A alma é um espírito encarnado num corpo que o envolve.

Existem no homem três coisas: 1) O corpo ou ser material análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado dentro do corpo; 3) O liame que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o espírito.

O homem tem assim, duas naturezas: pelo seu corpo ele participa da natureza animal donde provém os instintos; pela sua alma ele participa da natureza dos espíritos." (18).

A metafísica e teologia desenvolvidas pela doutrina espírita apresentou-se de forma original baseada em fatos tangíveis, os chamados "fenômenos sobrenaturais": ruídos e barulhos sem causa aparente mas que se repetiam com regularidade intencional, mesas que levantavam, batiam ou giravam, materializações de formas e objetos, aparições, escritas automáticas através das quais aconteciam as comunicações entre mortos e vivos. Uma nova relação entre o mundo dos vivos e dos mortos. A possibilidade de levantar barreiras sobrenaturais levaram o Espiritismo a morte e a vida após a morte. (19).

De acordo com a interpretação espírita, os desencarnados, não eram puros de espírito. Sua presença sentida, pressentida em certos casos, podia impressionar chapas fotográficas, marcar moldes de cera e gesso dentro de caixas lacradas, erguer, transportar, materializar e desmaterializar objetos em compartimentos fechados, tocar instrumentos musicais, produzir odores agradáveis ou apresentar-se numa identidade visível à semelhança do corpo de sua existência material. Falavam através de pessoas sensíveis, batiam ou movia objetos em resposta à perguntas determinadas.

As representações da sobrevivência espiritual dos desencarnados em formas fluidas, diáfanas, etéreas formavam imagens românticas. Expressavam uma particularidade da época na qual materialidade e fluidez podiam ser representadas e explicadas em associação com a energia e luz elétricas. Esta era a magia dos espetáculos da feérica *Loiue Fuller*, encantadora bailarina dos teatros da *Belle Époque* com seus espetáculos de dança, jogos de luz e sombra, que lhe conferiam um aspecto mágico e sobrenatural.

Estes contatos regulares entre vivos e mortos tinham como objetivo central trazer as "revelações" dos Espíritos sobre a morte, a vida após a morte e a questão do aprimoramento espiritual. Novas imagens do Céu, Inferno, das penas espirituais compunham um outro imaginário religioso, bem diferente do tradicional da religião cristã, acenando com novas promessas de salvação e esperança, livres das condenações eternas pesadas nas consciências, carregadas de culpas e atitudes.

As separações entre mortos e vivos atenuaram-se. O macabro e fantasmagórico que povoavam a literatura, a imaginação e as esperanças religiosas deste período transformaram-se na constatação da presença dos desencarnados, dos mortos entre os vivos, pela transferência para o Além das exigências sentimentais e afetivas da vida material e também das situações espirituais e emocionais da existência humana. Alguns contos de Edgar Poe pareciam antecipar e pressentir este

surto espiritualista em torno dos espíritos desencarnados que assomaria, primeiramente, os Estados Unidos até se espalhar pela Europa em meados do século XIX.

A região dos Espíritos, o Outro Lado, as "Vozes do Além" emergiram com uma solene sabedoria. Novas formas e possibilidades de conhecimento foram reveladas, através de um canal diferente de comunicações e ensinamentos. Podia-se aprender, de agora em diante, não somente nas salas de aula, laboratórios, igrejas, através de livros, mas, diretamente, dos próprios mortos, em pleno século da razão e do cientificismo. Relatos consoladores, histórias verdadeiras ou romanceadas caminhavam, par a par, com as experiências científicas, construções de doutrinas filosóficas e religiosas, ensinamentos éticos e morais, além do estudo de outras religiões, sobretudo antigas e orientais.

O movimento espírita incentivava o estudo, a aquisição de conhecimentos, o aprimoramento intelectual e moral, em suma, a transformação do próprio homem. A educação passou a ser um fator benéfico na compreensão de mensagens mais profundas, de ensinamentos mais elevados, que viriam mudar homens e a sociedade, tornando-a mais justa e igualitária. Sob este ponto de vista, o movimento espírita estava junto com todas as propostas sociais não revolucionárias de transformação dos homens e da sociedade. O anti-clericalismo, o anti-institucionalismo, o livre-pensamento, o papel preponderante dado à instrução de homens e mulheres de qualquer classe social, uma visão regeneradora da sociedade através de novos valores éticos e morais, a derrubada de barreiras que separavam sexos, classes, raças, credos, apareciam em diferentes níveis. O Espiritismo fez parte deste movimento, mas combatendo o materialismo. Defendendo ideais de compreensão e entendimento entre todos os homens, os espíritas aliaram-se na difusão do Esperanto, "a língua internacional por meio da qual se pudessem entender os homens de todos os países e povos", para o bem da Humanidade, criada no início do século pelo filólogo polonês *L.L. Zamenhof*.

A morte parecia não mais arrebatara as pessoas. Os entes queridos e os afetos prolongavam-se nos contatos promovidos pelos médiuns, pessoas dotadas de uma capacidade especial para servirem de meio ou veículo nas manifestações espirituais. O sentimento de ultrapassar a morte, de poder conhecer, o que de fato se passava após a morte, a espera das reuniões no Além, a certeza da imortalidade da alma, pareciam orientar a busca destas novas formas religiosas. O Espiritismo revelava-se a mais ampla e difundida, prolongando-se em ciências agnósticas dos fenômenos espirituais, sem preocupações escatológicas ou de exploração religiosa, à maneira da moderna Parapsicologia.

Explorar a morte e o mundo dos espíritos transformava-se numa maneira de abordar o insondável, de alcançar uma compreensão mística com a eternidade, uma comunhão com o Infinito Cósmico, com a Natureza Universal e Eterna, apoiada na Razão Científica e no empirismo do século XIX.

A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO

Tradicionalmente, os fenômenos observados no ano de 1847, em *Hydesville* nos Estados Unidos forma considerados como a gênese do Espiritismo, que ganharia a expressão filosófico-doutrinária na França alguns anos depois. Em uma granja nesta cidade do Estado de Nova York, a família metodista dos Fox, os pais e suas filhas Margareth e Katie (de, respectivamente, 12 e 15 anos), passaram por uma série de acontecimentos insólitos: objetos movendo-se espontaneamente, golpes e pancadas sobre os móveis e as paredes sem nenhum tipo de interferência física. As duas meninas começaram a perceber que os golpes não eram dados aleatoriamente, sendo, inclusive,

possível estabelecer um contato inteligível com os espíritos produtores dos sons, através de um código associando o número de pancadas com as letras do alfabeto.

A notícia do acontecimento espalhou-se pela região e, rapidamente, para o resto do país de forma prodigiosa. As irmãs Fox tornaram-se conhecidas. Em 14 de novembro de 1849, foi realizada no Corinthian Hall, a primeira grande reunião dos novos espíritas. Suscitando conversões e violentos adversários, o movimento continuou a sua propagação espalhando-se para o outro lado do Atlântico, onde iria tomar a forma de doutrina filosófica-científica.

Como curiosidade e passatempo de salão, surgiram as reuniões em torno de mesas girantes. Em seguida, a escrita com um lápis preso numa cesta e, posteriormente, através da mão dos médiuns. Estas manifestações foram alvo de comentários, porém nada levava a crer que fossem ser mais acuradamente estudadas pela ciência ou intelectuais.

Neste mesmo período várias pessoas estudavam os fenômenos, dedicando-se a sua divulgação. Nos Estados Unidos, *Andrew Jackson Davis*, em transe inconscientes ditava obras inspiradas pelos espíritos dos mortos, particularmente, Galeno e Swedenborg. Uma destas obras, publicada em 1847, *Os Princípios da Natureza*, fez grande sucesso entre intelectuais como *Arthur Conan Doyle* e *Edgard Allan Poe* contando com dezenas de edições. Baseado nas visões do Além que teve, sobretudo do lugar chamado *Summerland* para educação infantil, *Jackson* tentou concretizá-lo no plano terrestre. Para tanto, fundou em 1863 o Liceu Espiritista, em Dodsworth Hall, NY, num movimento com ramificações pelos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra. (20).

O Espiritismo americano teve centenas de médiuns, teóricos, estudiosos, milhares de simpatizantes e adeptos. Personagens como o médium *Daniel Douglas Home*, em 1850, o juiz e ex-senador *John W. Edmonds*, que junto com o Governador *Nathaniel Tallmadge* e o cirurgião *George Dexter* publicaram, em 1853, um livro sobre doutrinas e teorias baseadas nos fenômenos espíritas, nos contatos entre mortos e vivos, nas revelações sobre o além-túmulo.

O movimento espírita nos Estados Unidos floresceu rapidamente, sofrendo uma curiosa integração com o protestantismo dos diferentes grupos e seitas, por meio de um forte enfoque educacional, diversas publicações, centros e grupos de estudo. Deste movimentação originaram-se as Igrejas Espiritualistas, seminários espiritualistas que formavam médiuns profissionais, futuros chefes destas Igrejas, nos quais estudava-se reencarnação, anatomia e fisiologia ocultas, oratória, ritual e liturgia, história do espiritualismo, mediunidade, estrutura e história bíblica, fenômenos psíquicos, administração e metafísica nos negócios.

Toda esta formação e atuação dava-se como nas Igrejas evangélicas, mediante pagamento, e a comunidade encarregava-se da manutenção das Igrejas, dos médiuns e dos líderes espiritualistas. Não houve lá a penetração da doutrina espírita desenvolvida pelo kardecismo francês. Diga-se, de passagem, que o movimento espírita americano, assim como o inglês, foi muito diferente do francês e do brasileiro.

Outro exemplo daqueles que baseavam suas crenças e teorias em contatos espirituais foi o do magnetizador *Louis Alphonse Cahagnet*. Desde 1840 ele dizia manter contatos com o Além, através de seus pacientes submetidos ao magnetismo. Em 1847 publicou uma volumosa obra espiritual ditada pelos desencarnados, intitulada *Arcanes de la vie futur dévoilés*. Em 1852 fundou uma Sociedade dos Estudantes Swedenborguianos para pesquisar as relações com entes de além-túmulo. Continuou publicando uma vasta obra sobre o tema como *Sanctuaire du Spiritualisme, Lumière des Morts ou Études magnetiques, philosophiques et spiritualistes, Révelations d'outre-tumbe*. (21).

Mas, foi um outro francês, *Hippolyte-Léon Denizart Rivail*, nascido em Lyon a 3 de outubro de 1804, quem deu o corpo teórico filosófico-científico e sistematizou as revelações ditadas pelos Espíritos. Com uma educação acadêmica tradicional, formado no Instituto de Educação do Professor Pestalozzi na Suíça, *Rivail* foi, durante muitos anos um dedicado professor, diretor de Liceu e escritor de livros de ciências e matemática. Preocupado com a investigação pedagógica onde sobrepunha a razão a qualquer forma de afirmativa dogmática, fosse religiosa ou científica, ele defendia o direito de livre exame em qualquer matéria tanto de fé como em outra forma de conhecimento, combatendo a intolerância e o dogmatismo religioso.

Rivail, em 1823, começou a pesquisar e estudar o sonambulismo e o magnetismo, assim como suas aplicações terapêuticas, tornando-se ele mesmo um experiente magnetizador. Por sinal fazia parte da Sociedade de Magnetismo de Paris. Este conhecimento permitiu-lhe, inclusive aquilatar a afinidade ente o magnetismo e as manifestações espíritas, percebendo que todos estes fenômenos obedeciam às mais exóricas leis naturais. Entre os anos 1849-1850, sua atenção voltou-se para os fenômenos espíritas da época, estudados de acordo com seu espírito racional e lealdade científica.

Já em maio de 1855, começou a frequentar sessões espíritas. Os fatos observados entre pessoas sérias, não deixaram margens para dúvidas. Repetindo observações e experiências, concluiu sobre a natureza espiritual e inteligente dos fenômenos. Entreviu a possibilidade de revelação de uma nova lei sobre a condição da Alma após a morte, a condição dos espíritos e a prova definitiva da imortalidade da alma. Nesta época *Rivail* começou a organizar os seus estudos sobre a matéria.

Em 30 de abril de 1856, na casa do Mns. Roustand, a médium Mme. Japhet, após uma comunicação espiritual recebida pelo "Espírito da Verdade", transmitiu-lhe a nova revelação da sua missão em organizar e codificar a doutrina que revolucionaria o pensamento filosófico, religioso e científico, apoiada nas comunicações entre os mortos e os vivos, os encarnados e os desencarnados. (22). Nesta ocasião lhe foi outorgado o nome de origem céltica *Allan Kardec*, equivalente a uma encarnação anterior na época dos druidas, o pseudônimo de toda a sua obra, sendo-lhe atribuída a responsabilidade de sistematizar uma doutrina de esperança, de consolo e de solidariedade universal.

Allan Kardec construiu todo o edifício teórico do Espiritismo moderno baseando-se na massa das comunicações mediúnicas recebidas. Começou a levar para as sessões uma série de perguntas sobre diversos problemas e a estudar as respostas dadas pelos espíritos, com lógica e precisão. Quando verificou a qualidade do material recolhido e as proporções do que tinha em mão, resolveu publicar os ensinamentos, previamente revistos pelos espíritos. Foi a primeira obra espírita, O Livro dos Espíritos, publicado em 18 de abril de 1857, fruto das revelações dos espíritos após observações, comparações e julgadas pelo seu organizador.

Mas antes de proceder à sistematização e a publicação, *Kardec* verificou que os fatos e princípios do Espiritismo estavam em todas as formas de crenças, religiões, em diferentes épocas e regiões. Assim sendo, para *Kardec*, o Espiritismo tinha por base as verdades de todas as religiões, de muitas filosofias e, no século XIX, sustentava-se nas verificações científicas. Seria, portanto, o elemento de ligação entre todas as crenças, a unidade religiosa e livraria a ciência de seu materialismo estéril. Para ele, o Espiritismo funcionaria como elemento principal de progresso moral e intelectual, de unificação social dos homens, povos, sexos, a chave da fraternidade universal.

Simultaneamente, construiu a doutrina e sistematizou as práticas do movimento, com o cuidado e dedicação de um educador, organizando a estrutura que garantiu o sucesso e a expansão da Nova Revelação Espírita. A preocupação em moldar tanto o movimento como uma das implicações mais sérias da divulgação da doutrina e da constituição dos núcleos de estudo disseminados com uma

rapidez surpreendente. Em algumas viagens de pregação doutrinária, *Allan Kardec* sistematizou as formas básicas dos núcleos de divulgação e de estudos das doutrinas espíritas. (23).

Após a publicação em 8 de abril de 1857 do *Le Livre des Esprits*, vieram outras obras famosas: O Livro dos Médiuns (em 1861, relativo à parte experimental e científica da nova doutrina); O Evangelho segundo o Espiritismo (em abril de 1864 com a parte moral da Revelação); O Céu e o Inferno ou A Justiça de Deus segundo o Espiritismo (em 1865, com uma nova interpretação das penas espirituais após a morte); A Gênese, os Milagres e as Predições (em 1868, apresentando as novas leis decorrentes da observação dos fenômenos espíritas). Em 1868 foi fundada a *Revue Spirite* e a *Société Parisienne d'Étude Spirites*. Toda esta organização resultou numa forte expansão do movimento espírita francês inclusive no Brasil, e teve seus continuadores, após a morte de *Kardec* em 1869, em dois outros grandes teóricos: *Léon Denis* e *Gabriel Delanne*.

Para *Kardec*, o Espiritismo atravessaria diversas fases. A primeira delas foi a curiosidade despertada pelas mesas girantes. A segunda comportaria o período filosófico-científico, de codificação e organização da doutrina. O terceiro período seria de luta, e começara com o auto de fé de Barcelona, em 9 de outubro de 1861, quando livros espíritas e a esfígie de *Kardec* foram queimados em praça pública, na última atuação da Inquisição da Igreja. Neste período, o Espiritismo seria atacado de forma violenta pela religião institucional e pelo materialismo. Estes ataques preparariam o quarto período do movimento marcado pela religião. O quinto período ampliaria o movimento, agora filosófico, religioso e científico. O sexto período abriria o século XX com a Renovação Social, conduzindo a Humanidade a uma fase de união, de paz, igualdade e fraternidade.

A DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

Em que consistiu a doutrina espírita proposta por *Allan Kardec* e unanimemente proclamada por todos os seus adeptos? No que diferia dos outros movimentos espiritualistas da mesma época? Quais os pressupostos fundamentais de seus dogmas? O centro doutrinário foi o primeiro esclarecimento apresentado no Livro dos Espíritos, tendo como base Deus causa primeira e constante, a supremacia da existência espiritual e a presença constante e inequívoca dos Espíritos:

"RESUMO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

Os seres que se manifestam designam-se a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou Gênios, e dizem, alguns pelo menos, que viveram como homens na Terra. Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos em poucas palavras os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente responder a certas objeções:

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.

O mundo espírita é mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

O mundo corporal é secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte os devolve à liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral ante as demais.

A alma é um espírito encarnado e o corpo apenas o invólucro.

Há no homem três coisas: 1) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animasi e animado pelo mesmo princípio vital; 2) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3) O laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário ente a matéria e o Espírito. (...).

O laço ou perispírito que une corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição.

O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato." (24).

Na supremacia da existência espiritual, duas noções se sobrepunham para explicar a vida material: a doutrina da evolução espiritual como consequência da lei da ação e reação, *okarma*, e as reencarnações, mecanismos necessários para um aprimoramento, através da purificação dos sofrimentos e dores da vida encarnada para alcançara hierarquias espirituais superiores. (25).

A questão da reencarnação foi um tema que separou o movimento espírita da época, um marco divisor das diferentes tendências espiritualistas então em voga. O espiritismo anglo-saxão desenvolveu-se sem ter a reencarnação e o *Karma* nas suas bases doutrinárias. Porém estes temas foram as bases de outros movimentos espiritualistas como, por exemplo, a Sociedade Teosófica e os Rosacruzes. Mas, o espiritismo Kardequiano tornou-se mais popular, inclusive no Brasil, já na segunda metade do século XIX, a ponto de, atualmente agregar o maior número de espíritas do mundo.

A REENCARNAÇÃO E O KARMA, UMA CRENÇA E UMA POLÊMICA

O Espiritismo não pretendeu ser uma injeção moderna e, sobretudo com relação à reencarnação, encontrou na remota antiguidade os pontos de contato e de referência da doutrina divulgada pelos Espíritos. (26).

Desta forma, a idéia de reencarnação, cara às tradições religiosas orientais, foi renovada dentro do pensamento ocidental. Em realidade, durante o século XIX, na trilha do Romantismo um sentimento reencarnacionista começava a difundir-se pelo Ocidente. Grandes escritores desta época,

Vito Hugo, Lamartine, Flaubert, Gérard de Nerval, Balzac, Shelley, Longfellow, Walt Whitman, Edgar Allan Poe, impregnaram suas obras, romances e poemas, desta atmosfera. Diria Hugo em um poema intitulado Dos destinos da alma:

*"O homem tem sedes que não consegue saciar;
Em seu passado veloz
Outras vidas ele senter reviver,
De sua alma conta os nós.
Busca no fundo de escura gruta
As suas variadas formas,
Seus próprios fantasmas escuta
Falando-lhe por trás de si.
O homem é o único ponto da criação
Onde, para permanecer livre, fazendo-se melhor,
Á alma deve esquecer sua vida anterior.
Repete: morrer é conhecer,
As apalpadelas, a saída buscamos;
Eu era, eu sou e devo ser.
A sombra é uma escada-subamos!"*

Um poema de Longfellow, Chuva de Verão, retomava o mesmo tema falando das transmigrações:

*"Assim, num clara visão, o Mago
Vê, num ronda perpétua
Formas aparecerem e se apagarem,
Passando por estranhos e misteriosos estados,
Do nascimento à morte e da morte ao nascimento,
Até que visões mais sublimes
De coisas até então não vistas
Revele, a seus olhos maravilhados,
O Universo como uma imensa roda,
Girando eternamente,
no rio veloz e tumultuoso do tempo."*

Esta sensibilidade reencarnacionista teve, na segunda metade do século XIX, uma organização filosófica e religiosa no Espiritismo de Allan Kardec, constituindo a doutrina das vidas sucessivas como dogma central. A partir do final do século XIX, os adeptos ocidentais do reencarnacionismo, sobretudo os espíritas e teósofos, inspiraram-se cada vez mais, nas religiões

orientais, no neo-platonismo e em outras crenças religiosas da antiguidade, sobretudo nas doutrinas do *Karma* e dos Renascimentos.

Mas a doutrina oriental do *Karma*, como o efeito do fazer, da lei de ação e reação, estava colocada no pensamento ocidental dentro do próprio conhecimento científico. O par "ação" e "reação" passou a ser de uso corrente como resultado da terceira lei do movimento de Newton; "a toda ação opõem-se sempre uma reação igual". Partindo deste conceito de prestigiada ciência da mecânica e das leis imutáveis e naturais, o conceito estava pronto para espalhar-se por outros domínios, fossem eles políticos, sociais ou religiosos. O Espiritismo reinterpreta o conceito das religiões orientais à luz das leis da ciência ocidental, como uma lei natural e imutável, fonte das penas e sofrimentos que os homens tem durante a vida, não como punições divinas, mas formas de resgatar ações praticadas durante existências anteriores, sofrendo as consequências de suas ações passadas. (27).

Para o Espiritismo, a alma humana voltava à terra sucessivas vezes para aprimorar-se e alcançar progresso espiritual. O conceito de reencarnação, assim como todo o resto da doutrina espírita baseava-se nas idéias de evolução, progresso indefinido e justiça eterna, pois cada um suportava, exclusivamente, as consequências de seus atos materiais e pensamentos. O progresso espiritual efetuava-se através de uma longa cadeia de existências encarnadas, provas e sofrimentos, que contribuíam para o aprimoramento do ser humano:

"Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de que havia saído para reiniciar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo durante a qual permanecerá no estado de espírito errante.

Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos.

A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria um erro acreditar que a alma ou espírito pudesse encarnar num corpo de animal.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição." (28).

A reencarnação simbolizava a justiça divina, a possibilidade de ascensão, através da compreensão da Verdade Existencial e a purificação nas provas encontradas durante diferentes existências encarnadas.

Desta maneira, dentro da concepção evolutiva e progressista apresentada pela doutrina espírita, os ciclos sucessivos de reencarnação permitiam o aprimoramento da alma para chegar às formas espirituais superiores e puras, cumprindo missões cada vez mais adequadas com o grau de aprimoramento cósmico, até alcançar os estágios superiores da espiritualidade, marca absoluta da bondade divina. As existências sucessivas revelavam a face de Deus em sua dimensão consoladora, conforme a justiça mais rigorosa, segundo a qual a cada um seria dada a medida exata de seus atos, oferecendo assim a tábua de salvação da misericórdia divina. (29).

UMA IMAGEM DE DEUS, A NOVA ALIANÇA CRISTÃ

Um outro ponto importante desta doutrina estava na concepção de Deus. Acima de todas as dimensões espirituais encontrava-se um Deus eterno, infinito, todo-poderoso, bom e justo, bastante

semelhante ao Deus Supremo da teologia e metafísica cristãs. Aliás, o Espiritismo definiu-se no âmbito do Cristianismo. O próprio Allan Kardec acreditava que as novas revelações completavam e explicavam a doutrina cristã, de acordo com a razão e a ciência da nova época:

"O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele nos mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil." (30).

O Espiritismo era o Cristianismo no seu aspecto de ensino moral, na prática moral dos ensinamentos evangélicos, fundada numa rigorosa justiça divina que permitia aos homens alcançar a felicidade futura. Mas, o Espiritismo reviu a moral cristã à luz dos ensinamentos dos Espíritos, fundamentando a lei evangélica na relação permanente entre os vivos e os habitantes do mundo invisível.

O Espiritismo apareceu como a nova revelação, na senda de Moisés e Cristo. As instruções dos Espíritos, contudo, vieram falar de uma aliança entre a Ciência e a Religião, as duas alavancas da inteligência humana, a inauguração de uma Nova Era, na qual os ensinamentos de Cristo seriam completados, sobretudo em relação à vida futura. Se no Cristianismo esta era uma questão de fé, com o Espiritismo transformou-se numa realidade material, demonstrada pelos fatos das comunicações espíritas

Assim sendo, o Espiritismo seria o cumprimento da profecia de Cristo sobre o consolador, o Espírito da Verdade (João XIV,15-17,26), esclarecendo aquilo que faltou na pregação anterior, principalmente para o homem conhecer de onde vinha, para onde ia e a verdadeira consolação, fé e esperança, de acordo com a razão e o conhecimento lógico, sem superstições e dogmas inexplicáveis.

A VISÃO ESPÍRITA DA MORTE

A morte aparecia como a separação indolor entre a matéria física, o corpo perecível e mortal e a alma que, no momento da morte voltava a ser Espírito, retornava ao mundo dos Espíritos de onde saíra, temporariamente, levando as lembranças, pensamentos e o resultado, bom ou mal, das ações praticadas durante a sua última existência encarnada. Ficava estabelecida a sobrevivência da personalidade e das qualidades adquiridas em vida, assim como os elos e ligações estabelecidos na existência material. (31).

Passados os primeiros instantes após a morte, progressivamente, o Espírito, ia tomando consciência da sua condição desencarnada e libertando-se dos liames materiais. Este desligamento variava com o grau de apego e consciência espiritual do morto, podendo ser mais ou menos rápido:

"No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; sente-se como atordoada, no mesmo estado de um homem que saísse de um sono profundo e procurasse compreender a situação. A lucidez das

idéias e a memória do passado voltam, à medida que se extingue a influência da matéria e que se dissipa essa espécie de nevoeiro que lhe turva os pensamentos.

A duração da perturbação da após a morte é muito variável: pode ser de algumas horas, como de muitos meses e mesmo de muitos anos. Aqueles em que é menos longa, são os que se identificaram durante a vida com o seu estado futuro, porque então compreendem imediatamente a sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o caráter dos indivíduos e sobretudo de acordo com o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito é surpreendido, espanta-se não acredita que esteja morto e sustenta teimosamente que não morreu. Não obstante, vê o seu corpo, sabe que é dele, mas não compreende que esteja separado. Procura as pessoas de sua afeição, dirige-se a elas e não entende porque não o ouvem. Esta ilusão se mantém até o completo desprendimento do Espírito, e somente então ele reconhece o seu estado e compreende que não faz mais parte do mundo dos vivos." (32).

Na morte, a alma recebia ajuda de Espíritos conhecidos, parentes, amigos e protetores, como podia ver os que já tinham morrido antes dela e também os vivos. O morto reencontrava imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele. (33).

Toda a concepção do Além e da existência após a morte desenvolvida pelos espíritos repousava sobre uma divisão tripartida do ser humano e na existência de uma hierarquia espiritual. Segundo a doutrina espírita, o homem compunha-se de três elementos: o corpo material, sendo um simples invólucro sujeito à degradação após a morte, a alma, o princípio imaterial, intelectual, moral, espiritual que sobrevivia à morte; o periespírito, o "corpo sutil", o fluido vital, a energia pura que animava o corpo, uma forma específica de fluido cósmico universal, o meio pelo qual o princípio imaterial agia sobre a matéria:

"O homem é assim formado de três partes essenciais:

- 1) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;*
- 2) A alma, Espírito encarnado, do qual o corpo é a habitação;*
- 3) O periespírito, princípio intermediário, substância semi-material, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. Tais são num fruto, a semente, a polpa e a casca." (34).*

A definição de alma tinha uma explicação. Na alma simultaneamente o todo Divino e Universal e a parcela Una individual de cada ser humano estavam integrados formando uma personalidade moral, imortal. Isto era o espírito desencarnado que sobrevivia nas diferentes dimensões espirituais. (35).

Resguardadas as diferentes interpretações filosóficas e religiosas do termo "alma", de acordo com suas representações históricas o Espiritismo sistematizou seu aspecto mais importante:

"Pensamos que o mais lógico é tomá-la na sua significação mais vulgar, e por isso chamamos alma ao ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo." (36).

O Espiritismo também reapropriou e utilizou a crença nos Anjos da Guarda ou Protetores espirituais, largamente difundida como uma das expressões mais tradicionais do pensamento religioso. Tendo como ponto de partida o fato de que anjos e demônios faziam parte da hierarquia espiritual, sendo os anjos os Espíritos adiantados e superiores enquanto os demônios situavam-se nas escalas espirituais mais inferiores das emoções e apegos, os Anjos da Guarda ou, na forma espírita, os Espíritos Protetores, adquiriram uma nova perspectiva.

Afiguravam-se como uma forma de proteção espiritual pessoal, menos celestial e mais próxima das dimensões afetivas humanas. A figura dos desencarnados protetores era antropomorfa. Na verdade, o Espiritismo modernizou a imagem do Anjo da Guarda, tirando-lhe as asinhas, a camisola, dando uma aparência mais atual e condizente com os novos tempos. (37).

O Espiritismo também reinterpreto as noções de gozo e pena, relativizando tanto a felicidade como a infelicidade terrenas e espirituais. Na perspectiva de aprimoramento, educação, purificação e evolução dos ciclos reencarnatórios, a crença espírita ofereceu novas esperanças e consolações. Os sofrimentos de qualquer qualidade ou dimensão tornavam-se simples consequências das infrações cometidas pelo indivíduo durante suas existências corpóreas. (38).

A relação com os mortos, a certeza de que a morte não rompia as uniões, os afetos, a individualidade e não representava uma aniquilação mas, pelo contrário, significava a etapa mais importante da existência, foi a contribuição fundamental do Espiritismo na sua rápida expansão e aceitação. Uma expressão religiosa de salvação e de consolação bem ao gosto com as necessidades de uma época:

"A doutrina espírita, pelas provas patentes que nos dá quanto à vida futura, à presença ao nosso redor dos seres aos quais amamos, à continuidade da sua afeição e solicitude, pelas relações que nos permite entreter com eles, nos oferece uma suprema consolação, numadas causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo não há mais abandono. O mais isolado dos homens tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se.

Suportamos impacientemente as atribulações da vida. Elas nos parecem tão intoleráveis que supomos não as poder aguentar. Não obstante, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio às nossas lamentações, haveremos de nos felicitar quando estivermos fora desta prisão terrena, como o paciente que sofria se felicita ao se ver curado, por haver suportado com resignação um tratamento doloroso."(39).

Embora a morte pudesse representar descanso e libertação das penas terrenas, a continuação da individualidade após a morte e da essência moral e mental acabavam por remeter a penas ou recompensas na vida futura e espiritual. As penas e gozos da alma após a morte eram imateriais, aliás como a própria alma, e representavam a impossibilidade de alcançar os seus desejos e apegos no plano material

No plano espiritual, as sensações traduziram-se em idéias e imagens próximas da realidade material, não expressando realmente, o que acontecia. Desta maneira, a experiência espiritual projetava-se em termos de recompensas ou castigos, penas ou gozos, em imagens tais como fogo eterno, paraíso de delícias, reunião no seio de Deus, céu angelical, entre outras. (40).

O CÉU, O INFERNO E O PURGATÓRIO DOS ESPÍRITAS

De acordo com a doutrina espírita, a sorte feliz ou infeliz da alma após a morte, as penas ou gozos futuros, o destino infernal ou celestial eram uma consequência da existência terrena. Negavam a doutrina das penas e expiações eternas, assim como as construções materiais e alegóricas sobre as dimensões espirituais.

O Espiritismo afirmava-se com a idéia de progresso, com a ética do trabalho. Morrer não excluía os homens da obrigação de trabalhar pelo seu aprimoramento espiritual, de cooperar para a transformação e melhoramento dos indivíduos e da sociedade. Homens, mulheres, jovens, idosos, pobres ou ricos, vivos e mortos, todos deviam empenhar-se numa luta pelo progresso espiritual, moral, social, em todos os momentos de sua existência corpórea ou espiritual, sem cessar em nenhum momento. Portanto, não podiam aceitar um post-mortem que não permitisse a ação individual e coletiva na sociedade, compreendida por todos os vivos de qualquer categoria ou gênero, assim como os desencarnados de diferentes níveis espirituais. Os mortos tanto ajudavam como eram ajudados pelos vivos, assim como a recíproca era verdadeira. (41).

Para o Espiritismo, a crença comum que separava mortos e vivos aparecia como a fonte dos males sociais e do medo da morte. A imagem do eterno adeus servia apenas com um terreno de angústias, prenunciando o frio da morte e a perda dos laços que uniam os homens às coisas amadas:

"A crença vulgar coloca, por outro lado, as almas em regiões inacessíveis, com dificuldade ao pensamento, onde elas se tornam de alguma forma, estranhas aos sobreviventes; a própria Igreja coloca, entre elas e os últimos, uma barreira intransponível: ela declara que toda relação está rompida, toda comunicação é impossível. Se estão no inferno, a esperança de revê-los está para sempre perdida, a menos que para lá se vá por si mesmo; se estão entre os eleitos, estão completamente absorvidos pela atitude contemplativa. Tudo isto coloca entre os mortos e os vivos uma distância eterna; (...)." (42).

Na doutrina espírita, a morte não existia e não haviam motivos para temê-la. A alma, após a morte não era uma abstração. Possuía um corpo etéreo, um ser definido, com idéias individualidade, aptidões e percepções. Os mortos apareciam como seres dotados de personalidade e vontades e permaneciam ao redor dos vivos e não em imaginárias projeções celestiais ou profundezas infernais, ardendo sob castigos ou em plácida beatitude pela eternidade. A crença espírita passou a significar a ausência de temor quanto ao futuro espiritual, a certeza do progresso tanto na existência terrena como no plano imaterial, levando esperança e consolação aos homens. (43).

Desta maneira, a doutrina espírita reavaliou Céu, Inferno ou Purgatório à luz de suas concepções. Rompeu a noção de espaços fechados e determinados, característico das antigas teogonias para à luz da lógica e das modernas descobertas astronômicas, determinar a inexistência de lugares marcados para a existência espiritual. (44). O mundo espiritual estava espalhado pelo Universo. O Espiritismo deslocou o centro e as dimensões espirituais, a noção de moradas do além localizadas em esferas ou espaços celestiais escalonados de acordo com os merecimentos religiosos na vida. (45).

O céu, inferno ou purgatório eram, portanto, concebidos no plano puramente espiritual e as penas, que não eram eternas, refletiam, exclusivamente, às torturas morais diante dos erros praticados em vida e acompanhavam o Espírito após a morte. Estas mesmas penas também determinavam a reencarnação para cumprir sua evolução e purificação no sofrimento, nas agruras e

dificuldades materiais da vida terrena. Tratava-se de uma prova da Justiça Divina permitindo aos homens a chance da remissão de seus erros, do aprimoramento espiritual em direção a um grau cada vez mais elevado:

"Quando estivermos no mundo dos Espíritos, todo o nosso passado estando descoberto, o bem e o mal que tivermos feito serão igualmente conhecidos. Em vão aquele que fez o mal tentará escapar da visão de suas vítimas: sua presença inevitável será para ele um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado os seus erros. O homem de bem encontrará por toda a parte olhares amigos e benevolentes.

Para o mau não há maior tormento na Terra do que a presença de suas vítimas. É por isso que ele sempre as evita. Que será dele quando dissipada a ilusão das paixões compreender o mal que praticou, vendo os seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada, e sem poder afastá-los de suas vistas? Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza a perfeita serenidade. (...).

A alma que chegou a um certo grau de pureza goza a felicidade; um sentimento de doce satisfação a envolve: sente-se feliz com tudo que vê e que a rodeia; o véu se eleva, para ela, descobrimos os mistérios e maravilhas da Criação e as criações divinas se mostram em todo esplendor" (46).

OS VEÍCULOS DA COMUNICAÇÃO

A figura humana intermediária das comunicações entre mortos e vivos era o médium, o elo de ligação entre os espíritos e os homens. Sem esta figura não havia comunicação mental, física ou outra de qualquer espécie e durante o século XIX vão ocupar um grande espaço. Sem estes "intermediários" o movimento espírita não teria sido possível. As primeiras revelações sobre o Mundo dos espíritos, a morte e a existência após a morte passavam, necessariamente, por eles. Os novos médiuns diferiam dos grandes visionários anteriores como *Swedenborg* e *Lavater*, homens de grande cultura e saber.

Na maioria das vezes, tratavam-se de pessoas comuns, simples, frequentemente iletradas e sem cultura formal, o que parecia apontar para o grau de fidelidade das revelações feitas pelos Espíritos. Embora existissem homens envolvidos com este processo de intermediação, chama a atenção o número de mulheres médiuns e videntes. Se o século XIX construiu as histéricas e as sonâmbulas, a matéria prima das descobertas da psiquiatria e da psicanálise emergentes, também o Espiritismo e o Espiritualismo dependiam destas mulheres "anormais" cuja classificação oscilava entre a loucura ou os dramas que as recentes descobertas da espiritualidade acabavam por remetê-las. Histéricas ou médiuns? Dependia da forma de apropriação e interpretação. O hospício ou centros de estudo dos fenômenos espirituais? Frequentemente, a sorte lhes definia o destino. Psiquiatras ou cientistas e estudiosos do psiquismo espiritualista? Qualquer uma das duas opções reservava dramas pessoais muito intensos.

Uma das personagens mais conhecidas e antigas é a famosa Vidente de Prevorst estudada em 1829 pelo Dr. Justinus Kerner. O nome desta visionária era Frederica Hauffe, nascida em 1801 perto da cidade de *Lowestein* no *Wurtemberg*. Desde criança demonstrava uma extrema sensibilidade para a percepção de certos fenômenos e visões "sobrenaturais". Quando adulta, começou a sofrer de um mal estranho: febres, estados de inconsciência e de catalepsia, espasmos, delírios. Junto com estas fortes crises ela afirmava estar vendo pessoas mortas, conversava com elas e era assediada por um

sem número de espíritos. Neste processo, seu estado de saúde agravou-se. Todos os tratamentos, fossem magnéticos, homeopáticos ou exorcismos espirituais, revelaram completa ineficácia.

Em começos de 1826, Dr. Kerner, médico-chefe em *Weisberg* foi chamado a atendê-la, sem sucesso. Os espasmos aumentavam, desinteria e suores noturnos a consumiam, o escorbuto já havia feito perder os dentes. Neste estado de fraqueza total, tornara-se insensível e indiferente a tudo e a todos e foi levada para tratamento na casa do próprio Dr. Kerner. As observações deste médico são muito expressivas:

"Era sensível a quaisquer emanções fluídicas, do que não duvidamos, principalmente das provenientes de metais, plantas, homens ou animais. As substâncias imponderáveis, tanto quanto as diferentes cors do prisma produziam-lhe efeitos sensíveis. Sentia influências elétricas de que não temos a menor consciência. E o que é quase incrível, possuía a noção do sobrenatural ou o conhecimento por instpiração do que um homem houvesse escrito. (...).

Muitos anos antes de ter sido confiada aos meus cuidados, a terra, o ar, tudo o que aí respira, sem excetuar a espécie humana, não existia para ela. Aspirava a muito mais do que alimentos, outra atmosfera que o plante não podia lhe oferecer. Vivia quase em estado de Espírito e já pertencia ao mundo dos Espíritos. Fazia parte do Além e já estava meio morta." (47).

Aos seus poderes proféticos, premonitórios acrescentavam-se contatos constantes com os mortos. A visão dos Espíritos era acompanhada de diálogos, contatos, recados para os vivos sobre a existência espiritual e instruções ou preces para os mortos. (48). A vidente descrevia as dimensões do Além de onde vinham os Espíritos e os efeitos dos contatos entre ambos:

"Ví Espíritos e sobretudo os obscuros, acolherem minhas palavras com unção, e se tornaram logo brilhantes, mas isto me enfraquecia. Os espíritos felizes me fortificavam e proporcionavam sensações inteiramente diversas dos outros.

Notei que os espíritos felizes tinham tanta dificuldade em responder às questões relativas aos interesses terrenos quanto os maus em tratar das questões espirituais. Os primeiros não pertencem mais à Terra, os segundos não conhecem ainda o Céu. (...).

Vêm a mim principalmente os espíritos de graus inferiores, da região média, que pertencem à nossa atmosfera; o termo região média é impróprio, seia melhor dizer - morada forçada. São os Espíritos que aqui permanecem por atração do mundo ou ligação a ele, os que não acreditam em Redenção ou ainda os que, no momento da morte, ficam perturbados por suas ocupações terrenas, as quais os impedem de voar para regiões superiores.

Encontram-se nas regiões médias muitos Espíritos não condenados, mas que ainda não podem ser colocados entre os snatos. Os Espíritos purificados ocupam os mais altos graus; os de grau inferior ainda estão expostos ao mal, o que não acontece nos graus superiores: aí gozam para sempre da felicidade celeste e da pureza dos santos." (49).

Segundo as observações feitas pela visionária, a morte não modificava o estado da pessoa. A condição durante a vida prevalecia após a morte, na personalidade, interesses e condição

intelectual. (50). As revelações feitas pela Vidente de Prevorst e recuperadas pelo Dr. Kerner traziam observações sobre a morte e a vida após a morte:

"O mundo dos Espíritos é bém diferente de tudo o que pode imaginar o mundo dos sábios; ele mais se aproxima da discrição ingênua dos simples. Quando a razão expulsar as idéias pré-concebidas, a hora da meia-noite e o silêncio do quarto mortuário não tardarão a testemunhar a verdade dos fatos. Se os homens quisessem ser honestos em tal questão e pusessem de lado a prudência, o respeito humano, quantos os que rejeitam esta modesta obra haviam de declarar-se seus sustentáculos e defensores"

Quando deixamos os ossos e a carne, com suas formas sensíveis e suas propriedades físicas, as leis morais, imutáveis, persistem no espírito e na alma com suas expressões materiais." (51).

De acordo com a história da vidente, durante sua presença, produziavam-se ruídos, objetos moviam-se, desapareciam ou apareciam, seu corpo e o de pessoas que estavam próximas flutuavam no ar ou na água. Os seus relatos revelam uma curiosa mistura de misticismo, Cristianismo, crenças em poderes dos amuletos, dos números e dos elementos naturais.

Após a sua morte em 5 de agosto de 1829, o corpo da vidente passou por autópsia e o médico legista, Dr. Hoff, descreveu seu cérebro como perfeito e bem conformado, são e normalmente desenvolvido, sem doenças na medula espinhal ou nos nervos. O caso de Prevorst foi estudado por um outro médico, o Dr. Eschenmayer, professor de Filosofia e Medicina na universidade de *Tubingen*, que publicou, junto com Kerner, entre 1831 e 1834, cinco volumes intitulados de Jornal de Prevorst além do trabalho "Mistérios da Vida Interior explicados pela história da Vidente de Prevorst", em 1830. O caso de Prevorst suscitou muitas investigações e publicações filosóficas sobre a vidente, as relações com o Mundo dos Espíritos e a vida magnética.

A história da vidente de Prevorst antecipou o movimento espírita da segunda metade do século XIX, com as mesas girantes, as escritas automáticas, aparições, materializações. Marcou o surgimento do personagem central de todo o Espiritismo: o médium e as faculdades mediúnicas, aqueles que, através de dons especiais realizavam as comunicações entre os mortos e os vivos, produziam fenômenos especiais.

Muitos livros "revelados" pelos espíritos através destes médiuns vieram a público no século XIX, antes mesmo da obra de *Kardec*. Entre 1839 e 1840 foram publicados os ensinamentos dos espíritos pelo clariaudiente *Charles-Louis*, os fenômenos do pastor escocês *Eduard Irving*, os trabalhos de *Jackson e Cahagnet*, da médiun inglesa Ms. M.B. *Hayden*, que através de seus dons mediúnicos logrou converter, em 1852, o reformador social *Robert Owen*. A pequena camponesa *Angélica Cottin* de 1846, estudada e observada em Paris por milhares de pessoas. O número de pessoas com estes dons especiais nos anos anteriores à organização do movimento espírita demonstram uma nova sensibilidade diante da morte, dos mortos e dos contatos entre as duas dimensões.

E quem eram estas pessoas, os médiuns, tanto homens como mulheres, os canais destes contatos? Foi o próprio *Kardec* que publicou um livro, O Livro dos Médiuns, destinado a esclarecer sobre o assunto e preparar pessoas para realizarem esta tarefa de maneira de acordo com a doutrina espírita:

"Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, é por este fato, um médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui portanto, um

privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode-se, pois dizer que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. (...). Geralmente, os médiuns tem uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que foram tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonâmbulos; a dos curadores; e dos penumatógrafos; a dos escreventes ou psicógrafos." (52).

O Espiritismo dedicou-se ao desenvolvimento da mediunidade, a formação doutrinária e espiritual dos médiuns, alertando para a questão da presença de espíritos "inferiores" influenciando, de forma negativa, a prática dos médiuns. Médiuns, sensitivos, sonâmbulos, histéricas, loucos, charlatães, possuídos: muitas foram as possibilidades de enfoque sobre estes personagens, sendo que alguns fazem parte integrante da história do movimento espírita no século XIX e XX.

Este foi o caso de *Elisabeth D'Esperance* (1850-1918). Esta inglesa, desde criança possuía o estranho dote de ver "pessoas" que os outros nunca viam, manter contatos com fantasmas nas câmaras desertas da velha casa em Londres, onde morava com a sua família: (53). Um médico da família de D'Esperance, ao tomar conhecimento do estado da criança levantou a questão que tanto atemorizava os médiuns desta época, a loucura. (54). Mas através de uma amiga, cujo marido interessava-se pelo Espiritismo e frequentava sessões, D'Esperance começou a tentar a experiência das mesas girantes, das comunicações com o Além e a entrever a possibilidade dos contatos com os mortos serem uma realidade. (55)

Mme. *D'Esperance* foi a médium do Dr. *Zollner*, um dos cientistas famosos do século XIX dedicado ao estudo dos fenômenos espíritas. Sua atuação também converteu outros tantos no meio científico e intelectual. (56). O final do século XIX foi movimentado pelos fenômenos espíritas: materializações, aparições, fotografias de sessões, psicografias, agitavam o meio intelectual e religioso, além dos curiosos e crentes fervorosos. Os médiuns foram a base do movimento espírita. Afinal, como seria o kardecismo sem Mme Japhet ou Mns *Adrien*, considerado pelo próprio *Allan Kardec* um dos médiuns mais bem dotados de sua época? (57).

Nesta galeria de médiuns famosos, Miss *Florence Cook* e *Eusápia Paladino* destacam-se. Miss *Cook*, a jovem inglesa de 15 anos que serviu de elemento de pesquisa e conversão ao cientista *William Crookes*, acompanham o padrão característico desta época. Segundo ela mesma, numa carta datada de maio de 1872, suas faculdades espirituais vinham da infância:

"Tenho dezesseis anos de idade. Desde minha infância vejo espíritos e ouço-os falar. Tinha o costume de sentar-me a sós e conversar com eles. Eles me cercavam e eu os tomava por pessoas vivas. Como ninguém os via ou ouvia, meus pais procuravam incultar em mim a idéia de que tudo era produto da minha imaginação. (...). Na primavera de 1870 fui convidada a visitar uma amiga de colégio. Ela me perguntou se eu já ouvira falar em Espiritismo, acrescentando que ela e seus pais se reuniam em torno de uma mesa. Nessa situação obtinham certos movimentos; disse que, se eu consentisse, ainda naquela tarde ensaiariam uma experiência comigo." (58).

Esta jovem de 15 anos, após certas experiências em sessões particulares, realizou "prodígios" espirituais, dentre os quais podemos destacar a materialização de uma figura humana, o "espírito" de uma mulher que se dizia chamar *Katie King*. Durante diversas sessões, a médium

Florence Cook foi amarrada e submetida a observações rigorosas pelo cientista *William Crookes*. *Crookes* acabou convencido da realidade dos fenômenos. Diversas fotos, depoimentos, relatórios, acompanharam as experiências em torno desta personagem e do ser espiritual que ela produzia. As aparições do espírito de *Katie King* ganharam uma forte materialidade: andava, falava, podia ser tocada e alguns pedaços de suas roupas e cabelos acabaram deixados para os observadores:

"Às 7 horas e 25 minutos da noite, Sir William Crookes acompanhou Miss Cook ao gabinete escuro. Uma vez aí ela se deitou no solo, pondo-se-lhe uma almofada sob a cabeça. Às 7 e 28 minutos ouviu-se a voz de Katie King e às 7 e 30 ela apresentava-se do lado de fora da cabina completamente materializada. Seu vestido era de tonalidade branca particularmente pura, trazia o colo descoberto e mangas curtas. Katie tinha os cabelos muito compridos, de cor castanho dourada, que caíam formando graciosos cachos que desciam pelas costas até a cintura. Trazia nas mãos um grande véu branco com o qual cobriu o rosto, uma ou duas vezes, no decorrer da sessão. Assim fazendo, podia acumular forças fluidicas que lhe permitiam resistir ao calor da sala. (...)." (59).

Somente a seriedade científica de *Crookes* foi um aval contra acusações de impostura e charlatanice, numa época caracterizada pelos espetáculos de magia nos circos e teatros, pelos lances mais ousados de *Houdini*, num país como a Inglaterra onde ainda vigorava o *Vagrancy Act* e o *Withcraft Act*, mediante os quais as leis inglesas levavam médiuns, videntes e cartomantes à prisão. (60).

Florence Cook, após estes anos de exibição mediúnica, casou-se, indo morar no País de Gales, falecendo em 24 de abril de 1904, deixando atrás de si a fama dos fenômenos espirituais produzidos, que seduziram cientistas e leigos.

Outra das grandes médiuns do período entre 1870 e 1900, Eusápia Paladino, foi objeto de prolongada curiosidade e investigação. Eusápia Paladino (1854-1918) era uma jovem pobre, orfã e semi-analfabeta que, com cerca de 14 anos, começou a frequentar às chamadas sessões de mesa. À partir desta data, suas atuações tornaram-se conhecidas. Em 1888, o cientista italiano Ercolo Chiaia publicou o resultado de suas observações e pesquisas com Eusápia, convidando o professor Lombroso à investigar os fenômenos produzidos pela médium. Durante o mês de fevereiro de 1891, depois de duas sessões com ela, Lombroso declarou-se confuso diante dos fenômenos espíritos que ele havia duramente combatido.

Desta data em diante, as sessões experimentais com Eusápia pela comunidade científica correram a Europa. Vários cientistas estudaram os fenômenos produzidos pela médium: Lombroso, Schiaparelli, Aksakoff, Charles Richet, Oliver Lodge, Ochorowicz, Richard Hodgson, Coronel de Rochas, Flammarion, Victorien Sardon. E quem era esta mulher? O que acontecia em sua presença?

"Refiro-me ao caso de uma mulher inválida, da mais humilde camada social. Tem cerca de 30 anos e é muito ignorante; seu olhar nem é fascinante nem dotado daquele poder que os modernos criminalistas chamam irresistível. Mas quando ela quer, seja dia ou seja noite, pode divertir um grupo durante uma hora ou mais, com os mais curiosos fenômenos. Tanto amarrada a uma cadeira, quanto segura pelas mãos dos assistentes, atrai a si móveis e objetos que a cercam, levanta-os mantendo-os suspensos no ar. (...). Em resposta a perguntas dos assistentes, algo como jatos de eletricidade, emanam de seu corpo e a envolvem aos espectadores dessas cenas maravilhosas. (...).

Se se colocar num canto da sala uma bacia contendo uma camada fina de cla, no fim de algum tempo aí se encontra a impressão de uma pequena ou grande mão, um rosto de frente ou de perfil, do qual se poderia tirar um molde. Assim tem sido conservados retratos tirados de vários ângulos e os que desejam podem assim fazer sérios estudos." (61).

A COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS VIRA CIÊNCIA

Embora o Espiritismo tenha feito muitos adeptos e conversões durante o próprio século XIX e início do XX em diferentes meios sociais, chama a atenção o fascínio que a nova doutrina parece ter exercido entre o meio intelectual, artístico e científico da época, gerando tanto fervorosos adeptos como tenazes adversários. Arthur, Conan Doyle, Victorien Sardou, Vitor Hugo, Robert Owen, Cesare Lombroso, William Crookes, Oliver Lodge, Camille Flammarion, Charles Richet, entre outros, dedicaram-se a estudar o Outro Lado, recuperando o passado, revendo a religião à luz da ciência e encarando a morte sob novos aspectos.

Grupos de cientistas reuniam-se em torno dos médiuns, investigavam, eliminavam possibilidades de fraudes. Muitas destas reuniões de estudos realizavam-se em centros de pesquisa, laboratórios e os convidados eram pessoas credenciadas pela comunidade intelectual e científica. Um exemplo foram as 43 sessões organizadas pelo Instituto Geral Psicológico de Paris nos anos de 1905, 1906 e 1907, com a médium Eusápia Paladino, que incluíram, na sua assistência, Bergson, o casal Curie e Debierne, o reitor da Sorbonne. Embora muitos dos assistentes do meio científico não ficassem convencidos, um grande número confessou a sua adesão.

Um dos mais importantes convertidos às novas descobertas propostas doutrinárias do Espiritismo foi Camille Flammarion (1842-1925), o eminente astrônomo e cientista do século XIX. Tornou-se espírita, amigo pessoal de Allan Kardec e pronunciou o discurso fúnebre à beira de seu túmulo, embuído pelas convicções doutrinárias espíritas. Expôs idéias filosófico-científicas apoiando doutrinas espíritas, sobretudo a imortalidade da alma e a visão de que a morte era uma libertação, uma continuidade para uma nova existência espiritual, operosa e de estudos:

"Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais abrirem, não mais ouvida será a tua palavra ... Sabemos que todos havemos de mergulhar neste último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor, e no céu imenso, onde usaremos das nossas preciosas faculdades, continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra á teatro por demais acanhado.

É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro neste cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação de funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da natureza.

Até a vista, meu caro Allan Kardec, até a vista!"(62).

Flammarion produziu uma grande obra científica como o Tratado sobre a Rotação dos Corpos Celestes (1870) tendo se preocupado com a divulgação e popularização da Astronomia, além de inúmeros estudos sobre a pluralidade dos mundos, como Deus e a Imortalidade da Alma. As fontes para suas teorias eram os pressupostos da ciência do século XIX e também a tradição

filosófico-religiosa da antiguidade clássica com o objetivo de combater o fanatismo, a superstição religiosa irracional e o antropomorfismo de Deus no pensamento humano. (63).

Da fase espírita de Flammarion, uma das obras mais interessantes é A Morte e o seu Mistério. (41). Nos três volumes desta "trilogia metapsíquica", os dois últimos foram dedicados às provas sobre a sobrevivência da alma, as aparições e manifestações espirituais durante o fenômeno da morte e ao depois da morte. Uma proposta de pesquisa geral em que a existência espiritual foi estudada com detalhes e as provas arroladas com infatigável preocupação científica. Consistia numa metódica exposição e organização dos fatos observados apresentados como elementos comprobatórios, de acordo com as exigências do método experimental, mas sedimentadas em sugestivas citações de Pitágoras, Sócrates, Sófocles, Copérnico, Vitor Hugo, Auguste Comte, Montagne, Boudha:

"É indispensável um método científico severo para estabelecer os estudos psíquicos sobre base positiva e fazê-los entrar no quadro da ciência moderna, continuamente ampliada pelas novas descobertas que, há um quarto de século a esta parte, transformaram o mundo. Mas, quando os fatos, a tão longa data discutidos - e mesmo negados - são demonstrados com a clareza, não se explica a persistência do ceticismo que continua a recusar-se a reconhecê-los. Será razoável negação sistemática obstinada?"

Crer em tudo é um erro. Não crer em nada será erro também. Não devemos admitir seja o que for sem provas, mas devemos reconhecer lealmente o que se provar. (...).

Reconhecer simplesmente, a realidade do que a experiência demonstra é tudo quanto pedimos. Que cada um se sirva tranquilamente da sua razão" Que não se deixe lograr por qualquer ilusão ou sofisma. Que veja o Sol ao meio-dia. Que estude sinceramente, claramente, consensiosamente." (64).

Um objetivo preciso orientava tanto as pesquisas como a divulgação das provas obtidas sobre a existência da alma e a existência espiritual após a morte: trazer um esclarecimento para todos os que tinham dúvidas e ansiavam por respostas. (65).

Os relatos utilizados por Flammarion contém histórias de visões, aparições de mortos e moribundos, premonições telepatia e contatos entre mortos e vivos. Algumas mortes descritas, haviam sido anunciadas por meios de ruídos, batidas, fenômenos físicos como os relógios que paravam no exato momento do falecimento. São milhares de cartas, notícias de jornal, casos relatados nos periódicos dedicados às pesquisas psíquicas e arrolados de acordo com suas características básicas. Vejamos, a título de exemplo alguns casos:

"O Sr. e Sra. T. tinham uma prima, a Sra. D., que vivia em Franca. Uma noite acordaram bruscamente e o Sr. T. disse a sua mulher:

- Acaba de despertar-me uma sensação estranha, tenho um péssimo pressentimento acerca de tua prima D.

- Estou certo de que ela morreu - exclamou, de repente a Sra. T. - porque vi em sonho a sua casa deserta e sua filha de luto, que chorava. (66).

Uma noite, em Saint-Thiébault, em nosso quarto de dormir, fomos despertados por grande barulho, ouvindo cair um espelho que estava na chaminé e a caixinha do relógio de teu pai. Levantei-me e verifiquei que o espelho havia caído no fogão, sendo o relógio atirado para uma banda e a caixinha dele outra. Pensei que se tivesse

quebrado tudo, e, palavra de honra, muito aborrecida, tornei a deitar-me sem saber de mais nada.

Pela manhã, quando nos levantamos, observamos que nada se tinha partido.

Nessa manhã, o distribuidor do correio trouxe-nos uma carta anunciando-nos a morte de tua tia Boyet, irmã de teu pai, falecida em Montigny nessa mesma noite. Que significava esta manifestação? A coincidência é, pelo menos, esquisita. Sabes que tínhamos muitas razões de queixa de minha cunhada para conosco." (67).

Depois da morte, os contatos continuavam, lembrando os afetos e desafetos, as dúvidas, dívidas e emoções da existência material. Os mortos buscavam os vivos, os vivos buscavam os mortos, procurando o que não se perdeu ou perderá, as sensibilidades e a saudade. A constância das manifestações do Além indicavam a mobilidade e a presença constante dos mortos entre os vivos, revelando, de forma prática e objetiva, os pressupostos doutrinários organizados por Kardec nas obras básicas da teoria espírita.

Flammarion desenvolveu termos próprios, categorias explicativas para denominar os fenômenos espirituais: as "forças psíquicas", forças naturais desconhecidas causadoras dos fenômenos ditos "sobrenaturais". (68).

Desta maneira, as observações e estudos feitos sobre as manifestações dos mortos, apoiados no estrito método científico e nas deduções lógicas, levaram ao depois da morte. As ações dos mortos, aparições, a produção de efeitos físicos tais como ruídos, luzes ou sombras esvoaçantes, cuidadosamente arrolados, formaram uma variada gama de depoimentos e indagações. (69).

Este estudo detalhado e circunstanciado levava inapelavelmente à conclusão da sobrevivência e da existência além-túmulo como uma continuação desta vida, onde o Espírito ouvia, via, pensava e ficava em comunicação com o mundo dos vivos:

"Sejam quais forem os complementos a serem acrescentados às observações precedentes, possuímos de ora em diante a certeza científica da sobrevivência da alma, além do último suspiro terrestre. A ALMA É INDEPENDENTE DO ORGANISMO MATERIAL E CONTINUA A VIVER DEPOIS DA MORTE.

Certamente, longe estamos de tudo saber. Dificuldades, obscuridades, incompreensibilidades, ficam insolúveis para nossas faculdades humanas. Um desconhecido sem limite nos cerca: não atingimos a realidade; se dela nos aproximamos um pouco, fiquemos satisfeitos, em lugar do sono da noite, despertamos na aurora." (70).

As últimas obras de Flammarion foram dedicadas aos postulados espíritas em bases científicas. Podemos destacar As casas Mal-assombradas, Narrações do Infinito, Urânia, Estrela, O desconhecido, probelmas Psíquicos.

Os fenômenos espíritas também repercutiram fora da França. Um dos cientistas mais importantes a dedicar-se ao estudo dos fenômenos foi o inglês William Crookes, cuja história está relacionada com a da médium Florence Cook e a materialização do espírito de Katu King. Químico e astrônomo, a partir de 1856 fez parte da Sociedade Real de Londres dedicando-se a trabalhos fotográficos sobre a lua. Descobriu um processo de amalgamação do sódio e pela análise espectral tornou conhecido um novo corpo metálico simples, o Tálío. Através de uma série de experiências bem sucedidas demonstrou com exatidão um quarto estado da matéria, além do sólido, líquido e gasoso: o da matéria radiante.

Com esta posição intelectual e científica anunciou que iria se ocupar dos chamados fenômenos espíritas, com o rigor de um experimentador científico. Em 1874, publicou os primeiros resultados de suas pesquisas no Quarterly Journal of Science.

Em fevereiro de 1897 publica suas observações sobre os fatos espíritas:

"Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente oposto aos demais enraizados pontos do credo científico - entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação - que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos da vista e do tato, e o testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes - que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas idéias pré-concebidas" (71).

Os fenômenos observados, levitações, psicografia, telecinesia, percussões, materializações, aparições luminosas de objetos foram colocados como fatos incontestáveis, que mereceriam uma laboriosa série de experiências de elaborações teóricas de acordo com as mais recentes descobertas científicas. (72).

Para alguns outros convertidos, como *Arthur Conan Boyle*, o desabar da muralha entre o mundo dos mortos e dos vivos, os fatos que comprovam de forma cabal, a sobrevivência após a morte e comunicação entre mortos e vivos deveriam conduzir a uma grande transformação e esperança para o gênero humano pela formação de uma nova e atual expressão religiosa que levasse os homens a uma existência mais espiritualizada.

"O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal da sua veracidade, não havia mais porque prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campanha do telefone é coisa em si mesma pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. (...).

Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até a evidência por todos que não tido o cuidado de estudá-los, em si nada valem, o justo valor deles está em que servem de base, deando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de outrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato." (73).

Cientistas de renome na Itália também passaram a integrar o conjunto de estudiosos dos chamados fenômenos psíquicos. *Schiaparelli, Chiaia, Brotasi, Lombroso e Bozzano*, fizeram parte desta galeria. *Ernesto Bozzano* destacou-se deste grupo dedicando trinta anos às pesquisas psíquicas. Publicou inúmeros trabalhos científicos sobre o assunto, expondo os princípios básicos que o levaram a aderir à hipótese espírita por ser uma "necessidade lógica". (73). Dois livros são importantes para nosso estudo: Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte (1914) e A Crise da Morte (1926).

A primeira destas obras analisa a complexidade do fenômeno da morte. Catalogando os acontecimento mais comuns, *Bozzano* estudou um único caso: o das aparições de defuntos no leito de morte, considerado por ele como um dos fatos que mais chamou a atenção dos pesquisadores. Este fato junto com outros grupos de fenômenos metapsíquicos, acabavam por convergir para a

demonstração científica da sobrevivência após a morte. Vejamos algumas sugestivas descrições sobre estas aparições estudadas por *Bozzano*:

"Meu pai morreu na Alemanha a 18 de março de 1892 e minha mãe veio viver conosco em Odessa; ela poém, caiu doente por seu turno e morreu a 6 de maio do ano seguinte, em 1893.

Da mesma maneira que meu pai, permaneceu ela invencivelmente cética no que concerne à existência e à sobrevivência da alma. Alguns segundos antes de sua morte, voltou a si, (ela estava em estado de coma cerca de dois dias), levantou-se, sem auxílio do leito, estendeu os braços e, com surpresa estampada no rosto, gritou: - Papai! Papai! - como se, verdadeiramente, a inesperada aparição se lhe tivesse apresentado diante dos olhos; caiu, em seguida, nos braços de minha mulher e expirou. Minha mãe, como nós outros, filhos, tinha o hábito de chamar o marido "papai". Certifico que o que precede é a pura verdade. Ass.: Rudl Gittermann." (74).

"A 9 de maio de 1887, à meia noite, morreu em São Paulo uma personalidade brasileira, o Dr. Alberto Brandão. Seu genro, Sr. Coelho Neto, escritor e romancista muito conhecido no Brasil, recebeu a notícia da morte no dia seguinte, mas nada disse à sua mulher, que estava enferma, de cama. Ela havia tido, entretanto, uma espécie de aviso telepático co acontecimento, pois que, ao meio-dia de 9 de maio tinha ouvido um ruído inexplicado, como se houvessem lançado com força, no soalho do quarto, em cima, um punhado de areia.

às 9:30 horas da noite do dia 10, quando o Sr. Coelho Neto estava no andar superior, conversando com sua mulher e um amigo, ouviu-se grande ruído em um dos quartos da frente do pavimento térreo. Coelho Neto correu imediatamente e viu que um grande e pesado quadro do Dr. Brandão, pendurado à parede do quarto, se tinha desprendido e caído sobre uma cadeira de pau. (...).

O dr. Brandão morrera em condições econômicas muito difíceis e havia manifestado o desejo de que o genro trouxesse para sua companhia duas moças que ainda estavam solteiras.

*Quando Coelho Neto se decidiu a recebê-las na família, as manifestações supranormais de natureza divers, que se produziam na casa, cessaram logo ... " (Revista *Light*, 1898, p. 443). (75).*

Para *Bozzano* a análise rigorosa e imparcial dos fenômenos, sob método científico, convergia para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência da alma. A melhor prova fornecida em apoio à hipótese da sobrevivência espiritual estava apoiada nos fatos colhidos nos mais diferentes lugares e através de pessoas idôneas, que demonstravam seus fundamentos. (76).

Este espírito científico continuou nos trabalhos de *Bozzano* através do processo de análise comparada, dispondo as "revelações transcendentais" como uma das disciplinas mais importantes dos estudos psíquicos, sobretudo no seu livro *A Crise da Morte*. (77). Para uma eficiente organização da pesquisa, ela aconselhava começar os estudos com as manifestações supranormais de ordem física para, depois, cogitar-se nas manifestações de natureza inteligente, contendo indicações verificáveis de identificação dos defuntos. *Bozzano* enumerou diversos casos e depoimentos cuidadosamente investigados quanto a sua veracidade e idoneidade dos depoentes. Estes depoimentos, transmitidos mediunicamente descreviam as experiências dos mortos na existência espiritual, suas sensações, os reencontros e a vida que levam no Além. (78).

A análise das informações transmitidas pelos espíritos, através da concordância dos diferentes depoimentos dos mortos sobre suas experiências na crise da morte levaram *Bozzano* a concluir um esquema geral das etapas e sensações comuns que aguardavam todos os seres humanos após a morte. As "revelações transcendentais" eram, em conjunto, passíveis de classificação científica e, portanto, de valor racional e lógico, de acordo com os princípios da ciência. (79).

Para *Bozzano*, as experiências psíquicas no nível que ele vinha realizando deveriam contribuir para a Humanidade aumentar sua compreensão do fenômeno da morte e da sobrevivência espiritual. Abandonando o simbolismo vago e distante das Religiões, para apreender, substancial e cientificamente, as modalidades da existência espiritual em outros "planos" ou "esferas", onde estavam os Espíritos e para onde iriam, todos os vivos. (80).

Uma das conversões mais intrigantes do final do século XIX foi a de *Cesare Lombroso*, médico, higienista, psiquiatra e antropólogo. Seus famosos estudos estavam na área da Antropologia Criminal, nos quais revelava sua incondicional adesão aos métodos de investigação científica positivista de sua época. Estudava homens e fatos numa mesma perspectiva como ponto de partida do método experimental. Estabeleceu uma teoria onde expunha Gênese Natural do Delito e as bases do sistema penal positivo, associando Direito Penal e Antropologia Criminal.

De acordo com estas teorias, tanto o criminoso como o delito eram heranças atávicas da idade selvagem, a idade animal e da infância, e o delito uma consequência da organização física e moral do criminoso. Na categoria genérica "criminosos" estavam os de ocasião, os loucos, os criminalóides ou pseudo-criminosos, além da concepção do "criminoso nato", o ser humano incorrigível e irresponsável, predestinado à prática do crime por impulso epilético congênito e profundo, perceptíveis por caracteres morfológicos e funcionais passíveis de serem estudados, detectados e classificados pela Ciência. (81). O crime, para *Lombroso*, era uma doença e o criminoso não podia ser punido, devendo ser afastado da sociedade para tratamento.

De uma maneira semelhante à loucura, *Lombroso* definiu a Natureza do Homem de Gênio, sustentando as relações frequentes entre a genialidade e a loucura, atribuindo à primeira característica um caráter degenerativo e patológico. Ele decifrou e enquadrou em seus estudos as categorias de "homem louco", "homem delinquente", "homem de gênio" e se propunha a estudar a categoria "homem santo" quando faleceu. Apoiava seus estudos, textos e teorias na Frenologia e Fisiognomia, insistindo nas relações entre o físico e o moral, procurando estabelecer a correspondência dos sinais exteriores característicos com tendências conflituosas e delituosas, realizando demorados estudos entre soldados, prisioneiros e loucos.

Durante muitos anos, ele negou os fenômenos psíquicos e espirituais, como charlatanice e credulidade simplória. Porém, após assistir algumas sessões mediúnicas realizadas por *Eusápia Paladino*, e verificado a veracidade e autenticidade da produção dos fenômenos e das manifestações espirituais, *Lombroso* começou a pesquisar os fenômenos. Em 15 de julho de 1891 foi publicada uma carta onde declarou sua rendição aos fatos espirituais:

"Estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos, digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem, e deles me orgulho de ser escravo." (82).

No desenvolvimento de suas observações e estudos, *Lombroso* caminhou na direção de aceitar a interferência e influência de seres espirituais sobre as manifestações e os fenômenos produzidos. Em 1909 publicou Hipnotismo e Mediunidade, onde descreveu de forma categórica e

imbuída do mais ortodoxo espírito científico, os resultados de seus estudos, diante das hipóteses espíritas e de sua veracidade e lógica. (83).

Na primeira parte desta obra, terminada alguns dias antes de sua morte, e publicada em 1909, classificou os fenômenos hipnóticos e histéricos, a transmissão do pensamento, o caráter dos sonhos, a natureza polar dos fenômenos psíquicos. Na segunda parte, organizou e descreveu os estudos realizados no âmbito do Espiritismo, a fisiopatologia dos médiuns. Estudou o fenômeno das aparições, dos duplos e fantasmas, as fotografias transcendentais e esboçou uma biologia dos Espíritos. Vejamos alguns dos aspectos mais interessantes da trajetória espiritualista de *Lombroso*. (84).

Em primeiro lugar temos a questão do cientista que se rendeu à evidência dos fenômenos espíritas, à ponto de colocar em jogo sua carreira acadêmica:

"Se existiu no mundo um homem, por educação científica e quase por instinto, contrário ao Espiritismo, esse fui eu, que, da tese: Ser toda força uma propriedade da Matéria e a Alma emanção do cérebro - havia feito a preocupação mais tenaz da vida, eu, que havia zombado por muito tempo dos Espíritos das mesinhas ... edas cadeiras!

Mas se sempre nutri grande paixão pelo meu lábaro científico, tive outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato.

Ora, eu quer era assim hostil ao Espiritismo, ao ponto de não aquiescer por largo tempo em ao menos assistir a uma experiência, deveria, em 1882, presenciar, na qualidade de neuropatólogo, fenômenos psíquicos singulares, nenhuma explicação na Ciência, salvo a de ocorrerem em indivíduos histéricos ou hipnotizados." (85).

Os estudos dos fenômenos psíquicos começaram com a observação dos histéricos submetidos à hipnose. No estado sonambúlico sucediam-se acontecimentos extraordinários: sensibilidades estranhas a sons e aromas, dotes musicais ou poéticos nunca observados anteriormente nos indivíduos em estado normal, dons proféticos, premonições e descrições de acontecimentos à longa distância, tanto em vigília como através de sonhos, transmissão de pensamento, adivinhação de números, desenhos ou palavras pensadas por pessoas estranhas ou escondidas em recipientes fechados, produção de fenômenos físicos ou psíquicos, escritura automática de textos ou mensagens com características estranhas à cultura do autor inconsciente. *Lombroso* analisa também a própria história, buscando o conhecimento dos magos e médiuns entre os selvagens, culturas religiosas estranhas e os povos da antiguidade, procurando confirmação histórica dos fenômenos espiritistas.

Com a imparcialidade do observador científico, ele descreveu todas as suas observações e deduziu sua conclusão científica sobre a existência espiritual após a morte.

Também na Alemanha foram realizadas experiências científicas da sobrevivência após a morte. Faziam parte do grupo de especialistas *Johann Karl Friedrich Zollner*, professor de física e astronomia da Universidade de Leipzig e elaborador da hipótese da teoria sobre a quarta dimensão do espaço; *Wilhelm Edward Weber*, professor de Física e autor da doutrina da Vibração das Forças; *Schneiber*, matemático de renome da Universidade de Leipzig; *Gustav Friedrich Fechner*, físico e filósofo na mesma universidade. Este grupo publicou em 1879 o resultado de suas pesquisas. Para eles tratava-se de uma Nova Ciência baseada em uma outra classe de Fenômenos Físicos provando a existência de um outro mundo de seres inteligentes.

Os cientistas, liderados por *Zollner*, realizaram experiências com o famoso médium americano *Henry Slade*. Ocorreram materializações, levitações, aparições, psicografias de mensagens, quer foram meticulosamente observadas, descritas e estudadas. Submetidas a considerações teóricas, os fenômenos observados revelavam uma dimensão científica e verdadeira, como um dos elementos fundamentais para a construção da teoria do espaço em quarta dimensão e da sobrevivência espiritual:

"Justamente o fato de terem aqui em Leipzig sido coroadas de bom êxito as experiências em presença de Slade, como prova da minha teoria do espaço, encaro isto como prova da inteligência superior desses seres invisíveis que o cercam. Se sem me parecer pretencioso me incluo na classe dos seres inteligentes à qual os homens pertencemos, conhecidos sob o nome Homo Sapiens, mesmo assim quisera mais amplamente expor e mais detalhadamente explicar as minhas investigações filosóficas, porém, somente aqueles a quem julgasse suficientemente instruídos. (...).

Porém, desde que no mundo superior dos Espíritos a verdade é tida como coisa sagrada, da qual somente os Espíritos inferiores caçoam, pela minha comunicação pela ardósia eu seria réu de injúria à lei moral, de acordo com as leis da divina e eterna justiça, o que traria em tempo o seu castigo." (86).

De acordo com *Zollner* e sua equipe, as provas obtidas remetiam não somente à comprovação de sua teoria sobre a quarta dimensão do espaço mas também, e inequivocamente, à prova da natureza espiritual do homem sobrevivendo à morte.

é muito grande a galeria de cientistas ilustres desta época seduzidos pelos fenômenos espíritas, realizando estudos, pesquisas, construindo teorias e revelando sua adesão, em maior ou menor grau, às novas crenças. Prosseguiu na Metapsíquica ou a moderna Parapsicologia, conforme estudaremos mais à frente. Em vários países europeus e do continente americano estes estudos apontam um mesmo caminho que marcou a história do pensamento contemporâneo: a necessidade de comprovar pelos argumentos científicos aquilo que antes estava no domínio da fé religiosa.

O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO E SEUS DIVULGADORES APÓS KARDEC

Depois das obras de *Allan Kardec* e do desenvolvimento do movimento espírita, no final do século XIX e início do XX, importantes nomes passaram a divulgar a nova doutrina através da ampliação dos estudos, numa perspectiva científica, filosófica, histórica e religiosa.

Um destes divulgadores de renome da causa espírita foi *Gabriel Delanne*. Filho de espíritas convíctos, cresceu num ambiente familiar onde o Espiritismo era, desde 1860, assunto cotidiano. Em 1887 fundou a revista Científica e Moral do Cristianismo, tendo escrito nove obras clássicas sobre Espiritismo, com erudição histórica, filosófica e científica.

Preocupado em organizar e sistematizar as últimas descobertas da ciência sobre a sobrevivência da alma e as manifestações espirituais, encontramos no seu livro *A Alma é imortal* (1897), uma avaliação contundente de imortalidade da alma:

"O Espiritismo projeta luz nova sobre o problema da natureza da alma. Fazendo que a experimentação interviesse na filosofia, isto é, numa ciência que, como instrumento de pesquisa, apenas empregava o senso íntimo, ele facultou que o Espírito seja visto

de maneira efetiva e que todos se certifiquem de que até então o mesmo Espírito estivera muito mal conhecido. (...).

A ciência espírita se apresenta, justo para preencher esta lacuna provando que a alma não é uma entidade ideal, uma substância imaterial sem extensão e sim que é provida de um corpo sutil, onde se registram os fenômenos da vida mental a que foi dado o nome de perispírito. Assim como no homem vivo, importa distinguir do espírito a matéria que o incorpora, também não se deve confundir o perispírito com a alma. O "eu" pensante é inteiramente distinto do seu envoltório e não poderia identificar com este, do mesmo modo que a veste não se identifica com o corpo físico. Todavia, entre o espírito e o perispírito existem as mais estreitas conexões, porquanto são inseparáveis um do outro, como mais tarde veremos." (87).

Dellane iniciou o trabalho realizando uma varredura histórica sobre as antigas crenças na alma desde a Índia, Egito, o Cristianismo primitivo, neo-platonismo, passando pelo Magnetismo do século XVIII, a vidente de Prévost, o hipnotismo, o mediunismo e a ciência positiva e experimental do século XIX. Na terceira parte do livro dedicou-se ao embasamento científico da doutrina espírita, tanto do ponto de vista do ensino transmitido pelos Espíritos como da certeza da imortalidade da alma sob a comprovação da ciência. (88).

Ao lado do tema da imortalidade da alma, um assunto igualmente fundamental para a doutrina espírita, a reencarnação, foi amplamente estudado por *Delanne*. Na obra A Reencarnação (1927) passou em revista as diferentes teorias das vidas sucessivas, na antiguidade religiosa e filosófica, no paganismo europeu pré-cristão, época medieval até os tempos modernos, chegando aos fundamentos filosóficos e científicos da reencarnação dentro do Espiritismo, junto com a demonstração da existência da alma e do perispírito.

"A crença na pluralidade das existências foi admitida pelos espíritos mais eminentes da Antiguidade, sob formas, a princípio, um tanto obscuras, mas que com o tempo, se precisaram de maneira compreensível. Tendo o Cristianismo repelido tal teoria, os homens de hoje se familiarizaram pouco com essa idéia eminentemente racional. Veremos que há argumentos irresistíveis em seu favor, se quisermos conciliar as desigualdades intelectuais e morais que existem entre os homens, com uma justiça imanente.

Se admitirmos que a alma do homem não vem à Terra pela primeira vez, que sua aparição não é súbita, seremos levados a supor, remontando até a origem da Humanidade, que ela passou, anteriormente, pelo reino animal, que o percorreu todo desde a origem da vida no Globo.

Veremos que os descobrimentos da Ciência esteiam fortemente esta opinião, porque é possível verificar, pela filiação dos seres vivos, uma correlação progressivamente crescente entre os organismos materiais e as formas mais desenvolvidas das faculdades psíquicas.

É nesse momento que fazemos intervir as experiências do Espiritismo, buscando dar a essa teoria filosófica uma base experimental, ou seja, procurando fazê-la entrar na Ciência." (89).

Para encontrar as bases científicas da reencarnação, *Delanne* apontou dois tipos de provas. Em primeiro, as provenientes de espíritos, afirmando lembranças de existências anteriores. Em segundo aquelas onde os espíritos anunciavam quais seriam suas existências futuras. Outras

provas sobre as vidas sucessivas podiam ser encontradas em relatos de pessoas que lembravam-se de outras existências e cujos relatos podiam ser comprovados. Outro indício sugestivo eram as ciranças-prodígio com dotes inexplicáveis que não foram adquiridos na sua curta existência.

Delanne explorou também o sentimento do já visto, a clarividência de outra vida obtida durante o sono, visões retrospectivas em determinados lugares de acontecimentos de outras épocas, o lento despertar de lembranças e recordações de vidas anteriores em determinadas pessoas de idoneidade comprovada. Todos os casos relatados e estudados foram submetidos à provas que recomendassem a veracidade dos fenômenos relatados, a sanidade mental das pessoas envolvidas e a historicidade detalhada das situações descritas.

Estes relatos foram analisados à luz da crença na imortalidade da alma, da teoria da evolução, progresso individual e social, da justiça divina, da lógica, da filosofia e sobretudo, da observação empírica e positiva dos fatos, servindo como referência explícita e embasamento científico de um dos pilares doutrinários do Espiritismo - a reencarnação. (90).

Sem sombra de dúvida, o trabalho realizado por *Delanne* tinha erudição e baseava-se em critérios científicos. Com um caráter menos doutrinário, sua obra avançou dentro do movimento espírita para encontrar as bases históricas, filosóficas e científicas que dessem o sustentáculo intelectual ao Espiritismo. Um outro grande nome do Espiritismo pós-kardec foi *Léon Denis* (1846-1927) o continuador teórico deste movimento nas primeiras décadas do século XX. Suas obras possuem um tom mais profético e religioso, menos cientificista, mais doutrinário e apostólico, embora embase suas afirmações nos conteúdos da filosofia e Ciência moderna. (91).

Léon Denis tomou conhecimento da doutrina espírita em 1864, com 18 anos, lendo O Livro dos Espíritos. Para ele, a doutrina respondia a todas as suas indagações, satisfazendo tanto a razão como a consciência. Militando no movimento espírita, ele participou de diversas experiências que o colocaram inteiramente de acordo com o que pregava a doutrina. (92).

De origem operária, *Denis* trabalhou em metalúrgicas, cerâmicas e curtumes, estudando à noite na cidade de Tours. Devido à influência pessoal de *Jean Jaurés* conseguiu ingressar na Faculdade de Letras de Toulouse. Posteriormente, frequentou a Faculdade Protestante de Teologia. Da sua produção intelectual como espírita, podemos destacar Depois da Morte, O Problema do Ser, Cristianismo e Espiritismo, No Invisível, Jeanne D'Arc Médium, O Grande Enigma. Defendendo os princípios espíritas codificados por Kardec, para *Denis* o Espiritismo não era uma religião e filosofia nova e sim o complemento de todas as religiões anteriores, o terreno com bases filosóficas e científicas sobre o qual todas poderiam assentar-se, conciliando ciência e fé, esperança e crença, numa época de sofrimento e materialismo. (93).

Sensível à situação social da época, à herança operária de sua família e juventude, *Leon Denis* refletiu sobre a condição dos trabalhadores, as diferentes propostas reformadoras da sociedade, em particular no Socialismo, ligando-o ao Espiritualismo e às doutrinas espíritas, propondo, inclusive, um Socialismo de amplo alcance inspirado por guias espirituais interessados no aprimoramento da sociedade.

O caráter social da visão de *Denis*, o papel reformador que ele atribuiu ao Espiritismo ficou claro em uma obra de 1924, Socialismo e Espiritismo, onde fez uma ponte teórica entre estes dois movimentos, a seu ver, complementares para a renovação do espírito humano e da educação do povo. Relembrando sua origem operária de lutas e privações, sua militância para a educação operária, ele nega o materialismo para apontar um socialismo espiritualista, um socialismo humanista:

"As questões sociais, que haviam revestido há algum tempo um caráter violento e ameaçavam atear fogo ao edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. Este é o momento de considerá-lo sem paixão, sem amargor, com a alma que convém aos espíritos refletidos, interessados na justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral. Nós subscrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador a sua parte de influência e de bem estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, porém reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa. (...).

Depois das doutrinas do passado que não nos trouxeram senão a obscuridade, a incerteza, o Espiritismo projeta uma viva claridade sobre o caminho a percorrer, no encadeamento de nossas vidas sucessivas ele nos mostra a ordem, a justiça, a harmonia que reina no Universo. Que o socialista se torne razoável e adote esta grande doutrina, estaciência vasta e profunda, que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que os seus participantes se impregnem e conformem com ela os seus atos e o Socialismo poderá se tornar uma das alavancas que levará a Humanidade para destinos melhores." (94).

Para Denis, o Socialismo e o Espiritismo estavam unidos, pois um oferecia ao outro o complemento da sabedoria, da justiça, das altas verdades e nobres ideais, sem os quais não haveria uma nova ordem social, um destino melhor para toda a sociedade. Juntos deveriam lutar contra as disparidades sociais, privilégios, preconceitos, superstições religiosas, que eram os verdadeiros obstáculos ao progresso, aos deveres e benefícios da liberdade, igualdade e fraternidade, a verdadeira justiça social. Portanto, embora o Espiritismo compreendesse e explicasse a questão social e os problemas econômicos através da lei da reencarnação, ele deveria também reivindicar mudanças estruturais da sociedade, para eliminar as injustiças e desigualdades, fontes de males objetivos.

A compreensão do verdadeiro alcance social e revolucionário da doutrina espírita seria a alavanca da mudança definitiva da sociedade:

"A sociedade terrestre para prosseguir esta evolução deve renunciar ao materialismo que é insuficiente e se apoiar, doravante, sobre esta noção mais alta das existências sucessivas do ser e de uma vida universal regida por leis de equidade e de harmonia.

Façamos desta lei um princípio de educação moral e de justiça social, pois através dela tudo se explica e esclarece. Com efeito, é pela compreensão desta regra social junto à noção de deveres e de responsabilidades que ela comporta, de sanções que lhe são afetas, que se revelará, aos nossos olhos, a grandeza e a beleza da vida. Ai se encontrará o remédio que supre os nossos males e a solução dos graves problemas da hora presente e do futuro." (95).

Destacou-se também, o Denis divulgador da essência doutrinária espírita da imortalidade da alma da reencarnação, do Universo de Deus, da cientificidade dos fenômenos espíritos, da mediunidade, das comunicações dos Espíritos e da existência além-túmulo. Indagando a vida, refletindo sobre a morte, anunciando uma verdade definitiva, do ponto de vista filosófico e científico, suas obras dirigem-se ao esclarecimento dos homens sobre a vida após a morte.

Apoiado na teoria espírita enquanto uma ciência experimental, uma filosofia e uma moral, na voz dos mortos, dos Espíritos, Denis afirmava que a morte não dava mais ser motivo para

terror e desespero pois o verdadeiro espírito era imortal e o homem continuava sua existência espiritual comunicando-se com os vivos, entre aqueles que amou e caminhando para o aperfeiçoamento em sucessivas reencarnações, em perpétua transformação. Nada perecia; do túmulo volta-se ao berço, para ascensão e progresso da alma imortal.

A EXPANSÃO DA SENSIBILIDADE ESPÍRITA; O ESPIRITISMO NO BRASIL

No final do século XX, o Brasil transforma-se na maior nação espírita do mundo, com um imenso leque de opções que vão do Kardecismo, das pesquisas psíquicas à Umbanda.

Na segunda metade do século XIX o movimento espírita foi introduzido no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, entre as camadas intelectualizadas, seguindo os passos das correntes européias. (96). Com o tempo, sua face mística ligada aos ideais da prática da caridade, de curas e de alívio aos problemas materiais ganhou espaço entre outros setores da população, com a proliferação de comunidades religiosas espalhadas pelo país. Sua forma sincretizada com os cultos africanos e com o fetichismo indígena, numa feição mágica e animista, apareceu no movimento umbandista de rápida expansão, sobretudo nos dias atuais.

A história das religiões no Brasil indicam um forte viés mágico e sobrenatural, que os séculos de imperfeita cristianização não abafaram. A origem mágica e sobrenatural da vida e da morte, o folclore dos fantasmas e casas assombradas, a comunicação com o Além e os tempos coloniais. Desta maneira, a fenomenologia que ia sendo codificada pelo Espiritismo kardecista, fazia parte, há séculos, do cotidiano das expressões religiosas, da cultura religiosa oculta no Brasil. Durante o século XIX temos uma forte corrente de magnetizadores na linha desenvolvida por Mesmer, assim como o modismo das mesas girantes. Neste período, o magnetizador e a sonâmbula, o médium (a palavra aparece pela primeira vez na imprensa brasileira em 1854, no jornal O Cearense), vão fazendo sua irrupção no cenário religioso. (97).

A expansão do Espiritismo no Brasil ganhou inimigos imediatos, convertidos de primeiro momento e os que foram sendo levados a novas considerações após contatos com as formas mais representativas do moderno espiritismo espalhado pela Europa e Estados Unidos. Se Machado de Assis foi desde o início um inimigo do Espiritismo, outros, como Bittencourt Sampaio ardorosos defensores do movimento. A adesão de figuras de peso intelectual e político marcou um momento mutio importante para conversões. Neste caso encontramos o céptico Quintino Bocaiúva. Ao conhecer Bezerra de Menezes, acabou envolvido, tornando-se um leitor assíduo da nova doutrina e frequentador da Federação Espírita. Também Castro Alves, à semelhança de Vitor Hugo, seduziu-se pela aventura metapsíquica.

Na verdade, o Espiritismo começou a difundir-se na Bahia a partir de 1865, ligado ao nome de Luís Olímpo Teles de Menezes, jornalista e escritor, fundador e diretor do primeiro jornal espírita brasileiro. O Echo d'Além-Túmulo. Um dos primeiros escritores brasileiros convertido ao Espiritismo foi Manuel de Araújo Porto Alegre. Em correspondência com Joaquim Manuel de Macedo, Porto Alegre falou dos seus contatos com o espírito de Gonçalves Dias e confessou ser a Princesa Isabel uma grande interessada nas pesquisas espíritas. (98). Aliás na Côrte o pedagogo francês Casimir Lietaud publicou, em 1860, o primeiro livro aqui impresso de divulgação espírita: Les temps sont arrivés. (99).

Se o Espiritismo encontrou no magnetismo, na convicção dos poderes curativos dos passes magnéticos uma forte cunha de penetração, a Homeopatia forneceu um eixo sobre o qual as questões espiritualistas encontraram apoio, a ponto da imagem de médico homeopata e espírita

transformar-se em objeto de imediata associação. Os meios intelectuais, românticos e sonhadores viram no espiritismo tanto uma opção mística, uma revisão da idéia de morte, como também as modernas tendências liberais, anti-clericais e até mesmo os ideais do socialismo encaixados numa doutrina espiritual, à semelhança do que aconteceu na Europa.

Porém, a eclosão oficial do Espiritismo nos moldes tradicionais do movimento kardecista francês aconteceu em Salvador no dia 17 de setembro de 1865, com a fundação do primeiro centro espírita sob a direção do Dr. Luís Olímpo Teles de Menezes. Neste dia, às 22:30 hs, realizou-se a primeira sessão oficial e recebida a primeira mensagem psicografada assinada por "Anjo de Deus". Salvador foi o 1º centro de expansão e pesquisa do Espiritismo, de suas doutrinas, experiências práticas, literatura de divulgação e pesquisa.

Progressivamente, o centro de expansão do Espiritismo deslocou-se para a Côrte, por volta de 1870, junto com as reivindicações sociais e liberais desta época, inclusive através da imprensa. O jornal A República abriu espaço para artigos divulgando o Espiritismo. (100). Muitos dos republicanos abolicionistas deste período eram ou tornaram-se espíritas, como Bittencourt Sampaio que, além de médico homeopata, era um médium curador conhecido, Otaviano Húdson, Antônio da Silva Neto, além dos simpatizantes Saldanha Marinho e Quintino Bocaiúva. Entre as décadas finais do século XIX, um número grande de espíritas eram maçons, republicanos e abolicionistas e a ajuda que a maçonaria dispensou aos espíritas foi muito grande. A própria Igreja irá denunciar este fato:

"A Maçonaria, a mais ardente pregoeira do livre-pensamento, associação trajada com o manto dourado da caridade para iludir os incautos e disfarçar os seus assaltos e agressões, sucessivamente, por vários pontífices, entre os quais avultam os derradeiros, que pelo profundo saber e por vitudes acisoladas, darão nome no século, tendo nos lábios os sorriso do escárnio e no coração um ódio crepidante, convoca seus adeptos disseminados pelo mundo, reíne suas lojas e assesta as baterias contra a Igreja. Dando mãos a todas as seitas faz alianças e conserta os planos da campanha." (101).

Em 1873, organizou-se no Rio de Janeiro, o Grupo Confúcio - Sociedade de Estudos Espíritos - presidida por Silva Neto, sob o lema "Sem caridade não há salvação, sem caridade não há verdadeiro espírita" e com a proteção espiritual de Emanuel. Este grupo receitava homeopatia, dava passes fluídicos e dedicava-se à propaganda das novas idéias. No ano de 1876, antigos membros deste grupo organizaram uma nova sociedade de estudos espíritas, "Deus, Cristo e Caridade", dirigida por Bittencourt Sampaio.

Durante o ano de 1875, a *Carnier* editou a tradução de Como e porque me tornei Espírita, de *J.B. Borneau* e O Céu e o Inferno, de *Allan Kardec*, além do próprio Livro dos Espíritos. Em 1876 Evangelho segundo o Espiritismo. O Grupo Confúcio, em 1875, começou a tradução da Revista Espírita, publicação mensal de estudos psicológicos, dedicada a explicar o espiritismo como uma ciência de observação compreendida no quadro das ciências positivas. (102). Havia por parte destes espíritas mais intelectualizados uma forte preocupação em separar a doutrina espírita kardecista da prática popular, sobretudo afro-brasileira, o espiritismo sincrético de feição popular que não cessava de crescer.

A OPOSIÇÃO DA IGREJA

O desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, justamente depois de 1876, tornou-se alvo de ataques cada vez mais acirrados da Igreja. Pastorais, sermões, artigos em jornal atacaram a doutrina espírita como falsa, ilusória, herética e perigosa tanto para a fé como para a saúde mental. Embora a Igreja não negasse a possibilidade da aparição dos mortos, condenava toda manifestação do Além que não passasse pela autorização divina. Segundo a abordagem da Igreja, as aparições dos mortos aos vivos não eram impossíveis, mas raras e Deus só as permitia pela oração dos santos ou em circunstâncias particulares das almas do Purgatório, solicitando auxílio para o bem e edificação dos vivos.

"Qual destes espiritos executa os prodígios certos notados nas sessões espíricas? Não é Deus, porque Deus infinitamente santo e sábio, não se presta a cenas ridículas, baixas, imorais e obscenas, que se passam no espiritismo. (...).

Tão pouco são as almas que no Purgatório esperam o dia de sua libertação e entrada na Glória Eterna, porque estão presas ao lugar a que acabam de purificar-se, donde não saem e nem podem sair sem expressa ordem de seu Criador. Menos ainda podem ser atores das sessões espíricas as almas dos condenados, porque atarrachadas ao cárcere de seu suplício, daí não se arredam nem se movem, senão por determinação do Supremo Juiz.

Não sendo Deus, nem os anjos, nem as almas santas, quer do Céu, quer do Purgatório, nem as almas prescritas do Inferno, só restam os demônios ou anjos maus, para executores dos prodígios espíricos." (103).

Esta questão da invocação dos mortos foi inclusive objeto de uma legislação eclesiástica já no final do século XIX. (104). Mas o tema da saúde mental que predominou nas argumentações:

"Importantíssimo, oportuniíssimo e talvez, de pouca dificuldade seria o estudo que abrangesse o espiritismo sob o triplice espectro de seus erros, que sendo enormes no domínio da ciência, da moral e da fé, constitue ainda um grande perigo para a saúde do homem. Este lado físico, por ser mais tangível, é aquilo pelo que mais se preocupa o comum dos homens; e por isso julgamos que o melhor meio de impedir os fiéis de levarem o seu concurso e a sua participação às reuniões espíricas, é mostrar-lhes o mal ingente a que vão expor sua saúde. (...).

O espiritismo, suas cerimônias, as suas experiências, as cenas que produz, as convulsões que causa, as mesas rodantes, as chamadas fotografias dos espiritos, os espelhos mágicos e outras muitas bruxarias, tem como efeito seguro, um resultado infalível: povoar os hospícios de alienados." (105).

"Quais são, pois os frutos do espiritismo?

Na ordem física: não é um progresso sério e útil; puras ilusões e útil, puras ilusões e, quando muito, o auxílio equívoco e passageiro de algumas enfermidades; d'outras que são causadas por um imaginação exaltada desmedidamente.

Na ordem intelectual: é um apoio prestado a cinco ou seis erros que, de vez em quando se levantam contra os dogmas constantes do Catolicismo; uma pálida repetição, uma fora misteriosa dos sofismas rebatidos nos jornais anti-religiosos; os espiritos da mentidra dizendo eles mesmos o que mandavam dizer pela boca dos homens; eis tudo.

NA ordem moral: desastres, loucura, suicídio.

Em muitos lugares as revelações mais ou menos acordes com a verdade semeiam dissensões nas famílias.

As casas de loucos, os hospícios estão cheios de espíritas, cujos cérebros foram perturbados pelos espíritos.

De 1820 a 1870 o número de alienados triplicou.

Em 255 alienados enfermos numa casa, 54, eram vítimas do espiritismo!

O desgosto da vida apodera-se dos desgraçados que tem revelações com aquele que é um assassino desde o princípio. (...).

Os que tem olhos para ver, abram-nos antes que a sua ilusão seja completa e irremediável e depois tomem a resolução: 1. de romper todo o pacto com o espiritismo; 2. de não contribuir nem com a sua presença nem com a sua cota, para reunião alguma espírita; 3. queimar os livros e devolver os jornais que favorecem e propagam o espiritismo. " (106).

A igreja atacava maçonaria, espiritismo, ciência, racionalismo, medicina e materialismo, numa só penada, para mostrar a decadência do mundo que ia perdendo a verdadeira fé cristã. (107).

A EXPANSÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Poderíamos traçar um largo percurso desde os primeiros divulgadores de meados do século XIX, passando pelos médicos homeopatas Melo Moraes, Joaquim Travassos e Antônio de Castro Lopes entre 1877 e 1879, as reuniões na livraria de Serafim Leite até chegarmos a Bezerra de Menezes. (108). Para efeito deste trabalho vou concentrar o enfoque na obra do importante divulgador do Espiritismo no Brasil: Adolfo Bezerra de Menezes.

Encontramos em Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) o grande divulgador e importante teórico do Espiritismo no Brasil. Médico, político liberal da Câmara Municipal da Corte e da Câmara dos Deputados, em 1875, após a leitura do Livro dos Espíritos e os contatos em 1882 com o médium curador João Gonçalves do Nascimento, tornou-se um adepto consciente do movimento espírita, alvo de intensa campanha contrária. Em 1883 passou a escrever para o jornal espírita O REformador, publicado por Augusto Elias da Silva, porém só em 1886 faz sua adesão pública ao Espiritismo, inscrevendo-se na Federação Espírita Brasileira, fundada em 2 de janeiro de 1884. (109).

Durante sete anos, sob o pseudônimo de Max, Bezerra de Menezes publicou longos artigos no jornal O País. Combateu os ataques recebidos dos materialistas e da Igreja. Divulgou a doutrina espírita nos moldes kardecistas, discorrendo sobre diferentes concepções religiosas através da história, pensando a questão da ciência moderna, o papel da caridade e do auxílio mútuo, a diferença entre a mediunidade e o charlatanismo, a pluralidade dos mundos, o Código Penal e, o que nos interessa mais de perto, a comunicação dos espíritos dos mortos, a reencarnação e as causas espirituais da loucura. (110).

Bezerra também publicou vários artigos sobre a reencarnação desde a antiguidade religiosa clássica e oriental, passando pelas crenças druídicas, no Antigo Testamento, na Cabala e no próprio Cristianismo primitivo. Analisou o fato reencarnatório do ponto de vista do evolucionismo

espiritual e como fator explicativo das diferenças observadas entre os seres humanos. As diferentes vidas sucessivas foram comparadas à longas jornadas em direção ao aperfeiçoamento do espírito imortal. (111).

De acordo com a doutrina espírita, Bezerra de Menezes reviu a questão da loucura nos moldes convencionais da ciência médica e psiquiátrica de sua época, segundo os quais a alienação mental era efeito de um estado patológico do cérebro, uma simples glândula secretora do pensamento.

Para Bezerra de Menezes, a compreensão passava por uma nova formulação. O pensamento era colocado em função da alma ou espírito e suas perturbações não dependiam das lesões do cérebro (embora estas disfunções pudessem contribuir para anormalidades mentais), pois este órgão era um instrumento das manifestações da faculdade pensante espiritual. Portanto, em oposição à definição de loucura científica do ponto de vista da psiquiatria vigente, ele elaborou a concepção de loucura por obsessão devida à ação fluidica de influências estranhas e inteligentes provenientes de desencarnados. (112).

Lançando mão das noções de perispírito, das ligações entre o corpo e alma, das comunicações entre os vários corpos tanto materiais como sutis pelo fluído cósmico universal, Bezerra de Menezes construiu uma teoria do papel espiritual nos distúrbios mentais.

"O perispírito, portanto, é quem transmite à alma as impressões do corpo, concentradas no cérebro, e é quem transmite ao corpo as volições da alma, pela impulsão dada ao cérebro, como centro do sistema nervoso.

O corpo é simples meio de por a alma em relação com o mundo externo, ligando-se-lhe pelo perispírito.

A alma é que sente, que recebe, que quer, segundo as impressões que recebe do exterior e mesmo independente delas, pois que também recebe impressões morais, e tem idéias e pensamentos sem a intervenção dos sentidos corporais.

E tanto é assim, que, separada do corpo pela morte ou por simples desprendimentos, ela exercita todas as funções psíquicas que exercia quando ligada ao corpo; possui e exercita a inteligência e a razão, a sensibilidade, não mais física apenas, a vontade, a memória, a consciência e tudo isto em grau superior, não sendo mais tolhida pelas prisões carnis.

Logo, os fenômenos morais e intelectuais, que se manifestam no correr da vida corpórea, são devidos a faculdades anímicas, e não às propriedades do corpo. (113).

Portanto, a loucura deveria ser entendida no seu sentido anímico, como uma perturbação espiritual profunda, consequência, até mesmo, de situações reencarnatórias anteriores, funcionando como um eficiente meio de expiação de antigas faltas, de um etapa para aprimoramento da alma imortal que buscava a perfeição. As existências encarnadas significavam breves paradas para colher sabedoria, conhecimento e cultivo intelectual. Durante a vida corpórea não se rompiam os contatos entre mortos e vivos. Na preexistência dos espíritos podiam estar causas da loucura psíquica. (114). Muitas das perturbações mentais decorriam desta relação entre os mortos e os vivos através da obsessão, sem lesão cerebral, por influência psíquica dos Espíritos desencarnados. (115).

Assim, o campo da loucura devia ser tratado do ponto de vista espiritual, cuja origem tanto podia estar na expiação de existências anteriores como na perseguição invisível dos espíritos malévolos e desafetos dos mortos. Dessa forma, qualquer distúrbio mental deveria ser diagnosticado

sob o ponto de vista espiritual. Depois deste diagnóstico diferenciado, o tratamento do segundo caso se daria através do Espiritismo, atuando sobre os doentes e os Espíritos obsessores:

"Esse tratamento é misto, isto é, moral e terapêutico, principalmente moral.

No princípio, enquanto os fluidos magnéticos não tem produzido lesão cerebral, deve-se procurar elevar os sentimentos do obsidiado, indutindo-lhe na alma a paciência, a resignação e o perdão para o seu perseguidor, e o desejo humilde de obtê-lo, se em outra existência foi ele o ofensor.

Alcançado este desiderato, pela evocação do Espírito encarnado, deve-se evocar o do obsessor, e trabalhar com ele no sentido de demovê-lo da perseguição, fazzendo-lhe conhecer a lei pela qual terá de pagar, em dores, todas as que tem feito sua vítima sofrer, sem o que jamais poderá tomar as vias que conduz às regiões da felicidade. (...).

Quando, porém, a ação fluidica do obsessor tem castigado por muit tempo o aparelho material da vítima, produzindo lesões orgâncas em uma ou mais vísceras, o tratamento deve compreender a moralização acima prescrita, quer do obsidiado, quer do obsessor." (116).

A partir dos estudos de Bezerra de Menezes, a doença mental e, em alguns casos, as doenças físicas, viraram distúrbios de ordem espiritual. Os estudos e práticas deste tema ampliaram-se entre os espíritas. Aumentavam cada vez mais, a importância das relações entre mortos e vivos e o papel das atitudes positivas entre os planos da Vida e do Além

A etiologia das doenças e de suas causas podiam ser encontradas em alguns níveis de disfunções imateriais: a) devidas a efeitos kármicos, atitudes e comportamentos errados e perniciosos em existências anteriores que purificados nas vida atual, através do sofrimento, do desenvolvimento da fé, do conhecimento e aprimoramento espiritual; b) mediunidade sem desenvolvimento que resultava em sofrimento pois a sensibilidade mal trabalhada acarretava muitas possessões e obsessões que desequilibravam a pessoa. Neste sentido, a obstrução da missão espiritual de permitir, através de seu corpo físico, a comunicação dos mortos, podia acarretar uma série de desordens mentais e corpóreas e este desequilíbrio levava à obsessão constante e, até mesmo à loucura. O desconhecimento deste fenômeno ou a ignorância do que se passava no plano espiritual conduziam a muito sofrimento e doenças; c) a possessão por espíritos de categorias inferiores e "ignorantes" causadores de perturbações e desordens físicas e mentais. Estas possessões podiam originar-se em vinganças de encarnações anteriores, tendências espirituais e morais negativas das próprias pessoas com mediunidade subdesenvolvida que se enredavam em maus sentimentos, pensamentos negativos e desejos de vingança. (117).

As sessões mediúnicas espíritas voltavam-se para os tratamentos espirituais, além da divulgação doutrinária e da formação de médiuns. No tratamento de distúrbios físicos e mentais adotaram condutas harmonizadoras que buscavam esclarecer homens e espíritos das mais diversas categorias, através dos seguintes procedimentos: a) passes magnéticos à semelhança daqueles conhecidos pelos antigos magnetizadores e água fluidificada pelos médiuns e espíritos protetores; b) exortações e ensinamentos religiosos espíritas tanto para os vivos sofredores como para os mortos pouco desenvolvidos espiritualmente; c) aplicação de tratamento homeopático que pode ser receitado por médicos encarnado ou espíritos curadores através de médiuns; d) operações cirúrgicas espirituais. Muitas grandes instituições psiquiátricas surgiram ligadas à grupos espíritas.

O desenvolvimento do Espiritismo encontrou seguidores, estudiosos e doutrinadores muito importantes também no século XX. Sem sombra de dúvida, nos dias atuais é a figura do médium Francisco Cândido Xavier (1910-), o centro deste fenômeno espiritual. Autor de 352 obras psicografadas dos mais variados gêneros, de poesias a romances históricos, trabalhos teóricos e filosóficos sobre o Espiritismo, num total que já ultrapassa 20 milhões de exemplares vendidos e traduzidos em 22 idiomas.

Seu trabalho mediúnico intermedia as comunicações entre mortos e vivos em depoimentos, mensagens, poesias ou contos. Milhares de pessoas que perderam filhos, pais, irmãos ou amigos procuram Chico Xavier na cidade de Uberaba, para conseguir uma mensagem, uma informação dos mortos, provas da imortalidade da alma e, sobretudo, consolo e esperança de que com a morte, nada terminou, apenas modificaram-se os planos e as relações.

Suas obras, ditadas psicograficamente, servem para mostrar, conforme prega a doutrina espírita, que a morte não existe, e o processo do desencarne significa, simplesmente, a entrada numa outra condição onde os afetos, amizades, parentescos havidos em terra conservam-se.

Cerca de 150 das mensagens recebidas por Chico foram utilizadas para trabalhos e estudos científicos que têm como objetivo provar a imortalidade do Espírito. De acordo com o conteúdo das suas mensagens, o Outro Lado é também um lugar de trabalho e aprendizado, de progresso espiritual contínuo e onde as individualidades, despidas do corpo material, permanecem ligadas às suas atitudes, estruturas mentais e comportamentos tidos em vida. Diante de um trabalho tão amplo como seria o de investigar a obra de Chico Xavier, alguns momentos podem ser identificados como importantes para a doutrina da imortalidade e das relações entre mortos e vivos.

As informações sobre a morte e a vida após a morte contidas nas obras de Chico Xavier coincidem com as teorias e doutrinas espíritas de diversas épocas e lugares. Os relatos sobre as ocorrências do pós-morte apontam imagens constantes. Em primeiro lugar, todos os Espíritos falam do sono, desmaio ou torpor ocorrido após a morte, da sensação de sonhos, num espaço de tempo parece indeterminado. No caso de mortes violentas e inesperadas esta sensação é instantânea.

"Apenas uma dor de cabeça muito ligeira me dava a idéia de algum comprimido que pudesse me restituir toda a força . A queda do corpo foi rápida. Quis controlar-me mas não pude, alguma coisa estava diferente em meu cérebro. Tentei estudar a mim mesmo, pois parecia estar caindo num choque de encontro a um muro desconhecido.

Ouvi os companheiros de bola gritando por mim ...

Alguém se ajoelhava, procurando meu corpo para massagens, no entanto , escutava os chamamentos de carinho e sentia várias mãos em meu peito, mas a voz morrera na garganta e chorei ...

Chorei passando a um sono que me pareceu vir de uma injeção de anestésicos. Então dormi muito, mas sonhei que fui ao encontro de nossa casa e de nosso caro Dr. Marins, caminhando livre mas desorientado pela praia de Embaré e ao longo de outras praias, como se eu fosse feito de um material muito leve e flutuante, a transferir-me de um lugar para outro conforme a minha própria vontade. Em seguida apaguei-me e nada senti senão repouso sem nenhuma recordação." (118).

Nas mortes em circunstâncias menos inesperadas, o moribundo percebia as atitudes e reações dos vivos e presenciava certos espíritos para recebê-los e prepará-los na passagem do Outro Lado. Mas certas mortes, em consequência de uma enfermidade, antes da sensação de

adormecimento, o corpo podia ser observado. O espírito vagueava entre outros espíritos, deslocando-se pelo ambiente:

"O sono sem sonhos durou apenas umas poucas horas porque estranho pesadêlo passou a dominar-me inteiramente.

Parecia-me vaguear numa atmosfera obscura e indefinível.

Sentia que mamãe se debruçava sobre mim, pronunciando meu nome, angustiadamente. Observava-lhe as mãos ansiosas, tateando-me o rosto e os cabelos. Ouvia-lhe os gritos de dor, mas debalde procurava acordar e tomar conta de mim.

Sofri muito em semelhantes momentos de incerteza e aflição.

Valeu-me Tia Eunice, que me amparava cuidadosamente.

Pouco a pouco, ao mesmo tempo que me sentia enlaçado nos chamamentos de mamãe, tive a idéia de que uma força superior me arrastava da cama devagarinho.

Compreendi que me encontrava agarrado a substâncias pegajosas, como passarinho preso ao visgo. Notei, todavia que alguém me libertava, despojando-me de um fardo, como acontece ao desfazer-no da roupa comum ...

Desde então, apesar de prosseguir na mesma atmosfera de sonho, não mais senti as mãos de mamãe, mas somente as de Tia Eunice, que me aconchegou ao coração.

- "V amos, Carlinhos!" - ouvi-la distintamente. (119).

A imortalidade do Espírito ficava aparente nos diferentes relatos, pois não havia ruptura no pensamento quando da ocorrência da morte física. Muitas vêzes, exigia dificuldade em compreender que já não se pertencia mais ao mundo dos vivos, pois a conservação dos pensamentos, afetos, hábitos e vontades não sofria solução de continuidade, acarretando um estado latente de confusão. Desta maneira, as sensações de dor e sofrimento aumentavam diante de atitudes de tristeza ou revolta tanto, dos mortos como dos vivos:

"Penso que o estado de alguém que acorda aqui, de repente, assim como me sucedeu, é uma espécie de loucura consciente em que nos conhecemos e passamos a desconhecer, porque somos nós e o que pensam de nós, e se os que pensam em nós estão envolvidos em prantos e aflição, a aflição e o pranto estão igualmente conosco, mesmo quando procuremos ser fortes ou não queiramos chorar. Sabia que me achava longe de casa, mas via você, Mãezinha, procurando meus retratos, cartões, lembranças, roupas objetos e escritos." (120).

Os relatos também falam da permanência de sensações nos órgãos atingidos pela doença ou das agressões que ocasionaram a morte, assim como da conservação da forma humana, confundindo o novo estado pós-morte. Nesta situação, o aparecimento de pessoas que já morreram, parentes ou amigos, suprem a necessidade dos mortos. (121).

As mensagens espirituais falavam na recapitulação da vida física, no despertar após a morte onde hospitais, casas de tratamento ou instituições de reeducação espiritual cuidavam dos que acabaram de passar para a condição de Espíritos precisando de amparo e tratamento. A morte do corpo material implicava na imposição compulsória de mudanças na maneira de encarar a existência, alterações de conduta, hábitos, conhecimentos e rotinas. Embora a morte não destruísse os laços de afetividade com os vivos e ampliasse o círculo dos familiares e amigos já mortos, a realidade espiritual operava em condições diferentes numa lenta adaptação: (123).

"E o pessoal daqui é cópia melhorada do grupo terrestre, ou melhor, Mãezinha, aí no mundo somos a cópia piorada da equipe que segura a caminhada do lado de cá. E muita gente mesmo, tanto de nossa parte quanto da parte dos colaterais. (...)." (124).

O trabalho desenvolvido pela doutrina espírita construiu um conhecimento da realidade da sobrevivência da alma e da continuidade da vida espiritual de maneira bastante eficiente e com grande sucesso na sociedade contemporânea, haja visto o grande número de adeptos e simpatizantes, sobretudo no Brasil.

Contudo, o objetivo maior do Espiritismo, em provar a imortalidade do Espírito e a continuidade espiritual das individualidades, significa um esforço de alertar os vivos da necessidade de buscar aprimoramento moral, intelectual e espiritual ainda em vida para não comprometer nem existência após a morte, nem as futuras reencarnações. Os depoimentos, as cartas e mensagens dos mortos procuram consolar, demonstrar a imortalidade e apaziguar os medos e inseguranças dos vivos desorientados e em busca de respostas. É o lado consolador da crença espírita.

Mas existe uma outra dimensão da doutrina espírita: encontrar o conhecimento absoluto e as determinações irrefutáveis de seus pressupostos básicos sobre a imortalidade da alma e a existência após a morte, assim como decifrar o fenômeno da morte numa ponte entre Ciência e Religião. Um texto clássico deste tema chama-se Educação em Dois Mundos ditado psicograficamente para dois médiuns brasileiros, Chico Xavier e Waldo Vieira, em 1958. Estamos aqui bem distantes dos relatos de mortos sobre as suas condições após a morte e as mensagens consoladoras de mortos sobre as suas condições após a morte. Neste trabalho, ficou estabelecida uma ciência e fenomenologia da existência espiritual, uma indagação lógica e fluente baseada em conhecimentos da física, biologia e química sobre a Causa Fundamental, sobre o corpo espiritual e a alma imortal.

Partindo da noção de Flúido Cósmico como o plasma divino gerador de tudo, decifrando a Criação e as forças atômicas que determinaram o Universo em gênese e funcionamento, inclusive de todas as criaturas e formas que o habitam, o estudo realizado em Evolução em Dois Mundos trabalhou com a genealogia do espírito, da mente e do destino na evolução tanto da matéria como do espiritual. (125).

A morte ocorria em consequência de um esgotamento da força vital que mantinha a ação do corpo material e podia ter como causa enfermidades, acidentes e caducidade celular. Declinavam as atividades fisiológicas, diminuía a atividade física e mental e iniciava-se o trabalho de separação da matéria e do espírito.

"Chega assim, o momento, em que se imobiliza na cadaverização, mumificando-se à feição da crisálida, mas envolvendo-se no imo do ser com os fios do próprio pensamento, conservando-se neste casulo de forças mentais, tecido com as suas próprias idéias reflexas dominantes ou secreções de sua própria mente, durante um período que pode variar entre minutos, horas, dias, meses ou decênios.

No ciclo de cadaverização da forma somática, sob o governo dinâmico de seu corpo espiritual, padece extremas alterações que, na essência, correspondem à histólise das células físicas, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos que podemos nomear, por falta de termo equivalente, como sendo histogênese espiritual, aproveitando os elementos físicos, desagregados do tecido citoplasmático, e que se mantinham até então, ligados à colméia fisiológica entregue ao desequilíbrio ou à decomposição." (126).

O espírito só começava a sua libertação após a morte física. Este processo de separação variava, dependendo das condições mentais e do estado energético do morto. Um momento importante neste processo de separação estava na revisão das experiências, a recapitulação de existência, num processo de familiarização com a sobrevivência extra-física. Este processo, assemelhava-se ao movimento de reencarne. A morte era a passagem para a existência espiritual assim como a concepção e o nascimento, passagens para o mundo material. (127).

O espírito, que tinha forma e matéria sutil se libertava após a morte. Sua condição na existência espiritual, assim como a qualidade da libertação do corpo morto acontecia dentro de certas variáveis e com causas específicas.

"Apenas aí, quando os acontecimentos da morte se realizam, é que a criatura humana desencarnada, plenamente renovada em si mesma, abandona o veículocarnal a que se jungia; contudo, muitas vezes intimamente aprisionada ao casulo dos seus pensamentos dominantes, quando não trabalhou para renovar-se, nos recessos do espírito, passa a revelar-se em novo peso específico, segundo a densidade da vida mental em que se gradua, dispondo de novos elementos com que atender à própria alimentação, equivalentes às trompas fluidico-magnéticas de sucção, embora sem perder de modo algum o aparelho bucal que nos é característico, salientando-se, aliás, que semelhantes trompas e antenas de matéria sutil estão patentes nas criaturas encarnadas, a se lhes espressarem na aura comum, como radículas alongadas de essência dinâmica, exteriorizando-lhes as radiações específicas, trompas ou antenas essas pelas quais assimilamos ou repelimos as emanações das coisas e dos seres que nos cercam, tanto quanto as irradiações de nós mesmos, uns para com os outros." (128).

Começava então, a existência espiritual, propriamente dita. A personalidade humana aparecia metamorfoseada na condição além túmulo, no mesmo estágio mental e educacional que tinha antes de morrer, sem perder a própria identidade, somando as experiências da vida, da morte e das transformações ocorridas no plano espiritual. O espírito permanecia ligado à todas as impressões da sua última existência. (129).

No plano espiritual, a personalidade desencarnada formada por um fluido vivo e multiforme, nascido da própria alma, um subproduto do Fluido Cósmico. Este fluido formava um pensamento contínuo, gerando potenciais de energia e vibrando numa nova escala. O corpo espiritual continuava submetido às leis de gravitação ao longo de vastas regiões de matéria sutil, que circundavam todo o planeta, divididas em várias esferas de vibrações diferentes. Na maioria das vezes os desencarnados permaneciam ligados aos seus problemas e interesses terrenos, auxiliados nestas tarefas por espíritos superiores que contribuíam para o seu aprimoramento espiritual: (130)

Pode-se falar em uma morfologia espiritual, no conjunto social do plano extra-físico, respeitando a última existência encarnada daquela personalidade na Terra.

As marcas de defeitos físicos e mentais podem perdurar durante um certo tempo, no mundo espiritual, na psicosfera que envolvia os desencarnados. Porém, durante o período de reeducação e tratamento a que eram submetidos, em mais ou menos tempo, estas má-formações desapareciam. Normalmente predominava um certo padrão da existência corpórea:

"A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de

homem ou de mulher, segundo a sua vida íntima, através da qual se mostra com as qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil assim observar, que a desencarnação libera todos os espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo à provação necessária ou a tarefa específica, porquanto fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem." (131).

Estas características conservadas após a morte sujeitavam-se ao aprimoramento no plano espiritual. O aprimoramento determina o final do processo de existência espiritual, ou seja a reencarnação, a nova existência dentro de um outro corpo físico, num processo inverso, mas semelhante, ao da morte do corpo e o conseqüente desprendimento do espírito.

As lembranças dos erros e limitações das existências anteriores, entranhadas no espírito, formavam as "sementes do destino", promovendo e pedindo novas reencarnações para aperfeiçoamento e quitamento de dívidas e trabalhos contraídos em outras vidas ou até mesmo, para dar continuidade às tarefas importantes desenvolvidas durante a última vida material.

Dessa forma, a reencarnação tanto podia ser determinada por necessidades expiatórias e de aperfeiçoamento, como por motivos elevados e de auxílio evolutivo para a realização de tarefas muito importantes do ponto de vista do aperfeiçoamento coletivo. Para que a reencarnação ocorresse, era necessário todo um processo de restringimento do corpo espiritual, de acordo com as características de cada espírito. A imagem do sono reparador que se seguia à morte também era utilizada para iniciar o processo de reencarnação de um espírito. O sono profundo sem sonhos e memória e conseqüência da ação de Instrutores Espirituais, permitia o restringimento espiritual para a geração de um novo corpo físico. (132).

Este trabalho, Evolução em Dois Mundos, desenvolveu de forma filosófica e científica, a teoria espírita de imortalidade da alma, na qual a necessidade de entender o que se passava com o Espírito Eterno aparece como um momento importante para o trabalho evolutivo e regenerador de todo ser humano.

A evolução da Alma em dois planos, do berço ao túmulo, em direção à Eternidade, fazia parte da única verdade à qual deveriam se ater os seres humanos. De ponta a ponta, na vida, após a morte e no renascimento para nova vida, a imortalidade espiritual apontava a necessidade de trabalho e aprimoramento constante.

O ESPIRITISMO ATUAL

O Espiritismo conta hoje em dia com inúmeros adeptos em todo o mundo, milhões de pessoas que, se não declaram filiação explícita, confessam no mínimo, suas simpatias. As atrações que o movimento exerce são muitas, sobretudo às de razões sentimentais diante da possibilidade de um contato com os entes queridos já falecidos e também com a série de respostas que, teoricamente, o Espiritismo oferece para o grande enigma da morte e do após morte, deixando espaço para a grande intensidade sentimental com uma certeza de realidade objetiva: mortos e vivos podem comunicar-se; a morte não existe e o sepulcro é um vestiário onde nos despimos do corpo físico, qual vestimenta gasta e corroída pelo tempo.

Devemos entender que a questão da morte e da vida futura representam um bastião, o grande fato religioso de toda a nossa época contemporânea, racional e moderna, que não compreende

e não aceita a morte. As diversas crenças na vida futura que existem atualmente, são respostas à impossibilidade de aceitar a morte como finitude. Para *Ariès*, trata-se da "revolução do sentimento", quando a afetividade domina o comportamento, diante da fria impassibilidade e da racionalidade. (136).

O movimento Espírita organizou-se como uma forma de prestar consolo moral e espiritual, um tipo de terapêutica física e espiritual, um apoio na prestação de assistência material para os carentes, mantendo asilos, orfanatos e obras diversas de cunho social. A divulgação doutrinária não deixou de se expandir através da atividade editorial, na divulgação das obras de *Kardec*, dos autores médiuns do passado, contemporâneos e, sobretudo, na propagação da necessidade de continuar os estudos filosóficos e científicos propostos desde o início do movimento, na segunda metade do século XIX.

Embora o aspecto religioso continue prevalecendo dentro do Espiritismo como uma religião de sobrevivência, uma religião de salvação, existe também uma abordagem considerada mais científica, uma ciência dos fenômenos ditos supranormais. Estamos diante da Parapsicologia da necessidade de estabelecer cientificamente a veracidade da existência espiritual após a morte, de provar a reencarnação e, acima de tudo, estudar todos os fenômenos psíquicos e espirituais.

O centro da doutrina espírita é a imortalidade da alma e a certeza de que não existe separação entre mortos e vivos, principalmente, no que se refere aos erros, à necessidade de trabalho construtivo e de aprimoramento espiritual constante, seja na vida como após a morte. A reencarnação e a lei da ação e reação desenvolvem uma nova compreensão dos erros humanos e apresentam possibilidades variadas para o resgate das ações negativas praticadas em existências determinadas. O retorno à vida é uma chance, uma etapa fundamental no caminho de progresso individual e coletivo, uma possibilidade de reforma interior.

Esta crença deveria promover a humildade e a compreensão diante da vida, dos seres humanos, da morte e da própria angústia existencial.

A reencarnação e a existência podem, de acordo com a doutrina espírita, acontecer por vontade deliberada, para resgatar erros passados e avançar um degrau na escala da evolução espiritual. Neste caso, é uma atitude consciente baseada no arrependimento. Mas, como a ação e reação é uma lei definitiva, mesmo que não haja uma consciência dos erros e um verdadeiro arrependimento, a reencarnação sempre terá a compensação pelos méritos ou deméritos das vidas anteriores. Portanto, a revolta, o inconformismo, a não aceitação dos pecados e sofrimentos, o ódio, são sinais de ignorância dos fundamentos que regem a vida, a morte, a imortalidade.

O trabalho incessante e a prática da caridade estão relacionados à reencarnação e ao aprimoramento espiritual. O trabalho, a atividade incessante, é a fonte primeira da experiência, do resgate e da sabedoria, seja para prover a subsistência individual, da família ou pelo bem comum, e também em favor dos desencarnados. Mortos e vivos devem mutuamente, auxílio, amparo, compreensão e trabalho caritativo.

Evolução, progresso, trabalho, ciência, razão ao lado de fé, imortalidade da alma, mundo dos espíritos, caridade, misericórdia: só no século XIX, um movimento religioso aliando estas diferenças seria possível. Mas, é o epitáfio do túmulo de *Kardec* no Père-Lachaise que melhor sintetiza o pensamento religioso do movimento: "Nascer. Morrer. Renascer ainda e progredir sem cessar. Tal é a lei."

NOTAS

1. Todas as citações do O Livro dos Espíritos de *Allan Kardec* são do texto francês original, publicado na edição bilingue publicada em 1957 por ocasião da comemoração do centenário da obra, incluindo a tradução de Canuto Abreu, SP, Cia. Editora Ismael, 1957. Existem também excelentes traduções brasileiras publicadas pela Federação Espírita Brasileira.
- 2.1. Lanoire, M. Refléxions sur la survie, Paris, Nouvelle Ed. Debresse, 1971.
- 2.2. Castellan, V. El Espiritismo, Barcelona, Oikos-Tau, 1971.
- 2.3. Duval, P. Nuestras Faculdades Desconocidas, Barcelona, Plaza Janés, 1970.
- 2.4. Brandon, R. The Spiritualists: The Passion for the Occult in the XIX Centuries, NY, Knopy, 1983.
- 2.5. Rochas, D. Survivance et Imortalité de l'âme, Arques, Cahiers d'Etudes Cathares, 1960.
- 2.6. Hutin, S. "El espiritismo y la Sociedad Teosófica", in História de las Religiones, Vol XII, pp. 231-78.
- 2.7. Wantuil, Z. As Mesas Girantes e o Espiritismo, RJ. FEB, 1978.
- 2.8. Doyle, A.C. História do Espiritismo, SP, Pensamento, 1978.
- 2.9. Amadou, R. Los Grandes Médiums, B. Aires, Paidós, 1971.
- 2.10. Wantuil, Z./Thiesen, F. Allan Kardec: Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação, Vols. I, II, III, RJ, FEB, 1980.
- 2.11. Machado, U. Os Intelectuais e o Espiritismo - De Castro Alves à Machado de Assis, RJ, Antares/INL, 1983.
- 2.12. Charlton, D.G. Secular Religion in France, London, Oxford Press, 1963.
3. Ver: Stanley, M. Swedenborg: Essential Readings. Morth Hampshire, Thorsons, Publishing Group, 1988.
4. Swedenborg, E. Arcana Celeste, SP, Icone, 1989, p. 13.
5. De Planetary Angeles, Madrid Pliragnano Ed, 1988, pp. 193-4.
6. The True Christianity, London, 1936, p. 140.
7. De Planetas Yanych, pp. 180-2.
8. The Heaven and Hill, London, Swedenborg Society, 1981, pp. 449-50.
9. Planetas y Angeles, pp. 186-7.
10. Apocalipse Revelado, p. 139.
11. Carta datada de 1796. In Cartas de Johann Kaspar Lavater à Maria Feodorowna editada pela Biblioteca Imperial para a Universidade de Iena em São Petesburgo, 1858. Citada por Denis, L. O porquê da Vida, RJ, FEB, 1987.
12. Carta de *Lavater* de 1798, op. cit. pp. 78-81.
13. Carta de *Lavater* de 1798, op. cit. pp. 95.
14. Aires, P. O Homem diante da Morte, op.cit. pp. 500-1.
15. A coleção da *Revue Spirite*, Revista Espírita, está sendo publicada pelo IDE, Araras, SP, com tradução de Salvador Gentile.
16. Kardec, A. O Céu e o Inferno (ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo), Araras, IDE, 1991, pp. 9-88.
17. O Livro dos Espíritos, pp. 10.
18. O Livro dos Espíritos, p. 11.
19. O Reformador, abril de 1978, Anuário Espírita de 1964, Doyle, op.cit. p. 286.
20. O Reformador, junho de 1978.

21. V. a biografia de *Allan Kardec* de Wnatuil/Thiesem.
22. Kardec, A. A Viagem Espírita em 1862, Matão, O Clarim, 1968, pp. 148-51.
23. O Livro dos Espíritos, pp. 23-4.
24. O Livro dos Espíritos, p. 24.
25. O Livro dos Espíritos, p. 127.
26. O Livro dos Espíritos, p. 187.
27. O Livro dos Espíritos, p. 75.
28. O Livro dos Espíritos, p. 75.
29. Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ, FEB, 1978, p. 49.
30. O Livro dos Espíritos, p. 25.
31. O Livro dos Espíritos, p. 108.
32. O Livro dos Espíritos, pp. 106-7.
33. O Livro dos Espíritos, p. 96.
34. O Livro dos Espíritos, p. 15.
35. O Livro dos Espíritos, p. 97.
36. O Livro dos Espíritos, p. 215.
37. O Livro dos Espíritos, pp. 357-8.
38. O Livro dos Espíritos, p. 359.
39. O Livro dos Espíritos, pp. 374-5.
40. Kardec, A. O Céu e o Inferno, FEB, RJ, 1977, p. 20.
41. Kardec, A. O Céu e o Inferno, FEB, RJ, 1977, p. 21.
42. Kardec, A. O Céu e o Inferno, FEB, RJ, 1977, p. 22.
43. Kardec, A. O Céu e o Inferno, FEB, RJ, 1977, pp. 24-5.
44. Kardec, A. O Céu e o Inferno, FEB, RJ, 1977, pp. 25-6.
45. O Livro dos Espíritos, pp. 376-7.
46. Kerner, J. A Vidente de Prévorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 26-8. Este livro foi publicado em alemão pela primeira vez em 1829 com grande sucesso em seis edições sucessivas ao longo do século XIX. O Dr. Kerner e colaboradores publicaram periódicos até 1853. Ele tornou-se um médico e cientista de nomeada reputação.
47. Kerner, J. A Vidente de Prévorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 101-3.
48. Kerner, J. A Vidente de Prévorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 103-4.
49. Kerner, J. A Vidente de Prévorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 105-6.
50. Kerner, J. A Vidente de Prévorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 249-50.
51. Kardec, A. O Livro dos Espíritos, pp. 195-6.
52. D'Esperance, No País dos Sonhos, RJ, FEB, 1987, p. 21.
53. D'Esperance, No País dos Sonhos, RJ, FEB, 1987, pp. 38-9.
54. D'Esperance, No País dos Sonhos, RJ, FEB, 1987, p. 58.
55. D'Esperance, No País dos Sonhos, RJ, FEB, 1987, p. 162.
56. Revue Spirit, Ano I, nº 12, 1858, p.324.
57. Rodrigues, W. Katie King, Matão, O Clarim, 1980, p.17.
58. Rodrigues, W. Katie King, Matão, O Clarim, 1980, pp. 196-7.
59. op. cit. p. 210.
60. Doyle, op. cit. p. 271.
61. Wantuil/Thiesen, op. cit. p. 125.
62. Este foi um dos seus últimos trabalhos, publicado em 1822. Entre outros livros deste autor, cabe destacar Deus na Natureza, O Mundo antes da Criação do Homem, As Casas Mal-

Assombradas, Urânia, O Desconhecido, Problemas Psíquicos, O Fim do Mundo, Os Mundos Imaginário e os Mundos Reais, entre muitos outros.

63. Flammarion, C. Deus na Natureza, vol2, RJ, Garnier, s.d., p. 283.
64. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 20.
65. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, pp. 27-8.
66. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 221.
67. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 243.
68. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 20.
69. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, pp. 101-2
70. Crookes, W. Fatos Espíritos, RJ, CEB, 1971, p.71.
71. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 366.
72. Flammarion, C. A Morte e seu Mistério, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 366.
73. Doyle, A.C. A Nova Revelação, RJ, FEB, 1980, p. 64.
74. Doyle, A.C. História do Espiritismo, p. 64.
75. Bozzano, E. Fenômenos Psíquicos no momento da Morte, RJ, FEB, 1982, pp. 26-7.
76. Bozzano, E. op.cit. pp. 143-4.
77. Bozzano, E. op.cit. p. 267.
78. Bozzano, E. A Crise da Morte, RJ, FEB, 1979.
79. Bozzano, E. op.cit. pp. 86-7.
80. Lombroso, C. Hipnotismo e Mediunidade, RJ, FEB, 1983, pp. 9-49.
81. Lombroso, C. Hipnotismo e Mediunidade, RJ, FEB, 1983, pp. 32-3.
82. Lombroso, C. Hipnotismo e Mediunidade, RJ, FEB, 1983, p. 64.
83. Lombroso, C. Hipnotismo e Mediunidade, RJ, FEB, 1983, p. 69.
84. Lombroso, C. Hipnotismo e Mediunidade, RJ, FEB, 1983, pp. 281-2.
85. Zollner, JKF (org.), Provas Científicas da Sobrevivência, SP, EDICEL, 1973, pp. 100-2.
86. Delanne, G. A Alma é Imortal, RJ, FEB, 1987, pp. 11-2.
87. Delanne, G. op. cit. pp. 201-1.
88. Delanne, G. A Reencarnação, RJ, FEB, 1987, p. 18.
89. Delanne, G. A Reencarnação, RJ, FEB, 1987, p. 311.
90. Dennis, L. Porquê da Vida, RJ, FEB, 1989, pp. 50-1.
91. Dennis, L. Socialismo e Espiritismo, Matão, O Clarim, pp. 31-2, 35.
92. Dennis, L. Depois da Morte, RJ, FEB, 1989, pp.15-16.
93. Baumard, C. Leon Dennis na Intimidade, Matão, O Clarim, p. 196.
94. Bumard, op.cit. p.95.
95. Machado, U. op.cit. p.9. REnshaw, J.P. A Sociological Analysis of Spiritism in Brazil, Univ. of Florida, Michigan, 1969.
96. Wantuil, Z. As Mesas Girantes e o Espiritismo, RJ, FEB, p. 92.
97. Machado, U. op.cit. p. 61.
98. Wantuil, Z. op.cit. p. 252.
99. Mensageiro Ecclesiástico, 1887.
100. Jornal do Comércio, RJ, 22/02/1875.
101. Revista Espírita, nº 1, Jan/1875, in Machado, op.cit. p.119.
102. Bolletim Ecclesiástico, Mariana, Ano XVI, nº 2, Fev/1917.
103. Bolletim Ecclesiástico, Mariana, Ano XX, nº 1, Jun/1902.
104. Mensageiro Ecclesiástico, Porto Alegre, Ano I, nº 4, Mar/1902
105. Bolletim Ecclesiástico, Mariana, Ano XIX, nº 1, Jan/1915.
106. Revista Ecclesiástica, Salvador, Ano II, nº 8, Ago/1910.

107. Ver Mello Moraes, "Deus - A Natureza, a Criação, o Universo e o Homem ou Memória sobre o Fluido Universal ou Éter", RJ, 1877. Castro Lopes, A. Ressurreição, RJ, Perseverança, 1879, Conferências sobre Homeopatia, RJ, Mont'Alverne, 1882. Um Sonho Astronômico, RJ, Vapor do Cruzeiro, 1882.
108. As principais biografias de Bezerra de Menezes são: Soares, S.B. Vida e Obra de Bezerra de Menezes, RJ, FEB, 1987. Acquarone, F. Bezerra de Menezes: O Médico dos Pobres, SP, Aliança, 1989. Encontramos centenas de artigos em jornais como O Paiz e O Reformador de autoria de Bezerra de Menezes divulgando a doutrina espírita, além de romances tanto em folhetim como em livros, dos quais cabe destacar A Casa Assombrada. As obras doutrinárias e teóricas mais importantes são A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica reeditada como o título de Uma Carta de Bezerra de Menezes. Ele traduziu também o livreto Obras Póstumas de Kardec quando era vice-presidente da FEB.
109. Bezerra de Menezes, Obras Filosóficas, II parte, SP, Edicel, 1984, pp. 188 - 190.
110. Bezerra de Menezes, Obras Filosóficas, II parte, SP, Edicel, 1984, p. 242.
111. Bezerra de Menezes, A Loucura sob Novo Prisma, RJ, FEB, 1984, p. 9.
112. Bezerra de Menezes, A Loucura sob Novo Prisma, RJ, FEB, 1984, p. 109.
113. Bezerra de Menezes, A Loucura sob Novo Prisma, RJ, FEB, 1984, p. 157.
114. Bezerra de Menezes, A Loucura sob Novo Prisma, RJ, FEB, 1984, pp. 157-8.
115. Bezerra de Menezes, A Loucura sob Novo Prisma, RJ, FEB, 1984, pp. 183-4.
116. Toledo, W. Passes e Curas Espirituais, SP, Pensamento, 1958, pp. 99-104.
117. Xavier, F.C. Nos Domínios da Mediunidade, RJ, FEB, 1954.
118. Xavier, F.C. Jovens do Além, Sp. GEEM, 1976, p. 81.
119. Xavier, F.C. Mensagem do Pequeno Morto, RJ, FEB, s.d., p. 17.
120. Xavier, F.C. Jovens do Além, p. 80.
121. Xavier, F.C. Mensagens do Pequeno Morto, pp. 31, 33, 35.
122. Xavier, F.C. Mensagens do Pequeno Morto, pp. 41-4.
123. Xavier, F.C. Jovens do Além, p. 36.
124. Vieira, W/Xavier, F.C., p. 65.
125. Vieira/Xavier, op.cit. p. 84.
126. Vieira/Xavier, op.cit. p. 93.
127. Vieira/Xavier, op.cit. p. 85.
128. Vieira/Xavier, op.cit. p. 85.
129. Vieira/Xavier, op.cit. pp. 183-4.
130. Vieira/Xavier, op.cit. pp. 177-8.
131. Vieira/Xavier, op.cit. pp. 153-4.

CAPÍTULO 6

POR UMA CIÊNCIA DA MORTE: FENÔMENOS, FATOS E PROVAS

Ainda durante o século XIX, junto com o movimento espírita, surgiu uma abordagem para o estudo da morte, da sobrevivência espiritual e dos chamados fatos sobrenaturais. Junto ao conhecimento e ao estudo das religiões, filosofias orientais e da Antiguidade, aliaram-se os avanços da ciência positiva para identificar, sob um ponto de vista objetivo, os acontecimentos sobrenaturais. Indagava-se a História; antigas religiões e filosofias eram estudadas ao lado das ciências empíricas e experimentais. Acreditava-se que esta conjugação de saber levaria à certeza final, ao conhecimento definitivo do que era a morte e os destinos da alma.

A partir da segunda metade do século XIX, a fé e a razão pareciam ter entrado em colisão definitiva. Muita gente acreditava que a segunda salvaria a humanidade e traria o conhecimento da natureza humana e de todo o Universo. Velhas certezas eram desmontadas e novas verdades tentavam ocupar seu lugar. Uma sensibilidade repleta de potencialidades infinitas sobre a capacidade humana de tudo conhecer e transformar impunha-se como centro vitorioso, credo e fé da sociedade e da cultura emergente, revelando um novo aspecto da cultura, da produção intelectual, artística e científica durante os séculos XIX e XX (1).

O darwinismo implicava na idéia de que o homem não sofrera uma "queda" espiritual por perder a "graça divina", mas, simplesmente, evoluira a partir de formas inferiores de vida, assim como todos os seres vivos. Intelectualmente, a Bíblia estava sendo analisada como uma peça

literária, uma parte da imensa cultura religiosa da época. O conhecimento intelectual e científico elevava os homens à imagem e semelhança de Deus. A religião, se quisesse sobreviver, deveria adotar os métodos da ciência para "provar" suas doutrinas, sobretudo da imortalidade da alma.

A ênfase materialista no domínio do pensamento contrastava com o furor da crença na sobrevivência após a morte e nas possibilidades de comunicação entre mortos e vivos. Em certos casos, nos meios intelectuais e científicos, chegou-se a pensar que, através de um conhecimento objetivo e científico destes fenômenos, assim como das capacidades mentais dos seres humanos, haveria a possibilidade de unir racionalismo e crença, associando os novos métodos da ciência aos mais antigos enigmas metafísicos. O surgimento, difusão e ascensão do espiritismo e espiritualismo forneceu a solução a todos aqueles incomodados com a crescente onda de materialismo e ateísmo que se fortalecia à sombra do "rigor científico", ensejando o substrato para "práticas e condutas socialmente reprováveis", pois o "freio" religioso, posto em dúvida pelas práticas e critérios assumidos, mal se sustentava. Era uma saída para demonstrar a natureza espiritual do homem sobre as bases científicas requeridas à época dentro de um contexto do conhecimento filosófico e religioso.

Impossível dizer quão longo foi o percurso percorrido desde a dúvida, a crença, silenciosa, familiar, oculta e temerosa da repressão dos mecanismos religiosos e sociais. Porém, o que a princípio mal ousava se expor, lenta e timidamente foi ganhando corpo, irônica por membros das camadas científicas e religiosas, pessoa honestas, de bem, tomadas pelo real desejo de conhecer e intentar uma explicação razoável para os fenômenos com que por vezes se defrontavam, aos quais não se podia fingir ignorar e pressentiam no novo o surgimento de algo, que apesar de não muito bem compreendido, talvez ocultasse a manifestação mais coerente da vontade divina. Eram eles padres, pastores protestantes e intelectuais.

Porém, com o passar do tempo, já se podia identificar claramente a necessidade urgente de progredir mais no âmbito exclusivo do conhecimento científico como a única forma honrosa possível de estabelecer uma prova clara, definitiva e insofismável da realidade dos fenômenos paranormais, da continuação da existência após a morte e, mais tarde, da reencarnação.

Em 1852, o futuro arcebispo anglicano de Westminster, Edmund White Benson, num gesto de grande ousadia, fundou a *Ghost Society*, onde pretendia instalar o estudo dos fenômenos supranormais de forma isenta a qualquer postulado ritualístico, religioso ou "espírita", de forma rigorosamente científica. Posteriormente, a sociedade transformou-se na *Dialectical Society* para, em 1882, tornar-se a *Society for Psychical Research*, como é conhecida até os dias de hoje, congregando cientistas de renome, médicos, psiquiatras, psicólogos, entre outros. A sua correspondente americana, *American Society for Psychical Research*, foi criada em 1885. Precisamente, na mesma época em que Freud iniciava seus estudos de psicanálise, começaram as pesquisas científicas dos fenômenos psíquicos (2).

Ficou clara a tentativa de demarcar uma linha entre o espiritualismo e o Espiritismo com feição religiosa de uma abordagem francamente científica. Alguns anos mais tarde, o médico francês Charles Richet chamou estes estudos de metapsiquia, quando da publicação, em 1925, do seu *Tratado de Metapsiquia*. Alguns anos mais tarde prevaleceu o termo Parapsicologia. Ao que parece, este termo foi utilizado pela primeira vez pelo alemão Max Dessoir em 1889 para designar o estudo dos fenômenos transcendentais. Este termo progressivamente incorporou-se na comunidade científica durante o século XX (3).

A origem dos estudos parapsicológicos liga-se, principalmente ao movimento espírita e espiritualista. A maioria dos primeiros pesquisadores e investigadores pertenciam ao meio, embora procurassem dar uma direção ao Espiritismo. A fase metapsíquica prolongou-se em franca simbiose,

com a fenomenologia espírita dos trabalhos sobre a produção de ectoplasmas, telepatia, curas psíquicas, comunicações espirituais, levitações, fenômenos luminosos. Os médiuns transformaram-se na matéria prima sobre a qual debruçaram-se os estudiosos auxiliados pela tecnologia de sua época. As câmeras fotográficas registravam levitações, aparições, formação de ectoplasmas nas sessões experimentais durante as quais submetiam-se os médiuns a rigorosos controles, verdadeiras "torturas" afim de prevenir fraudes.

Afinal, a época dos médiuns da *Belle Époque* era também o período dos grandes prestidigitadores, dos mágicos das fugas impossíveis, além do desenvolvimento dos truques e montagens dos fotógrafos e cineastas. Nada parecia impossível para homens e máquinas nos domínios do telégrafo, do rádio, da luz elétrica e do telefone. Como distinguir a magia dos jogos de luz e sombra, as comunicações a longa distância, prodígios da eletricidade, as diatribes nas telas de cinema de Méliès, as fugas dramáticas de Houdini, dos fenômenos produzidos pelos mais famosos médiuns?

Coube um papel fundamental à observação rigorosa e criteriosa de reconhecidos homens da ciência, transformando aquilo que poderia ser uma mera demonstração para curiosos, numa oportunidade de indagar, de forma organizada e coerente, o sobrenatural, despindo-o da tradição religiosa e mágica das religiões e do pensamento religioso.

Uma das grandes obras deste período, o *Tratado de Metapsiquia* de Richet refere-se claramente a esta necessidade dos tempos modernos, de pesquisar, conhecer e esclarecer estes fenômenos excepcionais, antes relegados ao domínio do oculto. Para Richet, a ciência clássica não podia ignorar estes fenômenos, sob pena de escamotear um aspecto fundamental das leis naturais do Universo.

Assim sendo, propõe uma área de conhecimento científico, uma ciência voltada para o estudo das forças inteligentes, desconhecidas e incomuns, suas causas e consequências. Para tanto, propôs a divisão da Metapsiquia em dois campos: a) A Metapsiquia objetiva, para analisar e classificar os fenômenos exteriores, mecânicos, físicos e químicos, tais como casas assombradas, fantasmas, aparições, materializações, produção de sons e luzes, movimentos de objetos; b) uma Metapsiquia subjetiva para estudar fenômenos mentais e intelectuais, certas realidades que só os sentidos e a sensibilidade podiam revelar, como a cripstesia, ou seja, a sensibilidade natural, pressentimentos, intuições, transmissão de pensamentos, telepatias em geral.

A ciência metapsíquica deveria negar místicas religiosas, inclusive o Espiritismo, pois, historicamente, correspondia a uma etapa do pensamento científico. Para Richet, o conhecimento dos fenômenos psíquicos dividia-se em quatro períodos: 1. O período mítico, da Antiguidade até Mesmer (1778); 2. O período magnético, de Mesmer às irmãs Fox (1847); 3. O período espírita, das Fox a William Crookes (1847-1872); 4. O período científico de Crookes, prolongando-se pelo século XX.

De um modo geral, os cientistas dedicados aos estudos dos fenômenos psíquicos, relutaram em aceitar e defender a sobrevivência espiritual e as comunicações dos mortos. No máximo, colocavam esta questão como hipótese significativa, uma forte probabilidade. Neste ponto divergiam dos espíritas, com sua crença absoluta na imortalidade da alma e nas comunicações entre mortos e vivos, da orgulhosa e inabalável assepsia cética da emergente ciência dos fenômenos paranormais. Mas esta separação talvez tenha sido a força necessária para a continuação e atualização dos estudos dos temas incomuns, inclusive a moderna Tanatologia e Parapsicologia, separados de uma tradição que se tornava cada vez mais mística e religiosa, sem avanços significativos.

A demarcação entre os dois campos cresceu no século XX, de forma quase oficial. Em alguns casos, os estudos parapsicológicos transformaram-se em áreas de conhecimento acadêmico em Universidades e Centros de Pesquisas, interessados, motivados e entusiasmados auto-didatas, devoradores de filmes livros e "cursos", ou até mesmo, questão de estado durante a Guerra Fria. Pensava-se poder utilizar o conhecimento dos fenômenos paranormais na espionagem entre EUA e URSS, até mesmo como arma psíquica. Aliás, os estudos de Parapsicologia nos países da antiga cortina de ferro revelam o quanto se avançou nesta área sob o domínio do materialismo (4).

Atualmente, o estudo dos fenômenos paranormais vêm marcados por certas tendências. De um lado uma corrente mais espiritualizada, que procura nos simbolismos religiosos, na sabedoria transcendental, principalmente a oriental, elementos de reflexão filosófica e psicológica, uma abordagem mais mística, sem perder de vista uma atitude prática, racional e objetiva. De um modo geral, os envolvidos com esta tendência tem um passado pessoal ou familiar comprometido com o pensamento religioso, numa visão espiritualizada, embora não aceitem os pressupostos das religiões institucionais e oficiais. Por outro lado, identifica-se uma corrente estritamente cientificista na abordagem dos fenômenos paranormais, sem qualquer forma de contato com religião ou misticismo, corrente esta minoritária.

Nas últimas décadas os estudos avançaram sobre as pesquisas do limiar da morte, a sobrevivência da consciência e do espírito. Se nas décadas de cinquenta a sessenta predominava uma visão do mundo dentro da ortodoxia científica, uma espécie de dogma oficial que relegava os pesquisadores a uma condição de, no mínimo, excêntricos, nos últimos dez anos, este panorama veio se alterando, fortalecendo uma série de argumentações novas sobre temas "espirituais". Neste campo temos, inclusive em meios respeitáveis, o predomínio das hipóteses de que a consciência humana realmente sobrevive à morte. (5)

A CIÊNCIA NO UMBRAL DA ESPIRITUALIDADE

Inicialmente, as pesquisas parapsicológicas, sobretudo no final do século XIX e início do vinte, dedicavam-se a experiências espontâneas da natureza paranormal. Centenas de pessoas e milhares de casos foram estudados, análises minuciosas foram feitas e um volumoso estudo foi acumulado e publicado. Os efeitos mentais e físicos produzidos por médiuns famosos, os casos relatados ou observados, depois de submetidos a rigorosas análises quanto a sua veracidade e idoneidade, foram a matéria prima para os estudos parapsicológicos desta época. Havia uma questão muito importante sobre a qual se colocavam os pesquisadores: os médiuns eram efetivamente visitados por espíritos ou atuavam através da telepatia? Eram poderes extra-sensoriais da mente ou atuação de inteligências externas?

Nas sessões de estudos, as mesas moviam-se, assobios, pancadas, campainhas, instrumentos musicais enchiam o local de ruído e, em casos de alguns médiuns, uma estranha substância esbranquiçada, o ectoplasma, ou bioplasma, que podia ser gelatinosa, semi-sólida, vaporosa ou mesmo líquida, formava figuras. Mãos espectrais tateavam mesas, membros falsos brotavam do corpo dos médiuns, Espíritos diziam seus nomes e assumiam a responsabilidade pelas manifestações visíveis, inclusive da psicografia. Mágicos famosos como o próprio *Houdini* eram chamados para "desmascarar" fraudes, o que acontecia com relativa frequência. Neste período, principalmente após 1925, o furor destas sessões foi tanto que a adesão da massa, entre curiosa, necessitada e mística, aumentou sobremaneira as dificuldades dos cientistas idôneos e ilustres inviabilizando um trabalho sério, honesto e criterioso, expondo-os a terem o seu prestígio e

credibilidade abalados. Abandonaram aos poucos, desta forma, seu engajamento às pesquisas, terminando estes fenômenos por ficarem associados ao Espiritismo como uma crença religiosa e a médiuns e sessões por vezes fraudulentos.

Sobretudo nos países anglo-saxões esta separação entre a necessidade de se estudar objetivamente os fenômenos psíquicos e uma atitude mais religiosa revelou-se desde cedo. A Sociedade de Pesquisas Psíquicas na Inglaterra e sua similar americana distanciaram-se do Espiritismo popular e religioso. Grupos de cientistas começaram a investigar, experimentalmente, os fenômenos mentais e mediúnicos, acumulando dados e provas objetivas que permitissem uma visão real, sem crenças extra-científicas, marcando uma posição diferenciada do espiritismo, desenvolvido em torno dos chamados "livros espirituais" revelados pelos espíritos dos mortos, ao estilo de Kardec. Isto fica bem claro num artigo de 1904 publicado pela Sociedade de Parapsicologia intitulado "Twenty Years of Psychological Research":

"Os espíritas não podem duvidar qual será objetivo - não podem duvidar de que, com o tempo, a SPR dará provas tão claras e insofismáveis de clarividência, de escrita mediúnica, de aparições de espíritos, e de várias formas de fenômenos físicos, do mesmo modo que as deu sobre a transmissão de pensamentos. Há, porém, um certo conhecimento - em relação aos fatos, a respeito dos quais a SPR não pode confessar, possuir qualquer conhecimento. A SPR está preocupada apenas com fenômenos, buscando provas de sua realidade... Para eles, a idéia de comunicação com os espíritos, de uma conversa suave com os mortos queridos - tão preciosos para os espíritas, não apresenta interesse atual."

Muitas tentativas de estudar os fenômenos psíquicos de uma forma extritamente científica esbarravam na impossibilidade de repetição das observações, na dificuldade de controlar o processo de produção dos fenômenos, e nos problemas enfrentados com os próprios médiuns, a matéria-prima das investigações. O movimento espiritualista ficou marcado por abordagens diferentes, que se mantiveram e até mesmo acentuaram nas primeiras décadas do século vinte.

Nos primeiros anos do século, as investigações dos interessados pelo tema, começaram a voltar-se para experiências de laboratório, na necessidade de repetição dos fenômenos observados para um estudo cada vez mais detalhado e isento, em detrimento das experiências espontâneas, visando sua aceitação no círculo científico.

A Parapsicologia, principalmente na década de 30, introduziu-se nas universidades, tanto americanas quanto européias e nos países da Cortina de Ferro. Surgiram investigações metódicas e, em alguns casos, aceitaram-se em departamentos teses relacionadas a temas da parapsicologia. Em 1957, criou-se uma organização internacional de estudiosos da Parapsicologia, a *Parapsychological Association* que foi admitida, em 1969, na *American Association for the Advancement of Science*. (6)

Em realidade, podemos pensar que a Parapsicologia procurou atender certas indagações de ordem mais objetiva, sem implicações de natureza religiosa ou metafísica, diferentemente do espiritismo com uma feição consoladora, emotiva, ligada aos sentimentos e sensibilidades das relações entre os mortos e os vivos. Grupos de estudos, experiências de laboratórios, pesquisas sobre formas de energias, poderes da mente foram grandemente exploradas fora do movimento espírita. (7)

Durante décadas estas duas formas de abordar os fenômenos paranormais caminharam em trilhos distintos. Nos anos sessenta, as religiões orientais, vertidas num estilo californiano, misturaram-se ao espiritualismo e à Parapsicologia. Técnicas de meditação, tecnologias do êxtase,

"drogas" iniciáticas, comunidades, terapias, gurus "legítimos" importados do oriente, influenciaram diversas áreas do conhecimento, sobretudo a psicologia. Surgiu uma tecnologia voltada para aparelhos que induziam ao êxtase, auxiliavam na meditação, promoviam o relaxamento, tiravam fotos da aura, mediam ondas cerebrais, detectavam energias negativas, aliados a toda uma parafernália de recursos eletrônicos de luz e som, cursos e livros. Estes foram os resultados práticos, e imensamente lucrativos, do atual "espiritualismo" e da Parapsicologia.

Avançando como uma área de conhecimento, atualmente a Parapsicologia científica vem se expandindo, ampliando e ratificando os limites teóricos e metodológicos dos fenômenos supranormais, também chamados de paranormais, parapsicológicos, metapsíquicos ou psíquicos, e genericamente conhecidos como fenômenos PSI. Estes fenômenos têm dois tipos de efeitos: ESP e PK, que podem ser subdivididos da seguinte maneira (8):

1. ESP ou Percepção Extra-Sensorial: dividida em Telepatia, Telestesia e Fenômenos de Ego-Expansão.
 - *TELEPATIA*: Transmissão de pensamento. Se ocorre de maneira consciente e voluntária é o chamado "comando mental". A telepatia propriamente dita é a captação ou recepção de pensamento. Pode ser subdividida em pré-cognição ou premonição; cognição ou monição; retrocognição ou retromonição. Estes fenômenos telepáticos são subjetivos, predominantemente intelectuais, e caracterizam-se por pensamentos, sentimentos, sensações, eventos, objetivos, expansão da consciência no tempo e no espaço. Seu dinamismo é absolutamente inconsciente. Neste campo estão o profetismo intuitivo, as diferentes mancias (quiromancia, necromancia, etc.), a psicografia, a xenoglossia e as comunicações espíritas.
 - *TELESTESIA*: temos aqui uma gama de fenômenos tais como vidência através de diversos instrumentos (bolas de cristal, copos de água, espelhos, etc.), psicometria, visão da aura dos seres e coisas, profetismo telestésico, radiestesia, percepção de vibrações através de manifestações olfativas, gustativas, auditivas. Seu dinamismo é também inconsciente. São fenômenos subjetivos, predominantemente sensoriais de pensamentos, acontecimentos e coisas. Ocorre sempre quando da expansão sensorial e exteriorização da sensibilidade.
 - *FENÔMENOS DE EGO-EXPANSÃO*: São as experiências fora do corpo (*out-of-the-body-experience*) e acontecem vivências de expansão do Eu. Caracteriza os chamados estados místicos como transes, união transformadora, os *êxtases*, *samadhis*, *satori* ou *nirvana*. Provisoriamente, para a moderna Parapsicologia este estado é de natureza alucinatória ou ilusória, sendo acompanhados de profundos estados emocionais, com a expansão do Eu e dos fenômenos afetivos. Também obedecem a dinamismo inconsciente.
2. PK ou PSICOCINESE: neste efeito temos os fenômenos de movimento de objetos, a manipulação de dados, a sensibilidade das plantas e animais (9), as curas orgânicas, a memória extra-cerebral, os fenômenos de Poltergeist, a gravação em cassetes, vídeos ou computadores de vozes e imagens do "além", a moderna Transcomunicação instrumental, etc..

Este conjunto de fenômenos coloca à tona o problema da sobrevivência após a morte e os fenômenos mediúnicos, os chamados fenômenos THETA ou de sobrevivência, característicos das incorporações, aparições, indícios de reencarnação e de existência após a morte.

Aparentemente, estes fenômenos tem um dinamismo intencional e inteligente, mesmo que partam de outras formas de vida ou dimensões "espirituais". Alguns tendem a colocar a questão dos UFOS e OVNIS neste campo de estudo, apesar das controvérsias e ceticismo.

Interessa-nos ver de que forma a Parapsicologia vem trabalhando a questão da morte, do pós-morte, das comunicações entre mortos e vivos, além de discutir a questão da sobrevivência espiritual, o destino após a morte e a reencarnação. Estudaremos alguns autores mais importantes nos rumos desta forma de conhecimento contemporânea.

A CIÊNCIA DA PARANORMALIDADE

Os fenômenos espíritas estudados, da segunda metade do século XIX em diante pela emergente Metapsiquia e posterior Parapsicologia, eram de tal forma considerados fantásticos e incríveis, colidindo com as tradicionais categorias de espaço, tempo, matéria, causalidade; em suma em relação à concepção tridimensional e empirista do mundo científico e racional, uma vez que apontavam na direção da necessidade de revisão do enfoque, parâmetros e metodologia da "ciência", as reações foram (e são) muitas e violentas por alas conservadoras confortavelmente assentadas. Diante de fatos, no mínimo estranhos e complexos, são comuns as reações, sobretudo de natureza emocional, tolerantes, favoráveis, entusiasmadas ou completamente desestimulantes.

Desta maneira, com grande persistência e convicção, todos aqueles que resolveram aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos viram-se obrigados a apurar, cada vez mais, a sua técnica e metodologias dentro dos mais estritos pressupostos da ciência objetiva.

Por volta de 1930, o grande organizador da Parapsicologia dentro de moldes relativamente aceitos na comunidade científica e responsável pela organização de áreas específicas de pesquisas dentro de universidades americanas foi o Dr. Joseph Banks Rhine, psicólogo e responsável pelo Laboratório de Parapsicologia da Universidade de DUKE, North Caroline E.U.A.. (10)

Dr. Rhine estudou o mundo da PES (percepção extra-sensorial) de forma multidisciplinar, sobretudo a telepatia, clarividência e precognição, por meio de experiências científicas, discutindo os resultados obtidos à luz das provas recolhidas nos seus laboratórios através de testes matematicamente irrefutáveis e comprovados, com ampla utilização da tecnologia, estatística e modelos matemáticos, além dos pressupostos de outras áreas científicas, como a biologia, a física, a química e a própria psicologia.

Rhine inaugurou técnicas básicas para os estudos desta natureza. Ampliou, cientificamente, o conceito de mente, seu funcionamento e capacidade. Em 1934, publicou o resultado de três anos de pesquisas e mais de 100 mil testes individuais, numa monografia intitulada "Percepção Extra-Sensorial". Com a publicação deste artigo a pesquisa da paranormalidade foi dissociada do misticismo do século XIX, do aspecto religioso (11).

Nos estudos de Rhine e de acordo com seus pressupostos, que não deixaram de sofrer muitas críticas e questionamentos, ficou demonstrado que as noções de tempo, espaço, matéria e causalidade assim como a entendemos, eram apreciações decorrentes na nossa limitação sensorial e devia-se procurar novas explicações para o mundo e a existência em sua totalidade e não somente a partir do sentido físico.

Para Rhine existia um Novo Mundo que a ciência parapsicológica descobriu, uma nova área de pesquisas, daquilo comumente chamado de região do espírito, do inconsciente, além dos cinco sentidos e de realidade distintamente mental, porém capaz de ser conhecida, testada, submetida e provada em bases objetivas e extritamente científicas, ampliando os limites do conhecimento humano:

"É que, parece-me, o conceito de psi amplia, ao invés de contrair os limites da vida humana; dilata mais do que restringe a visão do lugar do homem na natureza; sugere potencialidade humana e, finalmente, vem em apoio com a própria ciência ao conceito de uma força espiritual no homem, e tal é, sem dúvida, o conceito em que se baseiam os valores e as instituições sociais" (12).

Com relação à sobrevivência após a morte, as possibilidades de contatos entre mortos e vivos e a reencarnação, Rhine foi bastante discreto. Embora tenha reconhecido que, histórica e popularmente estas questões foram muito importantes para a Psicologia como área de pesquisa, apontou diversos problemas para a realização de estudos objetivos e a formação de um conhecimento sistemático, sobretudo se as suas bases dependessem, exclusivamente, de mensagens mediúnicas (13).

Segundo Rhine, a questão da sobrevivência ainda não havia recebido uma resposta cientificamente aceitável e nos círculos de pesquisa da parapsicologia dedicados ao trabalho experimental, a mediunidade e as comunicações dos mortos não faziam parte das preocupações importantes, pelo menos até os anos sessenta. Embora não descartem a possibilidade de futuros estudos, não via porque separá-los da pesquisa parapsicológica em geral.

A PARAPSIKOLOGIA NO UMBRAL DA MORTE

Apesar das opiniões do organizador da moderna Parapsicologia, Dr. Rhine, o tema da sobrevivência continuou, avançou e cresceu no próprio meio de pesquisas parapsicológicas, dentro e fora dos EUA. Estudos sobre o que acontecia com a consciência humana depois da morte, a continuidade de algum tipo de experiência após a morte do corpo e o tipo de processo envolvendo a sobrevivência espiritual, progrediram, sobretudo a partir da década de setenta.

Um conhecido parapsicólogo sueco Nils O. Jacobson, psiquiatra e professor da Universidade de Lund, na Suécia, publicou um livro intitulado Vida sem Morte? Introdução à Parapsicologia, Misticismo, Possessão Demoníaca e Fenômenos Sobrenaturais (14). Nesta obra apresentou a questão da sobrevivência espiritual com hipóteses, sobretudo a da sobrevivência da consciência individual (15).

Apoiado nas descobertas das pesquisas parapsicológicas, sobretudo sobre a existência efetiva da percepção extra-sensorial e dos fenômenos paranormais, o autor procurou mostrar como, através de inúmeros relatos comprovados, certas pessoas descreviam suas experiências extracorpóreas, seja durante o sonho ou em certos contextos específicos, como cirurgias ou pacientes gravemente enfermos:

"Caso 31. Durante a noite eu fazia exercícios de meditação e contemplação e, quando ia para a cama, sentia o corpo cansado e fraco. Depois de ler um pouco, apagava a luz e adormecia calmamente. Uma vez, de súbito - bem no meio da noite -, senti que estava completamente acordada e me levantava para o teto branco. Senti-me incrivelmente leve, como se fosse uma pena iluminada, e fiquei maravilhada ao ver meu corpo deitado. Mas, logo em seguida fui tomada de tremor. Medo do desconhecido e da natureza estranha desse tipo de situação. Mas antes que soubesse o que acontecia, voltei ao meu corpo. Fiquei lá deitada no escuro, sentindo-me horrorizada. A ocorrência não me era totalmente desconhecida, pois já me familiarizara com alguma coisa de parapsicologia. (...) (16).

Estudando diversos casos de projeção consciente fora do corpo, à semelhança do caso descrito acima, Jacobson sugeriu um estudo mais aprofundado deste tipo de processo, durante o qual havia uma quebra temporária do corpo físico e do plano "espiritual". Tal estudo poderia levar a uma maior compreensão da morte e do depois dela, a natureza das aparições e dos fantasmas (17). Ele também colocou a necessidade de realizar pesquisas com auxílio de aparelhos sobre o campo magnético e energético dos seres vivos e o que acontecia com eles no momento da morte e no pós-morte, no sentido de ampliar as possibilidades objetivas e científicas de conhecimento.

Analisando casos envolvendo médiuns, sessões espíritas, relatos comprovados de manifestações com a presença de mortos e de suas comunicações, seja através de pessoas ou de aparelhos, Jacobson passou a acreditar que, se os estudos sérios e científicos continuassem, bases sólidas para certas hipóteses espiritualistas poderiam surgir, inclusive para a hipótese da reencarnação:

"A ocorrência de fenômenos paranormais implica que os seres humanos são algo mais que máquinas complicadas. O homem pode se comunicar com o mundo que o cerca e com os demais além de suas limitações sensoriais. Ele não está completamente isolado, imune ao contato e aos envolvimento. O ser humano está ligado ao mundo que o cerca de uma maneira mais profunda, potente e misteriosa. Isto não precisa significar algo "sobrenatural", mas apenas que o nosso conhecimento da natureza não está completo. (18)

Mas o que descobrimos até agora acerca da vida após a morte? Estudamos diversos tipos de fenômenos e experiências: separações, aparições, projeção de PES, visões do leito de morte, experiências de médiuns, vozes do espaço. Não basta um desses fenômenos para provar-nos que haja vida após a morte. Seria absurdo esperar que problema tão complexo pudesse ser resolvido pelo estudo de um único grupo de fenômenos. Mas, atacando o problema por uma frente ampla, de todos os ângulos possíveis, podemos esperar chegar um pouco mais perto da verdade. Talvez a única maneira de provar que há vida após a morte seja experimentando-a: levantando-nos após a própria morte e encontrando-nos cômicos, possivelmente dentro de um outro tipo de corpo. Mas então, talvez seja tarde demais para comunicar isto a outra pessoa: talvez seja impossível entrar em contato com os que vivem na Terra.

Os diferentes fenômenos e experiências mencionados até agora alinham-se com a hipótese da existência após a morte. Alguns parecem estar mais de acordo com ela do que com qualquer outra hipótese. O material de base da tal hipótese é hoje tanto que se pode aceitá-lo como uma consciência científica tranquila, ainda que falte uma prova definitiva.

Para Jacobson, a idéia da sobrevivência após a morte de uma maneira racional, numa contribuição independente baseada não em obsoletos dogmas religiosos mas num material de testemunhos verídicos e estudos sérios, podia trazer uma mudança sensível na qualidade de vida do homem contemporâneo, enriquecendo a existência, ampliando as possibilidades de ajuda a pessoas atormentadas, sofrendo com a perda de parentes, que meditam sobre a morte ou apenas a temem. Com o apoio de um copioso material em apoio à sobrevivência, as pessoas teriam a oportunidade de construir uma sólida convicção pessoal e mudar sua perspectiva social. Da mesma forma, os estudos sérios sobre a veracidade do fenômeno da reencarnação influiriam, decisivamente, sobre a existência humana. (19)

Restavam ainda várias perguntas: se a sobrevivência era possível, o que sobrevive e como? Como é o "outro lado"? O que sobrevivia era de natureza psíquica, sujeita a controle

intelectual e podia ser utilizada de maneira ativa, ligada aos conhecimentos adquiridos ou esta forma de existência semelhava-se aos sonhos, sem controle crítico? Era possível continuar adquirindo experiências e novas perspectivas após a morte? Os contatos com outras psiques ocorriam telepaticamente? Pode-se continuar a pensar e a sentir? Pode-se aprender? É possível se receber recompensa ou punição? Pode-se manter contato com os vivos? E com os mortos? Existem desejos de comer, beber, dormir e fazer sexo? Existem sexos definidos?

Estas perguntas, segundo os parapsicólogos, só podem sair do terreno da fé, das crenças, do campo do subjetivismo e serem respondidas no âmbito da investigação e da pesquisa árdua, afim de que se possa determinar com exatidão e conhecimento. E põe pesquisa nisso!!! Para Jacobson, embora todo o farto material existente sobre os fenômenos relacionados não pudesse, ainda, provar a sobrevivência, ele era rico e abrangente, podendo motivar uma crença baseada no fato de pelo menos a consciência individual viver além da morte e o indivíduo estar dentro de uma unidade maior e ser parte integrante e indissolúvel dela (20). Esta crença diferia dos pressupostos religiosos, pois estava sedimentada no material testemunhal, pessoal e verídico (21).

INDO ALÉM DA BARREIRA DA MORTE

Entre 1959 e 1972, dois pesquisadores: Dr. Karlis Osis e E. Haraldsson, divulgaram o resultado de suas investigações sobre os relatos de paciente agônicos e pré-agônicos. Dado o elevado sucesso de suas pesquisas, esta área de estudo começou a revelar-se profícua na discussão da sobrevivência (22).

Na década de setenta, diversas obras sobre o tema ficaram famosas entre o público, merecendo amplo destaque em todos os meios de comunicação e obtendo considerável sucesso nas livrarias, fátuo este indicativo de uma nova mentalidade e interêsse diante do tema da morte e da sobrevivência (23). Alguns e mais importantes divulgadores do tema foram Michael Sabom, Elizabeth Kubler-Ross e Raymond Moddy Jr. Estes autores publicaram suas pesquisas depois de estudarem centenas de relatos de pacientes moribundos ou com morte clínica declarada.

Dr. Sabom, médico e cético diante da questão da sobrevivência, realizou 116 entrevistas com pacientes que haviam tido experiências durante o período de morte clínica e publicadas no livro *Reflection of Death: a Medical Investigation*. Alguns afirmaram ter a impressão de que o tempo deixara de existir, tiveram consciência da própria morte e uma forte sensação de realidade. Em vários depoimentos, foi constatada a eliminação do sofrimento e da dor física além de uma imensa sensação de tranquilidade. Muitos dos entrevistados afirmaram ter visto o próprio corpo assim como o ambiente e as pessoas que o cercavam. De acordo com as pesquisas de Sabom, durante e após a morte, a consciência continuava viva e atuante, ou seja, a pessoa deparava com a sua consciência em profundidade e, se estivesse preparada para o que estava acontecendo, sentia a experiência de uma forma construtiva. Caso contrário, a experiência seria ruim e muito negativa.

Uma das mais divulgadas de todas as pesquisas sobre o fenômeno da sobrevivência à morte física foi realizada pelo psiquiatra e Doutor em Filosofia Raymond Moody Jr., em seu livro *Vida depois da Vida*. (24) Todos os pacientes declararam a sensação de flutuar fora do corpo no meio de uma profunda sensação de paz e totalidade. Muitos tinham a plena consciência da ajuda de outras pessoas na passagem para um outro plano de existência. Alguns afirmavam ter visto parentes e amigos já falecidos. Em outros casos, a pessoa dizia ter sido saudada por alguma figura religiosa, coincidindo com suas crenças.

Dr. Moody acabou sistematizando as experiências relatadas numa espécie de modelo exemplar onde todas as semelhanças e pontos foram colocados juntos:

"Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou toque de campainhas, e ao mesmo tempo se sente movendo muito rapidamente através de um longo e escuro túnel. Depois disso, repentinamente, encontra-se fora de seu corpo físico, e vê seu próprio corpo à distância, como se fosse um espectador. Assiste às tentativas de ressurreição deste ponto de vista inusitado em um estado de perturbação emocional.

Depois de algum tempo, acalma-se e vai se acostumando à estranha condição. Observa que ainda tem um 'corpo', mas de natureza diferente e com capacidades muito diferentes das do corpo físico que deixou para trás. Logo outras coisas começam a acontecer. Outros vem ao seu encontro e o ajudam. Vê de relance os espíritos de parentes e amigos que já morreram e aparece diante dele um caloroso espírito de uma espécie que ele nunca encontrou antes - um espírito de luz. Este ser pede-lhe, sem usar palavras, que reexamine sua vida e o ajuda, mostrando uma recapitulação panorâmica e instantânea dos principais acontecimentos de sua vida. Em algum ponto encontra-se chegando perto de uma espécie de barreira ou fronteira, representando aparentemente, o limite entre a vida terrena e a vida seguinte. No entanto, descobre que precisa voltar para a Terra, que o momento de sua morte não chegou. A esta altura oferece resistência, pois está agora tomado pelas suas experiências no após-vida e não quer voltar. Está agora inundado de sentimentos de alegria, amor e paz. Apesar dessa atitude, porém, de algum modo se reúne com seu corpo físico e vive.

Mais tarde tenta contar a outras pessoas, mas tem dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar, não consegue encontrar palavras humanas adequadas para descrever estes episódios não-terrenos. Descobre também que os outros caçoam dele, e então pára de dizer estas coisas. Ainda assim, a experiência altera profundamente a sua vida, especialmente suas opiniões sobre a morte e as relações dela com a vida" (25).

Apesar de extrema recorrência de experiências e figuras nos diferentes relatos, nem todos passaram por todas as situações descritas no relato "modelo". Contudo, dado o número elevado de relatos de pacientes que "foram e voltaram", alguns estágios pareciam comuns a todos os sobreviventes:

1. As sensações foram indescritíveis. Proporcionavam uma inexprimível sensação fora do tempo, do espaço e dos sentidos.

"Bem, é para mim um verdadeiro problema tentar lhe contar isso, porque todas as palavras que conheço são tridimensionais. (...) É naturalmente, o nosso mundo - aquele em que estamos vivendo agora - é tridimensional, mas o próximo, certamente que não. E é por isso que é difícil lhe contar isso. É o melhor que posso fazer, mas não é verdade bastante. Não posso lhe dar um quadro completo."(26)

2. As pessoas falavam que ouviram quando foram declaradas mortas pelos médicos, parentes ou conhecidos, conservando a lucidez:

"De repente, senti o aperto de dores que me comprimiam o peito, como se uma barra de ferro tivesse sido enrolada no meio de tórax e apertada. Meu marido e um amigo nosso me ouviram cair e correram para ajudar. Eu me encontrava numa profunda escuridão, e através dela ouvia meu marido, como se ele estivesse muito longe, dizendo: "Chegou a hora, desta vez chegou a hora!" E meu pensamento era: "Sim, chegou" (27).

3. Muitas eram as descrições de estados de paz, alívio, relaxamento e quietude, extremamente agradáveis.

"Comecei a experimentar as mais maravilhosas sensações. Não sentia coisa alguma, exceto paz, conforto, tranquilidade - só quietude. Sentia que todos os meus problemas tinham desaparecido e pensava comigo mesma: "Que paz e quietude, e não dói nada" (28).

4. Foram relatadas diversas sensações auditivas na morte ou próximo a seu desfecho. Estas sensações algumas vezes eram desagradáveis e semelhantes a campainhas, zumbidos, assobios. Em alguns casos, os pacientes faziam menção a uma espécie de música bastante agradável.

" (...) um zumbido muito ruim vinha de dentro de minha cabeça. Me fez sentir muito mal... Nunca vou esquecer aquele zumbido" (29).

"Ouvia o que pareciam ser sons de sinos repicando ao longe, como que trazidos pelo vento. Soavam como harpas eólicas, essas sinetas de vento japonesas... Este era o único som que às vezes eu podia ouvir." (30).

5. Muita gente tinha a sensação de estar dentro de um espaço escuro, sem saber ao certo se subindo ou descendo. Este espaço era descrito como túnel, caverna, poço, funil, buraco, vale, cilindro, etc. Uma sensação vertiginosa, alguma espécie de movimento:

"Tive uma reação muito má a uma anestesia local, e parei de respirar - tive uma parada respiratória. A primeira coisa que aconteceu - foi muito rápido - era que eu estava passando por este vácuo negro, escuro, com uma supervelocidade. Talvez possa ser comparado com um túnel, acho. Me sentia como se estivesse rolando por uma montanha russa em um parque de diversões, indo por este túnel com uma velocidade tremenda" (31).

6. Uma das experiências mais comuns relatadas fazia referência à sensação de estar flutuando fora do corpo, imediatamente após a vertigem de locomoção dentro do "espaço" escuro. A pessoa encontrava-se como um espectador dos acontecimentos, inclusive das tentativas de ressuscitação, do movimento das pessoas. Alguns relatavam terem sido tomados por um desejo irresistível de voltar ao corpo sem saber como proceder; outros falavam de medo e pânico diante da situação. Porém, em alguns casos as reações podiam ser positivas:

"Quando sai do meu corpo físico foi como se tivesse saído do meu corpo e entrado em algo diverso. Não achei que fosse apenas no nada. Era um outro corpo... mas não um outro corpo humano comum. Era um pouquinho diferente. Não era exatamente como um corpo humano, mas também não era qualquer pedaço grande, globular, de matéria, não. Tinha forma, mas não tinha cores. E ainda sei se tinha alguma coisa que se podia chamar de mãos.

Não dá para descrever. Estava mais fascinado com tudo em volta - vendo meu próprio corpo ali e tudo em volta - por isso não pensei em que tipo de corpo estava. E tudo

parecia ir tão rápido. Na realidade o tempo não era um elemento - e no entanto era. As coisas parecem andar mais depressa depois que você sai do seu corpo" (33).

7. Muitas vezes o moribundo dizia ter visto pessoas conhecidas e desconhecidas já falecidas. Aparentemente, estas pessoas vinham ajudar o paciente que estava morrendo na sua passagem para o "outro lado" ou para avisar que o momento da morte ainda não tinha chegado:

" (...) o médico deu-me por perdida e disse aos meus parentes que eu estava morrendo. No entanto, eu estava alerta o tempo todo, e mesmo quando estava ouvindo ele dizer tudo isto senti que estava voltando. Neste momento percebi toda esta gente que estava lá, parecia quase uma multidão parada em volta do teto do quarto. Eram todas pessoas que eu tinha conhecido na minha vida e que já tinham morrido. Percebi minha avó e uma menina que eu conheci na escola, e muito parentes e amigos. Parecia-me ver, especialmente, suas faces e sentir sua presença. Todos pareciam felizes. Era uma ocasião muito feliz, e senti que tinham vindo me proteger e guiar. Era como se estivesse voltando para casa e eles estivessem lá para me saudar ou receber com boas vindas. Nesta ocasião, tive a sensação de que tudo era luz e beleza. Foi um momento lindo e glorioso." (33).

8. Um elemento comum dos relatos fazia referência ao encontro com uma luz de brilho muito intenso, indescritível. Todos que tiveram a experiência falavam de um ser pessoal, uma personalidade específica dentro desta grande luminosidade, que emanava calor e amor para as pessoas que estavam morrendo. Este "ser de luz" rodeava os moribundos e os atraía magneticamente, envolvendo-os em uma sensação de aceitação e bem estar, comunicando-se telepaticamente. A identificação com esta "personalidade luminosa" variava de acordo com os antecedentes religiosos, culturais ou crença de cada pessoa, sendo um anjo, Cristo, Deus, etc. (34)

"Ouvi os médicos dizerem que eu estava morto e foi aí que senti como se estivesse vagando, mais como se estivesse flutuando por essa escuridão, que era uma espécie de lugar fechado. Não há na verdade palavras que descrevam isto. Tudo era bem negro, exceto que, bem ao longe de mim eu podia ver esta luz. Era uma luz, bem brilhante, mas no início não muito grande. Foi crescendo à medida que eu ia chegando mais perto.

Eu estava tentando chegar até aquela luz lá no fundo, porque achava que era o Cristo, e eu estava tentando alcançar aquele ponto. Não foi uma experiência assustadora. Foi mais uma coisa agradável, pois, sendo cristão, imediatamente liguei a luz com Cristo, que disse: "Eu sou a luz do mundo". E eu disse a mim mesmo: "Se chegou a hora, se vou morrer, então já sei quem é que espera por mim lá no fundo, lá naquela luz" (35).

9. As descrições da aparição da grande luz eram seguidas pela recapitulação instantânea da vida, num fenômeno semelhante ao da memória, rapidamente, em alguns casos, como um flash que abrangesse imagens vívidas e reais, com suas emoções e sentimentos, num relance mental dos pontos principais como os mais prosaicos da vida:

"As coisas recapituladas vieram na ordem em que aconteceram na minha vida, e eram tão vívidas! As cenas eram bem como se você ficasse de lado e as olhasse, completamente tridimensionais e em cor. E tinham movimento. Era como se eu as estivesse olhando da perspectiva do tempo. Era como se a menininha que eu via fosse

outra pessoa, como no cinema. Mas, era eu. Via-me fazendo as mesmas coisas, como criança, e eram exatamente as que eu tinha feito, porque me lembrava delas. (...)

Bem, toda a experiência foi muito estranha. Eu estava lá, estava realmente vendo a recapitulação; estava na verdade caminhando no meio dela; tudo era muito rápido, mas suficientemente lento para que pudesse assimilar tudo. Ainda assim, acho que a duração temporal não foi grande. Parece que veio a luz, e aí passei pelas recapitulações, e a luz sumiu. (...)" (36).

10. Em uns poucos casos a experiência de quase morte conduziu a um momento em que se tinha a impressão de estar diante de uma espécie de barreira, fronteira ou limite. As formas descritas eram as de uma extensão de água, névoa cinza, uma porta, uma cerca ou uma linha. Normalmente, diante dessa barreira, acontecia o retorno à vida:

"Nesta ocasião, perdi a consciência, e ouvi um zumbido desagradável, um som ressonante. Quando me dei por mim outra vez parecia que eu estava em um navio ou em um pequeno barco navegando para o outro lado de uma grande extensão da água. Na margem distante eu via todos os meus entes queridos que já tinham morrido - minha mãe, meu pai, minha irmã e os outros. Podia vê-los, podia ver os seus rostos bem como eram quando os conheci na Terra. Pareciam estar me chamando para ir até lá, e o tempo todo eu estava dizendo: "Não, não, ainda não estou pronta para me reunir a vocês. Não quero morrer. Não estou pronta para ir'.

Bem, foi a mais estranha experiência porque todo este tempo eu podia ver também os médicos e as enfermeiras trabalhando no meu corpo, mas era como se eu fosse espectador e não aquela pessoa - aquele corpo - na qual eles estavam trabalhando. Eu estava tentando com todas as forças comunicar ao meu médico: "Eu não vou morrer", mas ninguém podia me ouvir. Tudo - os médicos, as enfermeiras, a sala de parto, o barco, a água e a margem distante - era uma espécie de conglomerado só. Misturava tudo junto, como se uma cena estivesse superposta a outra.

Finalmente, quando o barco estava alcançando a margem distante, um pouco antes de chegar, fez meia volta e começou a retornar. Eu estava tentando com todas as minhas forças comunicar ao meu médico: "Não vou morrer", mas ninguém podia me ouvir. Acho que foi neste momento que voltei a mim (...)" (37).

Nestas experiências descritas, o Dr. Moody reconheceu fortes indícios apontando a necessidade de uma área de pesquisa para ampliar os conhecimentos objetivos sobre a morte. Traçando um paralelo entre registros de antigas tradições religiosas como a *Bíblia*, *O Livro Tibetano dos Mortos*, os trabalhos de Swedenborg e a semelhança do que eles colocavam com as experiências descritas, sugeriu uma atenção redobrada sobre os fenômenos e a questão da sobrevivência.

Embora o autor não tenha desenvolvido nenhuma prova da doutrina da sobrevivência após a morte corporal, o seu trabalho em forma de livro alcançou grande divulgação e representou um marco muito importante para reacender um intenso interesse sobre o tema. No campo da investigação e da pesquisa reafirmou as evidências experimentais acerca da sobrevivência bem como a necessidade de se promover, investir e incentivar o aprofundamento das pesquisas iniciadas visto que se afiguram proveitosos e promissores resultados para breve. (38)

OS MÉDIUNS ELETRÔNICOS

Embora a questão dos contatos entre mortos e vivos estudados pela Parapsicologia ainda continue, na maioria dos casos, passando pela intermediação dos médiuns e da veracidade comprovada pelos relatos exibidos, desde a década de sessenta uma novidade apareceu: as mensagens de "mortos" captadas por processos eletrônicos. Se inicialmente as investigações parapsicológicas exploravam as potencialidades mediúnicas e paranormais de certos indivíduos na realização de seus estudos, com os avanços da tecnologia de comunicação à longa distância, colocaram sob novas bases as pesquisas apoiadas em instrumentos, a modernamente conhecida Transcomunicação Instrumental (40).

A utilização de aparelhos e instrumentos elétricos e eletrônicos apresentava-se como uma possibilidade de superar a subjetividade das experiências mediúnicas e dos relatos pessoais, alterando os aspectos aleatórios e místicos dos fenômenos produzidos, frequentemente, sob condições alteradas de consciência. Afinal, "incorporações", experiências no limiar da morte sob efeito de medicamentos ou comoção intensa, relatos de mortos psicografados, sempre estão sujeitos a critérios humanos, a sensibilidades religiosas, aos estados mentais, sendo, portanto, passíveis de interpretações duvidosas.

Em 1959, na Suécia, Friedrich Juergenson, um pintor sem crenças ou religião, muito menos credo político, preparava-se para gravar gorjeios de pássaros em Mohlno, localidade próxima de Estocolmo, Suécia. Ao ouvir a gravação obtida, descobriu, para sua surpresa, vozes humanas misturadas ao trinado de pássaros. Estudando atentamente o conteúdo das gravações e descartando qualquer interferência natural, inclusive a de emissoras de rádio, percebeu que as vozes provinham de pessoas já falecidas tentando alguma forma de comunicação (40).

Embora ele não tenha sido o primeiro a tentar comunicação com os mortos através de gravadores, seu trabalho tornou-se o mais conhecido (41). Das palavras e pequenas frases obtidas no início das gravações Juergenson passou a conseguir frases inteiras, dotadas de sentido, mensagens objetivas e dirigidas para pessoas ou situações determinadas, emitidas por pessoas já falecidas. Os instrumentos eletrônicos, além de mais sensíveis a impulsos de natureza energética, não estariam sujeitos a interferências mentais como no caso dos médiuns (42).

As mensagens recebidas por Juergenson lembravam um confuso quebra-cabeça formado por frases curtas e sintéticas. Somente a análise destas frases agrupadas em categorias devidamente organizadas de forma a interligá-las, era o que permitia algumas noções do "mundo espiritual", sobre as condições reinantes em determinadas dimensões espirituais.

Em primeiro lugar, aparecia a descrição de uma determinada região do Além compreendendo diversos planos de existência espiritual, inclusive aquele onde estavam os autores das vozes. Descreviam também uma dimensão inferior onde ficavam os que morriam com deformações mais graves, um mundo fantástico formado por cavernas ocas e trevas. As mensagens falavam também do "despertar dos mortos" como resultado da propagação das ondas de rádio, empregadas como uma nova forma de terapia espiritual para estimular os "espíritos" encarcerados nas cavernas, presos de seus próprios pesadelos (43).

De acordo com as mensagens recebidas por Juergenson, as condições descritas sobre os mortos e a sua situação psíquica, referiam-se a regiões astrais inferiores. A ação das ondas de rádio permitiam destruir aquele círculo vicioso, constituído de repetições de imagens e sentimentos fluídicos. Porém, o aceleração desta ação libertadora dependia da colaboração dos vivos, com forte convicção interior e boa vontade suficiente para ajudar os vivos.

No desenvolver de seus contatos, Juergensen percebeu dois caminhos. Um primeiro ligado ao microfone do gravador e com a subsequente produção de sons. Um outro caminho, mais limpo e direto, se estabelecia pelo rádio. Mas, as gravações de qualquer forma de manifestação eram imprescindíveis, por constituírem provas objetivas, podendo ser repetidas e controladas para constatar a existência após a morte. Porém, ao lado da questão das provas sobre a existência após a morte, a possibilidade dos contatos afetivos entre as duas dimensões e a transposição da barreira do "mundo invisível" eram uma esperança para os enlutados e solitários. Desnecessário dizer que junto ao espanto, logo seguido pela curiosidade e entusiasmo despertado, iniciaram os céticos, "cientistas" e "religiosos" a despejar sua carga de incredulidade e críticas, feridos, quiçá, em suas conveniências.

A comunicação tecnológica com os mortos ganhou repercussão e continuadores na trilha aberta pelos gravadores. Um outro pesquisador neste mesmo caminho foi o filósofo e escritor letônio, Dr. Konstantin Raudive. Nascido em Paris, em 1909, estudou ali e em Salamanca. Após a Segunda Guerra, radicou-se com sua esposa em Upsala, onde tornou-se professor na Universidade local. Em 1956 foi para a Alemanha, onde viveu até sua morte, em 1974.

O Dr. Raudive, em 1965, começou a trabalhar com o fenômeno das vozes gravadas em fitas. O resultado de suas pesquisas foram publicadas pela primeira vez em 1968, num chamado *Breakthrough*, junto com um disco que trazia exemplos das vozes. A este livro, seguiram-se mais dois outros, *Überleben win den Tod?* (Sobrevivemos à morte) e *Der Fall Wellensittich* (O caso do Passarinho) (44). Dr. Raudive, em colaboração com um físico suíço, Alex Schneider, aperfeiçoou a técnica de comunicação, descobrindo que, certas vozes inaudíveis, podiam ser detectadas nas fitas, passando-as em play-back. Desta forma, foram registradas e analisadas 72.000 frases, nas mais diversas línguas. A maior parte dos resultados de suas pesquisas foram publicadas. Uma parte das fitas está arquivada na Inglaterra, outra no Liceu e o restante em Munster na Alemanha.

No ano de 1970, o conceituado *Trinity College de Cambridge* concedeu uma bolsa de estudos ao jovem químico David Ellis para pesquisar as vozes de Raudive. Na edição de fevereiro de 1974 Ellis revelou certas conclusões à revista *Psychic*:

"Com o Dr. Raudive presente as vozes referiam-se diretamente aos outros participantes, mas em outras ocasiões falavam principalmente ao Dr. Raudive (cujo apelido era 'Kosti'). Há alguns comentários interessantes quando ele está ausente. A gravação pode começar com ' - Precisamos de Kosti' ou ' - Precisamos de Kosti aqui' ou uma voz pode explicar 'Vocês esconderam Kosti'" (45).

As pesquisas com Dr. Raudive continuaram assim como o desenvolvimento e aprimoramento dos recursos tecnológicos, a chamada Psicotrônica. O Dr. Franz Seidl, engenheiro austríaco e colaborador de Raudive desenvolveu um aparelho chamado psicofone - um receptor em miniatura de rádio de larga frequência acoplado a um amplificador. Destes aparelhos psicotrônicos, o caso mais conhecido é o do Dr. George Meek, engenheiro e diretor da *Metascience Foundation Inc*, e sua máquina *Spiricom* (termo formado *Spirit + Communication*), um aparelho destinado a possibilitar e facilitar a comunicação entre mortos e vivos (46). Os parapsicólogos também passaram a pesquisar os fenômenos dos chamados telefonemas dos mortos". Inúmeros casos estão sendo arrolados nas pesquisas do Dr. Scott Rogo e Raymond Bayless.

Estes fenômenos de comunicações de vozes através de aparelhos eletrônicos tiveram uma denominação em inglês como "Eletronic Voice Phenomenom" ou EVP. Apesar das dificuldades, muitos pesquisadores tentaram, e tentam, aprimorar equipamentos para facilitar o sistema de obtenção dos sons provenientes de outras dimensões, na captação de energias de natureza

paranormal. Foi George Meek, na *Metasciense Foundation*, quem desenvolveu os equipamentos tecnológicos mais precisos. Cabe ressaltar um fato interessante: o Professor Meek foi estimulado a desenvolver este sistema especial de comunicação depois de receber a comunicação de um médium que um cientista inglês, chamado Dr. William Francis Gray Swann, físico da *Carnegie Institution* e professor de física em Yale, já falecido, iria trabalhar para ajudar a estabelecer um sistema de comunicação entre o plano físico e o espiritual.

Em 1975, Dr. Meek, o técnico em eletrônica William O'Neil e os ajudantes espirituais desenvolveram um complicado engenho, cheio de componentes, baterias, para criar as condições necessárias que, além de poder fornecer as provas definitivas da sobrevivência e das possibilidades de contatos entre mortos e vivos, deveria mudar o comportamento humano, e garantir o acesso contínuo à memória e conhecimento dos antepassados.

A galeria de pesquisadores é grande e não cessa de crescer em progressão geométrica nos últimos vinte anos.

Em 1985, o técnico em segurança contra incêndio Klaus Schreider, que havia perdido quase todos os membros de sua família de forma trágica, inicia suas tentativas de comunicação através de aparelhos com o "Além". Inicialmente, com gravadores, psicofone, para finalmente chegar à gravação em vídeo de imagens transmitidas pela televisão. Imagens com contornos mais ou menos imprecisos, paisagens, configurações humanas, sobretudo rostos, tanto de pessoas famosas como de ilustres desconhecidos ou familiares do Sr. Schreiber foram sendo captadas e gravadas para posterior divulgação nos meios de comunicação.

Estas imagens de "mortos" foram obtidas por Schreiber, que não tinha conhecimentos técnicos nem ambições parapsicológicas ou esotéricas, mas uma profunda ligação afetiva com seus familiares, esposa e filhos falecidos. Foi durante um congresso realizado em Luxemburgo, em 1985, que Schreiber apresentou suas imagens do "Além". Eram "pessoas" desconhecidas e alguns "personagens" famosos como Romy Schneider, Curd Jurgens, Rei Ludwig e o Dr. Raudive. Várias destas aparições foram observadas por muitas pessoas, inclusive Rainer Holbe, produtor do programa "Histórias Incríveis" na rádio e televisão de Luxemburgo. Muitas aparições eram antecipadas por avisos nos gravadores e rádios. O aprimoramento das comunicações áudio-visuais de Schreiber foram feitas pelo engenheiro Martin Wenzel, divulgando um tipo de aparelhagem necessária assim como as técnicas que surtiam efeito (47).

Depois dos rádios, gravadores, vídeos, chegou a vez dos computadores. Em 1988, Manfred Boden, um estatístico e perito em processamento de dados na cidade de Buhl, Alemanha, começou a perceber estranhas modificações no seu computador que, após repetidas vezes e devido à ampliação de textos, puderam ser identificadas como contatos estabelecidos por formas inteligentes, identificadas como interlocutores do "Além".

As alterações no seu programa de computador prolongaram-se em outubro de 1980 a outubro de 1981. Entre 1981 e 1984 Manfred Boden recebeu contatos por telefone, em fitas magnéticas, formando um vasto acervo e abundante material de pesquisas. Mas Boden, embora tenha sido o primeiro, não foi o único nem o último a presenciar este tipo de fenômeno.

O mesmo fenômeno foi descrito pelo *Boletim Suíço de Psicologia* em novembro de 1986 no computador do professor inglês Ken Webster, residente em Chester, na Inglaterra. Desde 1984, este professor vem recebendo estranhas mensagens em seu computador doméstico que, em 1988 já somavam 250, surgidas na tela e em disquetes alterados por processos paranormais.

O caso do professor Ken Webster é muito interessante. Desde 1984, após a reforma da velha casa onde habitava, uma série de fenômenos começaram a acontecer: móveis arrastados, objetos desaparecidos e outros acontecimentos telecinéticos mantinham os moradores em suspense. Após isto, o seu computador aparentemente começou a enlouquecer. Mensagens surgiam na tela e em disquetes alterados por processos paranormais. O principal "interlocutor" espiritual de Webster identificou-se como Thomas Harden, e afirmava ter vivido à época de Henrique VIII. Este nome foi verificado e constava nas anotações do Oxford Brasenose College, onde recebeu, em 1534, um título especial que lhe foi confiscado por ter se recusado a eliminar o nome do papa dos missais. Nesta época ele era decano da capela desse colégio em Oxford. Várias outras mensagens transmitiram detalhes históricos. O analista Peter Trinder analisou as cerca de duas mil palavras das comunicações e enquadrou-as no inglês medieval dos séculos XIV e XVI. O "espírito" de Harden afirmou que ele transmitia, pela "caixa de luz", seus desejos e imaginações, suas lembranças e curiosidades.

A partir de janeiro de 1988, o casal de pesquisadores luxemburgueses Maggy e Jules Harsch-Fischbach começou a receber mensagens em seu computador, ligado quando saíam de casa e, ao voltar, encontravam textos gravados que podiam ser impressos. Os conteúdos destas mensagens vão desde frases soltas, informações e cumprimentos até textos científicos e filosóficos.

Este casal de parapsicólogos luxemburgueses está engajado há alguns anos na comunicação espiritual através de aparelhos como rádio e gravadores. No dia 17 de junho de 1987, quando o casal chegou em casa, seu computador e o rádio ligaram-se sózinhos e uma mensagem havia sido transmitida e pôde ser impressa no computador. Seguiram-se várias outras mensagens sobre os mais diversos temas, alertando para o fato de que equipes de cientistas no Além também trabalhavam para ampliar as possibilidades de comunicações entre o mundo espiritual e os vivos (48).

Muitos cientistas e parapsicólogos dedicam-se agora com particular atenção a este fenômeno. Grupos de pesquisa, troca de informações, organização de seminários e congressos para discutir o tema e divulgar os resultados obtidos foram realizados por vários países, além de, atualmente já existirem publicações dedicadas ao assunto. Os mais tradicionais são os grupos de Luxemburgo e Darmstadt (49). Esta forma experimental de transcomunicação está espalhada pela Alemanha, Itália, Luxemburgo, Suíça, EUA, Inglaterra, França, Espanha e Brasil (50).

Chama a atenção a presença de religiosos das mais diversas confissões cristãs entre os pesquisadores para os quais estas pesquisas encaixam-se na questão teológica, em substituir o dogma de fé da imortalidade da alma pela verdade e comprovação científica. Um dos mais conhecidos é o Padre François Brune (51). Para ele, a questão da alma e de sua imortalidade devem ser indagadas de forma tenaz e isenta de preconceitos:

"Segundo a tradição mais antiga (que reencontramos assim), a alma é um outro corpo, uma sorte de duplo do nosso corpo material, um duplo animado e consciente, dotado da mesma personalidade, mas constituído de uma matéria bem mais sutil e que não podemos habitualmente perceber aqui por que ele se situa em uma outra dimensão" (52).

Segundo o Padre Brune a sobrevivência após a morte e a possibilidade de contatos entre mortos e vivos está em vias de tornar-se em breve uma evidência científica óbvia. A intermediação mediúnica humana, sujeita a fraudes, influências mentais do médium e tão duramente criticadas, não será mais necessária. Os contatos podem ser feitos através de meios eletrônicos como gravadores, rádios, telefones, televisores, vídeos e computadores, meios científicos e objetivos, independentes

das pessoas. Segundo ele, os melhores técnicos e cientistas acham-se dedicados ao tema e os estudos sobre a transcomunicação são supervisionados para evitar truques ou fraudes:

"E a conclusão que se impões: são mesmo os mortos que falam (...) Que posso eu, acrescentar a isto? Todavia se pelo menos nossos contemporâneos terminassem por se render à nova evidência, isso seria já um enorme progresso. Sim, existe uma sobrevivência. Sim, existe um Além. Nós o encontramos". (53)

Aparentemente, sem alarde, a Igreja se interessa pelas pesquisas deste gênero, tendo, extra-oficialmente, incentivado diversos membros como o Padre Leo Schimid que chegou a gravar 12.000 vozes de pessoas falecidas em fita magnética. Neste caso estão também os padres Karl Pfgler, Eugênio Ferraroti, Andreas Reschi e os padres Gemelli da Universidade Católica de Milão, junto com o padre Pellegrino Ernetti, que registrou as primeiras vozes enviadas ao Vaticano, que certamente deseja manter-se bem informado a respeito, ainda que discretamente. É deveras expressivo o número de padres hoje dedicados a pesquisa parapsicológica, com ou sem o aval direto do Vaticano, até mesmo por entenderem que o papel da igreja diz respeito a religiosidade, a cristianização, ao desenvolvimento da fé, dos valores éticos, morais, de amparo, consôlo e fraternidade, enquanto a pesquisa parapsicológica é, hoje, sem favor, um ramo da ciência ocupado em definir e conhecer com exatidão como "se dão as coisas" e como se operam certos fenômenos.

Os modernos parapsicólogos comemoram os resultados obtidos por meios tecnológicos, pesquisados em vários lugares, pelas mais diferentes pessoas, sem qualquer vinculação com movimentos religiosos. A comunicação com os "mortos" apoiada nos recursos tecnológicos mais modernos, é considerada um fato científico por excelência, e através destes aparelhos os contatos espirituais seriam objetivos e incontestáveis. Não podem ser negados, e devem inserir-se em várias áreas de conhecimento, inclusive nas instituições religiosas, para levar a uma reflexão séria e definitiva nos dogmas e doutrinas. Para alguns, a Transcomunicação Instrumental destes últimos anos será a mais importante descoberta da Ciência e, de forma pacífica, deverá trazer benefícios e mudanças nos homens em geral. Pensam alguns que chegará o dia em que encarnados e desencarnados conversarão à vontade, através dos mais diferentes instrumentos. Afinal, vivos todos são, ou não seria possível haver a comunicação já existente. Caminha-se, na certa, para a comprovação definitiva de que a tão temida morte não passa de uma mera transição entre um e outro estado natural, onde, além da matéria densa, toda a estrutura essencial, personalidade e individualidade se vêem preservadas.

A REENCARNAÇÃO REENCONTRADA

Nos últimos anos, pesquisadores dedicados ao estudo da morte e da sobrevivência espiritual reuniram, confrontaram e verificaram centenas de fatos e experiências relacionadas à reencarnação, num notável feixe de presunções que poderiam, segundo eles, sugerir a transmigração como uma séria possibilidade com bases específicas

Em 1961, o catedrático de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Virginia, o Prof.Dr. Ian Stevenson começou a estudar vários casos sugestivos que apontavam a existência do fenômeno da reencarnação. Após 22 anos de estudos, ele investigou, comprovou a autenticidade e catalogou cerca de dois mil casos que foram publicados em cinco livros, sendo o mais famoso deles Twenty Suggestive Cases of Reincarnation (54). O método do professor Stevenson consistia em pesquisar as próprias pessoas envolvidas, sobretudo crianças que, espontaneamente faziam referências a vidas anteriores, e que podiam ser investigados

cuidadosamente para estabelecer uma comprovação verdadeira (55). Algumas destas observações ocorreram em comunidades islâmicas ou cristãs do Próximo Oriente, ou seja, num meio religioso no qual a reencarnação não era um dogma.

Um caso exemplar das pesquisas de Stevenson é do Cheikh Maruf. Um menino chamada Emrulah Turnham, nascido em 1949, aos dois anos de idade começou a falar afirmando ser Cheikh Maruf e fornecendo informações muito precisas sobre sua existência anterior. Em 1954, alguns camponeses foram contratados para trabalhar nas terras do pai do menino. Casualmente, um casal destes camponeses conheciam muito bem o dito Cheikh Maruf, falecido em 1948, e ficaram impressionados com a precisão certa das respostas emitidas pelo menino sobre a família do falecido, inclusive sobre uma pinta na face esquerda da sua esposa, um detalhe absolutamente correto. Alguns anos mais tarde, o menino, já rapaz, encontra um oficial do exército turco, mostrando reconhecê-lo e dizendo que este oficial já servira sob as ordens dele quando era Cheikh Maruf. E lembrou ao oficial detalhes de campanhas, perigos enfrentados e circunstâncias precisas de um acidente em que os dois quase morreram. Este caso foi estudado em um aprofundado inquérito pelo professor Doksat, diretor da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Istambul, paralelo ao do Dr. Stevenson. Numa confrontação entre o jovem Emrulah e um dos filhos do Cheikh, membros do parlamento cuja verdadeira identidade havia sido escondida, o rapaz logo o reconheceu chamando-o pelo nome, evocou detalhes íntimos do Cheikh, de sua vida e de sua família. Este foi um caso típico, dos milhares de inquéritos e dossiês estudados pelos pesquisadores do assunto.

Para o Dr. Stevenson, ficou demonstrado, através de evidências irrefutáveis, a existência de alguma coisa que retomava outro corpo semelhante e retornava à vida:

"Ulteriores investigações de aparentes memórias de encarnações prévias podem muito bem colocar a reencarnação como a mais provável explicação destas experiências. Seguindo esta linha podemos, no fim, obter testemunho mais convincente acerca da sobrevivência do homem após a morte física, do que por outro meio de evidência" (56).

Embora Stevenson tenha afirmado que não tinha absoluta certeza na reencarnação, ele afirmou que esta era a única explicação viável e objetiva para todos os casos e problemas estudados ao longo de sua vida, sentindo-se agora mais confiante do que quando começou a pesquisa.

Um professor indiano, Dr. H. N. Banerjee, também realizou pesquisas em todo o mundo, inclusive em países que não tem a reencarnação como doutrina conhecida, caso, por exemplo, os EUA. Durante 25 anos entrevistou, observou, indagou, documentou e estudou mais de 1.100 casos de reencarnação, publicados resumidamente em *The Once and Future Life* em 1979 (57). Para Banerjee, devido a novos posicionamentos da ciência moderna, afetados pelos fatos de natureza parapsicológica que apontam para a existência extrafísica da personalidade humana, independente das funções orgânicas, a questão da reencarnação tornou-se admissível em bases teóricas e empíricas.

Trabalhou com a idéia de "memória extra-cerebral" como o fato científico básico de suas pesquisas.

"Chamo esse tipo de memória de "memória extra-cerebral", porque as afirmações dos sujeitos de possuírem lembranças de vidas anteriores parecem ser independentes do cérebro, principal repositório da memória. É fato científico que ninguém é capaz de lembrar o que não aprendeu anteriormente. Nos casos de "memória extra-cerebral", o conhecimento do fato existe, não na vida atual do sujeito (nas pesquisas controladas que realizei, não houve qualquer oportunidade para que o sujeito tivesse tido

conhecimento na sua vida presente da pessoa que afirma ter sido), mas somente na vida anterior. Meus estudos mostram que a personalidade humana é composta de aspectos físicos e psíquicos. A parte física é destruída com a morte da pessoa, mas a psíquica, de algum modo, sobrevive e pode se expressar na forma de lembranças de uma ou de várias vidas passadas. (...)

Acho que a reencarnação é o processo através do qual a personalidade humana se desenvolve. Cheguei a esta conclusão não na base de considerações teóricas, como afirmei desde o princípio, mas na base de pesquisa metódica e cuidadosamente controlada. Esta pesquisa proporcionou-me profunda compreensão do problema de reencarnação e como resultado passei a acreditar nela (...)" (58).

Para Banerjee o desenvolvimento do conhecimento científico, a correlação das funções mentais e dos processos do corpo estudados pela neurologia, neuroanatomia, psiquiatria e psicologia clínica, lançaram as bases fundamentais para a aceitação da profunda relação entre corpo e mente, entre pensamento e atividade cerebral. As necessidades contemporâneas de respostas às indagações, ganhariam uma aliança vantajosa entre ciência e religião (59).

Banerjee mencionou vários casos pesquisados numa carreira de vinte anos começada em 1953. No ano de 1962 deixou a função de chefe de departamento de filosofia numa Universidade da Índia para dedicar-se, exclusivamente, às pesquisas de reencarnação. Alguns de seus estudos foram conduzidos em associação com o Departamento de Psicologia da Universidade de Gutemberg, em Mainz e com o Departamento de Psicologia da Universidade de Nova Delhi. Muitos destes casos foram estudados em comunidades que não professavam a reencarnação como doutrina religiosa ou crença comum.

Um caso que ele considerou clássico foi o de David Paladin, um indígena que nasceu numa aldeia Navajo em 1926. Em 1944, Paladin foi dado como morto na Segunda Guerra Mundial. Inconsciente, foi jogado num caminhão de cadáveres. Contudo, ele começou a manifestar sinais vitais e foi conduzido a um hospital do exército onde ficou em coma por dois anos. Alguns dias antes da "morte" de Paladin, faleceu Wassily Kandinsky, na Suíça.

Após dois anos de inconsciência, Paladin voltou a si e disse para a enfermeira que era um artista. O jovem, que nunca havia aprendido pintura, começou a fazer pinturas abstratas semelhantes às de Kandinsky. Este fato chamou a atenção do meio artístico e de críticos da arte. Vários psiquiatras e psicólogos estudaram o caso, comprovando a autenticidade de tudo o que acontecia. Para Banerjee, as evidências do caso eram tantas que ele não hesitou em afirmar que Paladin era a reencarnação de Kandinsk.

No Brasil, os estudos de reencarnação foram feitos pelo Prof. engenheiro Hernani Guimarães Andrade e sua equipe do IBPP - Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas.

O Prof. Hernani é um dos primeiros parapsicólogos brasileiros reconhecidos e respeitados, principalmente no exterior, pela grande competência, capacidade, seriedade e dedicação que imprime a sua pesquisa. Possui um grande acervo de casos práticos cujas análises e estudos teóricos sugerem a reencarnação num total de sessenta casos, devidamente investigados e avaliados pelo crivo do seu rigoroso critério metodológico e publicados em muitos livros, alguns inclusive já esgotados ou em várias edições, ao longo de décadas sendo os mais conhecidos os casos de "Jacira e Ronaldo" e "Simone e Angelina", o jovem Rodrigo que seria a reencarnação de seu irmão Nandinho, os de Patrícia, que teria sido a pequena francesa Alex morta durante a Primeira Guerra Mundial, e o

de Thomas, uma criança que aparentemente, era Thomas Merton, o monge trapista que desapareceu na Tailândia, pouco antes de iniciar um grande estudo o sobre zen-budismo (60).

De acordo com estes estudos algumas evidências de reencarnação foram estabelecidas em sete categorias: (61)

1. Recordações de outras experiências em crianças, que perduram até a puberdade. Esta evidência é a que traz maior grau de certeza e, em alguns casos, podem ser marcadas por sinais de nascença ligados a esta recordação, normalmente ferimentos recebidos na existência anterior.
2. Recordações em adultos que podem ser espontâneas ou determinadas por certos fatores desencadeantes da memória tais como: sonhos recorrentes, visões, recordações espontâneas, sensação de "déjà-vu", reconhecimento de pessoas ligadas à encarnação anterior, situações similares, doenças graves, conhecimento direto paranormal, sonhos que desencadeiam a memória.
3. Através de informações por sonhos, de desencarnados, de pessoas paranormais, da própria pessoa, antes ou depois de morrer, prometendo voltar.
4. As características inatas, os chamados "dons" ou pendores da nascença, que podem ser genialidades, defeitos congênitos, marcas de nascença, características psicológicas trazidas de encarnações prévias.
5. Em alguns casos, certas intervenções no psiquismo, acidentais ou intencionais, como psicanálise, obsessão espiritual, hipnose regressiva, ação de drogas, desdobramentos espirituais, traumas violentos ou estado pré-agônico, podem desencadear recordações de existências anteriores.
6. Com certas experiências místicas como a meditação ou o êxtase religioso.

A idéia de reencarnação também encontrou outros métodos e fontes de pesquisa. Alguns estudiosos preferiram empregar a regressão da memória sob o efeito da hipnose. Neste estado, segundo os estudiosos, a memória mais profunda está livre de barreira, censuras e bloqueios e a pessoa pode ter acesso ao imenso reservatório de impressões armazenadas no subconsciente. (62)

A regressão às existências passadas através da hipnose foi levada experimentalmente por um espiritualista do século XIX, o coronel De Rochas. Entre 1893 e 1910, ele realizou inúmeras experiências deste tipo, arquivando-as e catalogando seus resultados. Nos anos 60, o interesse sobre estas pesquisas reapareceu, como por exemplo, os estudos realizados pelo psiquiatra inglês Denis Kelsey e a médium Joan Grant

Estas experiências conduziram ao desenvolvimento de uma terapia psicológica de cura para traumas e neuroses através da regressão a existências anteriores, por acreditar-se que certas distorções mentais, e até mesmo doenças físicas, podiam ter origem em vidas pretéritas. De acordo com as propostas destas práticas terapêuticas, o ressurgimento das antigas personalidades serviria para limpar as profundezas da psique humana, desmascarando motivações secretas e liberando os anseios mais profundos herdados de experiências traumatizantes no decurso das sucessivas encarnações. Desta maneira, poderíamos livrar os nós emocionais do inconsciente, desenraizando um poder sombrio que governa a atual existência e entendê-la melhor, através do conhecimento do passado adormecido (63).

Das questões que envolvem a sobrevivência após a morte, evidentemente, a reencarnação é a mais difícil de ser colocada num ponto de vista objetivamente científico. Assim, como as experiências de quase morte dependem de informações subjetivas, resultados de elaborações mentais,

seja na recordação espontânea ou nos estados alterados de consciência pela hipnose, por medicamentos ou meditação.

O que resta nos estudos contemporâneos da Parapsicologia são indícios de um grande número de fatos enigmáticos, fugidios, que abrem possibilidades de indagações. Mas, de um ponto de vista racional e científico, as abordagens sobre a reencarnação e, até mesmo da sobrevivência, oferecem verdades subjetivas.

Para todos os pesquisadores envolvidos com os temas da morte, da sobrevivência após a morte e da reencarnação, a crescente aceitação do assunto indica uma forte reação da sociedade contra a impossibilidade de conhecer o mais irreversível destino humano. O desenvolvimento de pesquisas, cada vez mais efetuadas por círculos respeitáveis de dedicados estudiosos, embora não esteja isento de críticas e hostilidades por parte de grupos institucionais e religiosos, significa que, em breve, com os avanços tanto da ciência como da tecnologia, o conhecimento sobre a morte, o morrer e o renascer caminharão cada vez menos como crenças religiosas e mais como uma inquestionável lei da natureza. Tanto as teorias como as tecnologias colocadas à serviço do conhecimento "verdadeiro" do Outro Lado, será um grande benefício e a mudança importante de nossa sociedade, pois as investigações estão produzindo uma quantidade tão grande de evidências que a sobrevivência espiritual e a reencarnação, a sobrevivência do espírito e o seu retorno, fatalmente, conduzirão a comprovações inquestionáveis, independentes de credos religiosos ou filosóficos:

Enquanto as descobertas e o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia crescem vertiginosamente, com repercussão em todos os setores de atividades, inclusive modificando costumes, comportamentos e modo de vida das sociedades humanas, silenciosamente se incubava uma descoberta que deveria começar a ser percebida ainda neste mesmo século XX em suas últimas décadas. Embora as investigações dessa estranha área de pesquisa houvessem tido início no século XIX, somente agora começam a surgir os primeiros sinais de aceitação do objeto de interesse da referida disciplina científica, "a existência e a sobrevivência da personalidade após a morte física". Aliás, esta denominação do mencionado objeto de investigação reflete a timidez daqueles cientistas que se dispuseram a arriscar seu 'status', ao se dedicarem a tão polêmica questão. Na realidade, trata-se mesmo da pesquisa do Espírito, não como entidade abstrata que equivale a mente, e sim como um ser real, cuja fração encarnada constitui a alma do indivíduo vivo como a pele que reveste o corpo ou como a roupa que vestimos. (...) (64)

Mas a descoberta que irá decidir definitivamente a questão da existência do Espírito como entidade real e independente será a Transcomunicação Instrumental com os seres dos Planos Espirituais, entre eles as almas dos que já faleceram (...).

Na verdade, existe uma grande distância entre as evidências objetivas que sugerem uma sobrevivência espiritual após a morte da consciência ou qualquer coisa assemelhada onde fica a memória, os pensamentos e desejos, da possibilidade de encontrar provas científicas irrefutáveis, pelo menos até agora.

O princípio racionalista acha-se bastante difundido entre cientistas, filósofos e intelectuais de um modo geral. Mas isto não acontece com a maioria esmagadora das pessoas. O que se pode observar é a existência de um grande número de crenças para fornecer explicações e consolo, sem que haja necessidade de provas suficientes. Afinal, há milhares de anos tem sido assim e nem todas (na verdade a maioria) das questões da vida não são puramente acadêmicas ou científicas.

"Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia".

"Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

"Na casa de meu pai há muitas moradas".

NOTAS

1. V. Bresciani, M. "Metrópolis: As faces do monstro urbano" in: RHB8/9, ANPUH/M. Zero, 1985, pp. 36-68.
2. Existe um excelente trabalho sobre os anos iniciais da organização da Parapsicologia e, sobretudo, da SPR desde a sua fundação até 1914. Trata-se do trabalho de Janet Oppenheim, inicialmente uma tese de doutorado que foi publicada como livro com o título The Other World Spiritualism and Psychical Research in England - 1850/1914, Cambridge, Cambridge Press, 1988.
3. Lanoire, M. op cit. p. 78. Richet, C. Traité de Métapsiquie, Paris, pp. 17/-21.
4. Ostrander. S / Schaffer, L., Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro, Cultrix.
- 5.1. Ver Kapra, F. O Tao da Física, SP, Pensamento, 1988. O Ponto de Mutação, SP, Pensamento, 1989. O Fio de Ariadne, SP, Pensamento, 1991.
- 5.2. Doore, G. (org) Explorações Contemporâneas da vida após a morte, SP, Cultrix, 1992.
- 5.3. Klimo, J., CHANNELING, investigações sobre a comunicação com fontes paranormais, SP, Siciliano, 1987.
6. Oppenheim, J., op. cit.. pp. 23-4. Tyrrel G.M.M. The Personality of Man, London, Penguin Books, 1963.
7. Hoyt, E., Foundation of Parapsycology, Boston, Routledge/Kegan Paul, 1986.
8. Como toda área de conhecimento, a Parapsicologia possui suas divergências teóricas e metodológicas. Como não havia interesse neste trabalho em analisar estas questões, optamos por acompanhar a organização de Alberto Lyra em alguns de seus estudos, mais particularmente, Parapsicologia, Psiquiatria e Religião (SP, Pensamento, 1968); Parapsicologia e Inconsciente Coletivo. A Questão da sobrevivência da Alma Humana (SP, Pensamento, 1970) e o trabalho mimeografado "Parapsicologia no Brasil" gentilmente cedida pelo Prof. Hernani Guimarães Andrade. IBPP.
9. Tompkins. P/ Bird, C., A Vida Secreta das Plantas, SP, Círculo do Livro, 1987
10. Rhine, J.B. O Alcance do Espírito, SP, Bestseller, 1964; O Novo Mundo dos Espíritos, SP, Best Seller, 1966. Brier A. (org) - Novas Perspectivas da Parapsicologia, SP Cultrix, 1972.
11. Rhine, J.B. op. cit. p. 188.
12. idem - p. 267.
13. idem - p. 276.
14. Jacobson, N.O. Vida sem Morte?, RJ, Nórdica, 1973.
15. idem - pp. 14-5.
16. idem - p. 118.
17. idem - pp. 114-8.

18. idem - pp. 195-6.
19. Stevenson, I. Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação, SP, Difusão Cultural, 1970
20. Beloff, J. Chari, A.Price, M. - "Three Essays in: horror of J.J. Ducasse", in Journal of the american Society of Psychical Research, 64, 1970, pp. 327-42.
21. Jacobson, N. op. cit. pp. 323-4
22. Osis, K/ Haraldsson, E. "Deathbed Observations by Phisicians and Nurses: a Cross-Cultural Survey", Journal APRS, 71, n. 3, July 1977.
23. Numa lista sumária poderíamos apontar as seguintes publicações: Toynbee, A/ Koesther, A.(org) La Vida después de la Muerte. Osis, K. / Haraldsson, E. "A la hora de la Muerte. Madrid, Edar, 1978. Chauchard P./ Choisy, M./ Daniélou, J. A Sobrevivência depois da Morte, SP, Difel, 1969. Oraison, M. La Mort et puis après?, Paris, Fayard, 1967. Ziegler, J. Os Vivos e a Morte, RJ, Zahar, 1977. Morin, E. El hombre y la Muerte, Barcelona, Kairos, 1974. Silverstein, A. A Conquista da Morte, SP, Difel, 1978. Kastenbaum, R. Haverá Vida depois da Morte?, RJ, Nórdica, 1985. Rogo, S. Vida após a Morte, SP, Ibrasa, 1991. Ring Life at Death, NY, MacCann and Georgehagam, 1983.
24. Moody, R. Vida depois da vida, RJ, Nórdica, 1978.
25. idem op. cit.pg 23-4
26. idem - pp. 26-7
27. idem - pp. 27-8
28. idem - pp. 29
29. idem - pp. 29
30. idem - pp. 30
31. idem - pp. 31
32. idem - pg 34
33. idem - pg 52
34. idem - pp. 58
35. idem - pp. 59
36. idem - pp. 62-3
37. idem - pp. 69-70
38. Existem vários pesquisadores e centros de pesquisa, principalmente nos EUA, dedicados ao tema, inclusive uma Associação Internacional de Estudos no limiar da Morte, em Connecticut publicando uma revista *Anabiosis*. Entre várias outras publicações cabe destacar Omega - The Journal of Death and Dying dirigido por R. Kastebaum; THETA 0 a Journal for Research on the Question of Survival after Death.
39. O neologismo 'transcomunicação'(comunicação através, além) foi cunhado pelo fisico e parapsicólogo Ernest Senkowski.
40. Juergenson, F. Telefone para o Além, RJ, Bras., p. 72, pp. 20-1. Juergensen nasceu em 1903 em Odessa. Desde criança dominava os três idiomas familiares, russo, estoniano e alemão.

Mais tarde aprendeu inglês e francês. Foi cantor, pintor, decorador e fotógrafo. A partir de 1949 teve autorização para pintar a Catedral de São Pedro, em Roma, Somente em 1963 divulgou os resultados de seus contatos com os mortos através do rádio e do gravador. No final de sua vida, tornou-se produtor de documentários científicos e culturais para a TV, inclusive um sobre seu amigo particular, o Papa Paulo VI, que lhe valeu uma condecoração pontifícia. Ele faleceu em 1987.

41. Bayless, R. Carta ao Editor, JASPR, 1959, 53 - pp. 35-9.
42. Juergenson, op. cit. pp. 105
43. idem - pp. 81
44. Raudive, K. Breakthrough, NY, Taplinger, 1971.
45. Rogo, S. op cit. pp. 111-3
46. Meek, G.W. Spiricam: an Eletromagnetic - Eletric Systems Approach to Communication with other Levels of Human Consciousness, Franklin, MetaScience Foundation, 1982. O prof. eng. George G. W. Meek esteve no Brasil, na UNICAMP proferindo palestras, demonstrando seu equipamento, metodologia, documentação e os resultado obtidos com suas pesquisas de ponta. Sobre os aparelhos ver também. Bacci, M. El Misterio delle Vocci Dall'al dila, Roma, Ed. Mediterranee, 1985. Bander, P. Os Espíritos se comunicam por Gravadores, SP, Edicel, 1981. Darnell, S. El Misterio de la Psicofonia, Barcelona, Ed. Fausi, 1978. Locher, T. Harsch, M. Transcomunicação: a Comunicação com o Além por meios técnicos, SP, Pensamento, 1992. Schaffer, H. Ponte entre o aqui e o além: Teoria e Prática da Transcomunicação, SP, Pensamento, 1992. Brune, F. Os mortos nos falam, SP, Edicel, 1991. Nunes, C. Transcomunicação: Comunicação tecnológica com o Mundo dos Mortos, DF, Edicel, 1991. Alvise, G. As vozes dos vivos de ontem, Portugal, Europa-América, 1976.
47. Nunes, C. op cit pp. 72-3 e 111-122
48. Locher, T. e Harsch, M. Transcomunicação: A comunicação com o além por meios tecnicos. Sp, Pensamento, 1992.
49. Periódicos contemporâneos dedicados ao tema: "Verein für Ionhadstimmmentforschug", "VTP - Post", CETL Mittelungen", ØNFO Bulletin fur Parapsychologie", "Unlimited Horizons", OGGI. Aconteceu o 1o. Congresso Internacional de Transcomunicação Instrumental na Suíça e o 2o. Congresso foi no Brasil, em São Paulo, em maio de 1992.
50. Sobre os grupos brasileiros ver a Folha Espírita, Janeiro de 1992, p. 6 e também o Jornal Espírita de outubro de 1991, p. 5.
51. Brune, F. op. cit. pp. 119-139. Entre os muitos religiosos dedicados às pesquisas, temos também o padre suíço Leo Schmid, Karl Pflieger, P. Eugenio Ferrarotti, Andreas Resch, P. Gemelli, além de vários outros menos conhecidos.
52. Brune, F. "Et si ces images venaient de l'au-dela?", entrevista ao Document Paris-Match em 23 de setembro de 1988.
53. Brune, F. entrevista em 23.9.92. Ver também a entrevista do casal Harsch-Fischback na Folha Espírita de Julho de 1992, p. 5 e o Jornal Espírita de outubro de 1991, p. 5
54. Stevenson, op. cit. p. 18
55. Um dos casos estudados foi transformado no belo filme "Manika".

56. Stevenson, I. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnation", 1961, citado na Folha Espírita, julho de 1992, p.4
57. Banerjee, H. *Vida Pretérita e Futura: Um impressionante estudo sobre reencarnação*, RJ, Nórdica, 1987 e também *Americans who have been reincarnated*, NY., MacMillan, 1980.
58. Banerjee, op. cit. p. 14-6.
59. idem - p. 34
60. Andrade, H.G. Um caso que sugere reencarnação: - "Jacira e Ronaldo", SP, IBPP, 1979. Um caso que sugere reencarnação: - "Simone e Angelina", SP, IBPP, 1979.
61. Goldstein, K. "Reencarnação", in: Folha Espírita, SP, julho de 1992., p. 4
62. Existe uma tradução para o português *Nossas Vidas Anteriores*, RJ, Record, 1973. Ver também: Aranco, S. *Três pontos básicos sobre a reencarnação*, Lisboa, Fraternidade, 1982. Fiore, E. *Já vivemos antes*, RJ, Europa-América, 1978. Andrade, H. G. *Espírito, Perispírito e Alma*, SP, Pensamento, 1988. *Morte, Renascimento e Evolução*, SP, Pensamento, 1988. *Parapsicologia experimental*, SP, Pensamento. *Teoria corpuscular do espírito*, SP, Pensamento. Hodson, G. *Reincarnation: Fact or Fallacy*, London, Quest Books, 1967. Holzer, H. *A Verdade sobre Reencarnação*, RJ, Record, 1970. Lacerda, N. *A Reencarnação através dos séculos*, SP, Pensamento, 1978. Muller, K. *Reincarnation Based on Facts*, London, Psych Press, 1970. Russel, E. W. *Reencarnação: O Mistério do Homem*, RJ, Artenova, 1972. Ryall, E.W. *Born Twice*, NY, Harper an Row, 1974. Story, F. *Rebirth as Doctrine and Experience*, Sri Lankra, Bouddhist Publication Society, 1975. Wambach, H. *Recordando Vidas Passadas*, SP, Pensamento, 1981. Desjardins, D. *De naissance en Naissance*, Paris, Table Ronde, 1971. Bertholet, O. *La Reinvicitation*, Paris, Genillard, 1971. Head, J./ Craiston, B. *Reicarnation: an East-West Anthology*. The Theosophical Publishing House, Wheaton, Illinois, 1968. Blackmore, Susan J. *Experiências fora do corpo*, SP, Pensamento. Greaves, Helen. *Além do véu da morte*, SP, Pensamento. Hampton, Charles. *A transição chamada morte*, SP, Pensamento.
63. Netherton, S./ Shiffrin, G. *Past Lives Therapy*, N.Y. William Morrow, 1978. Steiger, A./ Brad, D. *Discover your Past Lives*, NY, Dell Publishing, 1981. Mendes, E. *Psicotrãse*, SP, Pensamento, 1986. White, S. *Sete Viagens Interiores*, SP, Pensamento, 1988. Grof, S. *Realm of the Human Unconscious*, NY, Voking, 1975. Moss, P./ Keaton, J. *Encouter wi+th the Past*, Garden, City, NY, Double Day, 1981. Guirdham, A. *Entre dois Mundos*, SP, Pensamento, 1980.
64. Andrade, H.G. Prefácio ao livro de Nunes, C. op. cit. p. 10-1

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indagando a morte, o destino espiritual após a morte no domínio das idéias, na especulação entelectual, seja ela religiosa, filosófica ou científica, temos sempre um campo profílicio de discussões e indagações sobre um determinado estado, a morte, à partir de umma outra situação que lhe seria completamente diferente, a vida.

Neste percurso labiríntico, caminhamos com emoção, esta sim a extremidade visível do fio condutor frequentemente escondido no céu ao lado de Deus Pai, no Hades entre sombras sedentas, com Osiris herático e divino, na roda das reencarnações onde todos encontram o seu eterno renascer e, finalmente, na esperança de escapar da dor e do sofrimento com a Suprema Libertação ou após o Julgamento Final.

Tentei puxar o fio de maneira adequada, abrindo uma cortina onde pedaços de passado se desvendaram e desmoronaram. Numa anamnese a gosto dos contemporâneos, procurei encadear as lembranças dos pensamentos religiosos, nas vertentes filosófica, na asséptica ciência, nas narrativas angustiadas, solenes, genéricas e atemporais de cada fala sagrada, fosse ela escatológica, messiânica, salvacionista ou reencarnacionista, tendo em mira a marca suprema, a intangibilidade máxima da existência humana, a morte.

Na atualidade, o debate filosófico e religioso opõe crentes e ateus em torno de suas afirmações antinômicas: tudo acaba com a interrupção das funções orgânicas e nenhum processo psíquico subsiste separado da vida biológica, ou, ao contrário, o fim do corpo material não elimina a sobrevivência da essência imperecível. Todo este debate exprime a vertigem diante da mortalidade, da extinção. E caminhamos, balançando entre a perpetuação do espírito após a morte ou a impossibilidade da sobrevivência fora do veículo biológico, o Grande NADA.

Podemos ter idéias sobre a morte, elaborar teorias, fábulas, esquemas abstratos, esperanças ou temores, doutrinas, dogmas, teorias científicas muito pouco relacionadas com a real experiência da morte, dos profundos e contraditórios sentimentos comuns a todos que pensam no assunto. No plano das religiões, dos sistemas filosóficos e em alguns estudos científicos

contemporâneos, aparentemente algo não morre. Mas, o que não morre? A alma, o espírito, a mente, a psique, a memória, as sensações e as imagens?

A noção de alma individual submetida a penas, recompensas ou à mais completa aniquilação, coloca em jogo a realidade individual do Eu, numa continuidade metafísica espiritual. Desta maneira, poderíamos imaginar a morte, a sobrevivência e a reencarnação como necessidade da memória e esperanças pessoais.

Numa sociedade marcada pela consciência da expiação, do pecado, da soberania de um Deus dominador, vingativo e perseguidor de toda a geração dos descendentes de Adão e Eva, a morte aparece como monstruosa anomalia, uma ultrajante condição dos expulsos do Paraíso, condenados ao trabalho, sofrimento, degradação, privados do estatuto. Nesta perspectiva, a morte é dissociada da vida. No início, Deus havia feito o homem à sua imagem e semelhança, portanto, imortais. A morte é a marca da expiação, da vergonha e da infâmia, o sinal do mal absoluto e, ao morrermos, sofreremos uma horrível punição.

A morte é um escândalo, um insulto, a lembrança da derrota e da capitulação definitiva da condição humana, inferior e degradada. Não desejamos conviver com ela, nem com os mortos. A sua idéia causa constrangimento e temor. Na sociedade atual, mobilizamos contra ela todos os recursos possíveis para bani-la dos nossos olhos e pensamento. Escondemos os moribundos, escamoteamos as agonias, os velórios e funerais, nos recusamos a admitir o envelhecimento, congelamos os mortos esperando uma suposta ressurreição. Fazemos uma patética guerra mortal aos seus sinais, num voluntarismo desenfreado. Jamais uma cultura havia amaldiçoado e dramatizado tanto a morte, pois ela aparece como uma traição, um odioso pacto denegrinando o gênero humano. E assim, chegamos ao hipotético NADA: morro e fim. Assim consolo minha impotência, mesmo que alguns poucos, inconvenientemente, importunem com religião, filosofias, ciência e aparelhos tecnológicos, em eterno contato com os mortos e o Além.

Numa situação onde prevalece apego e necessidade de perseguir alguma coisa existente em nossas individualidades pretensamente imortais, constroem-se edifícios mentais artificiais, imaginários, projeções de sequências repetitivas do passado sobre uma 'realidade' no Além, onde apesar dos pesares, dos caldeirões, da sede ou das delícias, transparece a reconfortante impressão de um mundo conhecido, estável e regido por leis razoáveis. Nada de turbilhões frenéticos, vibrações fugazes, movimentações e evanescências para um acontecimento inexorável.

Mas, vista de um outro ângulo, característico de certas formas filosófico-religiosas, a morte apresenta a sabedoria inevitável da vida, a essência do devir, no movimento incessante de metamorfose e transformações. Morremos ao nascer, ao crescer, ao mudarmos de idéias, de amores, de gostos, desapegos, no silêncio e no esquecimento. Temos a morte de nossos impulsos, de uma opinião, de um pensamento, através de dissoluções, transformações e cessações. E isto não é mal: apenas uma inevitável corrente de mistérios encadeando vidas e mortes. Portanto, comparações, indignações, julgamentos são ações exteriores, projetando nossos esquemas mentais e temores diante dos acontecimentos, sejam da vida como da morte. Compreender o segredo da vida, da existência, do 'quem sou eu' levaria à compreensão do segredo da morte, o sentido daquilo que ultrapassa toda e qualquer lógica imersa nas dimensões do meu corpo e da minha realidade mental, a eterna realidade que constrói e destrói o Cosmos.

Nesta perspectiva, vida e morte surgem como faces complementares de um mesmo dinamismo onde tudo muda sem parar, sendo ao mesmo tempo criação, conservação e destruição. Esta associação está representada nas divindades e nos textos sagrados das antigas tradições. A morte tem, portanto, muitas faces. Desde a criança morta até o velho extinguindo-se naturalmente; do

assassino à vítima inocente. Todas as experiências existenciais na vida e na morte, amargas, absurdas ou felizes, são papéis fugazes, máscaras múltiplas e móveis dentro de uma Realidade Estática e Única: O Eterno, Imutável e Absoluto, que não pode ser renomeado nem compreendido.

Os destinos particulares fazem parte de um jogo divino, de separação e união, do conhecido e desconhecido, do começo e do fim. Cada um de nós, na sua mutabilidade e eterno devir, sendo e desaparecendo em cada emoção, sensação, pensamento e ação, na fala e no silêncio, na memória e no esquecimento, na vida e na morte, está repleto da perenidade, de Eternidade, nos olhares e destinos particulares, nas experiências individuais, no Imutável que habita entre batidas do coração.

Cada vida significa uma vontade de existir, uma necessidade de vir-a-ser, uma realização de experiências favoráveis e desfavoráveis, acendendo e apagando o tempo todo. Para tanto, é necessário que exista uma continuidade sutil, uma alma individual realizando os anseios do grande cósmico entre diferenças e identidades, um plano sutil onde se projeta a Imortalidade e a Eternidade no movimento, na vida e na morte, sem explicação em nenhum sistema filosófico ou teológico, todos e sempre limitados pelo nosso entendimento e limitações culturais.

Este raciocínio conduz a uma tolerância fundamental, ao saber que no plano das idéias tudo é relativo, parcial e particular. Porém, a grande maioria continua submersa nas subjetividades e miragens dos sentidos, necessitando de leis, doutrinas, teologias, mitos e rituais. Estamos no campo das tradições, da utilização de símbolos, das narrativas mitológicas e das exposições doutrinárias adaptadas às sensibilidades particulares, aos contextos históricos, geográficos e culturais de cada época e sociedade. E, desta forma, as interpretações e descrições variam consideravelmente em imagens, esquemas ou formas.

Aqui estivemos falando delas, tentando exprimir o intraduzível. Um campo vasto e denso, elaborado pelas condições históricas e necessidades pessoais, de encontrar explicações. Mas, acima de tudo, representação do que não compreendemos, seja a Criação, o Cosmos, a vida ou a morte.

Um complexo emaranhado sem certo ou errado, verdade ou mentira, real ou irreal, mas simplesmente, anseios e vontades humanas descritas em imagens e sensações dotadas de intensa representação objetiva. Sem isto não poderíamos pensar no sucesso do pensamento religioso e das modernas pesquisas científicas sobre a morte, a imortalidade ou a reencarnação. Sob este ponto de vista, o Reino dos Mortos do deus Yama é tão real quanto o Apocalipse de João, as onze mil virgens do Alcorão, o Hades, o céu de Osiris, as visões de Swedenborg, a Divina comédia de Dante, os Lokas da tradição budista e as descrições do Bardo Thodol ou os Campos de Caça dos indígenas.

Mas devemos especular sobre a natureza das sensações e imagens sucessivas apresentadas. No profundo substrato localizado além das diferentes aparências e imagens projetadas por cada tradição religiosa ao longo das diferentes épocas, existe um corolário espantosamente comum.

Em primeiro, lugar, a imagem de vôo, flutuação e viagem da alma descritas e organizadas de acordo com os diferentes modelos religiosos. Na expressão egípcia, a alma tem a forma alada e o morto realiza uma viagem perigosa e arriscada, em direção ao reino dos deuses. Também assim acontece com os mortos dos tempos homéricos, nas experiências xamânicas e nos rituais dos Mistérios da antiguidade. A tradição católica nos aponta diversas imagens. Os mortos da tradição hinduísta também são conduzidas ao reino dos Mortos. Descrições deste tipo aparecem nos estudos recentes sobre experiências no limiar da morte, despidos de conotação religiosa.

Em segundo lugar, frequentemente sobreposta de maneira confusa, temos a imagem do sono profundo, do morto imerso em sons profundos, para passar a um lento despertar em um local determinado, antes ou depois de beber uma água determinada, o que implica numa situação espiritual específica ou, até mesmo, uma nova encarnação. Isto aconteceu com Er, nas margens do rio Ameles junto a almas acampadas, sedentas e compelidas a beber das estranhas águas que fazem com que se percam as lembranças e fiquem imersas no profundo sono até o seu renascimento. Esta tradição dos mortos que dormem e aguardam o soar das trombetas anunciando o Dia Final, está no cristianismo primitivo, na tradição dos movimentos protestantes, na ortodoxia judaica.

Em terceiro lugar, vem as imagens do Além. Descrições de tribunais, julgamentos, salas, salões, campos floridos, lugar de sombras, rios, lagos, montanhas, cidades semelhantes às terrenas, cavernas, sob variadas formas e imagens características das culturas, épocas e regiões. Os lugares de Outro Mundo podem ser religiões paradisíacas onde os mortos desfrutam de prazeres, conforto e bem-aventurança. Em épocas de fome e agruras, um lugar de fartura, segurança; para os povos do deserto, representa a abundância de frescor e água; para aqueles que almejam a espiritualidade, lá goza-se a visão de Deus, após o Grande Dia um lugar de plenitude, da imortalidade; ou então, a imagem e semelhança da Terra, junto com parentes, amigos e divindades. Mas o Outro Lado também pode ser um espaço de expiação, purgação de penas e pecados, de castigos e sofrimentos, temporários ou eternos com caldeirões, chumbo derretido, fome, sede, esquecimento, remorsos. O purgatório ou o inferno para todos os que ignoram a conduta correta por cada religião, durante suas vidas.

Nestas regiões do outro Mundo, além dos mortos encontram-se seres espirituais, divindades, parentes e amigos. Também aqui, estes seres podem ser anjos ou demônios, divindades benéficas ou iradas, amigos ou inimigos, parentes ou desconhecidos. Fornecendo ajuda espiritual ou clamando vingança e punição pelos erros.

De acordo com cada conjunto de crenças religiosas, estas situações podem ser provisórias ou definitivas, uma recompensa ou uma punição, mas sempre o inevitável destino da alma, daquilo que não morre com a morte e que tem gravado, a ferro e fogo, de forma indelével, o que se foi em vida: atos, pensamentos, desejos, emoções, vícios, doenças, deformidades.

Num primeiro caso, pode-se superar, ou não, este estado de coisas. Nas tradições religiosas que não pressupõem retornos à vida terrena, pode-se padecer e purificar após a morte, alcançando ou não a Eternidade ao lado de Deus ou na condenação infernal eterna. Evidentemente, tal raciocínio suscitou os mais acirrados debates e questionamentos. O que não impediu, nem impede, de ser uma das formas mais tradicionais de pensamento religioso. Num segundo caso, após uma existência espiritual sob determinadas condições melhores ou piores, volta-se à condição encarnada, numa nova experiência de dor e sofrimento. Nas tradições orientais este retorno é visto como castigo, uma consequência da ignorância e dos apegos que prendem o homem à infelicidade e à ilusão; para os espíritas é a possibilidade de continuar o aprimoramento e a evolução espiritual.

Este foi o trabalho desenvolvido tentando apresentar a história de algumas religiões, de formas filosóficas e científicas que, pela sua importância, vem há séculos respondendo perguntas para a morte e a sobrevivência espiritual, falando da imortalidade da alma e de seu destino, fornecendo normas e parâmetros para a moral e ética cotidiana, acenando com recompensas ou punições pela eternidade e, frequentemente, enriquecendo materialmente suas instituições.

Diversos pesquisadores das ciências humanas têm seus olhares voltados para a complexidade do tema da morte. Na antropologia as práticas e crenças funerárias associadas a

concepções, ritos e processos sociais definidos em culturas diferentes, foram estudadas para uma melhor compreensão das estruturas culturais dos mais diferentes grupos. Estudou-se a apropriação cultural da morte através de uma larga relação com formas culturais possíveis das sociedades, as práticas e concepções específicas, resultados de arranjos estruturais particulares, dentro dos grupos sociais de momentos históricos específicos. Cada escola teórica percebeu a morte de acordo com a sua forma e estilo, porém marcando o tema como de importância fundamental para a compreensão das sociedades e culturas.

Para os sociólogos, a relação com o tema da morte, dos conjuntos de crença e sistemas religiosos, passou pela necessidade metodológica de compreender os vivos através de suas relações com os mortos. Estudar as representações sociais da morte e a maneira como elas determinavam as concepções de saúde, refletiam as relações entre os indivíduos e os grupos sociais.

Na psicologia, o tema da morte inscreveu-se nas tentativas de compreender a psique humana e o seu funcionamento. No rastreamento das obras de Freud, a morte no inconsciente e a pulsão de morte foram conceitos básicos da teoria psicanalítica, sobretudo a noção de morte, o medo da morte, o luto e o instinto da morte, para analisar medos, frustrações, culpas, punições, estados mórbidos e neuróticos, oriundos do psiquismo mais profundo do inconsciente.

Mas com Jung o tema adquiriu uma forma filosófica e transcendente. As visões de Jung sobre a morte estão relacionadas tanto com o psiquismo inconsciente como com o processo de individuação. Segundo Jung, o homem moderno, carente de uma fé, religiosa profunda, encontrava este acontecimento totalmente despreparado. Para tanto, a sua psicologia analítica encarava a morte enquanto um fato definitivo e também os diversos aspectos simbólicos que constituíam as "mortes" durante toda a existência humana. Sob o ponto de vista da psicologia analítica Junguiana, a morte e as crenças sobre a vida após a morte fazem parte do simbolismo da individualização, indicando a necessidade da psique em reencontrar uma unidade, uma totalidade. De acordo com ele, a psique era uma forma de ser independente do tempo e do espaço, integrando, simbolicamente, a eternidade, através de símbolos, arquétipos universais e coletivos.

Os teólogos e os historiadores mantiveram-se recatados durante certo tempo. Os primeiros por razão óbvias, frequentemente imobilizados em suas crenças, dogmas e doutrinas ortodoxas. Mas, os historiadores vêm, há alguns anos, perdendo seu medo diante do tema.

Na história das religiões, o tema da morte fez parte dos estudos das diferentes tendências. Na sua maioria, os historiadores das religiões estudaram os processos históricos de formação das visões de morte, as transformações históricas dentro de sistemas de pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Atualmente, a história das religiões assumiu como tarefa o estudo das religiões, passadas e presentes, examinadas em suas complexidades e particularidades, reconstruindo suas gêneses, genealogias e destinos, explicando suas formações, as circunstâncias em que surgiram e desenvolveram, as influências sofridas, a cronologia das transformações e adaptações. Neste contexto estudam-se as crenças, os mitos, os ritos e outros tantos fenômenos religiosos, entre eles a morte e a sobrevivência espiritual.

Numa área mais particular, a fenomenologia religiosa instalou-se de forma definitiva procurando compreender as estruturas religiosas, suas significações específicas, os conjuntos relativamente autônomos e orgânicos, suas relações e funções recíprocas. Sob esse ponto de vista, a fenomenologia religiosa tentou encontrar o permanente e atemporal debaixo das transformações históricas recorrendo a diversos métodos e teorias modernas, sobretudo a psicologia analítica, os

estudos das imagens e símbolos das mitologias, das imagens coletivas, os arquétipos, os sistemas religiosos ancestrais.

Nesta área estão os trabalhos pioneiros de Mircea Eliade com estudos sobre a morte dentro de uma perspectiva ampla de análise mitológica e simbólica das experiências religiosas, dos temas fundamentais do pensamento religioso, através de diferentes épocas e regiões. Mircea estuda mitos, imagens, símbolos, tradições das mais variadas religiões tanto "primitivas" como extra-ocidentais, de acordo com as chamadas hierofanias ou seja, "as coisas onde se manifesta o caráter sagrado das experiências". As suas obras apresentam uma morfologia do sagrado, uma reaquisição dos valores absolutos do fenômeno religioso, obliterados pela historicidade. Para tanto, a morte foi revisitada nos diferentes simbolismos, na ligação com mitologias e hierofanias mais amplas e representativas de todo pensamento e experiência religiosas.

Após os idos de 1950, os historiadores ligados à Escola dos Anales aceitaram o desafio de Braudel na aventura apaixonante das mentalidades, das sensibilidades coletivas e procuraram a história das atitudes diante da morte. Temos aqui as pesquisas pioneiras de Philippe Ariés e Michel Vovelle, demonstrando as possibilidades da história das atitudes coletivas no passado do ocidente cristão face à morte, elaborando modelos para uma entrada intelectual nas consciências coletivas, nas sensibilidades sociais do passado diante do fenômeno da morte.

Michel Vovelle apresentou estudos marcantes, sobretudo a morte na história e na longa duração em sua obra clássica *La Mort et l'Occident de 1300 à nos jours* (Paris, Galimard, 1980). Para ele, a morte é o reflexo privilegiado de uma visão do mundo, uma metáfora reveladora do mal de viver, uma derivada da esperança de felicidade, podendo ser estudada nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos discursos e nos silêncios voluntários e involuntários sobre ela, no domínio de uma história religiosa, procurando as mudanças mentais diante do significado profundo da morte na história.

Mas Ariés procurou uma explicação de conjunto para as atitudes perante a morte na sociedade cristã ocidental da Idade Média aos nossos dias. Ele detectou quatro tempos na evolução do sentido coletivo de morte. Uma morte aceita, previsível na primeira Idade Média. À partir do século XII, a morte foi sendo vista com maior dramaticidade e individualidade, a morte de si mesmo, o caráter erótico e macrabo. Com o século das Luzes, o Barroco, a morte começou a ser dramatizada e exaltada; a morte do "outro", uma ruptura indesejável, embelezada pelo romantismo e acompanhada pelos choros, gestos dramáticos, afetividades prolongadas no Além, nos cemitérios, nos túmulos individuais e nas sensibilidades espíritas e espiritualistas do século XIX. Da segunda metade do século XX em diante, a morte apagou-se, foi camuflada, negada e escondida. Tornou-se vergonhosa, proibida, sendo banida do espaço familiar e doméstico para as instituições hospitalares e técnicas.

Este trabalho que agora se encerra, sobre as aventuras nos limites da eternidade, no labirinto de vidas e mortes, deve muito a todas estas formas de pensar a morte, a estes esforços de construir um objetivo e uma área de conhecimento sujeita a debates, e cujos contornos são difíceis de precisar. Mas o esforço maior foi o de tentar mostrar a construção das diferentes esperanças, promessas, sistemas religiosos e científicos, instituições, livros sagrados, salvações, retornos, libertações, reencontros no Além. Todas estas variações sobre o tema da morte, da sobrevivência espiritual, dispares no tempo, mas próximas na emoção, devem servir para chamar a atenção dos estudiosos para os aspectos mais intrigantes do assunto.

Uma decorrência objetiva pode ser uma morfologia da morte, uma hermenêutica da morte e das crenças na sobrevivência espiritual, a observação de certos elos comuns à questão da morte e da existência espiritual, na tentativa de construir para uma reflexão interior sobre o tema.

Embora tenhamos apresentado uma gama variada de tentativas para traduzir a morte e a experiência após a morte. Ao longo de séculos de interpretações religiosas, científicas e filosóficas, as possibilidades de enunciar respostas podem ser sistematizadas de maneira clara.

A morte é um fato. Diante dela e do seu sentido constroem-se mitos, lendas, formas, crenças, cultos, religiões, filosofias e até mesmo, ciências. Buscando a imortalidade, transcendendo a dissolução física e definitiva do corpo material, algumas soluções básicas encontram-se em diferentes sistemas de crenças.

Em primeiro lugar, a morte associada ao sono, ao repouso. Os mortos jazem, dormem em seus leitos de terra ou monumentos pétreos. Esta crença foi a mais ou menos elaborada em associações da morte e de cultos aos mortos com os ritos agrários. Assim como sementes que repousavam no solo para germinar em formas semelhantes e multiplicadas, também os mortos ressuscitavam em seus mundos particulares, subterrâneas ou celestiais. Na tradição cristã ocidental, durante séculos imperou a imagem do sono hipnótico dos mortos, dormindo em seus túmulos representados, várias vezes, como imensos leitos de pedra, com colunas e dosséis. Mas este repouso poderia ser eterno ou não. Na verdade, raramente o era. A ressurreição aparece como tema básico das crenças religiosas diante da morte. O repouso transforma-se, conduz a uma situação diferente, unindo mortos em dimensões divinas, refazendo os defuntos de acordo com determinadas formas, mitos e crenças.

Mas os mortos também colocam-se em forma de vida ativa, espiritual, eterna. Esta pós-existência pode ser agradável, idílica, unindo os membros de uma mesma comunidade em torno de seus ideais de bem estar e felicidade. Mas também pode traduzir a falta de potência, de ação dos mortos, que passam a ser simples sombras, espectros desmemoriados em lugares frios, poirentos e inóspitos.

Para algumas crenças, a vida pós-morte é provisória. Após um período de tempo, os mortos passam por determinadas situações podendo ser julgados, premiados e condenados, até alcançar uma situação eterna, uma imortalidade definitiva. Em outros casos retornariam à vida, submetendo-se a uma existência material, sofrendo, e novamente, morrendo, num ciclo de vidas e mortes sucessivas. Reencarnando até compreender o sentido do Absoluto, da imortalidade na unidade.

Desta maneira, neste trabalho ficou a resposta de um reencontro com a história dos desacertos da mortalidade objetiva com a idealizada e desejada imortalidade, com os ecos dopassado de um destino errante através da vida e da morte. Corpos mumificados em museus, túmulos suntuosos emergindo nas areias, nas igrejas, nos cemitérios, falam das tentativas da vitória da memória contra o esquecimento. Temos várias possibilidades que vão do repouso, da lembrança, das reencarnações sucessivas à salvação e vida eterna, dos contatos tecnológicos com o Além. Tudo isto nos fala da infatigável busca e dos desencontros do homem com o seu destino.

As respostas à pergunta do que se passa com o fato de morrer variaram ao longo do tempo. Temos respostas específicas para determinadas etapas históricas e diferentes culturas. As idéias sobre a morte e a existência espiritual, os cultos e ritos fúnebres unem os indivíduos e, também, os separam de forma dramática e violenta. Mas, giramos todos num turbilhão de esperança,

procurando encontrar uma forma de eternidade para nossas efêmeras existências. Afinal, o nada após a morte não é também uma eternidade?